

**CONTEXTOS HISTÓRICOS DE TEMPORALIDADE LONGA  
VISITADOS EM BREVE ESPAÇO DE TEMPO  
OU  
A ZONA TURÍSTICA DE BELÉM**

**Maria Teresa Rovisco Pais de Abreu**

**Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos  
necessários à obtenção do grau de Mestre em Museologia, realizado  
sob a orientação científica de Professora Doutora Raquel Henriques da  
Silva e Professora Doutora Margarida Lima de Faria**

**Lisboa, outubro de 2013**

## **Agradecimentos**

Ao terminar este trabalho não posso deixar de lembrar e de agradecer aos que, com os seus contributos – todos eles preciosos – me ajudaram a chegar ao fim desta etapa da minha vida profissional, que tão enriquecedora foi para mim.

As minhas orientadoras científicas foram sem dúvida muito importantes por eu ter levado este estudo a bom termo. Assim, agradeço à Professora Doutora Raquel Henriques da Silva, que se dignou aceitar a responsabilidade de orientar esta dissertação; bem-haja pelo seu apoio e pela confiança que em mim depositou; à Professora Doutora Margarida Lima de Faria, coorientadora, pelas valiosas sugestões e pela forma rigorosa, solícita e amiga com que sempre me acompanhou.

Muitas pessoas a exercerem funções profissionais na área do Turismo e Património foram importantes pelas informações que me facultaram na fase de recolha de dados. Assim, a Fernando Ribeiro Rosa, Presidente da Junta de Freguesia de Belém; a André Barata Moura e Rita Almeida, respetivamente coordenador e técnica do Observatório do Turismo de Lisboa; a Silvana Bessone, Diretora do Museu Nacional dos Coches; a Isabel Cruz Almeida, Diretora do Mosteiro dos Jerónimos e da Torre de Belém; a Luís Raposo, então Diretor do Museu Nacional de Arqueologia; a Pedro Lapa, Diretor do Museu Coleção Berardo; a António José Bossa Dionísio, Diretor do Museu de Marinha; a Miguel Clarinha, gerente da Fábrica dos “Pastéis de Belém”; a Paula Marques, responsável pela Associação Portuguesa dos Guias-Interpretes e Correios de Turismo; a Paula Picão Caldeira, guia-intérprete de turismo; aos operadores turísticos - Eduardo Norberto, Luís Lourenço e Jorge Rodrigues, reconhecida, agradeço. Agradeço igualmente a Maria João Sousa, Diretora do Padrão dos Descobrimentos, a Eduardo Moura, Diretor do Museu da Eletricidade, a António Costa Canas, Diretor do Museu de Marinha, a Fernando José da Silva Coelho, Diretor do Planetário Calouste Gulbenkian, a Dalila Espírito Santo, Coordenadora do Jardim Botânico da Ajuda e a Maria Cristina Duarte, Coordenadora do Jardim Botânico Tropical, pelos elementos estatísticos disponibilizados.

Na Direcção-Geral do Património Cultural, agradeço a Manuel Lacerda, Chefe da Divisão de Documentação, Comunicação e Informática, pelas facilidades concedidas. Agradeço também aos meus colegas, em especial a Manuela Moreira, pela exaustiva revisão bibliográfica; a Nuno Fradique, pela disponibilização de elementos estatísticos; a Clara Mineiro, pelo apoio na tradução do resumo e outras fontes; a Ivone Tavares e a Margarida Donas Botto, pelas sugestões e permanente encorajamento.

Agradeço ainda a Paula Espírito Santo, Pedro Prista Monteiro (Professores do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa) e Lorena Sancho Querol (Investigadora do CES / Universidade de Coimbra) pelo apoio científico, e à guia-intérprete Maria Lurdes Lima pelo apoio técnico; à Inês Macide e a Marta Eiras, pelo apoio na recolha de dados e à Catarina Trigo, pela transcrição de entrevistas.

Aos meus pais, familiares e amigos, pela fonte permanente de estímulo que o seu apoio representou.

Ao Tiago (*the last but not the least*), agradeço a paciência com que suportou os incômodos resultantes da minha dedicação a este trabalho.

Sem a contribuição de tantos colegas e amigos – entre eles os que acima referi – teria sido muito mais difícil chegar ao fim deste caminho, de que afinal, gostei. A todos, o meu muito obrigada!

## RESUMO

### **“Contextos Históricos de Temporalidade Longa Visitados em Breve Espaço de Tempo” ou “A Zona Turística de Belém”**

#### **Trabalho de Projeto**

Maria Teresa Rovisco Pais de Abreu

**PALAVRAS-CHAVE:** Belém, Património, Turismo, Museus, Monumentos, Jardins Históricos, Descobrimentos, Consumo, Produção, Representações.

O trabalho que se apresenta tem como objectivo principal conhecer o potencial turístico da zona de Belém, através de informações recolhidas junto de responsáveis pela oferta turístico-cultural de vários equipamentos monumentais e museológicos aí existentes, bem como dos públicos que frequentam esta zona da cidade de Lisboa.

Sendo um local repleto de história e detentor de um vasto e diferenciado conjunto de equipamentos culturais – Monumentos, Museus e Jardins Históricos – dois dos quais reconhecidos pela UNESCO como Património Mundial da Humanidade (Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém), a análise deste eixo de excelência através de informações obtidas junto de intervenientes do turismo na zona – visitantes (através da aplicação de um inquérito) e agentes com responsabilidades na área (através de entrevistas) –, permitiu avançar no conhecimento e na interpretação do fenómeno turístico da zona de Belém. Assim, as entrevistas permitiram apurar as representações (da zona de Belém, dos seus espaços culturais e dos seus visitantes) – do lado da oferta: dos guias-intérpretes, diretores e outros responsáveis pelo turismo, e os inquéritos permitiram recolher opiniões dos turistas face à oferta existente (as suas necessidades, a forma como representam a experiência de visita a esta zona) – do lado da procura.

Da análise dos resultados deste estudo empírico, em diálogo com a análise da evolução histórica desta zona da cidade de Lisboa baseada em revisão da literatura, foi possível identificar a alteração do circuito mais icónico de Belém. Esta alteração que foi identificada quer do lado da oferta quer da procura reflete a importância da indústria da cultura na construção quer dos circuitos do turismo quer da própria experiência de visita.

## **SUMMARY**

### **Short visits to historic and monumental zones or the tourist area of Belém**

#### **Project Work**

Maria Teresa Rovisco Pais de Abreu

**KEY WORDS:** Belém, Heritage, Tourism, Museums, Monuments, Historic Gardens, Discoveries, Consuming, Production, Representations.

The main objective of this project is to better understand the tourist potential of Belém by analysing information obtained through interviews to the directors of museums and monuments in the area, as well as through questionnaires answered by visitors.

Belém is rich in different types of heritage sites – Monuments, Museums and Historic Gardens - two of them classified as World Heritage by UNESCO (Mosteiro dos Jerónimos and Torre de Belém). The analysis of information provided by tourist stakeholders – visitors and people in managing positions – has allowed a deeper understanding of the subject and led to an interpretation of the tourist phenomenon in this area. Interviews to guides, directors and other people in administration transmitted the representation of those who are involved in the tourist offer about Belém, its monuments and visitors, whereas questionnaires to tourists revealed the needs and thoughts about the experience of the visit from the point of view of the demand.

The analysis of the results of this empirical study, in dialogue with the information gathered from literature review about the evolution of this historic area of Lisbon, has allowed to identify a change in the most iconic visitors circuits in Belém, both from the offer and from the demand perspective. This reflects the importance of the cultural industry in defining tourist circuits as well as in providing different visitor experiences.

## ÍNDICE

|                                                                                   |            |
|-----------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>Introdução .....</b>                                                           | <b>1</b>   |
| <b>Metodologia.....</b>                                                           | <b>3</b>   |
| <b>I – Património .....</b>                                                       | <b>4</b>   |
| 1.1. Conceitos de Património e sua Evolução .....                                 | 5          |
| 1.2. Abordagens ao Património em Portugal.....                                    | 10         |
| <b>II. Turismo e Turistas .....</b>                                               | <b>18</b>  |
| 2.1. Evolução dos Conceitos.....                                                  | 18         |
| 2.2. Turismo Cultural. Resenha Histórica .....                                    | 21         |
| 2.3. A Indústria do Turismo Cultural.....                                         | 25         |
| <b>III. Aspetos do Turismo em Portugal .....</b>                                  | <b>28</b>  |
| 3.1. Importância Económica do Turismo.....                                        | 28         |
| 3.2. Planos Estratégicos de Turismo em Portugal.....                              | 31         |
| <b>IV. A Zona Cultural de Belém .....</b>                                         | <b>37</b>  |
| 4.1. Descrição Histórica, Urbanística e Simbólica da zona de Belém .....          | 37         |
| 4.2. Visitantes dos Equipamentos Culturais de Belém .....                         | 57         |
| 4.3. Um Conjunto Particular: MJ, TB, PD e MNC.....                                | 59         |
| 4.4. Circuitos turísticos na Zona de Belém.....                                   | 62         |
| <b>V – Inquérito aos Visitantes de Belém .....</b>                                | <b>63</b>  |
| 5.1. Metodologia.....                                                             | 64         |
| 5.2. Amostragem .....                                                             | 64         |
| 5.3. Caracterização sociodemográfica dos visitantes.....                          | 65         |
| 5.4. Respostas dadas pelos inquiridos.....                                        | 69         |
| 5.5. Conclusões dos Inquéritos.....                                               | 91         |
| <b>VI. O Turismo na zona Belém (perspetiva do lado da oferta) .....</b>           | <b>93</b>  |
| 6.1. Metodologia.....                                                             | 93         |
| 6.2. Caracterização do Turismo em Belém.....                                      | 95         |
| 6.3. Papel dos agentes entrevistados no desenvolvimento do Turismo em Belém ..... | 99         |
| 6.4. Parcerias das Instituições entrevistadas .....                               | 104        |
| 6.5. Caracterização dos turistas segundo a experiência de cada entrevistado ..... | 105        |
| 6.6. Projetos e sugestões para o futuro da zona de Belém .....                    | 107        |
| 6.7. Outras respostas complementares .....                                        | 111        |
| 6.8. Conclusões das Entrevistas .....                                             | 112        |
| <b>VII – Considerações Finais .....</b>                                           | <b>115</b> |

## ANEXOS

|                                                                                                                                                                                           |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Nº 1</b> - DL 10 de janeiro de 1907 (excerto)                                                                                                                                          | 145 |
| <b>Nº 2</b> - Habitantes / Fogos da Freguesia de Belém (séc. XIX-XX)                                                                                                                      | 146 |
| <b>Nº 3</b> - Inquéritos aos visitantes de Belém                                                                                                                                          | 147 |
| <b>Nº 4</b> - <b>Tabela I</b> - Idade dos inquiridos (Nº e %)                                                                                                                             | 155 |
| <b>Nº 5</b> - <b>Tabela II</b> – Habilitações dos inquiridos (Nº e %)                                                                                                                     | 155 |
| <b>Nº 6</b> - <b>Tabela III</b> - Proveniência dos estrangeiros inquiridos                                                                                                                | 156 |
| <b>Nº 7</b> - <b>Tabela IV</b> – Residência dos inquiridos portugueses (Nº e % por Distrito)                                                                                              | 157 |
| <b>Nº 8</b> - <b>Tabela V</b> – Estrangeiros repetentes inquiridos (residentes em Portugal)                                                                                               | 157 |
| <b>Nº 9</b> - <b>Tabela VI</b> – “Como tomou Conhecimento da zona cultural de Belém?”                                                                                                     | 158 |
| <b>Nº 10</b> - <b>Tabela VII</b> – “Como planeou a sua visita à zona cultural de Belém?” (Nº e % de portugueses e estrangeiros inquiridos)                                                | 158 |
| <b>Nº 11</b> - <b>Tabela VIII</b> – “Como está a visitar a zona de Belém?” (Nº e % de portugueses e estrangeiros, inquiridos)                                                             | 159 |
| <b>Nº 12</b> - <b>Figura I</b> – “Dos seguintes Monumentos, Museus ou Jardins Históricos da zona de Belém. De quais já tinha ouvido falar?” (Nº de portugueses e estrangeiros inquiridos) | 159 |
| <b>Nº 13</b> - <b>Figura II</b> – “Dos seguintes Monumentos, Museus ou Jardins Históricos da zona de Belém. Quais visitou?” (Nº de portugueses e estrangeiros inquiridos)                 | 160 |
| <b>Nº 14</b> - <b>Figura III</b> – “Se apenas pudesse visitar três espaços, quais escolheria?” (Nº de portugueses e estrangeiros inquiridos)                                              | 160 |
| <b>Nº 15</b> - <b>Tabela IX</b> - “Como avalia a introdução das seguintes propostas, para melhorar a atração à zona de Belém?” (Nº de portugueses e estrangeiros                          | 161 |

inquiridos)

**Nº 16 - Figura IV** – “Como avalia a introdução das seguintes propostas, para  
melhorar a atração à zona de Belém?” (Nº de portugueses inquiridos) 162

**Nº 17 - Figura V** - “Como avalia a introdução das seguintes propostas, para  
melhorar a atração à zona de Belém?” (Nº de estrangeiros inquiridos) 162

**Nº 18 - Tabela X** - “Que importância atribui aos seguintes elementos na  
atração de visitantes à zona de Belém?” (Nº portugueses e estrangeiros  
inquiridos) 163

**Nº 19 - Figura VI** - “Que importância atribui aos seguintes elementos na  
atração de visitantes à zona de Belém?” (Nº de estrangeiros inquiridos) 164

**Nº 20 - Figura VII** - “Que importância atribui aos seguintes elementos na  
atração de visitantes à zona de Belém?” (Nº de portugueses inquiridos) 164

**Nº 21 - Guião das Entrevistas realizadas** 165

## LISTA DE ABREVIATURAS

**AGIC** – Associação Portuguesa dos Guias Interpretes e Correios de Turismo  
**EMARA** - EMARA Travel, Lda  
**ICOM** – *International Council of Museums*  
**ICOMOS** – *International Council of Monuments and Sites*  
**IMC** – Instituto dos Museus e da Conservação  
**JBT** – Jardim Botânico Tropical - Belém  
**JBA** – Jardim Botânico da Ajuda  
**JFB** – Junta de Freguesia de Belém  
**MAP** – Museu de Arte Popular  
**ME** – Museu da Eletricidade  
**MB** – Museu Coleção Berardo  
**MJ** – Mosteiro dos Jerónimos  
**MM** – Museu de Marinha  
**MNA** – Museu Nacional de Arqueologia  
**MNC** – Museu Nacional dos Coches  
**MNE** – Museu Nacional de Etnologia  
**MPR** – Museu da Presidência da República  
**PCG** – Planetário Calouste Gulbenkian  
**PD** – Padrão dos Descobrimentos  
**PENT** – Planos Estratégicos Nacionais de Turismo  
**PNA** – Palácio Nacional da Ajuda  
**PBelém** – Pastéis de Belém  
**PTBelém** – Posto de Turismo de Belém  
**DGPC** – Direção-Geral de Cultura  
**IGESPAR** – Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico  
**LUSANOVA** – LUSANOVA - Travel Group  
**ONU** – Organização Nacional das Nações Unidas  
**MC** – Ministério da Cultura  
**TQ** – Travel Quality - DMC  
**TLx** – Turismo de Lisboa  
**TLX 10** – Plano Estratégico para o Turismo de Lisboa 2007-2010  
**TLX 14** – Plano Estratégico para o Turismo de Lisboa 2011-2014  
**UNESCO** – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura  
**UNWTO** – The United Nations World Tourism Organization

## **Introdução**

Com o presente trabalho pretendi: *i)* compreender o funcionamento do turismo em Belém através de uma análise dos equipamentos culturais da zona alargada de Belém e dos públicos que os visitam ou frequentam e *ii)* adquirir conhecimentos em áreas complementares a outras em que já havia tido a oportunidade de trabalhar, primeiro no serviço educativo do Museu Nacional do Azulejo e, depois, na divisão de Divulgação do Instituto dos Museus e da Conservação e na Direção-Geral do Património Cultural;

O trabalho que se apresenta está organizado da seguinte forma:

Após a introdução e a metodologia, no capítulo I aborda-se o tema genérico do Património, descrevendo a evolução deste conceito até aos nossos dias. No plano prático, e cingindo-nos ao caso português, dão-se exemplos da preservação de Património histórico construído, desde os finais do século XIII.

No capítulo II, “Turismo e Turistas”, descrevem-se formas de aproveitamento do Património pelo turismo e a sua evolução nas últimas décadas. A perspetiva da prestação de serviços, quer a visitantes quer a locais, com vantagens culturais e económicas, a par da necessidade de conservação do património, de modo a tornar sustentável a Indústria do Turismo, são enfatizadas neste capítulo.

No capítulo III, abordam-se temas relacionados com a Indústria do Turismo em Portugal e a sua relação com a governação. Apresentam-se dois Planos Estratégicos de Turismo – um nacional e outro para a cidade de Lisboa – terminando com um projeto de Plano Estratégico, centrado na zona de Belém.

No capítulo IV procede-se a uma descrição histórica, urbanística e simbólica da zona de Belém, incidindo nos principais acontecimentos que, direta ou indiretamente, possam ter influenciado o interesse turístico por este local. Aborda-se a relação entre os equipamentos culturais de Belém e os públicos que os visitam, fazendo referência particular ao conjunto Mosteiro dos Jerónimos, Torre de Belém, Padrão dos Descobrimentos e Museu Nacional dos Coches. O capítulo termina com uma alusão aos circuitos turísticos privilegiados nesta área da cidade.

No capítulo V apresentam-se os resultados de um inquérito aplicado aos visitantes de Belém para recolha da sua opinião sobre a oferta turístico-cultural da zona.

No capítulo VI, de certo modo complementar do V, avalia-se a zona turística de Belém em função da descrição de profissionais da área dos museus /monumentos de Belém e com responsabilidade no turismo local.

O trabalho termina no capítulo VII com algumas considerações baseadas sobretudo na análise conjunta das informações facultadas pela procura e pela oferta, como atrás ficou referido.

## **Metodologia**

Neste trabalho, as questões metodológicas podem considerar-se essencialmente de duas naturezas: as que têm a ver com a revisão da literatura sobre o tema que nos propusemos analisar, por um lado, e as referentes à obtenção de dados empíricos que nos permitiram obter informação sobre os contextos de produção e de apropriação desta zona de Lisboa, por outro.

Relativamente às primeiras (bibliográficas), pese embora toda a bibliografia consultada, optámos por citar essencialmente textos clássicos de referência, devido ao carácter global e abrangente de muitas das matérias abordadas. Quanto à documentação oficial optámos por citar apenas a que mantém uma relação direta com as questões abordadas.

A metodologia sobre questões de natureza empírica e relativa à obtenção de informação (a partir de questionários e entrevistas) apresentar-se-á, de forma detalhada, no início dos respetivos capítulos (VI e VII).

## I – Património

O conceito de património evoluiu, de forma mais marcada, no espaço cultural europeu, desde finais da II Guerra Mundial. Essa evolução tendeu, no entanto, a globalizar-se, devido à influência de instituições internacionais como a *Organização das Nações Unidas para a Cultura, Ciência e Educação* (UNESCO)<sup>1</sup>.

Inicialmente, a ideia de património tinha essencialmente a ver com a transmissão de linguagens e saberes, crenças e tradições, que passavam de geração em geração. Com o tempo o conceito de património alargou-se e passou a englobar bens materiais e imateriais<sup>2</sup>, de interesse coletivo – local, nacional, mundial e mesmo “universal”.

Embora estes bens nem sempre tenham um carácter perene, devido à ação do tempo, à pluralidade dos seus aspetos e às influências sociais, políticas, culturais, mentais e outras que os condicionam, espelham sempre a diversidade cultural dos povos e contribuem para a preservação das suas identidades e memórias coletivas. Por outro lado, ao preservar e dar a conhecer o seu património, um país, ou região, está a consolidar vias de aproximação entre povos. *“É pelo património que um país se reconhece como continuador de uma obra que se iniciou há muito. O património pode, por isso, servir de instrumento de consolidação, não apenas da memória histórica, mas também da confiança no futuro”*<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> A UNESCO é o órgão especializado da ONU para a educação, ciência e cultura. Foi fundada a 4 de novembro de 1946, com o objetivo de contribuir para a paz e a segurança no mundo através da educação, ciência, cultura e comunicações.

Portugal aderiu à UNESCO em 1965, tendo depois abandonado a Organização e reentrado em 11 de setembro de 1974. A Comissão Nacional Portuguesa foi instituída em 1979 pelo DL n.º 218/79, de 17 de julho, posteriormente revogado pelo DL n.º 103/89, de 30 de março, e pelo DL n.º 58/2003, de 1 de abril. Após a Convenção de 1972, alguns Estados-membros manifestaram vontade de ver criado um instrumento de proteção do património imaterial - a Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular, adotada em 1989.

<sup>2</sup> A Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial foi aprovada em outubro de 2003 e entrou em vigor a 20 de Abril de 2006. Portugal ratificou-a em 26 de março de 2008.

<sup>3</sup> Roteiro para o património : enquadramento 2ª jornada - Coordenadas - Identidade Nacional [em linha]. Página oficial da Presidência da República Portuguesa. Património da beira baixa e douro litoral, 21 e 22 de Janeiro de 2008.

## 1.1. Conceitos de Património e sua Evolução

*“La dénomination de patrimoine étant appliquée à des catégories d’objets si diverses, que la difficulté de définir à leur égard un comportement sensé devient manifeste».*

(André Chastel, 1985<sup>4</sup>)

Para um melhor entendimento da evolução do conceito de património, apresentam-se opiniões de autores que se debruçaram sobre este tema, em constante evolução, onde *“toda a construção patrimonial é o resultado de uma escolha permanente entre um potencial quase ilimitado de objectos e valores herdados (de forma inimiga, insignificante ou, pelo contrário exemplar) ou imaginados”*<sup>5</sup>.

Entre as publicações disponíveis, “L’Allégorie du Patrimoine”, de Françoise Choay (1ª ed. 1982), constitui um marco internacional assinalável na abordagem desta temática. A autora defende a ideia de que o património individual estaria originalmente ligado às estruturas familiares, económicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo<sup>6</sup>. Em sentido restrito, o conceito de património parece estar relacionado com a aceção original do vocábulo latino que lhe deu origem - “*patrimonium*” - que significa “herança paterna, bens de família, dotes, etc. Para Josep Ballart, herança e património são duas noções muito ligadas historicamente, que quase caminham juntas, chegando mesmo a confundir-se<sup>7</sup>.

Na Antiguidade ou na Idade Média, os bens patrimoniais de valor artístico ou arquitetónico já tinham um valor de uso e de troca, sendo o colecionismo uma prova dessa evidência<sup>8</sup>. Possuir “tesouros”, como as entidades públicas. Reunir, seleccionar e conservar uma coleção de valor, era prestigiante. Deve-se à Itália do Renascimento o mérito de ter impulsionado, com o Humanismo e a investigação dos testemunhos da arte

---

<sup>4</sup> CHASTEL, André - La notion de patrimoine, p. 440-441.

<sup>5</sup> MOREIRA, Carlos Diogo - Patrimónios e Identidades. Ficções Contemporâneas, prefácio.

<sup>6</sup> CHOAY, Françoise – A Alegoria do património, p. 11.

<sup>7</sup> BALLARD, Josep - El patrimonio histórico y arqueológico : valor y uso, p. 17.

<sup>8</sup> CUSTÓDIO, Jorge - “Renascença” artística e práticas de conservação e restauro arquitectónico em Portugal, durante a 1.ª República : fundamentos e antecedentes, p. 63.

da Antiguidade, as bases do atual conceito moderno de Museu<sup>9</sup> (ICOM, 2007). Hugues de Varine-Bohan, resume com grande clareza esta evolução<sup>10</sup>.

Deste modo, na opinião de Carla Moreira, até 1830, o património coletivo era visto, na Europa, como os legados da Antiguidade<sup>11</sup> e a sua “riqueza” e “grandiosidade” eram elementos tidos em conta pelas classes altas, que aspiravam ao poder<sup>12</sup>.

A palavra “património” e os seus equivalentes das línguas latinas, não têm correspondência direta na língua inglesa (*heritage*). O termo latino que mais se aproxima do vocábulo *heritage* é o substantivo francês *héritage* que evoca, todavia, os bens privados que são transmitidos de uma geração para a seguinte, “herança” em português. Por sua vez, o termo português “património” (tal qual o francês *patrimoine*) aproxima-se etimologicamente do termo “pátria” (ou *patrie*), que remete para a ideia de “bens coletivos” e não somente de “bens herdados”, na esfera do direito privado<sup>13</sup>.

Embora seja muitas vezes confundido com “herança cultural”, “património” não diz apenas respeito ao conjunto de bens materiais que *“recebemos de gerações anteriores e legamos às futuras”* preocupando-se também com aquilo que *“(…) o colectivo, com acesso à informação considera como sendo social e politicamente correcto. Esquecemos e relegamos tudo o que não seja considerado como tal, o que não se ajuste aos interesses do tempo em que vivemos”*<sup>14</sup>.

Numa perspetiva jurídica, clássica, o “património” é o conjunto de direitos subjetivos sobre algo com valor pecuniário. Do ponto de vista económico, este mantém

---

<sup>9</sup> Segundo a actual definição do ICOM, um museu é: “uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite” (21ª Assembleia Geral do ICOM, em Viena de Áustria, 2007).

<sup>10</sup> De acordo com o museólogo francês Hugues de Varine-Bohan: “Surgiram na Antiguidade, nos chamados Tesouros: primeiro, os tesouros eclesiásticos, quando a Igreja era o lugar de estudo e conservação dos conhecimentos humanos, depois nos tesouros reais, nas cortes, consideradas os centros das relações internacionais, por último, os tesouros chamados «gabinetes de curiosidades» da grande burguesia e dos aristocratas «cultos», que em última instância tinham o privilégio de transmitir os conhecimentos e a cultura. Deste modo chegou-se no século XVIII à criação dos museus, abertos a um certo tipo de público. Nos séculos XIX e XX, os museus abrem-se definitivamente a todos os públicos” (BOHAN, Hugues de Varine - Los museos en el mundo, p. 10).

<sup>11</sup> Cit. por CHOAY, cit. 6, p. 12.

<sup>12</sup> MOREIRA, Carla - O entendimento do património no contexto local, p.130.

<sup>13</sup> Segundo Renata Mendes de Almeida, na opinião de Desvallées (1998), convém não esquecer que o recente termo francês *patrimoine* substituiu outras designações como monument ou bien culturel (ALMEIDA, Renata Filipa Mendes de - Da patrimonialização à mercantilização da história : resgatar o passado para negociar o futuro, p. 10).

<sup>14</sup> SANTANA, Agustín - Os olhos também comem : imagens do património para o turismo, p. 173.

uma relação próxima com o conceito anterior, visto que: “(...) *pela sua detenção, proporciona vantagens económicas a um sujeito ou a uma comunidade*”<sup>15</sup>.

O “património” (histórico, cultural e natural) é também uma construção cultural e, como tal, sujeita a alterações em função de contextos históricos e socioculturais<sup>16</sup>. Para Pereiro Pérez, o “património cultural” é uma expressão da cultura dos grupos humanos que recupera memórias, ritualiza sociabilidades, seleciona bens culturais e transmite legados para o futuro. Este confunde-se muitas vezes com a noção genérica de “património”, embora o primeiro possua sempre um sentido público, comunitário e de identificação coletiva, em oposição ao segundo<sup>17</sup>.

Segundo Jorge Custódio, a transformação do “património” em “património cultural”, iniciou-se somente no século XX, após a II Guerra Mundial, sobretudo a partir da aprovação da Convenção do Património Mundial, em 1972<sup>18</sup>.

Com a II Guerra, surgiu uma nova sensibilidade relativamente aos aspetos culturais potencialmente patrimonializáveis<sup>19</sup>. Martine Segalen (2003), é da opinião que o património cultural se tornou, para muitos, quase uma obsessão que atingiu os seus limites<sup>20</sup>. Para Paulo Peixoto, a amplitude deste processo levou mesmo alguns autores a utilizarem expressões como “histeria patrimonial”, “paixão patrimonial”, “reinvenção do património”, “alegoria do património”, entre outras, para caracterizarem esta “hiperprodução de património cultural”<sup>21</sup>.

De acordo com Pereiro Pérez<sup>22</sup> (2006), “*o património cultural tem abandonado, desde a segunda metade do século XX, a monumentofilia*”<sup>23</sup> dominante até à época, para dar lugar ao conceito de “bem cultural patrimonial”. Esta alteração conceptual foi evoluindo, destacando-se, em 2003, a introdução do conceito de “património imaterial” pela “Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial da UNESCO”<sup>24</sup>, que incluía “os usos, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – juntamente com os instrumentos, objectos, artefactos e espaços culturais que lhes são

---

<sup>15</sup> FRANCO, António Sousa - Património – Economia, p. 1473.

<sup>16</sup> BALLART HERNÁNDEZ, Josep e TRESSERRAS, Jordi Juan i - Gestión del patrimonio cultural, p. 11.

<sup>17</sup> PEREIRO PÉREZ, Xerardo - Património cultural : o casamento entre património e cultura, p. 24-25.

<sup>18</sup> CUSTÓDIO, cit.8, p. 66.

<sup>19</sup> PEIXOTO, Paulo - Os meios rurais e a descoberta do património, p. 5-6.

<sup>20</sup> PEREIRO PÉREZ, cit. 17, p. 27.

<sup>21</sup> PEIXOTO, cit. 19, p 5-6.

<sup>22</sup> PEREIRO PERÉZ, cit.17, p. 33.

<sup>23</sup> Cit. por FERNÁNDEZ DE ROTA Y MONTER, José Antonio e IRIMIA FERNÁNDEZ, Maria Pilar – Betanzos frente a su historia. Sociedad y Patrimonio, p.196.

<sup>24</sup> A “Convenção para a Salvaguarda do património Cultural Imaterial da UNESCO”, teve lugar na 32ª Reunião ocorrida em Paris, a 17 de outubro de 2003.

*inerentes – que as comunidades, os grupos e nalguns casos os indivíduos reconhecem como parte integrante do seu património cultural. (...)” [UNESCO, 2003, 2º artigo].*

A noção de “patrimónios a preservar” tende presentemente a estar disseminada por áreas distintas, tais como a apreciação estética do antigo, a preservação do saber-fazer artesanal ou a proteção de costumes locais<sup>25</sup>. Para o Dominique Poulot estamos perante o emprego metafórico daquele conceito, ou seja este não se restringe aos domínios clássicos (histórico, artístico e arqueológico) passando a estar ligado às mais vastas evidências tecnológicas, biológicas, imateriais e / ou universais.

As sociedades humanas comunicam através de uma linguagem social, formada por signos e por símbolos, que se veicula por meio de objetos. O objeto histórico, à medida que o tempo avança, continua a atuar no imaginário social, produzindo significados simbólicos a que atribuímos valor, não só para a memória coletiva como também para a construção da identidade<sup>26</sup>. Exemplo disso, é a Torre de Belém, que funciona como “símbolo de Lisboa”.

Para Jorge Custódio, existe uma fenomenologia própria nas coisas do “património”, que as torna especiais, conferindo-lhes sentido na espacialidade, nos sítios, na paisagem, no urbanismo, no ambiente. São os “objetos-símbolos”, *“definindo-se como espaços privilegiados pelos seus significados, enquanto lugares sagrados e enquanto “monumentos” representativos de uma memória.”*<sup>27</sup>

Na opinião de Eduardo Esperança<sup>28</sup> *“a relação primordial é sempre uma relação de posse, concretizada na propriedade de objectos materiais e imateriais, que hoje mais se actualiza no que essa relação tem de simbólico e transcendente”*.

Assim, com o avançar do tempo, a noção de património embora mantendo o seu vínculo monumentalista (Monumento, Conjunto e Sítio) passou a incluir categorias imateriais (tais como lendas, memórias ou idiomas), a par de novos e distintos conceitos [ecológico, industrial ou genético, entre outros]<sup>29</sup>. O património foi-se construindo como um dos conceitos mais fecundos na procura de soluções pacíficas e na construção de uma cidadania global. A valorização recente da sua dimensão imaterial é disso exemplo: *“[...] o objecto desse olhar é agora sujeito [...]”*<sup>30</sup>.

<sup>25</sup> POULOT, Dominique - Patrimoine et modernité, p. 7.

<sup>26</sup> BALLARD, cit. 7, p. 87; PRATS, Llorenç - Antropología y patrimonio, p. 22.

<sup>27</sup> CUSTÓDIO, cit. 8, p. 63.

<sup>28</sup> ESPERANÇA, Eduardo Jorge - Património : política e práticas culturais : para uma abordagem comunicacional, p. 63.

<sup>29</sup> ALMEIDA, cit. 13, p. 9.

<sup>30</sup> BRITO, Joaquim Pais de - Patrimónios e identidades : a difícil construção do presente, p. 51.

No entender de Prats (1997), o principal agente responsável pela ativação patrimonial é o poder legitimado, ou seja, o poder político<sup>31</sup>. Como resultado desta tendência, os objetos que designamos por património “*passam a incluir todos os aspectos materiais ou imateriais que se relacionem com uma noção difusa de passado, ao mesmo tempo que estão associados a uma panóplia de representações identitárias*”<sup>32</sup>.

No entanto, tem-se vindo a verificar um fenómeno de mundialização dos valores e das referências ocidentais que, segundo Françoise Choay, tem contribuído “*para a expansão ecuménica das práticas patrimoniais*”, concretizada no conceito de património mundial estabelecido pela UNESCO, em 1972<sup>33</sup> e ampliada, em particular através da sua “Lista de Património Mundial” iniciada nesse ano.

A patrimonialização fomentada pela introdução do conceito de “Património Comum da Humanidade”, revela uma rutura com os anteriores processos de patrimonialização, ao favorecer “*uma apropriação específica dos bens pertencentes à humanidade que “são de todos e não são de ninguém”*”<sup>34</sup>. Este conceito assume “*a configuração de um legado indispensável à sobrevivência de todos os povos na sua relação com um planeta único*”<sup>35</sup>.

O património não se esvazia, todavia, nas aceções supracitadas. Historiadores, antropólogos, arqueólogos e outros especialistas abordaram este tema a partir de óticas e tradições disciplinares distintas. Em função do uso que as comunidades lhe atribuem, o património pode ser um instrumento de identificação coletiva, um recurso educativo ou um elemento chave para o desenvolvimento turístico como atração<sup>36</sup>. Este último aspeto será abordado adiante, incidindo de forma particular no eixo cultural de Belém.

---

<sup>31</sup> PRATS, cit. 26, p. 27.

<sup>32</sup> PERALTA, Elsa, Patrimónios e Identidades. Ficções Contemporâneas.2006, p. 75.

<sup>33</sup> CHOAY, cit. 6, p. 183.

<sup>34</sup> PEIXOTO, Paulo - O património mundial como fundamento de uma comunidade humana e como recurso das indústrias culturais urbanas, p. 9.

<sup>35</sup> FARIA, Margarida Lima de, ALMEIDA, Renata Mendes de - A problemática da «identidade» e o lugar do «património» num mundo crescentemente cosmopolita, p. 9.

<sup>36</sup> BALLART HERNÁNDEZ, cit. 16, p. 147.

## 1.2. Abordagens ao Património em Portugal

*“Memórias” que não servem, apenas, para a escrita de uma história de cuja memória só eles restam, mas, também, para manifestar, e dar a ver, «a gloria da antiga Lusitania» (in Alvará régio de 20 de Agosto de 1721).*

A história da salvaguarda, conservação e restauro do património cultural nacional é um tema de investigação recente, que remonta, de forma consciente e sistemática aos inícios da década de 90 do século XX<sup>37</sup>. Contudo, no nosso país, a proteção e preservação dos valores históricos, em particular do património construído, já eram uma inquietação de alguns, que parece remontar à primeira dinastia, reinado de D. Dinis (1279-1325), nomeadamente através de legislação específica sobre a recuperação de burgos e castelos. Embora no século XIV tenham sido elaborados documentos com a intenção de salvaguardar o património cultural<sup>38</sup>, é no século XV, por influência do movimento renascentista, que se acentua a vontade de valorizar, estudar e preservar alguns testemunhos do passado, especialmente clássicos, à época conhecidos por “antigualhas”<sup>39</sup>. Neste contexto em que a presença do monumento começa a ter relevância, refere-se o caso de Guimarães onde, segundo Bernardo Ferrão, existiam sinais dessa preocupação *“pois, segundo documentação do séc. XV, apenas com autorização régia se podiam movimentar pedras de já então velhas e significativas edificações [...]”*<sup>40</sup>.

No século XVI ocorreram ações isoladas com a finalidade de salvar as então designadas *“antiguidades pátrias”*<sup>41</sup>. O próprio rei D. Manuel I (1496-1521), típico monarca mecenas da Renascença *“deixou bastantes indícios de como acarinhava os monumentos de outras eras”*<sup>42</sup>. Por sua vez, individualidades como André de Resende e

---

<sup>37</sup> CUSTÓDIO, cit.8, p. 27

<sup>38</sup> CANAVARRO, Pedro - Acheias documentais para o estudo e defesa do património, p. 34-41.

<sup>39</sup> LOPES, Flávio - Informar para proteger : património arquitectónico e arqueológico, p. 6; SOUSA, Antonieta Vera - A Evolução do Conceito de Património e das Normas Legais, p. 1.

<sup>40</sup> FERRÃO Bernardo - O conceito de património arquitectónico e urbano na cultura ambiental vimaranense, p. 2

<sup>41</sup> PEREIRA, José Costa - Dicionário enciclopédico da história de Portugal, p. 84.

<sup>42</sup> “(...) Logo em Tomar, ao construir a igreja da Ordem de Cristo, apropriou-se da original edificação e da subjacente memória do templo fortificado dos templários para nele fazer riscar a capela-mor e Charola da nova Igreja. Com aquele figurado “restauro”, com aquela aparente «reconstituição», fazia prolongar no tempo uma construção medieval, naquela época em que as arquitecturas da Idade Média começavam o seu eclipse. (...) A intervenção Manuelina teve o efeito de memória e transmissão, mas também de alteração e mudança, inscrevendo no original templo dos “pobres cavaleiros de Jesus Cristo” o cunho

Francisco D'Holanda, que mantinham contactos privilegiados com o estrangeiro destacaram-se na defesa do património monumental, enquanto modelo documental, sobretudo o da Antiguidade Clássica<sup>43</sup>.

O conceito de *cultura antiquária* prevaleceu em Portugal até meados do século XVII. Exemplo disso, são algumas notícias alusivas ao património arquitetónico vimaranense patentes em produções literárias, onde este surge ainda registado como *“um elenco de «antiguidades», destinado sobretudo a justificar e valorizar a importância da cidade que as possui [...]”*. Em Guimarães, tomaram-se, assim, medidas com vista à preservação do seu centro histórico, quer através da uniformização de aspetos exteriores de edifícios civis, quer da manutenção e recuperação de edificações relevantes como o castelo e as muralhas, bem como a promulgação de pareceres contra a sua destruição<sup>44</sup>.

Em 1680, foi publicado o primeiro tratado nacional de arquitetura<sup>46</sup>, cuja temática se referia às fortificações das praças, em conformidade com a vontade de independência originada pelo “Domínio Filipino”, de 1640 a 1680<sup>47</sup>.

Jorge Custódio (2001) considera porém *“que se, antes do século XVIII, existem manifestações de transmissão social e cultural de valores, todas elas fazem parte da pré-história do património”*<sup>48</sup>.

As primeiras ações legais dirigidas à conservação do património monumental surgem assim, apenas no primeiro quartel do século XVIII, apresentando-se como uma

---

artístico de outra era, de outros valores e bens, um casamento entre o passado histórico e a modernidade, representada por Portugal e o seu rei, que constitui essa «instância histórica» e que requer a máxima atenção numa perspectiva de conservação e restauro”.

Em Santarém, perante a insensibilidade do senado do município, o mesmo rei proíbe a demolição e a alienação da Torre e da Porta de Mansos (...). E que pensar dos inúmeros monumentos memoriais que mandou lavrar na pedra, em honra de eminentes figuras da história portuguesa: D. Afonso Henriques, D. Sancho I, exaltados em novos cenotáfios na capela-mor de Santa Cruz de Coimbra, Pedro Escuro (século XII), João de Santarém (século XV), na Igreja do Hospital de Jesus Cristo e na Igreja de S. Nicolau, em Santarém” (CUSTÓDIO, cit. 8, p. 67-68).

<sup>43</sup> LOPES, cit. 39, p. 6; SOUSA, cit. 39, p.1; MOREIRA, cit. 12, p. 130.

<sup>44</sup> FERRÃO, cit. 40, p. 4.

<sup>45</sup> UNESCO. Historic Centre of Guimarães.

<sup>46</sup> Segundo o *Arquivo Virtual de Cartografia Urbana Portuguesa*, esta obra foi publicada em 1680 por Luís Serrão Pimentel, contudo os primeiros tratados portugueses de arquitetura foram escritos por António Rodrigues, em 1575, e por Mateus do Couto, em 1631, todavia não chegaram a ser publicados.

<sup>47</sup> A partir da Restauração de 1640, a necessidade de reforçar o sistema defensivo do país levou a que muitas cidades portuguesas sofressem intervenções baseadas nos sistemas defensivos que então vigoravam na Europa, segundo os exemplos das escolas francesa e holandesa.

<sup>48</sup> CUSTÓDIO, cit.8, p. 60.

nova forma de encarar e interpretar os legados transmitidos pelos antepassados. A noção de “antiqualha” dá lugar à de “monumento”, assistindo-se a uma maior consciencialização da necessidade de proteção de bens imóveis<sup>49</sup>.

Foi no reinado de D. João V, na sequência da criação da Real Academia de História (1720) que tinha por missão “*providenciar sobre a conservação dos monumentos*”, que surgiu o primeiro instrumento legal com âmbito de intervenção na área do Património – o Alvará de 20 de Agosto de 1721 –, que determinava que a Academia inventariasse e conservasse “*os monumentos antigos que havia e se podia descobrir no Reino dos tempos em (que) nelle dominaram os Phenices, Gregos, Persas, Romanos, Godos e Arábios ...*” e ordenava “*... que nenhuma pessoa ..., desfaça ou destrua em todo nem em parte qualquer edifício que mostre ser daqueles tempos*”<sup>50</sup>. Neste documento imperava ainda a ideia de descoberta e preservação dos monumentos antigos, de um passado longínquo.

Segundo Paulo Rodrigues, este alvará joanino fixou um conceito muito coetâneo de “monumento do passado” por “*...categorizar uma pluralidade tipológica e cronológica de objectos semelhantes às realidades patrimoniais actuais*”<sup>51</sup>.

Na sequência do mesmo, a Academia terá recebido, por volta de 1730, um grande número de objetos arqueológicos, descobertos em escavações no país, especialmente no Alentejo, que depois se perderam com o terramoto de 1755. O referido alvará foi republicado em 1802<sup>52</sup>.

Na segunda metade do século XVIII, surgiram em Portugal, os primeiros museus, criados pelo Marquês de Pombal – o Real Museu da Ajuda (1768) e os Museus da Universidade de Coimbra (1772) – com fortes propósitos de instrução pública<sup>53</sup>. Só no século XIX, em plena afirmação de uma sociedade liberal e romântica, Portugal, à semelhança de outros países europeus, dá maior atenção à salvaguarda dos bens imóveis (*in situ*) assim como à sua divulgação.

Os trágicos acontecimentos que assolaram o país – as Invasões Francesas (1807-1811) e a Guerra Civil (1832-1834), e a memória ainda acesa do Terramoto de 1755 –,

---

<sup>49</sup> LOPES, cit. 39, p. 6; RODRIGUES, Paulo Simões – O longo tempo do património : os antecedentes da República (1721-1910), p. 20.

<sup>50</sup> LOPES, cit. 39, p. 6-8.

<sup>51</sup> RODRIGUES, cit. 49, p. 21.

<sup>52</sup> ESPERANÇA, Eduardo Jorge. O que se passou em Portugal.

<sup>53</sup> TRINDADE, Maria Beatriz Rocha - Iniciação à museologia, p.22-23.

estreitaram a ligação dos portugueses com os vestígios materiais do passado valorizando a supremacia do valor arqueológico dos monumentos<sup>54</sup>.

Um dos mais destacados autores desta nova visão do património como algo imperativamente a preservar, foi Alexandre Herculano (1810-1877), considerado um dos percursos do movimento de defesa do património cultural português<sup>55</sup>. A ele se juntaram outros estudiosos e ilustres do século XIX, como Almeida Garrett, Ramalho Ortigão<sup>56</sup>, D. Fernando II, Francisco de Vargheigen<sup>57</sup>, etc., que identificaram, e inventariaram, o património e alertaram para a necessidade de preservação e restauro dos monumentos superlativos da nossa identidade nacional<sup>58</sup>. Os debates internacionais relativos aos monumentos e ao património, em geral, assimilados por estes e outros agentes culturais, propagaram-se ao longo do século XIX, procurando alertar as consciências individuais, a opinião pública e as políticas governativas<sup>59</sup>.

Em 1834, o património português conheceu uma nova etapa, com a extinção das ordens religiosas e a nacionalização das suas casas e bens, incorporados na Fazenda Nacional (decretada a 30 de maio). Esta medida afetou profundamente o património religioso.

Foi, contudo, na segunda metade do século XIX que se afirmou o conceito de “Monumento Histórico”. Este novo conceito e as preocupações com a salvaguarda destes edifícios constaram num projeto de esteve na base do Decreto (1876) que indicava “*a necessidade de habilitar técnicos para intervir nos monumentos e definia o papel do Estado no âmbito do inventário, estudo, vigilância, conservação e reparação dos monumentos históricos*”<sup>60</sup>.

O património edificado designado por “monumentos pátrios” começou por pertencer à Real Associação dos Architectos Civis e Archeólogos Portugueses

---

<sup>54</sup> RODRIGUES, cit. 49, p. 21-22.

<sup>55</sup> Alexandre Herculano, publicou sobretudo nos anos 30 e 40, em periódicos como *O Panorama.*, onde assumiu em 1837 a sua direção e redação, bem como a sua vocação de educador, que jamais abandonou. Cessou funções em 1839, ao ser nomeado Diretor das *Bibliotecas Reais das Necessidades e da Ajuda*. Herculano, foi também o principal impulsionador da *Sociedade Conservadora dos Monumentos Nacionais*, constituída em 1840.

<sup>56</sup> Para Jorge Custódio (cit. 8, p. 39), a obra de Ramalho Ortigão *O culto da arte em Portugal*, ocupou lugar de cartilha na literatura do património nacional, desde a sua publicação (1896), até ao 25 de abril de 1974.

<sup>57</sup> Francisco Adolfo de Varnhagen, visconde de Porto Seguro, foi um militar, diplomata e historiador brasileiro que nasceu em S. João de Ipanema, no Brasil (17.02.1816) e faleceu em Viena d’ Áustria (26.06.1878). Interessou-se de um modo muito particular pela história do Mosteiro dos Jerónimos.

<sup>58</sup> PEREIRA, Paulo - Intervenções no património 1995-2000 : nova política, p. 13-14

<sup>59</sup> CUSTÓDIO, cit.8, p. 60.

<sup>60</sup> LOPES, cit. 39, p. 8.

(RAACAP)<sup>61</sup>, responsável, em 1880, pela primeira listagem de monumentos a classificar no país, agrupados em seis classes: “*as obras-primas da architectura e da arte portuguesas, os edifícios com significado para o estudo da história das artes, os monumentos militares, a estatuária, os padrões e arcos comemorativos e, por fim, os monumentos pré-históricos*”<sup>62</sup>.

No século XX, Portugal caracteriza-se pelo papel preponderante das instâncias internacionais nesta matéria, em particular da UNESCO, e por uma continuidade legislativa desde a primeira fase republicana até aos anos 60, podendo dividir-se em três períodos distintos: a Primeira República, o Estado Novo e a Democracia Constitucional posterior a 25 de abril de 1974<sup>63</sup>. Foi sem dúvida um século fértil, em questões patrimoniais. Com este novo século, inicia-se um novo período de organização institucional e legislativa. A 24 de outubro de 1901 é criado, por decreto, o “Conselho dos Monumentos Nacionais”, com a finalidade de determinar as bases para a classificação dos imóveis julgados Monumentos Nacionais. Neste quadro constavam algumas construções industriais essenciais para a perceção histórica nacional, um passo substancial para a ampliação do conceito de património.

Por decreto de 10 de janeiro de 1907, teve início a fase das classificações dos Monumentos Nacionais, categorizando-se os considerados mais emblemáticos – Mosteiro da Batalha, **Convento dos Jerónimos**, em Lisboa, Convento de Cristo, em Tomar, Mosteiro de Alcobaça, Convento de Mafra, Sé Velha de Coimbra, Sé da Guarda, Sé de Lisboa, Sé de Évora, Igreja de Santa Cruz de Coimbra, Basílica do Coração de Jesus, em Lisboa, **Torre de S. Vicente**, em Lisboa, Ruínas do Templo Romano, em Évora, e Ruínas da Igreja do Carmo, em Lisboa<sup>64</sup> (Cf. **Anexo 1**). A primeira lista assumia uma classificação tripartida (geral, militar e religiosa), abrangendo todos os elementos com relevância arqueológica e salientando os principais exemplares da arquitetura religiosa nacional. Serviu para contrariar um certo anticlericalismo pós-revolucionário<sup>65</sup>.

---

<sup>61</sup> Esta Associação foi fundada em 22 de Novembro de 1863 por iniciativa do arquiteto da Casa Real, J. P. Narciso da Silva.

<sup>62</sup> De acordo com o *Instituto do Património Arquitectónico e Arqueológico* (IPPAR), criado pelo DL 106-F/92, de 1-6-92, não há conhecimento da primeira relação de monumentos de 1880 ter sido aprovada pelo governo de então, contudo esta manteve-se como modelo de referência (LOPES, cit. 39, p. 8).

<sup>63</sup> MOREIRA, cit. 12, p. 130.

<sup>64</sup> LOPES, cit. 39, p. 9; RODRIGUES, cit. 49, p. 28.

<sup>65</sup> SOUSA, cit. 39, p. 3.

A 23 de junho de 1910, “*publica-se um extenso decreto de classificação ordenado de forma sistemática e segundo tipologias*”. Juntava às categorias “arquitetura religiosa” e “militar” outras duas correspondentes – “monumentos pré-históricos” e aos “monumentos lusitanos e lusitano-romanos” – e ainda uma nova (quinta) categoria, que incluía tipologias tão distintas como os “paços, hospitais, pelourinhos e trechos arquitetónicos”. O decreto incidia sobretudo sobre a preservação arqueológica<sup>66</sup>.

Em 1911 (decreto nº 1 de 26 de maio), o governo republicano tomou a primeira grande medida respeitante à salvaguarda do património edificado e museológico. Desde então, os museus deixaram de ser vistos como meros depósitos de objetos de arte, passando a desempenhar um papel supremo no ensino artístico e no sistema educativo<sup>67</sup>. No regime de Oliveira Salazar e Marcelo Caetano – Estado Novo – [1926-1974] foi criada em 1929, a “Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais” (DGEMN), cujos trabalhos nessa época se destinavam “... *ao restauro integral dos edifícios procurando restituí-los à sua «traça primitiva», matéria que gerou muitos equívocos*”<sup>68</sup>. Para além do “grau de Monumento Nacional” aplicado aos imóveis classificados, em 1932, foi introduzida a “categoria de Imóvel de Interesse Público” (Decreto nº 20985, de 7 de março) e, em 1949, acrescentada a de “Valor Concelhio” (Lei nº 2032, de 11 de junho), que conferiam aos imóveis classificados uma estratificação e distinção proveniente do seu mérito artístico, histórico e social, “*marcando novas etapas de alargamento da noção de património cultural*”<sup>69</sup>.

Com o 25 de abril de 1974 o património cultural passa a ser visto como um bem comum (um “bem de todos”) abrindo-se as portas às teorias e práticas internacionais que passam a valer para os bens identificados no território de cada país: a “Carta de Veneza” de 1964, a “Convenção sobre a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural”, de 1972 (à qual Portugal aderiu em 1979<sup>70</sup>), a “Carta Europeia do Património Arquitetónico”, de 1975<sup>71</sup>.

Depois de 74, o Estado passou a legislar abundantemente sobre o património em resultado das reivindicações que surgem em sua defesa, surgindo vários grupos com a

---

<sup>66</sup> LOPES, cit. 39, p. 9.

<sup>67</sup> TRINDADE, cit. 53, p. 45.

<sup>68</sup> PEREIRA, cit. 58, p. 14.

<sup>69</sup> LOPES, cit. 39, p. 9.

<sup>70</sup> DL 218/79, de 17 de Julho.

<sup>71</sup> PEREIRA, José Costa - Dicionário enciclopédico da história de Portugal, p. 86.

finalidade de estudar, defender, conservar e divulgar a herança cultural e natural<sup>72</sup>. Segundo Jorge Custódio, *“as questões da salvaguarda e o impacto das mudanças políticas e económicas sobre a realidade territorial geraram outras concepções dos valores patrimoniais. Um significativo movimento associativo e de opinião provocaram profundas mudanças nas instituições ligadas aos monumentos nacionais e ao património cultural”*<sup>73</sup>.

O ano de 1983 foi muito marcante para o património nacional português. Nesse ano a UNESCO atribui pela primeira vez a classificação de “Património Mundial da Humanidade” a monumentos e zonas históricas portuguesas. Entre os eleitos contavam-se, o Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém, o Mosteiro da Batalha, o Convento de Cristo e o Centro Histórico de Angra do Heroísmo.

Por sua vez, em 1985, foi publicada a primeira “Lei de Bases do Património Cultural Português” (13/85, de 6/7), que mantinha alguma continuidade com o anterior contexto jurídico, e integrava novas concepções de salvaguarda e valorização do património cultural ditadas pelas instâncias internacionais, em particular a UNESCO e o Conselho da Europa<sup>74</sup>.

Esta Lei (13/85) descentralizou as políticas do património atribuindo responsabilidades aos municípios na sua conservação e promoção, e alargou o âmbito do património cultural, com a inclusão dos bens imateriais<sup>75 76</sup>. Como careceu de regulamentação, as categorias dos diplomas de 1932 e 1949 mantiveram-se em vigor, ampliando-se porém o seu âmbito estratégico de classificação, através da criação de

---

<sup>72</sup> Em 1981 foi oficializada a Federação das Associações de Defesa do Património (FADEPA), que se propôs entre outros aspetos sensibilizar a opinião pública para a defesa dos seus valores culturais.

<sup>73</sup> CUSTÓDIO, cit. 8, p. 27.

<sup>74</sup> LOPES, cit. 39, p. 9 e 11; PEREIRA, Paulo – Sob o Signo de Sísifo : políticas do património edificado em Portugal, 1980-2010, p. 262.

Segundo o Paulo Pereira, o artigo 8º da Lei 13/85 passou a incorporar três categorias de imóveis com proteção classificatória: *os monumentos, os conjuntos e os sítios*, em consonância com as convenções internacionais. Lei 13/85 do Património Cultural Português – Artigo 1º “O Património Cultural Português é constituído por todos os bens materiais e imateriais que, pelo ser reconhecido valor próprio, devam ser considerados como de interesse relevante para a permanência e identidade da cultura portuguesa através do tempo”.

<sup>75</sup> Lei 13/85 do Património Cultural Português – Artigo 1º “O Património Cultural Português é constituído por todos os bens materiais e imateriais que, pelo ser reconhecido valor próprio, devam ser considerados como de interesse relevante para a permanência e identidade da cultura portuguesa através do tempo”. Subtítulo II - dos bens imateriais – artigo 43º, da Lei de Bases 13/85 de 6 de Julho

<sup>76</sup> DIAS, Susana José Gomes - Intervenções de reabilitação em património construído : projecto de beneficiação do castelo de Alter do Chão, p. 31.

zonas especiais de proteção (*vulgo zep's*) ou de *zonas non aedificandi*. A Lei foi revogada pelo art.º 114.º da Lei n.º 107/2001, de 8/9, que adiante se refere<sup>77</sup>.

A 1 de janeiro de 1986 Portugal integrou a União Europeia estreitando os seus laços patrimoniais com o resto da Europa e o mundo. É disso resultado a adesão de Portugal, em 1991, à “Convenção para a Salvaguarda do Património Arquitetónico da Europa” (aprovada em 1985).

Mais recentemente, no ano de 2001, foi instituída a “Lei de Bases do Património Cultural Português” n.º 107/ 2001 de 8/9, que “*estabelece as bases da política e do regime de protecção e valorização do património cultural*” como realidade para a construção da entidade nacional e democratização da cultura, incluindo os bens móveis e os bens imateriais. Até à publicação desta Lei o vocabulário jurídico e institucional de âmbito patrimonial articulava-se quase sempre com o património construído e a gestão da conservação. Desde então nasceu uma conceção mais alargada de património a conservar e valorizar, e foram discretamente contemplados os “bens imateriais”<sup>78</sup>.

---

<sup>77</sup> A Lei de Bases n.º 13/85, de 6/7, foi revogada pelo art.º 114.º da Lei n.º 107/2001, de 8/9, cuja alínea 1 (Normas revogatórias e inaplicabilidade), informa: “Sem prejuízo do disposto no artigo anterior, são revogadas as Leis n.ºs 2032, de 11 de Junho de 1949, e 13/85, de 6 de Julho, bem como todas as disposições de leis gerais da República que contrariem o disposto na presente lei. (...)”

<sup>78</sup> “Título III – dos bens imateriais” – artigos 91º e 92º, da lei de bases 107/2001, de 8 de setembro. “subtítulo II – dos bens imateriais” – artigo 43º, da Lei de Bases 13/85, de 6 de julho.

## II. Turismo e Turistas

Neste capítulo faremos uma apresentação sumária dos conceitos de turismo e de turista, e da história do turismo, aludindo, sempre que possível, ao caso português. Será também abordada a temática do turismo cultural como uma forma de turismo que inclui a consciencialização ambiental, etnográfica e social. Faz-se uma resenha histórica do que foi o turismo cultural desde as fases iniciais até aos nossos dias, referem-se os seus significados e mostra-se a forma como o turismo cultural deu origem, nos últimos anos, a uma indústria de escala mundial.

### 2.1. Evolução dos Conceitos

O conceito de turismo, pela sua subjetividade, não é fácil de definir, devido ao seu carácter evolutivo e à diversidade de fatores que nele interferem.

A perceção do turismo como atividade humana de múltiplos efeitos formou-se lentamente, e foi na transição do século XIX para o século XX que surgiam as primeiras tentativas da sua definição.

A primeira definição terá surgido em 1910, pelo economista austríaco Herman Schrattenhofen<sup>79</sup> (Bernecker, 1965), destacando os aspetos económicos e abrangendo “apenas os visitantes estrangeiros que, nas concepções da época, eram os únicos que se consideravam como turistas<sup>80</sup>. Por sua vez, em 1937, a Comissão Económica da Sociedade das Nações (SDN), definiu turismo como “*as deslocações com fins recreativos, de negócios, de estudo e de saúde, com duração superior a 24 horas*”. Uma definição de turismo com impacto legislativo foi estabelecida por Hunziker e Krapf, em 1942, que o descrevia como “*a soma de fenómenos e de relações que surgem das viagens e das estadias dos não residentes, os quais não devem estar ligados a uma residência fixa nem a uma actividade remunerada*”. Esta designação foi posteriormente

---

<sup>79</sup> A definição de Herman Von Schullern zu Scharththofen definia o turismo como “o conjunto de todos os fenómenos, em primeiro lugar de ordem económica, que se produzem pela chegada, estada e partida de viajantes numa comuna, província ou um estado determinado e, por consequência estão diretamente ligadas entre eles”.

<sup>80</sup> CUNHA, Licínio - A definição e o âmbito do turismo : um aprofundamento necessário, p. 10.

adoptada pela *Association Internationale des Experts Scientifiques du Tourisme* (AIEST)<sup>81</sup>.

Ao longo do século XX os organismos internacionais reconheceram a necessidade de definir os conceitos básicos do turismo com fins estatísticos e comparativos. Ao nível das definições de turismo, um marco importante foi a “Conferência de Ottawa”, da Organização Mundial de Turismo (OMT) em 1991, que padronizou os conceitos e terminou, pelo menos temporariamente, com as divergências em torno das definições.

Deste modo, a OMT passou a definir o **turismo** como<sup>82</sup>, *“um fenómeno social, cultural e económico relacionado com o movimento das pessoas a lugares que se encontram fora do seu lugar de residência habitual por motivos pessoais ou profissionais. Estas pessoas são denominadas visitantes<sup>83</sup> (que podem ser turistas<sup>84</sup> ou excursionistas<sup>85</sup>; residentes ou não residentes) e o turismo tem a ver com as suas atividades, das quais algumas implicam um gasto turístico”*.<sup>86</sup>

Não obstante existirem muitas definições de turismo subsiste, atualmente, uma base comum a todas elas, composta por três elementos: a deslocação, o tempo de permanência no local e a motivação. A OMT acrescenta a estes, um quarto elemento: os serviços e os produtos criados para satisfação dos turistas.

Assim, à medida que as viagens se foram alargando a todos os países e estratos populacionais, tais organismos foram adotando definições até chegar à atual (1991), aprovada pela Comissão das Estatísticas da ONU, em 1993<sup>87</sup>.

Dado que turismo não existe sem o **turista**, fará sentido apreciarmos agora o significado atribuído, ao longo dos anos, ao termo turista.

---

<sup>81</sup> *Idem ibidem*, p. 11.

<sup>82</sup> OMT - Entender el turismo : glosario básico, p. 1.

<sup>83</sup> **Visitante** é uma pessoa que se desloca por período inferior a um ano para fora do seu ambiente habitual (residencial ou de trabalho), com qualquer finalidade principal (ócio, negócios ou outro motivo), que não seja o exercício de atividade remunerada por entidades do local visitado.

<sup>84</sup> **Turista** – o visitante que pernoita

<sup>85</sup> **Excursionista** - é o visitante de dia, que não pernoita.

<sup>86</sup> **Gasto turístico** (despesas de turismo) - refere-se ao valor pago pela aquisição de bens e serviços de consumo, mas também objetos de valor, para uso pessoal ou como presentes, para e durante as viagens turísticas.

<sup>87</sup> CUNHA, cit. 80, p. 1.

As referências aos turistas são muito anteriores às referências ao turismo, como atividade específica. Assim, devido ao carácter evolutivo do termo (turista) também não tem sido fácil identificar e descrever todos os seus atributos.

A utilização do termo *touriste* terá tido origem no século XVII, eventualmente em França, na época da “Grand Tour”<sup>88</sup>. Os participantes desta viagem eram “touristes” (turistas) e a sua atividade o “tourisme” (turismo).

Alguns autores consideram 1760 (Fuster, 1967) como o ano em que a palavra *tour* surgiu documentalmente, fazendo referência àquelas viagens. Contudo, terá sido, a partir de 1833, com a publicação das “Mémoires d’un Touriste” do francês Stendhal, que a expressão (*touriste*) se propagou. Posteriormente outras línguas adoptaram-na para designar as pessoas que viajavam por mero prazer, instrução e conhecimento.

Em Portugal, Eça de Queiroz usou o termo “touriste” (em francês) no seu romance “Os Maias”, editado em 1888, visto à data, o termo “turista” ainda não fazer parte do léxico português, tal só veio a acontecer nos começos do século XX<sup>89</sup>.

A primeira definição oficial de turista só foi instituída em 1937, quando a Sociedade das Nações (SDN) tentou tornar mais comparáveis as estatísticas internacionais. Turista era “*toda a pessoa que viaja por um período de 24 horas ou mais, para um país diferente do da sua residência*”. Esta definição ampliou o conceito inicial de “tour” passando a considerar como turistas as pessoas que se deslocavam com outros fins, que não propriamente o de lazer<sup>90</sup> (motivos familiares, saúde, negócios, ...), bem como a caracterizar os “não turistas” (aqueles que: viajam no país de residência habitual, fixam residência, ocupam um emprego ou atividade profissional no país, vivem na fronteira, estudantes, ...). Esta “*foi a base de definições posteriores*”<sup>91</sup>.

Em 1963, a ONU e a IUOTO<sup>92</sup> adoptaram a seguinte definição de turista, pela necessidade de harmonizar as estatísticas e este ser já um fenómeno de massas “*é qualquer pessoa que visita um país que não o seu local habitual de residência, por*

---

<sup>88</sup> Na segunda metade do século XVII, muitos jovens ingleses de camadas sociais mais elevadas completaram a sua educação com uma viagem ao Continente conhecida em Inglaterra pela expressão “fazer a *Grand Tour*” ou, mais tarde, apenas por *Tour*. Os que participavam nessa viagem passaram a ser chamados de “Touristes”, ou seja, as pessoas que faziam a *Tour*.

<sup>89</sup> CUNHA, Licínio - Introdução ao turismo, p. 15.

<sup>90</sup> CUNHA, Licínio - Economia, política e turismo, p. 5.

<sup>91</sup> BENI, Mário Carlos - Análise estrutural do turismo, p. 35.

<sup>92</sup> A “União Internacional de Organizações Oficiais de Viagens” (IUOTO) surgiu após a 2ª Guerra Mundial na sequência do Congresso Internacional de “Associações Oficiais de Tráfego Turístico realizado na Holanda”, em 1925. Em 1974, foi transformada num órgão intergovernamental e, em 2003, tornou-se uma agência especializada das Nações Unidas, a então OMT, com sede em Madrid.

*qualquer motivo que não seja decorrente de uma ocupação remunerada dentro do país visitado*”. Incluiu a noção de turista e de excursionista<sup>93</sup>.

Desde modo, após 1937, data a partir da qual a expressão “turista” se generalizou obrigando a precisar o seu significado e conteúdo<sup>94</sup>, até à última definição da ONU/ OMT (2008), pessoa que pernoita para fora do seu ambiente habitual, por período inferior a um ano, por uma razão principal que não seja o exercício de atividade remunerada por entidades do local visitado<sup>95</sup>, percorreu-se um longo caminho que originou diferenças conceptuais bastante idênticas às da definição de turismo, atrás referidas.

Nos tempos que correm, e como refere L. Cunha para o termo turista existem dois tipos de definições, de acordo com o objetivo visado. Um, de natureza mais conceptual, que tenta identificar as suas características essenciais; outro, de natureza mais técnica, destinado a obter atributos para fins estatísticos e legislativos. O primeiro, de natureza mais subjetiva e pluridisciplinar, tem sido naturalmente de mais difícil consenso. O segundo, mais objetivo e restrito, tem permitido acordos mais alargados, pelo menos no plano institucional<sup>96</sup>.

## 2.2. Turismo Cultural. Resenha Histórica

Nesta secção aborda-se a temática do turismo cultural como uma forma de turismo que, para além de outras, inclui o apelo a uma consciência ambiental, etnográfica e social. Faz-se uma resenha histórica do que foi o turismo cultural desde as fases iniciais até aos nossos dias, referem-se os seus significados e mostra-se a forma como o turismo cultural deu origem, nos últimos anos, a uma indústria de escala mundial.

Nas sociedades antigas já existiam visitas organizadas, com interesses culturais, embora reservadas às classes dominantes. Na Roma Imperial, por exemplo, a aristocracia usufruía de viagens de lazer e de cultura que lhe permitiam atravessar todo

---

<sup>93</sup> **Turista** – visitante temporário que permanece pelo menos 24 horas num país;

**Excursionista** – visitante temporário que permanece menos de 24 horas e não pernoita.

<sup>94</sup> Relatório do Comité de Peritos de Estatística da Sociedade das Nações, 1937.

<sup>95</sup> OMT, cit. 82, p. 4.

<sup>96</sup> CUNHA, cit. 89, p. 30.

o Império<sup>97</sup>, em visitas a templos, estâncias termais, festivais e outros eventos<sup>98</sup>. H. Hernández baseado em autores clássicos como Heródoto, Virgílio e Plínio refere a existência de práticas que podem ser consideradas de turismo cultural entre gregos e romanos<sup>99</sup>. Com a queda do Império Romano (323 a.C.) reduziram-se as condições que favoreciam as referidas viagens.

As deslocações em peregrinação também existem desde os tempos mais remotos. As peregrinações cristãs, por exemplo, ganharam expressão no século IV, a partir de 313, com o reconhecimento da religião cristã por Constantino. As peregrinações em direção a Jerusalém e a Roma, foram, nesta época, frequentes e concorridas.

A questão religiosa sempre estimulou a procura turística, dado que às peregrinações estavam, naturalmente, associadas a cadeias de serviços (alojamentos, alimentação, etc.). No entanto, nos séculos XIII e XIV, aumentaram as viagens de devoção e fervor religioso por peregrinos e movimentos militares de inspiração cristã (Cruzadas<sup>100</sup>), que se deslocavam a “lugares santos” – Terra Santa (Palestina), Meca (Arábia), Santiago de Compostela (Espanha) e Canterbury (Inglaterra), foram alguns desses locais.

Segundo Marc Boyer, durante muito tempo a grande diferença entre peregrinação e turismo foi apenas o nome<sup>101</sup>. A narrativa da deslocação no espaço, no tempo e no próprio imaginário dos protagonistas, bem como a natureza dos objetivos da viagem são aspetos os unem, *“em ambas as situações, os percursos estão carregados de simbologias, como de resto também as paragens que os recortam e unificam. Mas são sempre paragens breves, porque o que está em causa é a fuga, o fluxo e a busca da novidade”*<sup>102</sup>.

Com o movimento renascentista (séculos XV-XVI), a viagem passou a ser vista como importante fonte de aprendizagem, essencialmente para intelectuais e artistas, com o objetivo de conhecerem lugares descritos nos textos gregos e latinos, e

---

<sup>97</sup> URRY, John - The tourist gaze : leisure and travel in contemporary societies, p. 4.

<sup>98</sup> IGNARRA, Luiz Renato - Fundamentos do turismo, p. 3.

<sup>99</sup> HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, Francisca - El patrimonio cultural : la memoria recuperada, p. 357.

<sup>100</sup> Cruzada, é o nome dado a qualquer movimento militar de inspiração cristã, com partida da Europa Ocidental em direção à Terra Santa (Palestina) e à cidade de Jerusalém com o objetivo de conquistá-las, ocupá-las e mantê-las sob domínio cristão. As Cruzadas estenderam-se entre os séculos XI e XIII, época em que a Palestina esteve sob o domínio dos turcos muçulmanos.

<sup>101</sup> BOYER, Marc - Histoire du tourisme de masse, p. 48.

<sup>102</sup> FORTUNA, Carlos - Identidades, percursos e paisagens culturais, p. 3.

recolherem obras de arte para coleções particulares<sup>103</sup>. Além das trocas culturais foram também relevantes as aproximações a outros povos.

Nos séculos XVII e XVIII, cresceu o interesse pelas viagens organizadas na Europa dirigidas aos filhos da aristocracia, sobretudo inglesa. As *Grand Tour*, já antes referidas, englobavam, além de Paris, um circuito por cidades italianas – Roma, Veneza, Florença e Nápoles, sendo Roma o ponto alto. A formação académica era assim enriquecida pela observação *in situ* que lhes proporcionava o contacto com as origens da civilização europeia da época. Nestas viagens existia uma visualização auxiliada pelo conhecimento dos guias<sup>104</sup>.

A associação do olhar romântico com as classes privilegiadas tem a sua origem na *Grand Tour*, estendendo-se até meados do século XIX, quando o turismo adquire os primeiros contornos de “fenómeno de massa”<sup>105</sup>. Constata-se pois, que a relação entre património e turismo não é um facto recente. “Com efeito, o património histórico, artístico, monumental de cidades europeias (como Florença, por exemplo), encontra-se na origem da experiência moderna de turismo motivada pelo prazer de observar”<sup>106</sup>.

Mais tarde, o interesse turístico voltou-se também para estações termais, campo, praia e zonas de interesse ambiental ou paisagístico<sup>107</sup>.

Na segunda metade do século XVIII, em Inglaterra, com a Revolução Industrial, deu-se o êxodo rural para os centros urbanos, acentuando o leque das viagens. “O dinamismo comercial e financeiro das grandes cidades fomentou o surgimento de uma classe social mais abastada com tempo e necessidade de «escapar»... ao stress causado pela vida na cidade. Os que têm tempo e dinheiro suficientes, vão para o estrangeiro... em carruagens ou ... caminhos-de-ferro”<sup>108</sup>.

A ampla circulação no continente europeu levou ao incremento de serviços benéficos para o turismo, como transportes, hotelaria e restauração.

As viagens adquirem interesse educativo e instrutivo, através de filósofos como Montaigne (1851), Locke (1679) ou Francis Bacon (1612), e mais tarde, nos aspetos

---

<sup>103</sup> COUTINHO, Andreia Sofia Canetas - Património [in]tocável : reflexão crítica sobre os efeitos do turismo cultural nos centros históricos, p 50; HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, cit. 99, p. 362.

<sup>104</sup> URRY, cit. 97, p. 4; BOYER, Marc - L'invention du tourisme, p. 28; ALMEIDA, cit. 13, p. 58; COUTINHO, cit. 103, p. 52.

<sup>105</sup> MELO, Erik Silva Omena de - Aprofundando o olhar do turista : considerações acerca de suas determinantes sociais, p. 80.

<sup>106</sup> PRATS, cit. 26, p. 41.

<sup>107</sup> BOYER, Marc - Comment étudier le tourisme?. Ethnologie Française, p. 394.

<sup>108</sup> PIRES, Eliane Cristine Raab - Inter-Relações Turismo, Meio Ambiente e Cultura, p. 20.

económicos, por escritores como Stendhal<sup>109</sup> (1830) ou Alexandre Herculano (1938), que “*quase em simultâneo, evidenciam os ganhos que os países obtêm pelas visitas de estrangeiros para desfrutar das paisagens (o primeiro) ou dos monumentos (o segundo)*”<sup>110</sup>.

Neste período, vários intelectuais e artistas consideraram a prática de viajar uma fuga à vida na cidade, em vez de um exercício cultural e pedagógico. Se por um lado muitos regressaram às paisagens naturais, outros aproveitaram as viagens para “*vivenciar a cidade pré-moderna*”<sup>111</sup>.

A introdução de novas formas de perceção visual e a sua influência na estruturação do “olhar do turista” (veja o caso da fotografia) alteraram a experiência moderna de vivenciar e visitar os centros urbanos, em particular as grandes capitais<sup>112</sup>.

No entanto, o turismo enquanto atividade comercial surgiu a partir de 1841 com o inglês Thomas Cook, impulsionador do turismo organizado, que levou a que as viagens se tornassem acessíveis a segmentos mais vastos da população<sup>113</sup>. As ideias de Cook estão na origem do turismo de modelo atual.

Na segunda metade do século XIX, o mundo ocidental sofreu profundas alterações entre as quais a conquista do direito a férias pagas. O gosto de viajar democratizou-se e o turismo despontou como atividade económica<sup>114</sup>, surgindo o já referido “turismo de massas” presente nas sociedades atuais<sup>115</sup>.

No início do século XX, os trabalhadores obtiveram também o direito ao descanso semanal. Após a II Guerra Mundial (1939-45), a Organização Internacional do Trabalho (OIT) generalizou o direito às férias pagas, tornando-se uma realidade para a maioria dos europeus. Em resultado disso, no período entre as duas grandes guerras, assistiu-se à emergência de uma sociedade mais consumista e à implosão da recreação em massa<sup>116</sup>. A partir desta altura, o turismo expandiu-se a diferentes classes sociais por quase todo o mundo<sup>117</sup>.

---

<sup>109</sup> O escritor francês Henri-Marie Beyle, mais conhecido como Stendhal, é considerado o introdutor da palavra *touriste* nas suas *Mémoires d'un Touriste*, editadas em 1838.

<sup>110</sup> CUNHA, cit. 80, p. 2.

<sup>111</sup> COUTINHO, cit. 103, p. 56.

<sup>112</sup> URRY, cit. 97, p. 136.

<sup>113</sup> IGNARRA, cit. 98, p. 5.

<sup>114</sup> CUNHA, Licínio – Desenvolvimento do turismo em Portugal : os primórdios, p. 129.

<sup>115</sup> URRY, cit. 97, p. 5.

<sup>116</sup> PIRES, cit. 108, p. 21.

<sup>117</sup> PEREIRO PÉREZ, Xerardo - Turismo cultural : uma visão antropológica, prefácio I.

Depois de 1945, a internacionalização da economia no mundo ocidental fortaleceu uma série de atividades internacionais, entre elas o sistema bancário e o turismo<sup>118</sup>. O número de agências de viagem cresceu com o aumento das companhias aéreas e a indústria do turismo expandiu-se por todo o mundo.

Para além disso, na segunda metade do século XX o desenvolvimento de novas tecnologias de informação e comunicação (televisão e internet) contribuiu para a alteração de hábitos e uma nova percepção do mundo que nos rodeia<sup>119</sup>.

### 2.3. A Indústria do Turismo Cultural

Nas últimas décadas o turismo evoluiu de uma prática restrita a um fenómeno global, cuja importância económica lhe dá, hoje, o estatuto de uma grande indústria.

O turismo cultural tem identidade própria, reconhecida desde os anos 70 do século XX. Foi considerado pelo *International Council on Monuments and Sites* (ICOMOS), na Carta Internacional sobre Turismo Cultural 1976<sup>120</sup>, como uma forma de turismo cujo propósito é o conhecimento de monumentos e sítios histórico-artísticos.

Na última década do século XX, os países com acervos patrimoniais mais relevantes ou mais valorizados pela indústria turística empenharam-se por reforçar a competitividade dos seus mercados turísticos através da aquisição e afirmação de uma imagem de marca sustentada pelo estatuto de Património Mundial<sup>121</sup>. O espetáculo e a imagem constituem, como refere John Urry (1990), os ingredientes por excelência do turismo. Mais do que benefícios diretos (financeiros e técnicos provenientes da UNESCO), os governos de todo o mundo, ao desenvolverem esforços para incluir monumentos e sítios na Lista do Património Mundial, esperam obter prestígio e projeção internacionais, colocando esses locais no mapa do turismo internacional<sup>122</sup>.

Segundo Elsa Peralta (2000)<sup>123</sup>, o “turismo cultural” potencia nas pessoas o desenvolvimento da consciência ambiental, etnográfica e social; favorece a dispersão turística em correspondência com os recursos patrimoniais existentes; é fator de criação

---

<sup>118</sup> PIRES, cit. 108, p. 22.

<sup>119</sup> PRATS, cit. 26, p. 40.

<sup>120</sup> ICOMOS, Bruxelas, 8 a 9 de Novembro de 1976.

<sup>121</sup> PEIXOTO, cit. 34, p. 10-11.

<sup>122</sup> LOPES, Flávio - O programa de incremento do turismo cultural : dos novos conceitos e motivações sobre o património cultural à criação de produtos turísticos de qualidade, p. 245-246.

<sup>123</sup> PERALTA, Elsa - Património e identidade: os desafios do turismo cultural, p. 220.

de emprego e de revitalização das economias locais, de forma sustentável, tendo por base critérios de qualidade; melhora o nível de vida dos agentes envolvidos; proporciona a incorporação do turismo nas estratégias económicas de entidades públicas e privadas e favorece as interações do turismo com o mundo da cultura. A transformação de bens patrimoniais em bens de interesse turístico pode ser um dos objetivos das políticas turísticas e /ou culturais.

Para Pereiro Pérez, a expressão turismo cultural assume um carácter redundante, já que o turismo é, no seu entender, uma atividade eminentemente cultural<sup>124</sup>. Na opinião de Chris Rojek o turismo não é um *“escape” do quotidiano, mas, mais do que isso, fornece uma diferença cultural na qual a rotina quotidiana é contrastada e desenvolvida*”<sup>125</sup>.

Como vimos, o turismo tem passado do consumo e da oferta de bens turísticos em massa para procuras e ofertas segmentadas, especializadas e competitivas, apoiadas por melhores condições de transporte e mobilidade e servidas por novas tecnologias de informação. Uma gestão eficaz do sistema turístico deve apoiar-se em segmentos de mercado e não no turismo como um todo<sup>126</sup>.

Atualmente as propostas turísticas assumem a necessidade de integrar a cultura como um elemento imprescindível da oferta, com o objetivo de melhorar a sua qualidade e de conseguir um valor acrescido. Nesse sentido, a *“história é o registo lembrado do passado: o património é uma mercadoria moderna propositadamente criada para satisfazer o consumo contemporâneo. Uma torna-se o outro através de um processo de mercadorização”* <sup>127</sup>.

O património cultural é hoje um produto, capaz de gerar riqueza se for mantido e promovido de forma sustentada. É fator de identidade, gerador de imagem de marca e que pode levar a afluxos excessivos de visitantes, com efeitos nocivos, sobre os espaços patrimoniais. Os direitos dos visitantes (clientes) e seu bem-estar, também devem ser respeitados.

O crescente interesse pelos locais representativos do passado e pela sua conservação, aos quais não são alheias as inúmeras tensões entre o progresso e a preservação, a modernidade e a tradição, resultaram certamente do notável crescimento

---

<sup>124</sup> PEREIRO PÉREZ, Turismo cultural : leituras da antropologia, p.3.

<sup>125</sup> ROJECK, Chris e URRY, John - Touring cultures, transformations of travel and theory, p. 70.

<sup>126</sup> BALLART HERNÁNDEZ, cit. 16, p. 201.

<sup>127</sup> ASHWORTH, G. J. - From history to heritage, from heritage to identity : in search of concepts and models, p. 16; PEIXOTO, Paulo - Imagens e usos do património urbano no contexto da globalização, p. 70.

do turismo patrimonial nas últimas décadas<sup>128</sup>. Também a definição de uma imagem de marca, capaz de diferenciar os elementos culturais de um destino turístico face aos seus congéneres no mercado global, é hoje um sinal de que a cultura é cada vez mais central para o turismo, tal como o turismo para a cultura, verificando-se, como refere Bella Dicks, uma crescente “culturalização do turismo”<sup>129</sup>. “*Por essa razão, a comunicação da identidade do lugar é um factor chave para a captação de visitantes e de investimentos externos*”<sup>130</sup>.

Na opinião de Rosa Garrigós, o património cultural deverá ser administrado de tal forma, que “*não só não se deteriore e pereça mas que também se reabilite, se enriqueça, seja conhecido e disfrutado por todos e se converta num elemento do desenvolvimento económico e social*”<sup>131</sup>.

O turismo cultural facilita o desenvolvimento dos recursos, permite o aproveitamento turístico menos sujeito a ciclos sazonais, oferece possibilidades de novos consumos e destinos, responde à crescente segmentação da procura, satisfaz necessidades de férias de curta duração e acrescenta valor à experiência turística<sup>132</sup>. O turista cultural aposta na qualidade do produto e exige um nível mais alto de infraestruturas e serviços de apoio; procura uma oferta personalizada; visita monumentos, museus e celebrações tradicionais; manifesta interesse pelo contacto com as gentes e as suas tradições; gasta mais dinheiro que o turista comum; tem maior tendência para se alojar na comunidade que visita; passa mais tempo na zona da visita; é mais respeitador do meio e da cultura locais e possui um nível cultural acima da média. Para o sucesso do turismo cultural será necessário conhecer bem as expectativas dos turistas, de modo a desenvolver estratégias promocionais e de apoio que contribuam para a sua satisfação<sup>133</sup>, apoiados em estudos de mercado.

Os promotores do turismo cultural devem, contudo, atender à melhoria das condições de vida das populações. Para isso, os habitantes das zonas turísticas devem ser envolvidos nas estratégias de desenvolvimento local. De acordo com o ICOM – Conselho Internacional de Museus (2000), o turismo cultural deve transmitir a importância do património cultural aos locais e aos visitantes, respeitar as culturas

---

<sup>128</sup> URRY, cit. 97, p. 107.

<sup>129</sup> DICKS, Bella - Culture on display : the production of contemporary visitability, p. 45.

<sup>130</sup> PERALTA, Elsa - A sedução da história : construção e incorporação da "imagem de marca" Portugal, p. 233.

<sup>131</sup> CAMPILLO GARRIGÓS, Rosa - La gestión y el gestor del patrimonio cultural, p. 171.

<sup>132</sup> Cit. por CLAVÉ Antón S. - Turismo y gestión municipal del patrimonio cultural y monumental.

<sup>133</sup> BALLART HERNÁNDEZ, cit. 16, p. 217.

autóctones, facilitar o diálogo entre os conservadores do património e a indústria do turismo, apoiar a conservação e a gestão do património, e formular níveis adequados de intervenção<sup>134</sup>.

Finalmente, esta forma de turismo deverá ser integrada nas orientações políticas e do ordenamento do território. Só assim se tornará autossustentável. O turismo cultural é uma das prioridades da União Europeia, em particular para os países do sul, cujas características naturais, aliadas à riqueza do património, lhes conferem um elevado potencial turístico.

Um dilema curioso do turismo cultural, para os países ou instituições que o promovem, consiste, por um lado, na necessidade da fidelização à realidade histórica e, por outro, no aproveitamento das vantagens económicas que poderão resultar do empolgamento dessa mesma realidade. A segunda situação poderá contribuir para uma mercantilização excessiva do mesmo, com eventuais perdas a prazo.

Em síntese, como refere Elsa Peralta (2000), *“o desafio que se coloca ao turismo é o de utilizar os recursos patrimoniais numa perspectiva de desenvolvimento durável, assente em critérios de qualidade, para que os seus benefícios resultem numa melhoria efectiva da qualidade de vida dos cidadãos”*<sup>135</sup>.

### **III. Aspetos do Turismo em Portugal**

Neste capítulo, de natureza mais aplicada, abordam-se temas relacionados com a Indústria do Turismo em Portugal. Primeiro, descreve-se a importância económica do turismo. Depois, apresentam-se dois Planos Estratégicos de Turismo – um nacional e, outro, para Lisboa-, refere-se um projeto para os museus de Belém, e, finalmente, um projeto de Plano Estratégico de Turismo, também para Belém.

#### **3.1. Importância Económica do Turismo**

Como vimos, o Turismo é uma atividade muito diversificada. Congrega em si um alargado conjunto de atividades e produtos de várias naturezas, envolve uma

---

134 Em 2000, tiveram lugar workshops em Trujillo (Peru) e La Paz (Bolívia), onde os participantes elaboraram uma declaração de princípios para os museus e o turismo cultural. Com base nesse trabalho, o ICOM e a Federação Mundial dos Amigos dos Museus (*World Federation of Friends of Museums*) apresentaram, em 2007, a Declaração para um Turismo Cultural Mundial Sustentável.

<sup>135</sup> PERALTA, cit. 123, p. 221.

multiplicidade de agentes e os seus impactos fazem-se sentir transversalmente por toda a economia.

A crescente relevância do Turismo, enquanto atividade económica, requer a quantificação dos seus efeitos diretos, indiretos ou induzidos, em termos de criação de valor acrescentado, emprego ou receitas<sup>136</sup>.

Nas últimas décadas, o turismo tem tido um crescimento contínuo e uma grande diversificação, tendo-se convertido num dos sectores económicos com maior potencial em Portugal e, também, no mundo. O turismo mantém uma estreita relação com o desenvolvimento auto sustentado e hoje incorpora-se nele um número crescente de atividades e destinos. Esta dinâmica tem transformado o turismo num fator chave do progresso socioeconómico<sup>137</sup>.

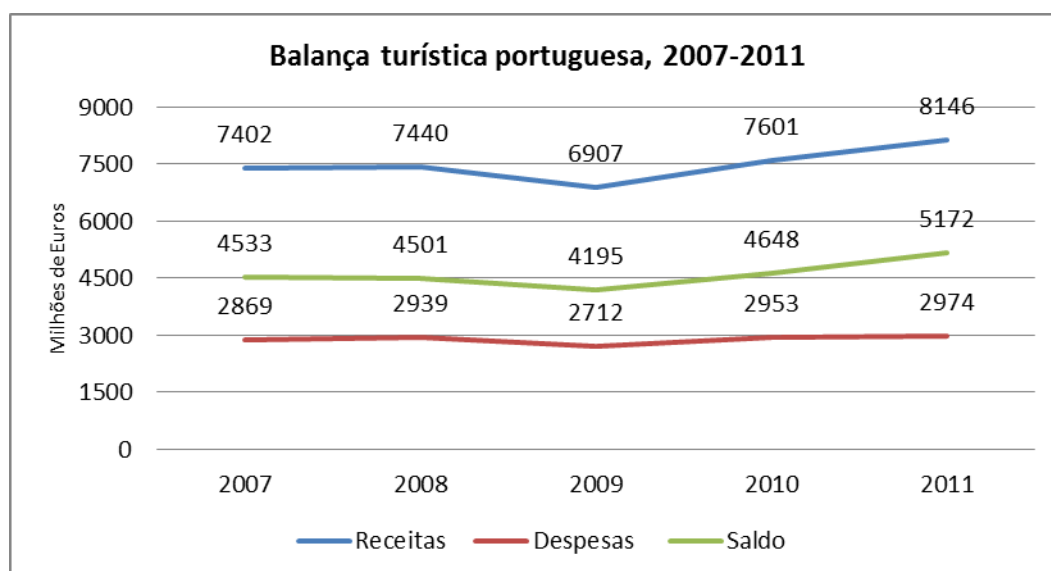
Embora existam muitos elementos estatísticos publicados sobre a importância económica do turismo em Portugal, entendemos dever simplificar a informação e apresentar apenas os dois quadros resumo que adiante se transcrevem. Estes permitem observar a elevada contribuição da indústria do turismo para a criação de riqueza em Portugal, atividade que, mesmo em tempo de crise, não deixa de crescer (cf. Figura 1 e Tabela 1), bem como as receitas dos principais países emissores (destacam-se os oito principais).

---

<sup>136</sup> Turismo de Portugal, IP - O turismo na economia : evolução do contributo do turismo para a economia portuguesa 2000-2010, p. 51.

<sup>137</sup> The World Tourism Organization (UNWTO).

Figura 1 – Balança turística Portuguesa, 2007-2011 (milhões de euros)



Fonte: BP – Banco de Portugal – maio de 2012<sup>138</sup>

Tabela 1 – Receitas turísticas por países de residência (milhões de euros)

|                    | Anos         |              |              |              |              |
|--------------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
|                    | 2007         | 2008         | 2009         | 2010         | 2011         |
| <b>Reino Unido</b> | 1.790        | 1.640        | 1.305        | 1.385        | 1.462        |
| <b>França</b>      | 1.130        | 1.201        | 1.214        | 1.323        | 1.446        |
| <b>Espanha</b>     | 1.101        | 1.081        | 1.055        | 1.112        | 1.124        |
| <b>Alemanha</b>    | 888          | 808          | 754          | 787          | 814          |
| <b>Brasil</b>      | 177          | 233          | 196          | 337          | 382          |
| <b>EUA</b>         | 298          | 238          | 242          | 300          | 363          |
| <b>Angola</b>      | 87           | 89           | 204          | 280          | 341          |
| <b>Holanda</b>     | 272          | 293          | 383          | 319          | 330          |
| <b>Outros</b>      | 1.659        | 1.911        | 1.555        | 1.758        | 1.884        |
| <b>Total</b>       | <b>7.402</b> | <b>7.440</b> | <b>6.908</b> | <b>7.601</b> | <b>8.146</b> |

Fonte: BP - Banco de Portugal<sup>139</sup>

As receitas turísticas totais baixaram de 2007 a 2009 e subiram de 2009 a 2011. Circunstâncias de natureza conjuntural, na Europa e em Portugal, terão estado na origem destas variações. Nos cinco anos, as receitas totais passaram de 7.402 para 8.146 milhões de euros, ou seja cresceram cerca de 10% neste intervalo de tempo. O Reino

<sup>138</sup> Cit. por Instituto Nacional de Estatística. Estatísticas do turismo 2011 : edição 2011-2012, p. 2.

<sup>139</sup> Cit. por Turismo de Portugal, I.P. Anuário das estatísticas do turismo 2011, p. 2.

Unido aparece sempre como o principal país emissor de turistas, mas tem vindo a perder a sua posição relativa, quando comparado com França, Brasil, Angola e, em menor grau, EUA (Angola é o país emissor de turistas para Portugal que regista maior crescimento.). Durante estes últimos cinco anos, a Espanha, a Alemanha e a Holanda têm mantido os fluxos de turistas para Portugal. Já em 2011, o Reino Unido e a França contribuíram, cada um deles, com quase 18%, a Espanha com quase 14%, a Alemanha com cerca de 9% e Brasil, EUA e Angola com 4 a 5% cada, do total das receitas nacionais do turismo. Muitos outros países, referidos nas estatísticas e que não se descriminam neste trabalho, apresentam, individualmente, valores iguais ou muito inferiores a 2,5%.

Na Figura 1 (balança turística portuguesa), refere-se a informação relativa ao total das receitas, já comentada. Quanto às despesas, e respetivo saldo, pode observar-se que as primeiras aumentaram pouco (de 2.869 milhões de euros para 2.964 milhões de euros) no período considerado, apenas com um ligeiro decréscimo em 2009. Quanto ao saldo da balança turística passou de 4.533 para 5.172 milhões de euros, de 2007 para 2011, apenas com um ligeiro decréscimo em 2009.

### **3.2. Planos Estratégicos de Turismo em Portugal**

O turismo em Portugal tem sido regulamentado por um conjunto de diplomas dos quais se destacam, pela sua importância e atualidade, os “Planos Estratégicos Nacionais do Turismo - (PENT)”. O primeiro, de 4 de abril de 2007 que deveria vigorar até 2015 (Resolução do Conselho de Ministros nº 53/2007, DR 1ª Série, nº 67), e o segundo, de 16 de abril de 2013 (Resolução do Conselho de Ministros nº 24/2013, DR. 1ª Série, nº 74), que introduziu alterações no primeiro, para terem efeito de 2013 a 2015.

Em ambos, o turismo foi considerado um sector prioritário para a estratégia de desenvolvimento do país, afirmando-se como um dos principais destinos turísticos do mundo e gerador de riqueza e emprego.

Os PENT são quadros de referência e elementos estruturantes para o sector do turismo, articulando com áreas como o ambiente, o património cultural, as infraestruturas e os transportes, entre outras. No novo PENT (2013), dá-se ênfase à marca “Destino Portugal” como agregadora das várias ofertas e favorecedora da identidade nacional e da coesão do território. Definem-se oito programas e quarenta

projetos de implementação, com fundamentação, entidades envolvidas e indicadores de monitorização do seu sucesso económico, social e territorial, sendo o “Turismo de Portugal I.P.” a entidade competente para a sua implementação. A instabilidade económica e financeira da Europa, nos últimos anos – Europa que gera mais de 85% das dormidas internacionais em Portugal – a evolução do PIB, do emprego e do rendimento disponível em Portugal foram variáveis tidas em conta nesta nova formulação. Considerou-se ainda que a evolução dos canais de informação e distribuição, a proliferação de novos destinos ou a alteração do modelo de operação das companhias aéreas, alteraram os hábitos de consumo e o comportamento dos turistas; os operadores turísticos, as agências de viagem, as companhias de transportes e as unidades de alojamento ou restauração são chamados a participar de forma inovadora e atualizada.

Neste PENT, apresentam-se estratégias de desenvolvimento, por região, de 2013 a 2015. Consideram-se cinco regiões turísticas no Continente, uma das quais Lisboa. Retemos apenas esta para efeitos do presente capítulo.

Em Lisboa observa-se, no período de 2006 a 2011, um aumento de 10% ao nível das dormidas e de 13% ao nível dos proveitos globais dos empreendimentos turísticos, mantendo-se estável a representatividade do mercado internacional (cerca de 70%) com destaque para os emissores do Brasil, França e Rússia. Neste período, a sazonalidade manteve-se estável, concentrando em julho, agosto e setembro, 35% da procura internacional, e 30% da nacional.

Os principais produtos consolidados para a Região de Lisboa são as estadias de curta duração em cidade, os circuitos turísticos religiosos e culturais e o turismo de negócios. Em termos de comunicação deve ser tida em linha de conta a *“multiplicidade dos valores culturais e naturais da região, sem deixar de destacar os aspectos de modernidade do destino”*<sup>140</sup>.

A estratégia definida para qualquer das regiões *“procura a sustentabilidade dos destinos alavancando efeitos positivos e atenuando os que possam ter impactos negativos nas regiões e populações a vários níveis”*<sup>141</sup>.

A promoção do “Destino Portugal” no plano turístico deve assentar nos seguintes elementos: *“clima e luz, história, cultura, tradição e mar, hospitalidade, diversidade concentrada, segurança, paisagem e património natural”*, sendo os

---

<sup>140</sup> Resolução do Conselho de Ministros n.º 24/2013, de 16 de abril - Revisão do plano estratégico nacional do turismo (PENT) para 2013-2015, p. 2183.

<sup>141</sup> *Idem, ibidem*, p. 2188.

elementos ativos da transmissão desses valores, os agentes turísticos e os portugueses em geral<sup>142</sup>.

No que a Lisboa diz respeito, reconhece-se que dispõe de boas acessibilidades, de recursos e de atividades para competir no mercado internacional. Será contudo possível potenciar a atratividade de Lisboa através do incremento de eventos e iniciativas culturais, equipamentos culturais e de lazer e itinerários temáticos que atraiam turistas e reforcem a sua satisfação.

De acordo com o PENT 2013, Lisboa encontra-se no topo da lista dos principais destinos mundiais, sendo importante desenvolver aqui o turismo de reuniões, apostando na qualificação das infraestruturas de suporte. Para tudo isto importa preparar as empresas para as redes digitais e dinamizar projetos de investigação e desenvolvimento tecnológico com incidência no turismo.

O “Plano Estratégico para o Turismo de Lisboa 2011-2014” (TLX 14), aprovado pelo Município da Cidade e pela Associação do Turismo de Lisboa, e publicado em janeiro de 2011, dá continuidade a linhas de orientação definidas no Plano anterior (“TLx10” - 2010-2014), garantindo a consolidação de objetivos, a evolução sustentada do destino Lisboa, e identificando os novos desafios que a atividade turística enfrenta, num mercado globalizado, em transformação permanente e fortemente concorrencial.

Na apresentação do Plano Estratégico de Lisboa TLX 14, o Presidente da Câmara Municipal de Lisboa e Presidente do Turismo de Lisboa, António Costa, refere que o turismo será sempre um dos grandes desígnios da cidade e que este “*exige planeamento, estratégia, coordenação e acção*”, pelo que deverá estar contemplado num plano estratégico para a cidade. Mais refere que “*crescer em quantidade e valor, qualificar a experiência do visitante e aumentar a notoriedade do destino*”, são objetivos fundamentais do novo plano, e que no quadro das capitais europeias a ambição da Região de Lisboa é estar entre as que contam com um maior fluxo turístico<sup>143</sup>.

Tendo em conta as diferentes componentes do Turismo de Lisboa, este Plano foi pensado em três níveis de abordagem: a Cidade, a Grande Lisboa (municípios de Lisboa, Cascais, Sintra, Mafra e Oeiras) e a Área Promocional (território vasto, de Setúbal a Fátima). Na Cidade, o Turismo de Lisboa tem um acordo de cooperação com

---

<sup>142</sup> *Idem, ibidem*, p. 2173.

<sup>143</sup> TURISMO DE PORTUGAL. Plano estratégico para o turismo de Lisboa 2011-2014 : síntese, p. 3.

a Câmara Municipal; na Grande Lisboa, as atribuições e competências do TLx são semelhantes às das entidades regionais de turismo; e na Área Promocional o TLx tem competências para a promoção turística internacional, como agência regional de promoção turística.

O “Plano Estratégico para o Turismo de Lisboa 2011-2014” foi desenvolvido na base de pressupostos agrupados em dois *dossiers*, o da “Ambição Estratégica” e o da “Visão e Proposta de valor para o Destino”. Nestes, foram definidas estratégias referentes a Mercados, Segmentos, Produtos e Marca. O “TLx14” identifica igualmente dez programas estratégicos, entre os quais um programa para a zona de Belém.

Relativamente à “Ambição Estratégica” para a Região de Lisboa pretende-se reforçar a sua contribuição para o aumento da competitividade do turismo português.

Relativamente à “Visão Estratégica”, no mesmo documento é referido que a Região de Lisboa, deverá ser a *“incontornável capital oceânica delineada pelo rio, distinta na forma de receber, para descobrir à sua medida, como uma capital cosmopolita, tolerante, trendy e autêntica...”*, como consta do texto do documento<sup>144</sup>.

Quanto a “Mercados”, o TLx considera os Fixados (“Maduros”), os de “Médio e Alto Potencial” e os “Emergentes”, e ainda os “Estratégicos”, “Prioritários” e “Secundários”. A Espanha e outros países da Europa (Alemanha, França, Itália, Reino Unido e Irlanda), bem como o Brasil, são os principais visitantes da região de Lisboa. Quanto a “Segmentos de Mercado”, observa-se que as classes etárias de 26-55 anos são as que mais nos visitam<sup>145</sup>. Quanto a “Produtos” há uma grande diversidade na Região de Lisboa, sendo a gastronomia e os vinhos transversais à maioria das zonas. Quanto a “Marcas”, para além das três marcas internacionais - Lisboa, Estoril e Fátima - já incluídas na área promocional de Lisboa, é proposta a inclusão de Sintra como marca internacional pelas características únicas que a identificam como a “Capital do Romantismo”.

Entre os “Programas Estratégicos do TLx 2011-2014”, destaque-se o Programa 2 – “Belém. O Ícone Cultural, Um destino de Museus”, por corresponder ao objeto do nosso estudo. Ainda de acordo com o documento citado, será necessário potenciar a oferta cultural e requalificar a microcentralidade desta zona. O Programa coloca ênfase na necessidade de requalificar equipamentos culturais, como os museus de Marinha e de

---

<sup>144</sup> TURISMO DE PORTUGAL, cit. 143, p. 3.

<sup>145</sup> Esta informação é coincidente com os grupos etários com maior peso no inquérito por nós realizado na zona de Belém, o que contribui para reforçar a sua representatividade.

Arte Popular, e de garantir o desenvolvimento do novo Museu dos Coches, do Museu de Arqueologia, do Centro de Artes da Fundação EDP e do Centro Cultural de Belém.

Em síntese e no essencial, este documento refere que para a promoção de Belém como “Distrito de Museus da Capital” há que desenvolver um projeto integrado incluindo “*marca, sinalética, espaços públicos, transportes e integração da oferta dos vários equipamentos culturais*”<sup>146</sup>.

O Plano Estratégico “Museus para o século XXI”, promovido pelo Ministério da Cultura (MC), teve a sua apresentação pública no Museu Arte Popular, a 20 de janeiro de 2010.

Este Plano Estratégico partiu de um documento estruturado em seis eixos estratégicos fundamentais que incluíam o reenquadramento do sistema de gestão e inovação de modelos para os museus e palácios do Instituto dos Museus e da Conservação (IMC) do MC, “*tendo como desígnio o desenvolvimento cultural dos portugueses e a qualificação da atractividade turística do país*”. No primeiro eixo, intitulado “*Reenquadramento do sistema de gestão dos museus tutelados pelo MC/IMC*”, surge uma referência à zona cultural Ajuda-Belém” que passamos citar: “*Constituição de uma rede integrada dos equipamentos culturais no eixo Ajuda/ Belém, Lisboa, com as parcerias da autarquia e da Associação de Turismo de Lisboa*”. Como sucede com o TLx 14<sup>147</sup>.

O Plano chegou a ser implementado nalgumas vertentes, no entanto, no caso específico do eixo-cultural Ajuda/Belém, não temos conhecimento de ações nem projetos específicos ligados ao Turismo, que mereçam a nossa descrição. Este nem sequer foi mencionado por nenhum dos responsáveis ligados ao turismo de Belém, entrevistados no âmbito deste trabalho.

A 9 de fevereiro de 2010, foi publicada uma Carta de Intenções intitulada “Do Aquarium – Um Itinerário Cultural para Lisboa”, no âmbito projeto “Lisboa como Destino Cultural – Uma Perspetiva de Futuro”, configurando uma proposta de intenções dos participantes dos Encontros de Belém e do Plano Estratégico Nacional de Turismo, elaborada pela Associação INDÚSCRIA, em colaboração com o ICOM.PT e o Museu

---

<sup>146</sup> *Idem, ibidem*, p. 30.

<sup>147</sup> INSTITUTO DOS MUSEUS E DA CONSERVAÇÃO - Plano estratégico para os museus : museus para o século XX, p. 2.

Coleção Berardo, na qualidade de entidades promotoras. Pela importância deste documento, divulgado *on-line* para adesões futuras, como elemento dinamizador de vontades coletivas, dele se dá conta, no âmbito deste trabalho. O documento consta essencialmente de uma parte introdutória denominada “contexto de partida” no qual se referem as mesas redondas que o ICOM.PT organizou em 19 de maio de 2009, 11 de janeiro e 9 de fevereiro de 2010, no Museu-Coleção Berardo, em Lisboa. Nestas datas e pela primeira vez todos os diretores dos espaços museológicos e monumentais, assim como de fundações, se reuniram para discutir as possibilidades de uma gestão integrada da zona, sob o lema “Museus de Belém”.

As propostas aprovadas em Mesa-Redonda foram publicitadas através da internet (disponível para consulta<sup>148</sup>) e para dar continuidade ao que então se iniciou ficou acordado promover novos encontros, entre os participantes.

---

<sup>148</sup> Carta de intenções : Do aquarim ao aceanarim \_ um itinerário cultural para Lisboa.

## IV. A Zona Cultural de Belém

Para efeitos de caracterização da zona de Belém abordam-se os seguintes temas: a zona de Belém no contexto urbanístico de Lisboa, o seu simbolismo e eventos que a marcaram historicamente.

*“Enobrece muito a este Lugar [de Belém] o sumptuoso Convento de Frades Jerónimos, cuja fundação é a seguinte. O Real Convento de Belém está situado em hua alegre, e vistosa planície, junto do mar, hua légua de Lisboa para o Poente, em um lugar, em que antigamente se chamava Rastello, e depois Restêlo (...)”*  
(in “Corografia Portuguesa, e Descrição Topográfica do Famoso Reyno de Portugal”, vol. III, 1712 <sup>149</sup>)

### 4.1. Descrição Histórica, Urbanística e Simbólica da zona de Belém

Situada na margem norte do Tejo, Santa Maria de Belém é hoje a freguesia <sup>150</sup> mais ocidental de Lisboa, delimitada pelas ribeiras de Algés, a ponte, e de Alcântara, a nascente. Presentemente tem uma área de 3.37 Km<sup>2</sup> e uma população residente de cerca de 8.500 habitantes <sup>151</sup>.

A atual zona de Belém, outrora Restêlo até início do século XVI, foi povoada desde tempos muito remotos, como atestam vestígios humanos do Paleolítico Superior e, particularmente, do Neolítico <sup>152 153</sup>. Terá começado por ser habitada por comunidades dispersas de pescadores e caçadores que deram lugar, no final do “Período dos Metais” (c. V - I Milénio AC <sup>154</sup>), a povoados rurais nas colinas e junto aos cursos de água, à beira Tejo. Já na Alta Idade Média (c. séculos V-VII DC) a paisagem seria salpicada por

---

<sup>149</sup> Cit. por FRANCO, Luiz Farinha [et al.] - Jerónimos : memórias de cinco séculos : 1501-2001 : fragmentos literários, p. 101.

<sup>150</sup> - Já em fase de (conclusão) avançada do presente trabalho houve uma reforma administrativa do Estado que associou as anteriores freguesias de S. Francisco Xavier e Santa Maria de Belém numa única, que passou a designar-se apenas por Belém. Neste Capítulo seguimos a terminologia antiga, fazendo corresponder a “zona de Belém” apenas à “zona de Sta. Maria de Belém”.

<sup>151</sup> Instituto Nacional de Estatística - Censos : resultados definitivos : região Lisboa 2011, p. 95

<sup>152</sup> SANCHES, José Dias - Belém e arredores através dos tempos, p. 13.

<sup>153</sup> *Idem*, Belém do Passado e do Presente, 16.

<sup>154</sup> Dados indicados por Filomena Barata, arqueóloga da Direção-Geral do Património Cultural.

muitas hortas, moinhos e lugarejos<sup>155</sup>. No século XIII o povoamento desta zona era disperso e a ligação a Lisboa fazia-se pela ponte de Alcântara.

Segundo o cronista Rui Pina<sup>156</sup> (1440-1522), nos relatos sobre a Guerra com Castela, em 1295, o ancoradouro do Restêlo seria um dos mais antigos operando, desde essa altura, como antecâmara do porto de Lisboa<sup>157</sup>. De acordo com o “Foral da Portagem da Cidade de Lisboa”<sup>158</sup>, anterior a 1337, o florescimento do porto e da aldeia do Restêlo deveu-se, sobretudo, à sua intensa atividade comercial<sup>159</sup>. Em 1337, o Restêlo era já reconhecido como um importante povoado com muitos moradores e onde os estrangeiros tinham de regalias especiais<sup>160</sup>.

A estreita ligação com o rio Tejo deu origem a várias atividades ribeirinhas que aí fixaram muitos marinheiros ao invés de seguirem para Lisboa. O facto de aí se “rastelar” o linho para o fabrico das cordas dos barcos terá, segundo a tradição oral, originado o “topónimo” Restêlo<sup>161</sup>. Para Zurara<sup>162</sup> mas também para outros estudiosos mais atuais, a “aldeia do Restêlo” terá possivelmente um significado com origem marítima, hoje em dia irrecuperável<sup>163</sup>. Por sua vez, Paulo Pereira, equaciona ainda a remota hipótese do termo “restêlo” poder derivar do nome da extinta “Capela de Nossa Senhora da Estrela”, aí situada<sup>164</sup>.

O porto do Restêlo tem uma dimensão simbólica e material, relacionada com todo o processo expansionista. Pode-se considerar que o início da expansão marítima portuguesa teve lugar a 25 de julho de 1415 na “praia do Restêlo”, com a saída da

---

<sup>155</sup> FREITAS, Eduardo [et al.] - Lisboa : freguesia de Belém, p. 27.

<sup>156</sup> Cronista oficial de D. João II e de D. Manuel I.

<sup>157</sup> PINA, Rui de – Crónica de D. Dinis, p. 244.

<sup>158</sup> Foral concedido por D. Fernando I (1345-1383). O texto do foral foi entretanto revisto por D. João I (1357-1433) e realizou-se outro. Contudo o novo e o velho forais arderam em Almeirim, pelo que D. Duarte (1391- 1438) teve que ordenar a realização de outros dois livros a partir do exemplar existente na Câmara de Lisboa (Carta régia de 1434).

<sup>159</sup> SANCHES, cit. 153, p. 26; RIBEIRO, Mário de Sampayo - Do sítio do Restelo e das suas igrejas de Santa Maria de Belém, 291; A freguesia : história. Junta de Freguesia Santa Maria de Belém.

<sup>160</sup> FREITAS, cit. 154, p. 27.

<sup>161</sup> Foral concedido por D. Fernando I (1345-1383). O texto do foral foi entretanto revisto por D. João I (1357-1433) e realizou-se outro. Contudo o novo e o velho forais arderam em Almeirim, pelo que D. Duarte (1391- 1438) teve que ordenar a realização de outros dois livros a partir do exemplar existente na Câmara de Lisboa (Carta régia de 1434). SANCHES, cit. 151, p. 10, 22-23.

<sup>162</sup> Gomes Eanes Zurara foi cronista régio no reinado de D. Afonso V (c. 1410/1420 a 1473-1474).

<sup>163</sup> RIBEIRO, cit. 159, p. 295; SILVA, Isabel [et al.] – Belém, p. 16.

Esta opinião foi-nos também transmitida pessoalmente por Pedro Prista Monteiro, antropólogo e Professor Doutor no Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL).

<sup>164</sup> PEREIRA, Paulo – Guia Oficial do Mosteiro dos Jerónimos, p. 11.

armada naval para a conquista de Ceuta. Essa viagem conferiu especial notoriedade àquele simples povoado à beira-Tejo, contribuindo para o seu desenvolvimento.

Nos meados do século XV, a crescente utilização do porto do Restêlo, terá levado o infante D. Henrique a ampliar uma ermida aí existente, segundo consta sob a invocação de Nossa Senhora da Estrela, que estaria associada à navegação dos mares e à lembrança do episódio dos Reis Magos. Segundo as palavras de Paulo Pereira foram *também eles guiados a Belém, até Jesus, por uma miraculosa estrela e que tradicionalmente estaria associada aos mares e à ao episódio da chegada dos reis Magos a Belém*. A ermida que se seguiu obteve estatuto de capela em 1459 (bula do Papa Pio II) e foi pouco tempo depois dedicada a Santa Maria de Belém e a Nossa Senhora dos Reis<sup>165</sup>, tal qual a sua antiga invocação, tendo sido doada aos frades da Ordem de Cristo para fins assistenciais e de apoio aos navegantes<sup>166</sup>.

Devido, em parte, às suas reduzidas dimensões, em 1495 D. Manuel I requereu autorização à Santa Sé para fundar, no lugar da velha Ermida da Ordem de Cristo, um Convento de frades Jerónimos. Assim, em 1496, D. Manuel I obteve permissão da Santa Sé para erigir um Mosteiro à entrada de Lisboa, junto ao Tejo, com vista a perpetuar a memória de D. Henrique, homenagear a Virgem de Belém e reunir aí, em panteão, o ramo dinástico por ele iniciado<sup>167</sup>.

Em 1497, pese embora a modéstia da Ermida de Santa Maria de Belém ou do Infante, Vasco da Gama aí rezou e fez vigília, nas vésperas da sua partida para a Índia, conferindo um estatuto ainda mais emblemático a este local<sup>168</sup>.

Neste contexto, o historiador João de Barros (1494-1570) relata: “(...) *um dia antes da sua partida foi (o Gama) ter vigília com os outros capitães à casa de N<sup>a</sup>. Sr<sup>a</sup> da invocação de Belém, situada neste lugar do Restêlo, a qual naquele tempo era uma ermida que o Infante D. Henrique mandou fundar, onde estão ainda alguns freires da Ordem de Cristo para administrarem os sacramentos aos mareantes. (...) No qual acto foi tanta a lágrima de todos, (...) donde com razão lhe podemos chamar praia de lágrimas para os que vão e terra de prazer aos que vêm (...)*”. Em julho ou agosto, souou a notícia da descoberta do caminho marítimo para a Índia<sup>169</sup>.

---

<sup>165</sup> A 14 de outubro de 1459, a Bula de Pio II confirmou e instituiu em Paróquia a Ermida de Santa Maria de Belém ou (ou do Infante), doada à Ordem de Cristo, em 1460.

<sup>166</sup> PEREIRA, cit. 164, p. 11.

<sup>167</sup> SANCHES, cit. 152, p. 174, *idem*, cit. 151, p. 41; Monumento : história : séc. XVI. Mosteiro dos Jerónimos.

<sup>168</sup> PEREIRA, cit. 164, p. 11.

<sup>169</sup> NÉU, João B. M - Em volta da torre de Belém : do séc. XIV ao séc. XX, p. 51-52.

No Dia de Reis (6 de janeiro de 1501 ou 1502<sup>170</sup>), em homenagem à chegada dos Reis Magos a Belém, terá sido lançada a primeira pedra do Mosteiro de Santa Maria de Belém, cuja construção demorou sensivelmente um século<sup>171</sup>. Em 1503, D. Manuel I doou o novo Mosteiro aos frades da Ordem de S. Jerónimo da Regra de Santo Agostinho requerendo apenas contrapartidas espirituais. Os monges deveriam rezar pela alma do rei e familiares, bem como prestar apoio espiritual aos navegadores que partiam do Restelo<sup>172</sup>. Para Paulo Pereira, o dia (Dia de Reis) em que simbolicamente se iniciou a construção deste Mosteiro e a sua própria invocação, fizeram dele “*uma Nova Belém, um novo presépio, um novo ponto de partida para a cristandade*”, interligado com o “*providencialismo messiânico do período «Manuelino»*” que aqui surge perpetuado através da sua decoração simbólica<sup>173</sup>.

A glória da expansão marítima portuguesa ficou assim eternizada no Mosteiro dos Jerónimos e na Torre de Belém, duas obras-primas do designado estilo manuelino<sup>174</sup>, pela vasta decoração simbólica associada aos descobrimentos que os caracteriza - elementos exóticos da flora e da fauna, motivos náuticos, heráldica régia e religiosa, entre outros.

Nos inícios do século XVI, a população de Belém cresceu substancialmente devido à construção do Mosteiro de Santa Maria de Belém<sup>175</sup> e da Torre de Belém<sup>176</sup>. Célebres arquitetos, novos mestres pedreiros, construtores e outros “*(...) passaram, decerto, a viver ali, a fim de se encontrarem próximo da obra onde ocupassem as suas actividades*”<sup>177</sup>. Após o início das obras do novo Mosteiro que começou a funcionar como epicentro na zona, D. Manuel I passou a designar o sítio do “Restêlo” por

---

<sup>170</sup> As obras do Mosteiro dos Jerónimos, iniciadas em 1501 ou 1502 [o ano não é certo] (PEREIRA, cit. 155, p. 5). Foram executadas no reinado de D. Manuel I e ainda no início de D. João III, até cerca de 1530.

<sup>171</sup> PEREIRA, cit. 164, p. 5.

<sup>172</sup> SILVA, cit. 163, p. 24; Monumento : história : séc. XVI. Mosteiro dos Jerónimos.

<sup>173</sup> PEREIRA, Paulo - O estaleiro de Santa Maria de Belém, p. 60 e 62; *idem*, cit. 163, p. 5.

<sup>174</sup> O designado “estilo manuelino”, foi somente apelidado por Francisco Adolfo Varnhagen, em meados do século XVIII, na obra relativa ao estudo dos Jerónimos intitulada “Notícia Histórica e Descritiva do Mosteiro de Belém”, de 1842.

<sup>175</sup> O Mosteiro de Santa Maria de Belém ou Jerónimos, foi o maior e mais importante estaleiro do tempo de D. Manuel, e o primeiro do país (PEREIRA, cit. 163, p. 819).

<sup>176</sup> Originalmente por invocação de São Vicente de Saragoça, padroeiro de Lisboa, esta Torre foi designada no século XVI pelo nome de Baluarte de São Vicente a par de Belém e por Baluarte do Restelo. As suas obras estenderam-se entre 1514 e 1521 (Torre de São Vicente / Torre de Belém : cronologia).

<sup>177</sup> SANCHES, cit. 153, p. 65.

“Belém”, em virtude da invocação daquele espaço a “Santa Maria de Belém”. Desde então, a zona passou a ser conhecida como “Belém”.

A este propósito, D. Jerónimo de Osório teceu a seguinte relato, em 1571: “(...) *naquele mesmo sítio em que o infante D. Henrique edificara uma ermida em louvor da Santíssima Virgem, se dispôs (D. Manuel) a levantar um templo muito magnífico e muito amplo, (...), e o consagrou à memória da mesma soberana Virgem, que venerava com particular devoção. E mandou que aquele sítio (até ali Restêlo) fosse em diante chamado Belém, em semelhança daquela cidade em que Cristo nasceu para redenção do género humano*”<sup>178</sup>.

Em consonância com a importância do nome “Belém”, daqui partiram muitas das mais notórias armadas e chegaram notícias de Descobertas. A título de exemplo recorda-se o regresso de Cristóvão Colombo da América (1493) e as partidas das embarcações de Vasco da Gama (Índia, 1497), Pedro Álvares Cabral (Brasil, 1500), Francisco Xavier (Oriente, 1541), entre outros.

O frenesim causado pelas expedições, que atraíam gente de todas as classes sociais àquele velho burgo de pescadores, foi descrito por vários autores, em particular Luís Vaz de Camões, em “Os Lusíadas”, Canto IV, nomeadamente nas estrofes 88 e 92.

88

«A gente da cidade aquele dia,  
(Uns por amigos, outros por parentes,  
Outros por ver somente) concorria,  
Saudosos na vista e descontentes.  
E nós coa virtuosa companhia  
De mil Religiosos diligentes,  
Em procissão solene a Deus orando,  
Para os batéis viemos caminhando».

92

«Nestas e outras palavras que diziam  
De amor e de piedosa humanidade,  
Os velhos e os meninos os seguiam,  
Em quem menos esforço põe a idade.  
Os montes de mais perto respondiam,  
Quase movidos de alta piedade;  
A branca areia as lágrimas banhavam,  
Que em multidão com elas se igualavam».

Em virtude destes acontecimentos com relevância nacional, Belém começou a adquirir um redimensionamento urbano, ambicioso e grandioso, em consonância com as aspirações de D. Manuel I para Lisboa: “*remoçada e engrandecida, que fosse a primeira das cidades peninsulares e sede condigna do maior empório da Cristandade*”<sup>179</sup>. Contudo foi D. João V que “*ao olhar para aquêle burgo, sonhou fazer dêle uma monumental moradia régia, «cuja grandeza nos desse a medida da sua alma...*”<sup>180</sup>.

<sup>178</sup> SILVA, cit. 163, p. 68. Cit. por OSÓRIO, D. Jerónimo de - Da vida e feitos de el-rei D. Manuel, p. 76.

<sup>179</sup> *Idem ibidem*, p. 18.

<sup>180</sup> SANCHES, cit. 152, p. 95.

Assim, para além do Mosteiro e do Baluarte, emergiram na zona edifícios de interesse como as Mercearias<sup>181</sup> de D. Luiz (filho de D. Manuel I) e de D. Catarina D'Áustria, respetivamente “Mercearia de Baixo” e “de Cima”<sup>182 183</sup>, construções defensivas na barra do Tejo, palacetes e quintas nobres de ocupação maioritariamente sazonal e conventos, sobretudo de freiras. Estes incrementaram à sua volta esferas comerciais e sociais próprias que contribuíram para o desenvolvimento sociocultural, urbanístico, político, económico e religioso de Belém, bem como para a carga simbólica, reforçando a importância deste local.

No século XVII “Belém do Restelo” já participava na vida política e social de uma Lisboa à qual ainda não pertencia. A sua importância como subúrbio da capital cresceu, embora alguns relatos, como por exemplo o de frei Nicolau de Oliveira, de 1620, já a incluíssem dentro do perímetro da cidade<sup>184</sup>.

Sítio de pescadores e de navegações, com uma carga emotiva e espiritual significativa, frequentemente acompanhada por manifestações religiosas – vigílias, missas e procissões, em que os frades Jerónimos marcavam presença regular -, foi sobretudo durante os séculos XVII e XVIII que estas manifestações tiveram mais impacto no espaço de Belém-Ajuda.

As irmandades de Belém surgiram no século XVII – “Irmandade de Nossa Senhora das Estrelas” (1646 – c. 1700) e “Irmandade do Senhor dos Passos” (1672-1754). Destas, a segunda, contribuiu de forma muito visível para avivar o espírito religioso e social de Belém, era uma instituição religiosa formada pelos melhores

---

<sup>181</sup> Belém, Rua de. Espaço e tempo : revelar Lx.

De acordo com o site “Espaço e tempo : revelar Lx: ”(...) Pensando nos marinheiros e nas suas famílias o infante D. Luís, filho de D. Manuel I, e a Rainha Dona Catarina, mulher de D. João III, instituíram duas Mercearias (esta designação tem origem na palavra “mercê”) – obra pia constituída por conjuntos de pequenas casas, nas quais viviam com as suas famílias homens de condição nobre que devido ao seu contributo para a Expansão tinham ficado estropiados ou na miséria. As benesses dessas mercearias incluíam uma certa quantidade de mantimentos, renda fixa, serviços de barbeiro, de médico e cirurgião. Os merceeiros estavam obrigados ao cumprimento de regras, como assistir a um determinado número de missas e celebrações religiosas.”

<sup>182</sup> A «Mercearia» fundada pelo Infante D. Luís, ficava no local onde hoje fica o Pavilhão da Marinha, e a fundada por D. Catarina D'Áustria onde hoje existe a Pensão Setubalense.

A instituição fundada pelo Infante D. Luís era para onze merceeiros, tendo cada um cinco alqueires de trigo, dois almudes de vinho, duas canastras de azeite, 1.100 réis em dinheiro, casas com os seus quintais, médico, cirurgião e barbeiro. A mercearia de cima, para a qual a bondosa Rainha olhava como sua protectora inseparável, era para vinte merceeiros, com cinco alqueires de trigo e 1.600 réis em dinheiro para cada um, casas, médico, cirurgião e barbeiro. Tiveram uma atividade essencial ao crescimento de Belém, até 1834 (SANCHES, cit. 151, p. 150).

<sup>183</sup> ARAÚJO, Norberto de - Peregrinações em Lisboa, p. 75; SILVA, cit. 162, p. 150.

<sup>184</sup> ARAÚJO, cit. 182, p. 68.

elementos da aristocracia nacional<sup>185</sup>, que não olhava a gastos na organização de grandiosas festas e procissões<sup>186</sup>.

Em termos administrativos, entre os séculos XVII e XVIII, Belém fazia parte de um dos onze lugares que integravam a Freguesia da Ajuda, sendo um dos mais desenvolvidos e habitados<sup>187</sup>.

Nos começos do século XVIII, as qualidades aprazíveis de Belém e a sua vocação marítima atraíram várias famílias nobres, que aí construíram as suas casas de verão, entre os sítios da Junqueira e Pedrouços. A esse propósito leia-se o que Carvalho da Costa (1650-1715) relata na sua “Corografia Portuguesa”. O próprio D. João V (1689-1750) comprou aí quintas e propriedades, sobretudo entre 1726 e 1728, tendo adquirido seis das mais cobiçadas. Belém foi igualmente cenário de eleição para várias experiências de arquitetura efêmera, sobressaindo a construção temporária de praças de touros, no terreiro em frente do Palácio de Belém, que acentuaram o carácter lúdico e a afluência de gente a este lugar. Nesse sentido, em Julho de 1738, a história de Belém ficou marcada por uma festa tauromáquica que durou três dias e terá dado muito que falar *“não só pelos nomes dos afamados lidadores, como pela magnífica pompa e luzimento com que se revestiu essa função...fora da improvisada praça, ver-se-iam côches, estufins, sèges e liteiras... Do rio desembarcava gente de todos os lados. A música indispensável completava aquela festividade que causava uma estrondosa admiração aos espanhóis, que de propósito da sua terra vieram assistir...na mente de toda aquela gente se fixava a melhor das festas vistas até àquela época”*<sup>188</sup>. Os espetáculos equestres no Picadeiro contíguo ao Palácio de Aveiras, atual Museu Nacional dos Coches, também foram frequentes<sup>189</sup>. Na época foram ainda expostos animais exóticos em jaulas no pátio de entrada do referido Palácio, que lhe deram o nome de “Pátio dos Bichos”<sup>190</sup>.

Após o terramoto de 1 de novembro de 1755 - que pouco afetou a região de Belém e da Ajuda - a estrutura urbanística local sofreu alterações com a fixação de

---

<sup>185</sup> Os Condes de Aveiras e da Ribeira, D. Luís de Portugal, D. Luís de Távora, D. Manuel de Sousa Coutinho e tantos outros nomes gradados dessa época, compunham a mesa administrativa daquela confraria. (SANCHES, cit. 152, p. 148-149).

<sup>186</sup> SANCHES, cit. 152, p. 146-149, 158, 190-198; SILVA, cit. 163, p. 31, 76-77.

<sup>187</sup> SILVA, cit. 163, p. 78.

<sup>188</sup> SANCHES, cit. 153, p. 165.

<sup>189</sup> SILVA, cit. 163, p. 81-83.

<sup>190</sup> Exposições : Residência régia de veraneio. Museu da Presidência da República.

muita gente nos baldios locais. A própria família real mudou-se para o alto da Ajuda, local de pouca atividade sísmica, tendo habitado um palácio de madeira e pano mandado construir por D. José I (1714-1777), a que se chamou “Real Barraca” ou “Paço de Madeira”.

A estadia do rei e do seu ministro – o futuro Marquês de Pombal, no eixo de Belém-Ajuda, durante o terceiro quartel do século XVIII, acabou por tornar esta zona no centro político do país, atraindo até si grande parte das atenções<sup>191</sup>.

Belém viveu contudo um dos piores dias da sua história pouco tempo depois, a 13 de janeiro de 1759, com a execução em praça pública dos marqueses de Távora e do duque de Aveiro, supostos conspiradores da tentativa de assassinato de D. José I. O Palácio do Duque de Aveiro, tido como sede da conspiração, foi queimado e no local ergueu-se um Padrão em memória do castigo imposto àqueles que teriam atentado contra o rei<sup>192</sup>. Os principais incidentes ligados a esta tragédia concentraram-se em Belém, como ainda hoje testemunha a presença do Padrão do Chão Salgado<sup>193</sup>.

Em contrapartida, a 8 de julho de 1785, véspera do casamento de D. João VI com D. Carlota Joaquina, as ruas da Ajuda e Belém viveram intensos festejos públicos. A futura rainha desembarcou no Cais de Belém “acompanhada por uma comitiva bastante luzidia”<sup>194</sup>. Poucos anos depois, a 9 de julho de 1793, realizou-se o último festejo do “Paço de Madeira”, na Ajuda, que ficou na memória: foi a “Procissão do Corpo de Deus”, em ação de graças pelo nascimento da Infanta Maria Teresa, primeira filha daqueles reis. Nessa procissão, que percorreu a Calçada de D. João, a Rua da Bica do Marquês e a Calçada da Ajuda participaram toda a corte, irmandades, vários professores, povo, etc., “os Fortes, Torres e Naus ancorados no Tejo, salvaram à saída e entrada da procissão na Real Capela da Ajuda, o que já tinham feito à hora do nascimento”<sup>195</sup>.

O ano de 1794, ficou célebre na história da zona devido ao incêndio na Real Barraca da Ajuda, a 10 de novembro. Após este grande incidente a família real mudou-

---

<sup>191</sup> SILVA, cit. 163, p. 130; MELO, Ana Homem de - Santa Maria de Belém e São Francisco Xavier, p.19; A freguesia : história, cit. 156.

<sup>192</sup> NÉU, cit. 169, p. 161.

<sup>193</sup> “(...) Com efeito, foi no caminho da quinta do Meio para o paço de madeira que o crime se deu; foi à Junqueira que o rei se recolheu e foi sanado; foi nas prisões de Belém que os suspeitos foram detidos; foi no Pátio das vacas que a suprema Junta de Inconfidência se reuniu; foi no cais fronteiro ao palácio de Belém que se ergueu o cadafalso e se consumou a justiça régia. E é em Belém que se ergue o monumento que ainda hoje recorda estes trágicos eventos: o padrão do chão salgado (SILVA, cit. 162, p. 153; NÉU, cit. 169, p. 151, 157).

<sup>194</sup> SANCHES, cit. 152, p. 173.

<sup>195</sup> *Idem ibidem*, p. 137.

se para o Palácio de Queluz, iniciando-se em 1796 a construção do Real Paço de Nossa Senhora da Ajuda.

Na segunda metade do século XVIII, à zona de Belém foi acrescentado um novo elemento, a presença militar, com a instalação, na calçada da Ajuda, dos quartéis do regimento de infantaria e de cavalaria. Por sua vez, a proteção da costa foi também reforçada com a construção do forte do Bom Sucesso. Estas unidades conferiram a Belém o estatuto de um dos mais importantes centros militares de Lisboa. Para além dos novos quartéis, a instalação de fábricas, entre as quais as de fabrico de cabos e cordame a funcionar na Real Fábrica da Cordoaria da Junqueira (1779), e de instituições de cariz científico e cultural como o “Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda”<sup>196</sup>, também designado por “Real Jardim Botânico, Laboratório Chímico [Químico], Museu e Casa do Risco”<sup>197</sup>, contribuíam para o aumento significativo da população e por conseguinte da atividade social de Belém, que constituía um animado centro de recreio, lazer e cultura quer das classes burguesas quer da aristocracia.

Para além dos referidos aspetos militares e culturais, o sítio de Belém manteve vivas as práticas religiosas, que desde há muito a caracterizavam. Neste âmbito, merece algum destaque o “Giro de Nossa Senhora do Cabo / Santa Maria da Pedra de Mua”, vulgo “Círio Saloio”<sup>198</sup>, confraria religiosa popular, com origem no século XV, que fazia paragem em Belém e que gozou de especial proteção da Família Real, a partir do século XVIII<sup>199</sup>.

Na segunda metade do século XVIII e no século seguinte, Belém foi frequentemente referido na literatura de viagens europeia, surgindo por vezes como forte rival da capital lisboeta nas descrições e relatos dos viajantes. Dois dos seus monumentos históricos mais referidos e ilustrados por muitos viajantes estrangeiros imbuídos pelo espírito da *Grand Tour* e da literatura de viagens foram, sem dúvida, o

---

<sup>196</sup> Destinado à educação dos Príncipes, foi o 1º Jardim Botânico em Portugal (1768) e 15º na Europa. Este projeto deveu-se ao botânico italiano, Domingos Vandelli, seu primeiro diretor, em 1791.

<sup>197</sup> CAIXINHAS, Lisete - História dos jardins botânicos em Portugal, p. 170-185.

<sup>198</sup> Segundo Luís Marques (2007), os Círios eram confrarias populares estremenhas, que ciclicamente se deslocam ao santuário, em cumprimento de uma promessa que a aldeia ou povoação teria feito em tempos (míticos). Para Heitor Pato (2005), os Círios apesar da sua humilde e popular origem cresceram em importância até atingirem o seu ponto culminante no século XVIII, tendo sido frequentemente honrados com a participação, os donativos e as atenções da Família Real Portuguesa.

Nos finais do século XIX, ficou acordado que as freguesias poderiam festejar Nossa Senhora nas suas paróquias. Aquelas que não o pudessem fazer deveriam levá-la para a Ermida de Nossa Senhora das Dores, em Belém, para ali ser entregue à freguesia que se seguisse na ordem do giro; caso não fosse possível (PATO, Heitor Baptista - O culto saloio à Sra. do Cabo, p. 59).

<sup>199</sup> *Idem, ibidem*, p. 50.

Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém, a título de exemplo destacam-se alguns desses autores: o arquiteto irlandês James Murphy - *Travels in Portugal* [1795], o escritor inglês William Beckford - *Italy with sketches of Spain and Portugal* [1833], o polaco Athanasius Raczyński - *Les Arts en Portugal* [1854]<sup>200</sup>, o escritor italiano Giuseppe Baretti *Lettere Familiari* (1760), o militar, diplomata e historiador brasileiro Francisco Adolfo de Varnhagen - *Notícia Histórica e Descritiva do Mosteiro de Belém* [1842], o francês crítico de teatro, ensaísta, romancista e acérrimo viajante Louis Ulbach - *Espagne et Portugal. Notes et Impressions* [1886]<sup>201</sup>, são apenas alguns exemplos.

No reinado de D. José I, Belém adquiriu o estatuto, embora ainda não oficial, de bairro administrativo e judicial autónomo. Tal deveu-se sobretudo ao empenho do Marquês de Pombal que procurou dotar o bairro de meios ajustados para acolher a sede do governo. O bairro de Belém estava integrado juntamente com toda a freguesia da Ajuda, parte das de Alcântara e Santa Isabel, e ainda, no termo da cidade, as freguesias de Benfica, Belas, Barcarena e Carnaxide<sup>202</sup>.

Em 1798, o bairro de Belém foi finalmente considerado parte integrante da cidade de Lisboa. Até essa época fizera parte da Ajuda, tal como o Bairro de Alcântara.

Nos começos do século XIX deu-se um incidente histórico, com repercussões nacionais alargadas e que alterou completamente o rumo da zona. Na sequência da primeira Invasão Francesa, em novembro de 1807, no dia 27 a família real e grande parte da corte partiram para o Brasil onde permaneceram exilados quase duas décadas. Até 19 de novembro terão embarcado perto de quinze mil pessoas no cais de Belém, que se encheu sobretudo de gente do povo e frades do convento para assistirem aos preparativos dessa viagem.

Alguns anos depois, a 3 de Julho de 1821, festejou-se com toda a pompa e entusiasmo o regresso de D. João VI, na Real Capela de N. S. da Ajuda<sup>203</sup>. Embora em 1813 tenha sido criado o bairro de Belém (destacado do bairro do Mocambo) como um dos 13 distritos administrativos de tipo civil e judicial que integravam a cidade, só em 28 de dezembro de 1833 é que foi criada a freguesia de

---

<sup>200</sup> RODRIGUES, Paulo S. - A construção da memória da cidade : do monumento ao lugar, p. 16 e 22

<sup>201</sup> FRANCO, cit. 150, p. 237, 181-182.

<sup>202</sup> SILVA, cit. 163, p. 132; A freguesia : história, cit. 156.

<sup>203</sup> SANCHES, cit. 152, p. 187 e 189.

Belém passando a constituir um dos seis distritos da cidade. Abrangia a freguesia de Ajuda<sup>204</sup>.

A Freguesia de Belém foi a primeira de Lisboa a ser criada sem invocação religiosa, apesar de estar instalada desde o início na igreja do Mosteiro de Santa Maria de Belém. No dia seguinte à extinção do Mosteiro, a 23 de março de 1834, instituiu-se a Freguesia de Santa Maria de Belém<sup>205</sup>.

Por coincidência, no mesmo ano de 1833, esta zona sofreu uma profunda alteração com a secularização do Mosteiro dos Jerónimos (decreto 28/12). Parte desse espaço, com uma atividade litúrgica e devocional de cerca de quatro séculos e uma carga simbólica fundamental para o reconhecimento da zona, foi entregue à Real Casa Pia de Lisboa, instituição de acolhimento de órfãos e desfavorecidos, o que, consequentemente diminuiu da atividade religiosa local.

Em 1837, na sequência da extinção das ordens religiosas<sup>206</sup> (decreto de 30 de maio de 1834), iniciou-se o fabrico dos “Pastéis de Belém” numas instalações junto a uma refinaria de cana-de-açúcar que funcionava ao lado do Mosteiro dos Jerónimos. Segundo a direção da atual Fábrica, estes seriam feitos com uma antiga receita do Mosteiro<sup>207</sup>, cujo sucesso inicial se deve, em parte, à imponência dos Jerónimos e da Torre de Belém, que terão atraído à zona inúmeros visitantes. Até hoje, o êxito dos Pastéis não tem parado de crescer, dentro e fora do país, assumindo-se como uma referência cultural do país e de Belém.

Entre 2 e 4 de novembro de 1836, Belém foi palco da “Belenzada”<sup>208</sup>, golpe de Estado falhado que pretendeu fazer face à Revolução de setembro de 1836, que retirara quase todos os poderes à Rainha D. Maria II. Na década seguinte, de 1845 a 1846, durante as obras do Palácio das Necessidades, a Rainha e a família real residiram no

---

<sup>204</sup> FREITAS, cit. 155, p. 34.

<sup>205</sup> NÉU, cit. 169, p. 307; SILVA, cit. 162, p. 137.

<sup>206</sup> A Extinção da Ordens Religiosas, decretada em 30 de maio de 1834 (diploma assinado entre liberais e miguelistas na Vila alentejana de Évora Monte, em 26 de maio, que pôs termo à Guerra Civil Portuguesa [1828-1834], extinguiu todos os conventos, mosteiros, hospícios e quaisquer casas de religiosos das ordens religiosas, bem como a incorporação dos seus bens na Fazenda Nacional.

<sup>207</sup> NÉU, cit. 169, p. 312, refere: “Há quem atribua aos célebres Pastéis de Belém uma origem mais ou menos mítica, de provirem de fórmulas e métodos de fabrico já usados pelas freiras de Odivelas ou pelos frades dos Jerónimos (...)”.

<sup>208</sup> A «Belenzada» consistiu numa tentativa de golpe de Estado levada a efeito por D. Maria II e pelo partido cartista, que procurou fazer face à Revolução de Setembro de 1836. Ocorreu entre 2 e 4 de Novembro desse ano, sob a proteção da esquadra inglesa ancorada no Tejo e contou com o apoio do rei Leopoldo da Bélgica (Belenzada. Infopédia).

Palácio de Belém, onde nasceu a infanta D. Antónia, acontecimento que deu azo a grandes festejos<sup>209</sup>.

Finalmente, a 11 de setembro de 1852<sup>210</sup>, foi criada a Câmara Municipal de Belém, e por decreto de 16 de outubro, desse mesmo ano, passaram a constituir as freguesias do Concelho de Belém: Nossa Senhora da Ajuda, Santa Maria de Belém, Nossa Senhora do Amparo de Benfica, S. Lourenço de Carnide, Menino Jesus de Odivelas e as zonas extramuros das freguesias de São Pedro de Alcântara, Santa Isabel e S. Sebastião da Pedreira. Belém viveu a sua maior autonomia administrativa até 1885, quando se redefiniram os limites urbanos da cidade<sup>211</sup>.

O primeiro presidente da Câmara de Belém foi o historiador Alexandre Herculano, que exerceu o cargo entre janeiro de 1854 e dezembro de 1855. Apesar da curta passagem, Herculano destacou-se como um dos principais percussores do movimento de defesa do património cultural nacional.

O facto da família real ter fixado residência neste local foi pretexto para a Câmara Municipal de Belém tentar elevar-se, gradualmente, a autêntica capital do reino. Nesse sentido, a Câmara aproveitou a ocasião do casamento de D. Luís I com D. Maria Pia de Sabóia, em 1862, para requerer ao rei as suas insígnias<sup>212</sup>, com a finalidade de surgir representada nos eventos da boda. O Município de Belém optou então pela simbologia de uma iconografia historicista e revivalista, apresentando no primeiro espaço do seu escudo a figuração da Torre de Belém, junto à partida da armada de Vasco da Gama para a Índia e no segundo, o busto daquele navegador<sup>213</sup>, que remetem intencionalmente para a memória dos Descobrimentos.

---

<sup>209</sup> SANCHES, cit. 152, p. 113-114.

<sup>210</sup> Por decreto de 11 de Setembro de 1852 foi feita uma remodelação completa do Concelho de Lisboa e criaram-se dois novos concelhos, um a nascente de Lisboa, com o nome de Olivais, e outro ao poente com a designação de Belém, formados com as freguesias que então pertenciam ao termo de Lisboa e com algumas da Cidade (SILVA, Augusto Vieira da - Dispersos, p. 48-49).

<sup>211</sup> SILVA, cit. 163, p. 196; SILVA, cit. 210, p. 49.

<sup>212</sup> “Insígnia” é um sinal ou marca que identifica uma instituição, um cargo ou um estatuto de uma determinada pessoa. As insígnias são, normalmente, usadas sob a forma de emblemas ou distintivos. Em termos de registo de propriedade industrial, em Portugal, são denominadas insígnias, as marcas identificativas de um estabelecimento que contenham sinais figurativos.

<sup>213</sup> SILVA, cit. 163, p. 196 e 218.

Em 1872, foi instituída a importante procissão anual do Senhor Jesus dos Passos de Belém<sup>214</sup> (bula papal de Pio VI, de 7 de Março) que, segundo a tradição local acalmava o espírito dos que se faziam ao mar<sup>215</sup>.

Pouco depois, em 1880, viveu-se em Belém um momento de júbilo revivalista, com o tricentenário de Luís Vaz de Camões: o corpo do poeta e o de Vasco da Gama foram trasladados para o Mosteiro dos Jerónimos, juntando-se a vários reis de Portugal, Alexandre Herculano, escritor e primeiro presidente do Município de Belém foi aí sepultado (1888), e pouco tempo depois, o poeta João de Deus (1896). Anos mais tarde, o antigo Mosteiro acolheu os túmulos de figuras da literatura e da política, como Almeida Garrett (1902), Sidónio Pais (1918), Guerra Junqueiro (1923), Teófilo Braga (1924) e Fernando Pessoa (1985)<sup>216</sup>.

Com a reforma administrativa do Município de Lisboa, aprovada pela Lei de 18 de Julho de 1885 e complementada pelo Decreto de 8 de Outubro do mesmo ano, o Concelho de Belém foi extinto, sendo anexado ao concelho de Lisboa<sup>217218</sup>.

O progresso industrial, da zona de Belém, acentuou-se na segunda metade de oitocentos com a remodelação dos Jerónimos, dirigida pelo Ministério das Obras Públicas, devido à instalação da Casa Pia no edifício contíguo. Os trabalhos trouxeram população operária para a zona, originando o aparecimento dos primeiros pátios e bairros proletários. Foi também nesse tempo que Belém voltou a receber a presença assídua da família real. D. Luís e D. Maria Pia elegeram o Palácio da Ajuda para sua residência.

A situação geográfica privilegiada de Belém conducente ao consumo higienista da beira-mar, influenciou também o surgimento de vários equipamentos e acontecimentos culturais que valorizaram a vontade de permanecer e visitar Belém. Viveu-se um *processo de revitalização, florescimento e revalorização local*, que

---

<sup>214</sup> Nos dias de hoje realiza-se ocasionalmente a Procissão do Senhor Jesus dos Passos em Belém, embora de forma menos faustosa.

<sup>215</sup> SANCHES, cit. 152, p. 158 e 191.

<sup>216</sup> ARAÚJO, cit. 183, p. 84; Monumentos : personalidades : outros. In Mosteiro dos Jerónimos.

<sup>217</sup> FREITAS, cit. 155, p. 24; SILVA, cit. 162, p. 196.

<sup>218</sup>“(…) Já em 1813, fora criado o bairro de Belém (destacado do Bairro do Mocambo), um dos 13 distritos administrativos de tipo civil e judicial que se integravam na cidade. Mas só em 28 de Dezembro de 1833 foi criada a freguesia de Belém, a primeira freguesia civil definida no quadro liberal, ao mesmo tempo que Belém passou também a ser um dos seis distritos da cidade, englobando a freguesia da Ajuda. O concelho, instituído em 1852, vigorou até 1885 quando se redefiniram os limites urbanos de Lisboa. (FREITAS, cit. 155, p.24).

*embora a tenha afastado das grandezas do poder central, lhe conferiu um destacado lugar ao sol na sociedade burguesa do século XIX*<sup>219</sup>.

Já sem a presença, outrora marcante, dos frades Jerónimos e com uma população nobre cada vez mais reduzida face ao aumento demográfico duma população de origem proletária, nos finais do século XIX surgiram em Belém mais equipamentos públicos destinados a satisfazer as necessidades básicas dos habitantes<sup>220</sup>, bem como outros de carácter lúdico bastante apelativos ao “chique romântico” da cultura de lazer em voga na época. Referem-se a título de exemplo o Hotel Club, o Hipódromo, vários teatros (Teatro da Boa-Hora, o Teatro D. Afonso e o Teatro Luís de Camões), a Carreira de Tiro de Pedrouços, o Museu Etnológico (1903), o Museu Nacional dos Coches (1905), responsáveis pela atração de muitos visitantes a Belém (cf. capítulo seguinte). Para além disso, a vertente lúdico-cultural de Belém também beneficiou dos seus espaços verdes e da nascente moda da praia<sup>221</sup>. *“Da excentricidade fidalga de passear à beira-mar, a burguesia lisboeta passou rapidamente ao hábito de «fazer praia», elegendo para tal as praias de Belém, do Bom Sucesso, da Torre e de Pedrouços”*. Belém foi das primeiras estâncias balneares lisboetas a gozar, desde a sua estreia, da presença da família real, facto que terá atraído gente a estas praias ribeirinhas. Entre as mais elegantes sobressaíram a Praia da Torre e de Pedrouços, até 1860 e 1875, respetivamente<sup>222</sup>.

Devido em grande parte à abertura da linha férrea entre Pedrouços e Cascais (1889), estas praias passaram a ser profusamente procuradas por todas as camadas da população. A aristocracia rumou então para as praias do Estoril e Cascais onde, nesta última a família real possuía casa<sup>223</sup>.

No desfecho do século XIX, a zona ribeirinha de Belém sofreu uma profunda evolução urbana, nomeadamente com o início da construção do aterro da margem do Tejo, em 1887, a abertura de diversas docas e a inauguração da linha férrea entre Belém e Cascais, em 1890<sup>224</sup>. Este último aspeto, embora tenha contribuído para aumentar a

---

<sup>219</sup> SILVA, cit. 163, p. 137-138.

<sup>220</sup> *Idem ibidem*, p. 81 e 183 (Exemplo: Chafariz de Belém e Chafariz da Princesa).

<sup>221</sup> Desde os finais do século XVIII, que no seio das classes sociais mais esclarecidas os banhos de mar tinham indicação terapêutica para vários males. Este hábito chegou a Portugal nas primeiras décadas do século XIX, embora restrito a uma elite (alta burguesia) que o considerava como uma prática com benefícios medicinais e ligada ao lazer.

<sup>222</sup> SILVA, cit. 163, p. 231-237.

<sup>223</sup> *Idem ibidem*, p. 230-238.

<sup>224</sup> A Estação de Ferroviária de Belém situa-se no troço entre as Estações de Alcântara-Mar e Pedrouços, que foi inaugurado em 6 de dezembro de 1890 (TORRRES, Carlos Manito - A evolução das linhas portuguesas e o seu significado, p. 62).

afluência de forasteiros a Belém, alterou a primitiva relação da malha urbana de Belém com o Tejo, tornando a sua margem num espaço separado.

Nessa altura surgiram também, no perímetro local, vários equipamentos de lazer como a já referida *Feira de Belém* situada em frente do Mosteiro dos Jerónimos (iniciada na primeira metade do século XIX e regulamentada em 1871), a Real Associação Naval de Lisboa (1855) o hipódromo – Clube Equestre (1873), o Teatro de Luís de Camões (1880) mais tarde Belém Clube (1899) e a Praia da Torre como estância de veraneio, entre outros<sup>225</sup>.

Na transição para o século XX, a malha urbana de Belém era já bastante alargada e a população tendia a aumentar (Cf. **Anexo 2**). Por sua vez, a abertura da primeira linha do elétrico do Cais do Sodré a Algés, em 1901, estreitou o acesso ao centro da cidade.

A zona de Belém foi valorizada com a inclusão de vários equipamentos e realização de eventos culturais: a estátua de Afonso de Albuquerque (1902), o Museu dos Coches Reais (inaugurado em 1905), o Museu Nacional de Arqueologia no atual edifício (inaugurado em 1906), a Central Tejo (1909) hoje Museu da Eletricidade (1990), o Jardim Colonial (1912), o Museu Agrícola e Colonial (transferido para Belém em 1914), a fundação do clube de futebol Os Belenenses (1919) e o sítio da partida do hidroavião de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, travessia aérea pioneira para Portugal chamou mais uma vez as atenções sobre Belém<sup>226</sup> (1922), entre outros. Entre estes, ressalta-se a importância do Museu dos Coches Reaes, inaugurado a 23 de maio de 1905, por iniciativa da Rainha D. Amélia no Picadeiro Real de Belém<sup>227</sup>, que se tem mantido como um dos museus mais procurado de Lisboa, sobretudo pela importância da sua coleção - considerada única no mundo pela variedade artística e grande número de viaturas de aparato do século XVII ao XIX- apresentada no antigo picadeiro.

Em 1907, a importância cultural de Belém ganhou novo fôlego, quando o Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém viram reconhecida a sua importância ao serem classificados como “Monumentos Nacionais” (DL de 10/01/1907). Este aspeto

---

<sup>225</sup> NÉU, cit. 169, p. 312-314; FREITAS, cit. 154, p. 43 e 54; SILVA, cit. 162, p. 198-199.

<sup>226</sup> O dia 30.03.1922 ficou na história nacional pela travessia área atlântica de Sacadura Cabral e Gago Coutinho, que partiram de Belém no hidroavião *Lusitânia* rumo ao Brasil.

<sup>227</sup> O Museu dos Coches Reaes obteve a designação de Museu Nacional dos Coches em 1908 (DL 3 de setembro, artigo 2§4º) e integrou a primeira lista hierárquica dos museus dos Estado em 1911 (decreto nº 1, de 29 de maio de 1911). Em 1932 foi incluído pelo Conselho Superior de Belas Artes na categoria de Museu Nacional, juntamente com o Museu Nacional de Arte Antiga e o Museu nacional de Arte Contemporânea (DL nº 20.985, de 7 de março).

Cf. BESSONE, Silvana - De picadeiro a museu, de museu a picadeiro, p. 28-31.

foi muito significativo para a zona de Belém, em particular para estes dois monumentos emblemáticos da expansão marítima (século XVI).

Em 5 de Outubro de 1910, com a implantação da República, o Palácio de Belém, antigo Paço Real onde habitaram ou provisoriamente ficaram hospedados quase todos os reis (de D. João V a D. Manuel II) passou a ser residência oficial do Presidente da República, em 1912, assumindo-se de novo como a residência oficial da principal figura do estado Português.

A Exposição do Mundo Português (EMP), que aí teve lugar entre 23 de Junho<sup>228</sup> e 2 de Dezembro de 1940, para enaltecer a Comemoração dos 800 anos da Fundação da Nacionalidade e dos 400 anos da Restauração, foi um dos eventos culturais mais significativos de Portugal no século XX, marcando mais vez a importância de Belém como local, que o acolheu.

De acordo com a “Nota oficiosa da Presidência do Conselho” publicada no “Diário de Notícias a 27 de março de 1938”, estas comemorações deveriam “*dar ao povo português um tónico de alegria e confiança em si próprio (...) mostrar a capacidade realizadora de Portugal, comprovando (...) aos nossos próprios olhos e aos olhos estranhos que Portugal, nação civilizadora, não findou e continua, pelo contrário a sua missão no mundo*”<sup>229</sup>. Esta Nota ilustra a doutrina ideológica de exaltação patriótica propagada pelo Estado Novo<sup>230</sup> instituída por Oliveira Salazar.

A EMP ergueu-se, de acordo com as palavras do comissário-geral (Augusto de Castro), “*na evocativa paisagem de Belém, à sombra dos Jerónimos, junto ao Tejo – que foi a grande estrada da nossa civilização*”<sup>231</sup>. Situada em frente dos Jerónimos, numa área de 56 hectares, esta Exposição desenvolvia-se até ao Tejo, centrada no grande quadrilátero da Praça do Império.

A preparação da EMP teve início nos finais dos anos 30, com o reordenamento das zonas ribeirinha e da área defronte do Mosteiro dos Jerónimos<sup>232</sup>. Para esse fim foram desalojados habitantes e demolidos quarteirões, ruas, largos, jardins, o Mercado

---

<sup>228</sup> A exposição foi inaugurada pelo Chefe de Estado, Marechal Carmona, acompanhado pelo Presidente do Conselho, Oliveira Salazar e pelo Ministro das Obras Públicas, Duarte Pacheco. Os responsáveis pela Exposição do Mundo Português foram Augusto de Castro (Comissário-Geral), Sá e Melo (Comissário-Geral-Adjunto), José Leitão de Barros (Secretário-Geral) e Cottinelli Telmo (Arquiteto-Chefe).

<sup>229</sup> SILVA, cit. 163, p. 282 (Cit. em ACCIAUALI, Margarida – Exposições do estado novo. 1934-1940, p. 109).

<sup>230</sup> Estado Novo (1933-1974).

<sup>231</sup> FREITAS, cit. 155, p. 44.

<sup>232</sup> As Obras da Praça do Império e da zona marginal de Belém, foram efetuadas sob a tutela de Duarte Pacheco (POMAR, Alexandre - MAP 1 : a Exposição de 1940, o MAP e a área de Belém, p. 2).

de Belém, fábricas, pequenas lojas, etc. Hoje, subsistem – como referência deste importante evento – a Praça do Império e a sua fonte luminosa, o Padrão dos Descobrimentos, o lago do Espelho de Água, o Museu de Arte Popular (MAP), alguns elementos do então Jardim Colonial de Belém (hoje Jardim Botânico Tropical).

Ao que parece a EMP não terá tido a adesão esperada: “(...) *Segundo os números oficiais, (...) a exposição recebeu cerca de três milhões de visitantes, mas da leitura da imprensa da época ressoa a ideia de que o evento não conseguiu, senão a notoriedade, pelo menos o alcance que se pretendia. Alguns jornais atribuíam a culpa da falta de visitantes à dificuldade de acessos a Belém e aos 28 tostões do preço do bilhete de entrada...*”<sup>233</sup>. Para o autor João Nêu, que esteve presente na EMP, esta foi um sucesso em termos expositivos e de população nacional, contudo em termos de visitantes estrangeiros ficou aquém das expectativas, devido à eclosão da II Guerra Mundial<sup>234</sup>.

Em 1948, foram inaugurados o Museu de Arte Popular (resultante de alguns pavilhões da Vida Popular da Exposição do Mundo Português, de 1940) e a Feira de Artesanato “Mercado da Primavera” (Mercado do Povo, até 1981-82), situada junto ao primeiro<sup>235</sup>.

Na década de 1960, Belém tornou-se uma zona quase exclusivamente turística apostando em equipamentos promotores de ciência e cultura, tais como o Museu de Marinha (a funcionar em Belém desde 1962), o Planetário Calouste Gulbenkian (inaugurado em 1965) e eventos com relevância sociocultural, tais como as Comemorações Henriquinas, em 1960. Datam desse ano, a inauguração do atual Padrão dos Descobrimentos réplica do primitivo feito com um propósito efêmero para a EMP<sup>236</sup>,

---

<sup>233</sup> SILVA, cit. 163, p. 288.

<sup>234</sup> NÊU, cit. 169, p. 293-301.

<sup>235</sup> POMAR, cit. 232, p. 6.

<sup>236</sup> O edifício primitivo do Padrão dos Descobrimentos, que Cottinelli Telmo esboçou e Leitão de Barros e Leopoldo de Almeida construíram, foi erigido em 1940 por ocasião da Exposição do Mundo Português. Originalmente era constituído, na sua parte arquitetónica em forma de caravela, por uma leve estrutura de ferro e cimento, sendo em estafe a composição escultórica formada por 33 figuras. O ano de 1960, pretendeu assinalar de forma marcante o 5º centenário da morte do Infante D. Henrique, reerguendo-se para tal, em Belém, o atual Padrão dos Descobrimentos realizado em betão revestido de pedra rosal de Leiria. O monumento foi inaugurado a 9 de agosto de 1960 e dado por concluído a 10 de outubro de 1960, tendo ficado na posse da Administração Geral do Porto de Lisboa. Em 1962 celebrou-se um acordo de cedência com a Câmara Municipal de Lisboa. Em 1985, o Padrão foi objeto de obras que permitiram o acesso do público ao miradouro, auditório e a duas salas de exposições (Site do Padrão dos Descobrimentos EGEAC).

e a Rosa-dos-ventos desenhada no chão em frente do Padrão, com as principais rotas dos Descobrimentos portugueses<sup>237</sup>.

Uma cerimónia promovida pelo Estado Novo, de meados dos anos trinta até 1968, foi a bênção anual dos bacalhoeiros em Belém realizada, em abril ou maio, antes da partida para a Terra Nova e Gronelândia. O local escolhido evocava as Descobertas e outras navegações ou a partidas históricas, em grande ambiente de festa juntando sempre muita gente, sobretudo familiares dos pescadores, políticos, um bispo ou cardeal para dar a bênção<sup>238</sup>.

Alguma tensão entre o desenvolvimento industrial e a presença monumental marcou o perfil urbano de Belém, nos dois últimos séculos. A Fábrica de Gás (fundada em 1877<sup>239</sup>) permaneceu junto à Torre de Belém, até 1944, gerando desde o seu início uma forte contestação da sociedade portuguesa<sup>240</sup>. Por outro lado, no quarteirão da Avenida da Índia laboraram oficinas militares, até meados dos anos oitenta<sup>241</sup>.

Com o 25 de Abril de 1974, parte da zona ribeirinha foi ocupada por contentores enviados das ex-colónias. Nesse mesmo ano, a 10 de junho, um grupo de 48 artistas plásticos do “Movimento Democrático dos Artistas Plásticos” (Júlio Pomar, João Abel Manta, Nikias Skapinakis, Menez, Vespeira, Costa Pinheiro e outros) pintou um grande mural no exterior da Galeria de Arte Moderna<sup>242</sup> instalada no Mercado do Povo, antigo Mercado da Primavera<sup>243</sup>.

Alguns anos depois, em 1983, o Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém foram consagrados pela UNESCO Património Mundial da Humanidade.<sup>244</sup> Nesse ano, estes dois monumentos integraram ainda a “XVII Exposição Europeia de Arte Ciência e

---

<sup>237</sup> Em 1960, a República da África do Sul ofereceu para decoração do terreiro de acesso ao Padrão dos Descobrimentos, uma Rosa-dos-Ventos com 50 metros de diâmetro, executada com diferentes mármore, contendo um planisfério de 14 metros. Naus e caravelas embutidas marcam as principais rotas dos Descobrimentos Portugueses. A autoria do desenho é do arquiteto Cristino da Silva (Padrão dos Descobrimentos. História).

<sup>238</sup> NÉU, cit. 168, p. 45-48.

<sup>239</sup> MATOS, Ana Cardoso de - A indústria do gás em Lisboa : uma área de confluência de várias abordagens temáticas, p. 115.

<sup>240</sup> RAMOS, Paulo Oliveira - A torre de Belém e a Fábrica do Gás : contra o gasómetro, marchar, marchar, p. 12.

<sup>241</sup> ELIAS, Helena - A emergência de um espaço de representação : arte pública e transformações urbanas na zona ribeirinha de Belém, p. 87.

<sup>242</sup> Na Galeria de Arte Moderna efetuou-se em 1977 a exposição multidisciplinar *Alternativa Zero: Tendências e Polémicas na Arte Portuguesa Contemporânea*, onde participaram 50 artistas.

<sup>243</sup> O Mercado do Povo, contíguo ao Museu de Arte Popular, foi destruído por um incêndio, em 1981, nas vésperas da inauguração da bienal de desenho LIS'81).

<sup>244</sup> Diário de Lisboa nºs 21147, 6 de maio de 1983, p. 9; Diário de Lisboa nº 21148, 7 de maio de 1983, p. 1 e 2.

Cultura”<sup>245</sup>, que decorreu em Lisboa. O ano de 1983 foi muito importante para Belém e, em particular, para estes dois monumentos, mundialmente valorizados e promovidos como polos de grande interesse cultural e turístico.

Pouco tempo depois, Belém protagonizou mais um acontecimento decisivo para a vida do país. A 12 de Junho de 1985, teve lugar no claustro inferior dos Jerónimos a assinatura do Tratado de Adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia.

Por volta de 1990, Belém voltou a ser alvo de alterações com a construção do Centro Cultural de Belém (CCB), entre 1988 e 1993 – no local do extinto Pavilhão “Portugueses no Mundo e das Aldeias Portuguesas”, da Exposição do Mundo Português (1940) - que pretendeu enquadrar-se no mesmo espírito de referencial patriótico. O CCB, cinquenta anos após a EMP, veio assim completar o arranjo da Praça do Império, epicentro da zona de Belém. Este espaço<sup>246</sup> justificou-se pela necessidade de um equipamento arquitetónico que pudesse receber a Presidência Portuguesa da União Europeia, em 1992, e que ao mesmo tempo pudesse permanecer como um polo dinamizador de atividades de cultura e de lazer, através de exposições, espetáculos artísticos, conferências, comércio próprio, etc. Dos cinco módulos inicialmente projetados realizaram-se o Centro de Reuniões (1992), o Centro de Espetáculos (1993) e o Centro de Exposições [Fundação de Arte Moderna e Contemporânea – Museu Coleção Berardo] (1997)<sup>247</sup>, que ajudaram a reforçar e modernizar o cariz cultural desta zona histórica da cidade<sup>248</sup>.

A implementação do CCB contribuiu para tornar mais sólidas as áreas da museologia e do lazer, em Belém, com fortes potencialidades para o turismo. Na primeira década do século XXI, abriu ao público o Museu da Presidência da República (em 2004) e reabriu o Museu de Arte Popular (em dezembro de 2010).

---

<sup>245</sup> Em 1983, entre 9 de Maio e 2 de Outubro, decorreu em Lisboa a *XVII Exposição Europeia de Arte Ciência e Cultura* subordinada ao tema: *Os descobrimentos portugueses e a Europa do Renascimento*. A exposição distribuiu-se por cinco núcleos complementares situados em museus e monumentos emblemáticos da capital portuguesa (Igreja da Madre de Deus, Casa dos Bicos, Museu Nacional de Arte Antiga, Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém). Destes, dois situavam-se em Belém: o Mosteiro dos Jerónimos com a exposição *As navegações portuguesas e as suas consequências* e a Torre de Belém com a exposição *Armário dos séculos XV a XVII*. O segundo teve que ser submetido a obras de restauro e de adaptação à exposição.

<sup>246</sup> A instalação controversa deste espaço no mesmo lugar do Pavilhão *Português no Mundo e das Aldeias Portuguesas*, inseridos na Exposição do Mundo Português, foi justificada por assinalar o ponto de partida dos descobrimentos marítimos, tal qual a Torre de Belém e o Padrão dos Descobrimentos.

<sup>247</sup> Por meio de concurso internacional, foi selecionada entre 57 projetos a proposta do arquiteto português Manuel Salgado e do consórcio italiano *Vittorio Gregotti*. Dos cinco módulos representados no projeto foram apenas construídos três; o Centro de Reuniões, o Centro de Espetáculos e o Centro de Exposições, que alberga desde Junho de 2007 a Fundação de Arte Moderna e Contemporânea – Museu Coleção Berardo.

<sup>248</sup> SILVA, cit. 163, p. 276.

Em 2007, salientaram-se três factos histórico-culturais relevantes para Belém e com destaque no país. Foram eles a inauguração do já referido Museu Berardo (27 de Junho), a Declaração Universal das novas “7 Maravilhas de Portugal”<sup>249</sup> (monumentos) atribuídas ao Mosteiro dos Jerónimos e à Torre de Belém (7 de Julho) e assinatura do “Tratado de Lisboa nos Jerónimos” (13 de Dezembro), no mesmo local da adesão de Portugal à CEE.

Mais recentemente, a 10 de Setembro de 2011, os “Pastéis de Belém”, uma das especialidades mais apreciadas da doçaria portuguesa e por isso experiência obrigatória para a maioria dos turistas que visitam Belém, foram eleitos uma das “7 Maravilhas de Portugal” (gastronomia típica). Embora este prémio não tenha trazido mais procura aos Pastéis de Belém, segundo nos foi transmitido pelo atual gerente, Miguel Clarinha, este prémio foi sem dúvida um reconhecimento muito gratificante para a toda a equipa.

Finalmente, em 2014, está prevista a inauguração das novas instalações de um dos museus mais visitado de Lisboa - o Museu Nacional dos Coches (184.105 entradas, em 2012) -, abrindo-se assim mais um capítulo na vida cultural deste bairro turístico de excelência.

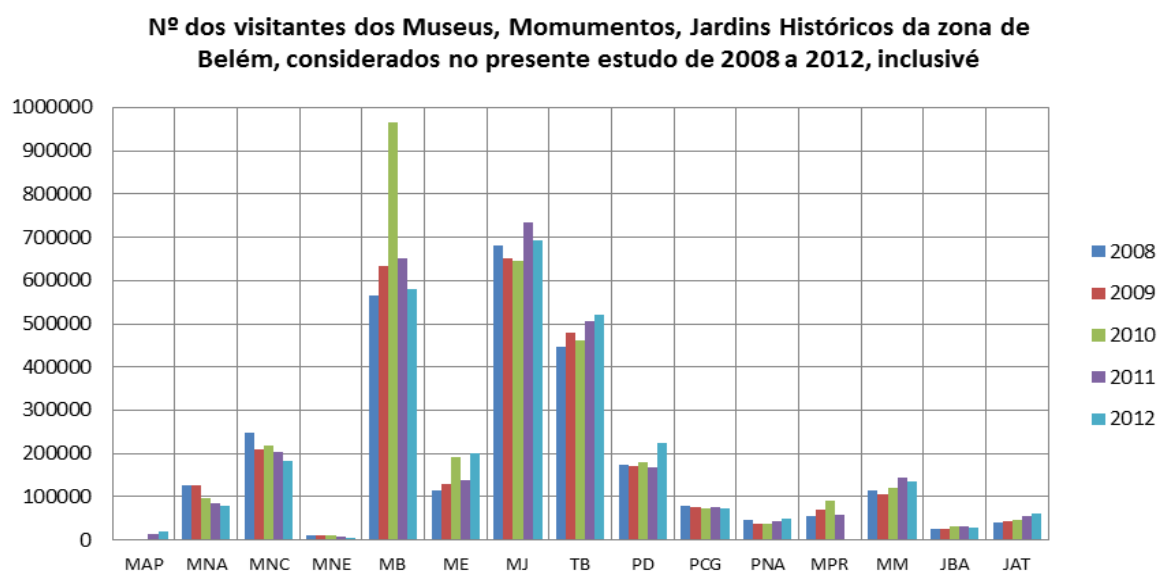
---

<sup>249</sup> De acordo com o Website oficial das 7 Maravilhas de Portugal (, tratou-se de uma iniciativa apoiada pelo Ministério da Cultura de Portugal e organizada pelo consórcio composto por Y&R Brands S.A. e Realizar S.A., com objetivo de eleger os sete monumentos mais relevantes do património arquitetónico português. Este evento resultou da realização da Declaração Oficial das *Novas 7 Maravilhas do Mundo* em Portugal (conceito criado pelo filantropo suíço Bernard Weber) que lançou a maior votação à escala planetária jamais realizada para eleger as "Novas 7 Maravilhas do Mundo®", em 07.07.2007. Ainda segundo o site das 7 Maravilhas de Portugal, na sequência de um estudo sociológico realizado pela *Cision*, após a campanha do evento em 2007, verificou-se um aumento superior a 30% nas visitas aos monumentos eleitos no nosso país (Cf. 7 Maravilhas – Praias de Portugal. O que já fizemos).

## 4.2. Visitantes dos Equipamentos Culturais de Belém

Uma das formas de olhar para o turismo em Belém, poderá ser pelo número de visitantes dos seus Monumentos, Museus e Jardins Históricos. A análise reporta-se a dados de 2008 a 2012, por se considerar suficiente para os objetivos a alcançar no presente estudo. Os dados utilizados foram fornecidos pela Direcção-Geral do Património Cultural (DGPC) para as instituições por ela tuteladas - Mosteiro dos Jerónimos, Torre de Belém, Museu Nacional dos Coches, Museu Nacional de Arqueologia, Museu de Arte Popular, Museu Nacional de Etnologia e Palácio Nacional da Ajuda -, e para cada uma das restantes, pelas suas direcções – Padrão dos Descobrimentos, Museu Coleção Berardo, Museu de Marinha, Museu da Eletricidade, Planetário Calouste Gulbenkian, Museu da Presidência da República, Jardim Botânico da Ajuda e Jardim Botânico Tropical.

Para facilidade de consulta, os elementos disponíveis encontram-se sintetizados na Figura 2 e agrupados na Tabela 2.



|              | MAP       | MNA        | MNC         | MNE       | MB          | ME         | MJ          | TB          | PD         | PCG        | PNA        | MPR        | MM         | JBT        | JBT        |
|--------------|-----------|------------|-------------|-----------|-------------|------------|-------------|-------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| 2008         | 0         | 126        | 248         | 10        | 567         | 114        | 681         | 447         | 176        | 79         | 48         | 55         | 113        | 25         | 41         |
| 2009         | 0         | 126        | 211         | 11        | 634         | 130        | 651         | 479         | 170        | 76         | 38         | 69         | 108        | 26         | 44         |
| 2010         | 0         | 96         | 218         | 10        | 965         | 191        | 645         | 462         | 179        | 74         | 39         | 91         | 120        | 32         | 45         |
| 2011         | 15        | 85         | 203         | 9         | 652         | 139        | 736         | 507         | 169        | 75         | 42         | 59         | 145        | 31         | 55         |
| 2012         | 21        | 79         | 184         | 6         | 581         | 200        | 694         | 520         | 225        | 74         | 50         | ?          | 136        | 27         | 61         |
| <b>Total</b> | <b>36</b> | <b>512</b> | <b>1064</b> | <b>46</b> | <b>3399</b> | <b>774</b> | <b>3407</b> | <b>2415</b> | <b>919</b> | <b>378</b> | <b>217</b> | <b>274</b> | <b>622</b> | <b>141</b> | <b>246</b> |

Nota – A Tabela 2 indica o número de visitantes dos locais referidos na legenda seguinte.

|     |                                        |     |                                                    |
|-----|----------------------------------------|-----|----------------------------------------------------|
| MAP | – Museu de Arte Popular <sup>250</sup> | MNA | – Museu Nacional de Arqueologia                    |
| MNC | – Museu Nacional dos Coches            | MNE | – Museu Nacional de Etnologia                      |
| MB  | – Museu Coleção Berardo                | ME  | – Museu da Eletricidade                            |
| MJ  | – Mosteiro dos Jerónimos               | TB  | – Torre de Belém                                   |
| PD  | – Padrão dos Descobrimentos            | PCG | – Planetário Calouste Gulbenkian                   |
| PNA | – Palácio Nacional da Ajuda            | PPR | – Museu da Presidência da República <sup>251</sup> |
| MM  | – Museu de Marinha                     | JBT | – Jardim Botânico Tropical - Belém                 |
| JBA | – Jardim Botânico da Ajuda             |     |                                                    |

O número total de visitantes nos cinco anos atingiu os valores mais elevados no MJ e no MB, totalizando cerca de 3.400.000 em ambos os casos (em média 680.000, por ano, em cada um deles). O número mais elevado de visitantes, num único ano, foi atingido pelo MB, em 2010, quase um milhão (965.000 visitantes).

A terceira instituição mais visitada foi, com destaque, a TB, com uma média anual de visitantes, no período, superior 480.000. Surgem, em quarto e quinto lugares o MNC, com cerca de 200.000, e o PD com cerca de 180.000 visitantes/ ano.

Menos pessoas visitaram o MNE e o MAP. O primeiro cerca de 9.200 visitantes /ano e o segundo, que reabriu em 2010, com 18.000 visitantes / ano (média dos dois anos).

Em posição intercalar surgem o ME, o MM, o MNA, o PCG, JAT e o PNA com cerca de 155, 124, 102, 76, 49 e 43 mil visitantes /ano, em média, respetivamente.

Os números que se apresentam não corresponderão ao número total de visitantes de Belém, quer porque alguns turistas podem ter visitado mais de uma vez e mais do que uma instituição, e outros não ter visitado nenhuma. No entanto, cerca de 700.000 visitantes/ ano, para algumas das instituições de Belém, é assinalável. A isto voltaremos nas conclusões gerais deste trabalho.

---

<sup>250</sup> O MAP reabriu em dezembro de 2010.

<sup>251</sup> De acordo com informações prestadas pelo Museu da Presidência da República, por questões técnicas, não lhes foi possível indicarem-nos os visitantes de 2012. Por seu lado, as exposições temporárias ocorridas no período de 2008 e 2009, começaram e acabaram fora de cada ano civil, não sendo por isso possível autonomizar os números rigidamente em cada um dos anos.

#### 4.3. Um Conjunto Particular: Mosteiro dos Jerónimos, Torre de Belém, Padrão dos Descobrimentos e Museu Nacional dos Coches

Nesta secção do capítulo IV tratam-se com algum destaque o MJ, a TB, o PD e o MNC, pela sua importância histórico-cultural e simbolismo. Apresentam-se dados estatísticos sobre os seus visitantes e refere-se a influência que têm no delineamento de circuitos turísticos na zona de Belém.



Figura 3 – Mapa da zona de Belém com localização dos principais equipamentos culturais (fonte: [viajar.clix.pt](http://viajar.clix.pt))

A Praça do Império é o eixo central da zona de Belém. Os museus, monumentos e jardins que a compõem, dispersam-se por uma área de fácil acesso, não distando daquela (Praça do Império), em linha reta, mais do que 1200m. O MNC fica numa zona contígua (Praça Afonso de Albuquerque), à Praça do Império. Dos três monumentos mais referidos pelos visitantes e procurados pelos guias-interpretres (MJ, TB e PD), o

mais afastado (TB) não dista, daquele ponto de referência, mais de 800 metros. Vemos assim, que a área monumental de Belém é uma zona de grande densidade de oferta cultural, como pode ser constatado no mapa acima apresentado (Figura 3).

Tabela 3 - Visitantes dos Quatro Equipamentos Culturais selecionados – 2005-2012

|             | Mosteiro dos Jerónimos |                  | Torre de Belém   |                  | Museu Nacional dos Coches |                  | Padrão dos Descobrimentos |                  | Total             |
|-------------|------------------------|------------------|------------------|------------------|---------------------------|------------------|---------------------------|------------------|-------------------|
|             | Port.                  | Estrang.         | Port.            | Estrang.         | Port.                     | Estrang.         | Port.                     | Estrang.         |                   |
| <b>2005</b> | 48.371                 | 411.973          | 28.001           | 260.215          | 55.476                    | 165.950          | 17.892                    | 58.167           | 1.046.045         |
| <b>2006</b> | 53.425                 | 506.491          | 28.143           | 354.496          | 68.031                    | 166.869          | 35.830                    | 129.667          | 1.342.953         |
| <b>2007</b> | 58.840                 | 581.667          | 30.805           | 404.229          | 73.592                    | 165.292          | 43.322                    | 142.362          | 1.500.109         |
| <b>2008</b> | 54.888                 | 626.260          | 28.839           | 418.174          | 79.798                    | 168.478          | 40.433                    | 135.132          | 1.552.002         |
| <b>2009</b> | 51.006                 | 599.982          | 32.908           | 445.656          | 69.101                    | 142.019          | 39.063                    | 130.943          | 1.510.678         |
| <b>2010</b> | 44.017                 | 600.712          | 51.625           | 410.352          | 69.299                    | 148.211          | 36.789                    | 142.559          | 1.503.564         |
| <b>2011</b> | 62.144                 | 673.399          | 35.017           | 471.781          | 64.978                    | 137.591          | 27.792                    | 141.314          | 1.614.016         |
| <b>2012</b> | 43.930                 | 650.226          | 24.396           | 495.665          | 42.315                    | 141.790          | 31.441                    | 194.033          | 1.623.796         |
|             | <b>416.621</b>         | <b>4.650.710</b> | <b>259.734</b>   | <b>3.260.568</b> | <b>522.590</b>            | <b>1.236.200</b> | <b>272.562</b>            | <b>1.074.177</b> |                   |
|             | <b>5.067.331</b>       |                  | <b>3.520.302</b> |                  | <b>1.758.790</b>          |                  | <b>1.346.739</b>          |                  | <b>11.693.162</b> |

Visitantes do Mosteiro dos Jerónimos, Torre de Belém, Museu Nacional dos Coches e Padrão dos Descobrimentos - 2005-2012

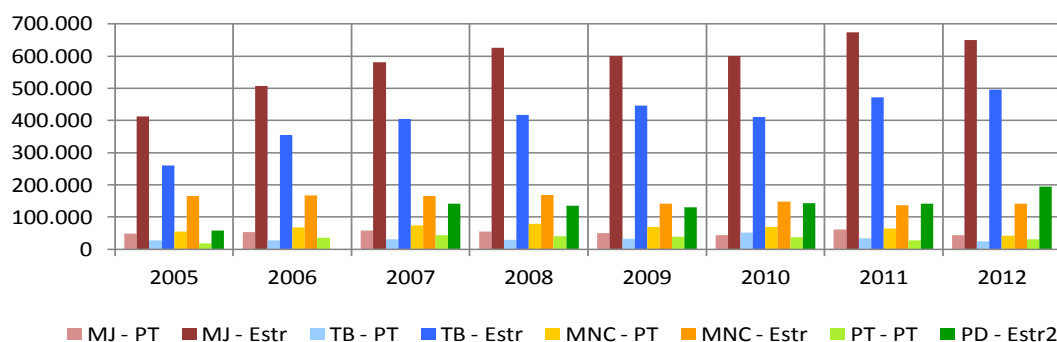


Figura 4 – Visitantes do MJ, TB, MNC e PD (2008-2012)

Os monumentos referidos (MJ, TB e PD) constituem os três espaços culturais mais visitados, principalmente por estrangeiros, não só em Belém, de acordo com o nosso inquérito, como mesmo a nível da capital, segundo o “Inquérito às Atividades dos Turistas e Informação. Região de Lisboa 2012”.

De acordo com os dados obtidos junto dos quatro espaços selecionados (MJ, TB, PD e MNC), o número médio anual de visitantes, de 2005 a 2012 inclusive, rondou os 630.000 no MJ, 440.000 na TB, 220.000 no MNC e 168.000 no PDC. Assim, o número médio anual de visitantes do MJ e da TB, no período, foi, respetivamente, cerca do triplo e do dobro do número de visitantes do MNC. O PD aparece com um número de visitantes muito inferior ao que, segundo sabemos, aproveita dele a panorâmica exterior. Por isso não o apresentamos como elemento de comparação. O mesmo deverá suceder, embora em menor grau, com os visitantes registados na TB.

Em qualquer dos casos, nos quatro espaços, observa-se um número superior ou muito superior de visitantes estrangeiros do que de visitantes nacionais, em particular no caso da TB (12,6 vezes mais de estrangeiros) e do MJ (11,2 vezes mais de estrangeiros). No PD esta relação é de aproximadamente 4. Já no MNC a relação é de apenas 2,4 o que está perto de corresponder à relação estimada de 70/ 30 (2,3) para o número médio de visitantes da zona. Isto poderá significar uma visita indiferenciada, relativamente à origem dos visitantes nacionais e estrangeiros, para o MNC.

Se consideramos apenas os visitantes nacionais, o MNC aparece como o mais visitado, com mais de meio milhão de visitantes em apenas oito anos (2005-2012). O número de visitantes do MNC no período, corresponde aproximadamente ao dobro dos visitantes da Torre de Belém e a mais 25% do que os do MJ. Isto mostra o grau de preferência que os visitantes nacionais dedicam a este Museu e à sua coleção.

Para o conjunto dos quatro espaços o maior número de visitantes foi alcançado em 2012 (1.623.796), embora a diferença tenha sido pequena face a 2011 (1.614.016). Essencialmente como consequência do elevado número de estrangeiros em Belém nestes dois anos, certamente proveniente do aumento do número de cruzeiros em Lisboa. Belém foi uma das duas zonas mais visitadas da capital, neste período<sup>252</sup>.

---

<sup>252</sup> Segundo o Observatório das Atividades do Turismo de Lisboa, em 2012, o porto de Lisboa recebeu cerca de 560 mil passageiros, o que representou uma nova meta deste porto. Já em 2011 tinha sido atingido outro recorde em Lisboa, com um total de 502.644 pessoas a desembarcarem, um aumento 12% face a 2010.

#### 4.4. Circuitos turísticos na Zona de Belém

Para dar resposta a um número tão elevado de visitantes, sobretudo estrangeiros, os circuitos turísticos nesta zona assumem particular importância. O mesmo acontece com as visitas guiadas. Daí que os guias-intérpretes se interessem particularmente por estes espaços monumentais, que tanto “chamam por eles”. Neste contexto, tivemos oportunidade de acompanhar visitas guiadas, em março e abril de 2012, para entendermos como se processam e que temas privilegiam os guias, nas suas relações com os locais visitados.

Concluímos que em qualquer destes espaços se faz alusão aos Descobrimentos, o MNC aludindo mais ao ouro do Brasil e ao esplendor de uma época, através de uma coleção singular, e o MJ e a TB, através de aspetos monumentais e decorativos, à expansão marítima portuguesa e a figuras ilustres da nossa História.

O PD, não referido anteriormente, também é um dos elementos fundamentais da visita a Belém, substituindo muitas vezes o MNC, a nível dos circuitos propostos pelos operadores de viagens aos turistas. A paragem junto a este monumento tal como junto à Torre de Belém, é do agrado dos visitantes que aproveitam para apreciar a paisagem ribeirinha, tirar fotografias e usufruir de um espaço amplo e aprazível. Alguns destes monumentos são largamente reproduzidos em imagens de Portugal no estrangeiro, pelo que a fotografia em geral satisfaz muito o desejo dos visitantes. Como diz John Urry “*a fotografia é de certa forma uma apropriação do objecto fotografado. É uma relação de poder / conhecimento. (...) dá sentido às viagens (...) as nossas memórias dos lugares são largamente difundidas pelas imagens fotográficas e pela linguagem, principalmente, que tecemos em torno delas quando são mostradas aos outros*” (1990: 138-140).

## V – Inquérito aos Visitantes de Belém

O estudo baseia-se também em inquérito aplicado a visitantes da zona cultural de Belém.

A recolha de dados teve lugar de 28 de setembro a 13 de outubro de 2012, em períodos da manhã e da tarde, junto à entrada do Mosteiro dos Jerónimos, do Museu da Marinha, do Centro Cultural de Belém, do Padrão dos Descobrimentos e dos Pastéis de Belém; e ainda na Praça do Império e em paragens de autocarro situadas na zona.

No total foram aplicados 213 questionários.

Estimou-se que cerca de 70% seriam estrangeiros e 30% portugueses. Esta proporção serviu para o desenho da amostra não-probabilística de inquiridos e teve por base o estudo realizado pelo Instituto dos Museus e da Conservação “Públicos dos Palácios do Instituto dos Museus e da Conservação” (2011)<sup>253</sup>.

Ser português / estrangeiro

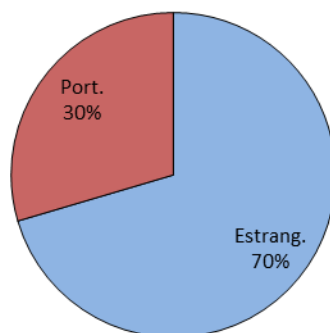


Figura 5 – Percentagem de inquiridos portugueses e estrangeiros

Assim, seguindo essa proporção, dos 213 questionários aplicados 63 foram respondidos por visitantes portugueses e 150 por estrangeiros.

<sup>253</sup> GONÇALVES, Nuno Fradique - Públicos dos palácios nacionais do instituto dos museus e da conservação : estudo preliminar, p. 26.

## 5.1. Metodologia

O **inquérito**, elaborado em quatro idiomas – português, inglês, francês e espanhol (Cf. **Anexo 3**) – permitiu uma caracterização sociodemográfica (aproximada) do visitante-tipo da zona cultural de Belém, no período de setembro/outubro de 2012. Permitiu ainda, identificar a percepção que este tem dos espaços culturais da zona e avaliar o seu grau de satisfação face às condições oferecidas, com vista à definição de prioridades para ações futuras. Estas podem ser empreendidas por instituições culturais públicas ou privadas, bem como pelos agentes turísticos que atuam nesta área da cidade.

Após um teste a uma primeira versão do **inquérito** (nas quatro línguas), foram introduzidas pequenas correções de conteúdo e alterados alguns termos (sobretudo) nas versões em língua estrangeira. O tempo médio de preenchimento de cada inquérito foi de 3-4 minutos, tendo estado sempre alguém responsável pela sua aplicação junto aos inquiridos, para o caso de eventuais dúvidas ou falhas. Existiu, portanto, uma “observação participante” durante a execução deste trabalho de campo.

O conjunto dos indivíduos a inquirir foi tendencialmente aleatório embora se tenha evitado visitantes inseridos em grupos organizados e tenha sido pré-definida, como vimos, a quota de estrangeiros vs. Portugueses (70% vs. 30%). O preenchimento dos inquéritos restringiu-se a indivíduos maiores de 15 anos.

## 5.2. Amostragem

Não se definiu qualquer plano de amostragem, dado desconhecer-se, à partida, o universo dos visitantes desta zona. Tratou-se, por isso, de uma amostra de tipo não-probabilístico, não sendo por isso possível definir nem o erro nem o nível de confiança da mesma.

### 5.3. Caracterização sociodemográfica dos visitantes

#### ▪ SEXO

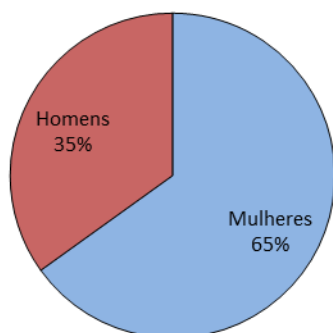
Embora tenha havido um esforço de aplicação do inquérito de forma equitativa a visitantes do sexo masculino e feminino, o número de respostas de indivíduos do sexo feminino foi francamente superior (63% vs. 37%). Esta situação deveu-se à maior disponibilidade manifestada pelas inquiridas (por relação com os inquiridos) quando lhes foi solicitada a participação no inquérito.

Tabela 4 – Sexo dos inquiridos portugueses e estrangeiros (Nº e %)

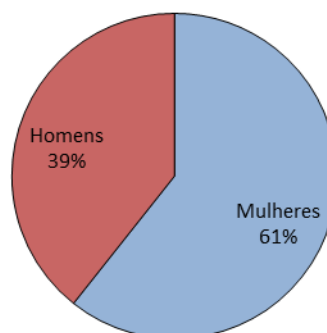
| Sexo      | Respostas dos portugueses |      | Respostas dos estrangeiros |      | Total |      |
|-----------|---------------------------|------|----------------------------|------|-------|------|
|           | Nº                        | %    | Nº                         | %    | Nº    | %    |
| Feminino  | 41                        | 65%  | 91                         | 61%  | 134   | 63%  |
| Masculino | 22                        | 35%  | 59                         | 39%  | 79    | 37%  |
|           | 63                        | 100% | 150                        | 100% | 213   | 100% |

A proporção de mulheres é idêntica, quer se trate de visitantes nacionais ou estrangeiros (Figs. 6 e 7).

Visitantes Portugueses / sexo



Visitantes Estrangeiros / sexo



Figuras 6 e 7 – Sexo dos inquiridos, portugueses e estrangeiros (%)

## ▪ IDADE

Entre os visitantes inquiridos, a grande maioria (73%) tem menos de 45 anos, o que correspondeu a um conjunto relativamente jovem, com uma incidência no grupo de idade 15-25 (que representa 31% dos inquiridos), logo seguido dos que têm entre 26-35 anos (27%). Esta relativa “juventude” dos visitantes que responderam ao inquérito não deverá ser alheia ao facto de o questionário ter sido aplicado ainda no mês de setembro, período do ano que apanha o final do período de férias escolares. Em épocas mais tardias do calendário (meses subsequentes) encontraremos, muito provavelmente, uma população mais envelhecida. É ainda de referir, como no caso da proporção homens/mulheres, o facto da população com menos de 45 anos estar normalmente mais recetiva a responder a um questionário quando lhe é solicitado. Daí insistirmos no carácter não estatisticamente representativo, mas assumidamente exploratório do presente estudo.

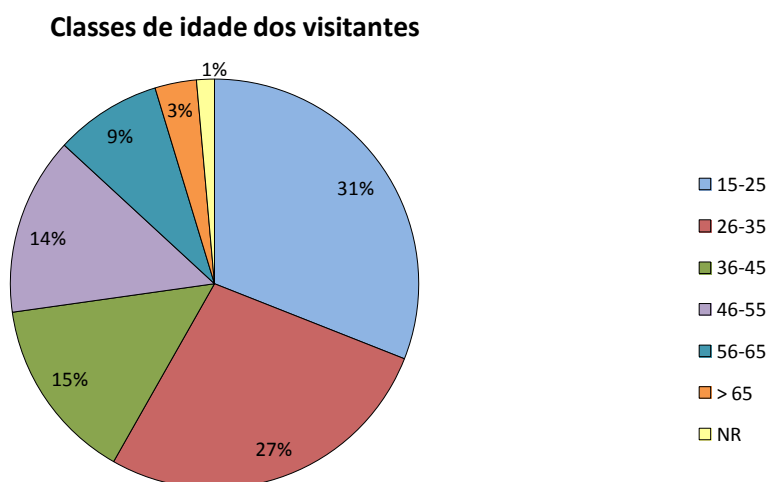


Figura 8 – Classes de idade da totalidade dos inquiridos portugueses e estrangeiros (%)

No conjunto dos inquiridos existe um grupo não negligenciável de indivíduos, maiores de 55 anos (12%), muitos dos quais se encontram numa fase da vida livres de ocupações profissionais e são hoje um dos grupos alvo por excelência do turismo urbano e de património histórico.

Dos inquiridos nacionais sobressai uma maior percentagem de jovens entre os 16-25 anos (44% vs. 25%). Entre os estrangeiros verifica-se uma percentagem ligeiramente superior de inquiridos com idades entre os 26-35 anos (30% vs. 21%). A diferença talvez se possa explicar pelo facto de muitos destes últimos já estarem na vida ativa (**Cf. Anexo – 4**).

## ▪ HABILITAÇÕES ESCOLARES

Ainda que o grupo de inquiridos possa não ser representativo dos visitantes da zona de Belém, é interessante verificar como, num processo de inquirição ao acaso, o nível escolar se revele bastante acima da média. O que vem ao encontro da ideia de que os turistas hoje tendem a possuir maior capital escolar, sobretudo os europeus, cujo acesso ao ensino está bastante mais massificado e a escolaridade obrigatória é mais alargada.

Cerca de 35% dos inquiridos diz ter finalizado o bacharelato / licenciatura, 20% pós-graduação / mestrado e 24% estudos ao nível do ensino secundário [até ao 12º ano]. Estes valores são muito influenciados pelo peso do grupo de 15-25 anos (31%).

No caso dos visitantes portugueses, em termos de habilitações superiores, o grau de bacharelato / licenciatura situa-se um pouco acima do nível dos estrangeiros (40% vs. 34%). Contudo verifica-se uma percentagem maior de estrangeiros com pós-graduação / mestrado (21% vs. 16%) e doutoramento (8% vs. 0%) quando comparados com os inquiridos nacionais.

Assim, em termos globais, o nível de instrução dos inquiridos revelou-se relativamente alto, ou seja, estamos perante indivíduos que por serem escolarizados acima da média estão na posse de competências interpretativas e cognitivas que favorecem a absorção de conhecimentos relativos aos factos históricos e culturais que estão presentes na riqueza patrimonial desta zona da cidade. Estamos no entanto também perante um conjunto de indivíduos mais exigentes e críticos (**Cf. Anexo – 5**).

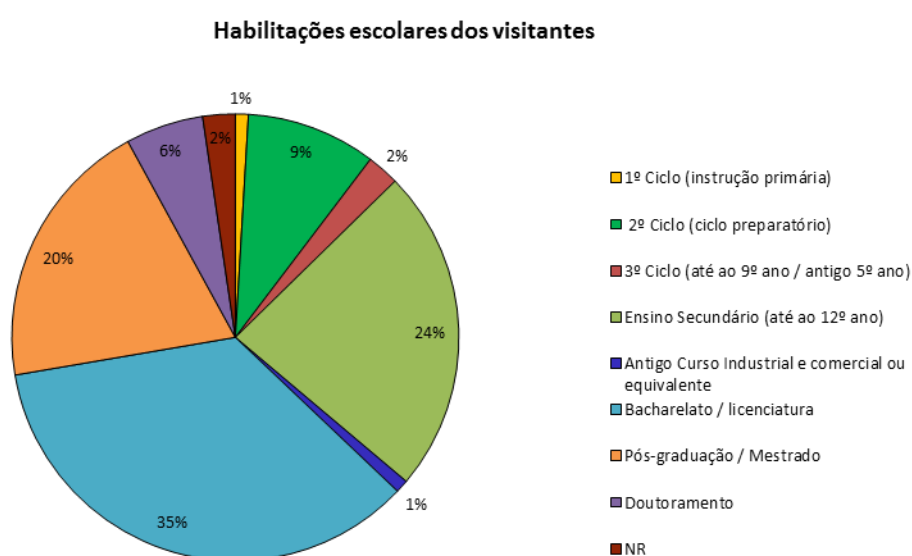


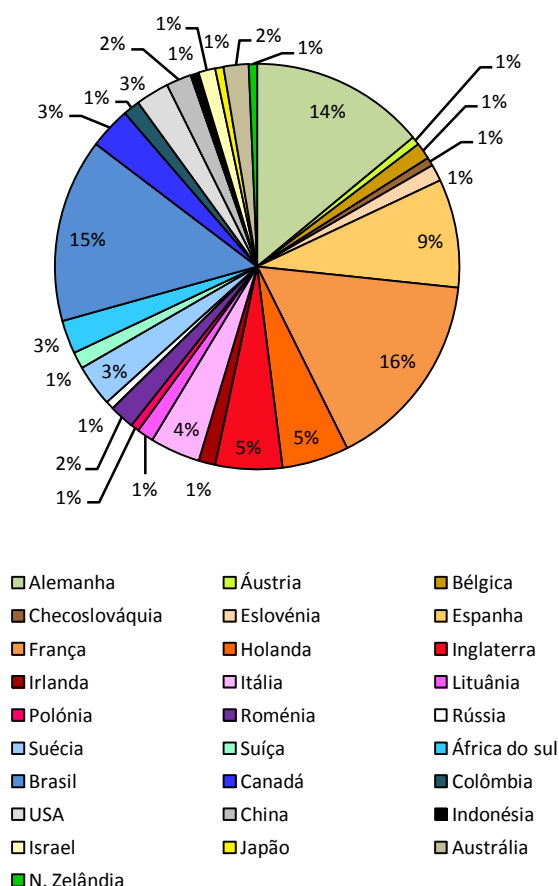
Figura 9 – Habilitações escolares dos inquiridos, portugueses e estrangeiros (%)

## ▪ **PROVENIÊNCIA DOS ESTRANGEIROS INQUIRIDOS**

Entre os estrangeiros de 28 países há uma predominância de europeus, oriundos de 17 países (67%). Seguem-se os visitantes de quatro países do continente americano (22%), em particular da América Latina (16%). De sublinhar que os brasileiros, por si só, representam 15% do total dos estrangeiros.

No grupo dos inquiridos europeus são em maior número os franceses (16%), alemães (14%), espanhóis (10%), ingleses e holandeses (ambos com 6%), relativamente ao total dos visitantes estrangeiros (**Cf. Anexo 6**).

**Estrangeiros inquiridos na zona de Belém  
(28 países)**



**Continentes de origem dos  
estrangeiros inquiridos**

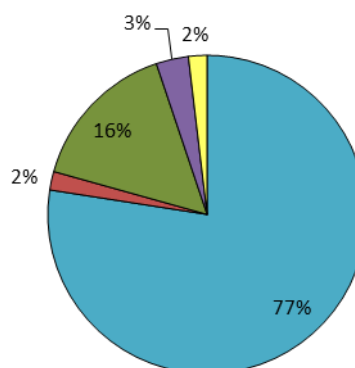


Figura 10 – Países de origem dos estrangeiros inquiridos (%)

Figura 11 – Continentes de origem dos estrangeiros inquiridos (%)

#### ▪ RESIDÊNCIA DOS PORTUGUESES INQUIRIDOS

A maioria dos inquiridos portugueses diz residir no Distrito de Lisboa, concelhos de Lisboa, Cascais, Sintra, Loures e Vila Franca de Xira (60%), seguem-se os residentes no Distrito de Santarém, concelhos de Santarém, Almeirim, Benavente e Tomar (11%) e logo os que residem no Concelho de Leiria (8%). Constatase, assim, que a proximidade geográfica assume algum peso na atração dos visitantes portugueses a esta zona. Haverá aqui também que ter em consideração os meses de aplicação do inquérito, que correspondem ao final do período de férias em que há menor mobilidade no espaço nacional. A situação de crise económica será outro fator não negligenciável (Cf. Anexo 7).

Portugueses inquiridos - Proveniência por Distrito

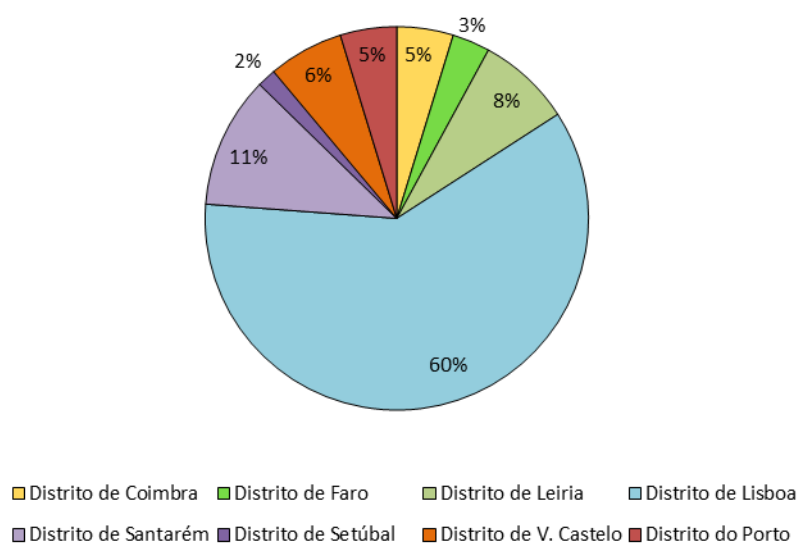


Figura 12 – Portugueses inquiridos (% por Distrito)

#### 5.4. Repostas dos inquiridos

##### ▪ “ESTA É A SUA PRIMEIRA VISITA CULTURAL À ZONA DE BELÉM?”

Quando questionados sobre ser esta a sua primeira visita ou estarem de regresso a esta zona de Lisboa, como seria de prever os visitantes em visita repetida encontram-se sobretudo entre os portugueses (somente 7 estão a realizar a visita a Belém pela primeira vez) sendo o número de “regressados” estrangeiros pouco significativo (Cf. Anexo 8).

### 1ª visita à zona de Belém

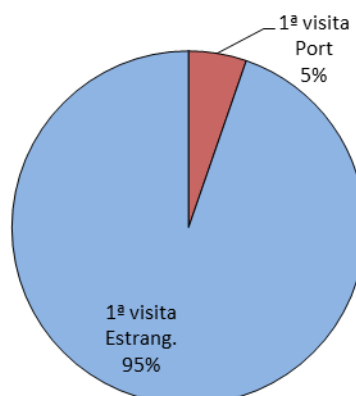


Figura 13 – “Esta é a sua primeira visita cultural à zona de Belém?” (% de visitantes, portugueses estrangeiros)

### ▪ “COMO TOMOU CONHECIMENTO DA ZONA CULTURAL DE BELÉM?”

#### 2. Como tomou conhecimento da zona cultural de Belém?

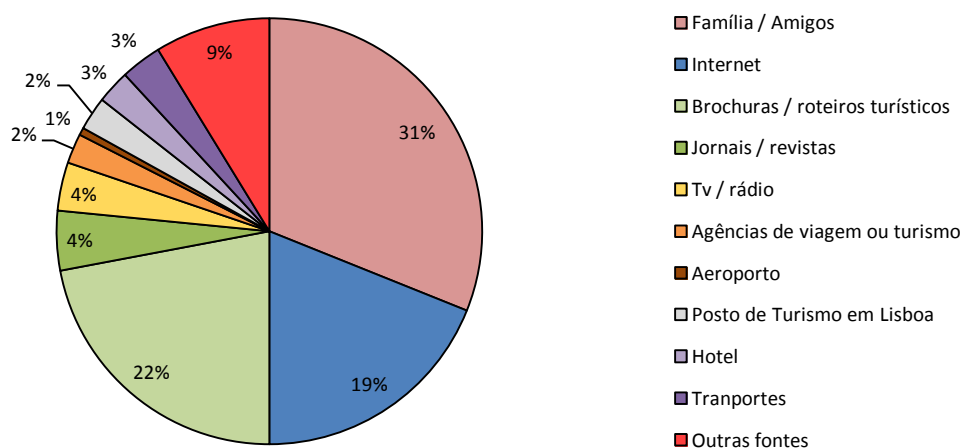


Figura 14 – “Como tomou conhecimento da zona cultural de Belém?” totalidade dos inquiridos)

Na resposta à questão “Como tomou conhecimento da zona cultural de Belém?”, a “família/ amigos” (31%), as “brochuras /roteiros turísticos” (22%) e a “internet”

(19%), sobressaem como os três maiores veículos de transmissão de informação sobre a zona de Belém. Temos, assim, um maior peso da transmissão da informação dentro de grupos de sociabilidade próximos, logo seguido dos meios de divulgação produzidos pelas próprias instituições culturais (brochuras e internet). Estes últimos têm maior peso enquanto veículos de informação privilegiados pelos visitantes estrangeiros sobretudo as “brochuras e roteiros turísticos” (30%), não sendo contudo negligenciável a importância da informação transmitida pela “família e amigos” (25%) e logo “pela internet” (19%) (com um peso idêntico para o caso dos portugueses). As restantes opções são pouco significativas (Cf. **Anexo 9**). Sendo esta uma zona icónica na cidade de Lisboa, e por isso quase que se pode dizer “obrigatória” nos circuitos turísticos é natural que pessoas próximas tenham referido a visita a esta zona antes da sua vinda em viagem a Lisboa. O turista é por definição um colecionador de signos e de “vistas”, de que a zona de Belém é pródiga<sup>254</sup>.

Em relação a “outras fontes de informação” não contempladas pelo questionário – os estrangeiros estreados na visita a Belém referem terem tido conhecimento desta zona por se encontrarem em viagem escolar, por colegas residentes em Lisboa, por se encontrarem em situações de trabalho, etc. Entre os portugueses, por sua vez, destacaram-se respostas do tipo “vivo em Lisboa, faz parte do meu dia-a-dia” e “através da escola”, entre outras.

---

<sup>254</sup> URRY, cit. 97. 1990, p. 3.

▪ **“COMO PLANEOU A SUA VISITA À ZONA CULTURAL DE BELÉM?”**

**3. Como planeou a sua visita à zona de Belém?**

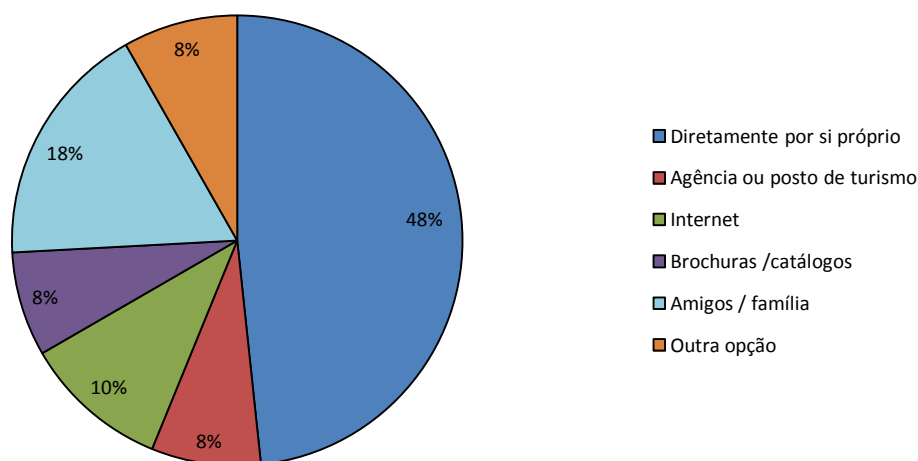
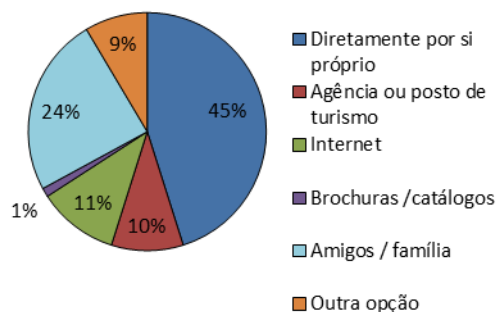


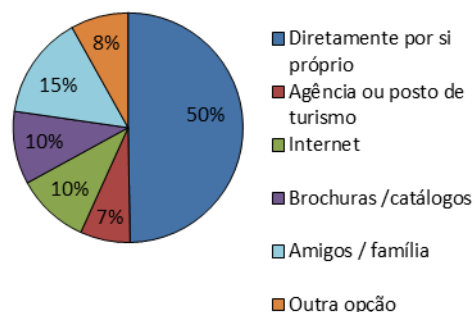
Figura 15 – “Como planeou a sua visita à zona de Belém?” (totalidade de inquiridos)

Tratando-se de uma pergunta de resposta múltipla, referir-nos-emos ao número de vezes que cada opção é escolhida dentro de cada pergunta. Assim, cerca de 50% das respostas referem-se a terem planeado a visita por sua própria iniciativa, o que mostra a fácil acessibilidade desta zona que não requer uma organização que integre os visitantes (sendo que a aplicação deste inquérito se dirigiu preferencialmente a visitantes em visita não-organizada). Bastante menor número de inquiridos referiu ter preparado a visita com a ajuda de “familiares e amigos”, resposta que é coerente com a pergunta anterior, dado a maioria dos inquiridos ter sabido através destes da existência da zona cultural de Belém. A resposta com o apoio da “internet” foi a terceira menos escolhida (10%), tal como na questão anterior.

**3. Como planeou a sua visita à zona de Belém?**  
(Portugueses inquiridos)



**3. Como planeou a sua visita à zona de Belém?**  
(Estrangeiros inquiridos)



Figuras 16 e 17 – “Como planeou a sua visita à zona de Belém?” (fig. 16 portugueses e fig. 17 estrangeiros)

No caso dos estrangeiros, a iniciativa pessoal, “diretamente por si”, parece ter um peso um pouco mais relevante do que no caso dos portugueses (50% vs. 45% das respostas), dado que os últimos são mais influenciados na decisão da visita por “amigos e relações familiares” (24% vs. 15%), provavelmente devido à maioria dos portugueses já ter visitado ou estudado o património desta zona (**Cf. Anexo 10**).

No entanto entre as respostas mais escolhidas temos no caso dos estrangeiros a referência a “brochuras e catálogos” com um peso mais importante quando comparados com os visitantes nacionais (10% vs 1 %) sendo este por isso um meio de divulgação relativamente importante na atração dos turistas estrangeiros.

▪ “QUAIS OS PRINCIPAIS MOTIVOS DA SUA VISITA À ZONA DE BELÉM?”

4. Quais os principais motivos da sua visita à zona de Belém?

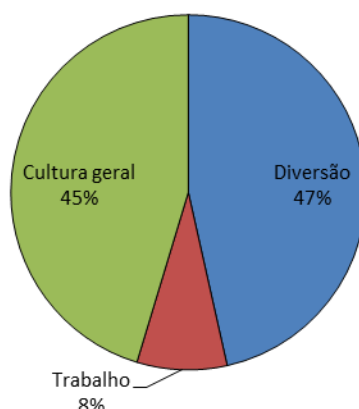


Figura 18 – “Quais os principais motivos da visita à zona de Belém?” (% de portugueses e estrangeiros inquiridos)

As razões da visita à zona de Belém só episodicamente estão relacionadas com motivos de trabalho (8%). Estamos assim perante um conjunto de inquiridos que de facto se encontram em “visita turística”. De referir a importância preponderante e equivalente atribuída pelos inquiridos aos aspetos lúdicos (diversão, 47%) e cognitivos (aquisição de cultura geral, 45%) sendo de referir que os primeiros superam ligeiramente os segundos, apesar da não existência de lugares visitáveis assumidamente lúdicos nesta zona. Esta constatação permite perceber a zona de Belém, que deverá pensar-se como um espaço de lazer no sentido lúdico do termo, para além da tradição da sua divulgação como zona cultural no sentido patrimonial e de transmissão dos conhecimentos que lhe são inerentes

No caso dos portugueses, a principal motivação é adquirir “cultura geral” (49% de cultura geral para 36% de diversão) e no caso dos estrangeiros sobrepõe-se a “diversão” (52% de diversão para 43% de cultura geral). Ainda que a diferença seja pouco significativa estamos a falar no segundo caso de uma população em viagem turística para fora do país que implica um sentido de evasão e escapismo *a priori* mais acentuado do que provavelmente o do turista nacional.

Tabela 5 – “Principais motivos da sua visita à zona de Belém?”

|               | Respostas dos portugueses |      | Respostas dos estrangeiros |      | Total |      |
|---------------|---------------------------|------|----------------------------|------|-------|------|
|               | Nº                        | %    | Nº                         | %    | Nº    | %    |
| Cultura Geral | 42                        | 49%  | 74                         | 43%  | 116   | 45%  |
| Diversão      | 31                        | 36%  | 88                         | 52%  | 119   | 47%  |
| Trabalho      | 13                        | 15%  | 8                          | 5%   | 21    | 8%   |
|               | 86                        | 100% | 170                        | 100% | 256   | 100% |

Nesta questão, cerca de 80% dos inquiridos escolheram apenas uma opção como resposta.

▪ “COMO ESTÁ A VISITAR A ZONA DE BELÉM?”

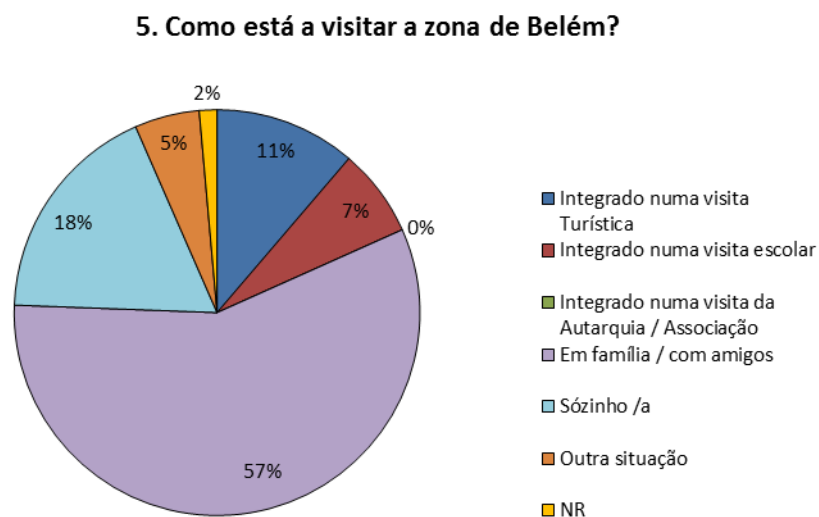


Figura 19 – “Como está a visitar a zona de Belém?” (% de portugueses e estrangeiros inquiridos)

Na pergunta nº 5, quase 60% dos inquiridos disseram estar a visitar Belém “em família ou com amigos”. Aqui os visitantes nacionais e estrangeiros encontram-se em situação idêntica (Cf. Figuras 20 e 21).

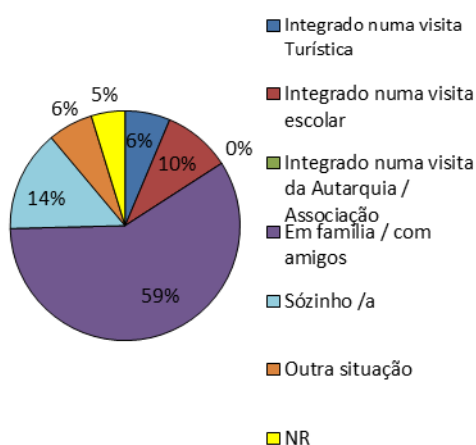
Os visitantes integrados em grupos organizados – “visitas turísticas” e “escolares” – representaram apenas 23% do total. Visitaram esta zona, sozinhos, 18% dos inquiridos.

Postos perante a possibilidade de responder “outra situação” (resposta aberta), uma das alternativas mais mencionadas foi terem vindo em autocarros turísticos “*City Sightseeing Lisboa (Hop on Hop off)*”.

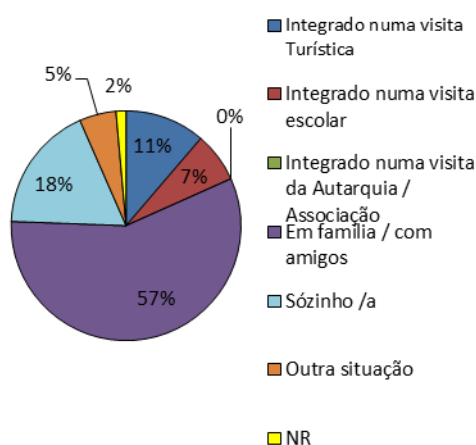
Em relação aos estrangeiros, verificou-se uma percentagem ligeiramente superior face aos nacionais, quer nas visitas não acompanhadas (18% vs. 14%) quer nas visitas de âmbito turístico (11% vs. 6%). Dezoito estrangeiros disseram estar a visitar Belém, pela primeira vez, integrados numa visita turística (organizada) e oito afirmaram já o ter feito anteriormente<sup>255</sup>.

No caso dos portugueses, as visitas escolares são referidas em número superior, 10% vs. 7% (Cf. **Anexo 11**), ainda que seja interessante verificar que há visitas escolares provenientes do estrangeiro à zona de Belém informação certamente importante para a programação cultural desta zona.

5. “Como está a visitar a zona de Belém?”  
(Portugueses inquiridos)



5. “Como está a visitar a zona de Belém?”  
(Estrangeiros inquiridos)



Figuras 20 e 21 – “Como está a visitar a zona de Belém?” (% de portugueses inquiridos; % nacionais inquiridos)

<sup>255</sup> É possível que alguns turistas inquiridos estivessem na zona de Belém em visita organizada, embora no momento em que foram solicitados a responder ao inquérito não o aparentassem.

▪ “NA VISITA À ZONA DE BELÉM, QUAIS OS SEUS PRINCIPAIS INTERESSES?”

6. Na visita à zona de Belém, quais os seus principais interesses?

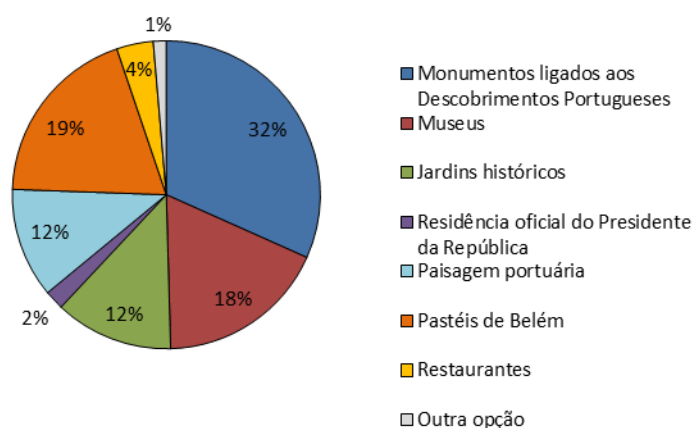


Figura 22 – “Na visita à zona de Belém, quais os seus principais interesses?” (% de portugueses e estrangeiros inquiridos)

Na questão nº 6, os principais interesses dos inquiridos na visita à zona de Belém foram os “monumentos ligados aos Descobrimentos Portugueses” (32%), seguindo-se os “Pastéis de Belém” (19%) e os “museus” (18%). Um menor número de inquiridos referiu os “jardins históricos” e a “paisagem portuária” de Belém (ambos com 12%).

Curiosamente aos “Pastéis de Belém” é atribuída uma importância superior à dos próprios “museus” (18%). Este facto comprova o valor que uma gastronomia bem de qualidade e bem promovida pode ter na antecipação do prazer da visita integrando-se nas motivações de uma proporção importante destes turistas. A importância atribuída aos pastéis de Belém é consistente com o sentido lúdico (diversão e prazer) assumido por cerca de metade dos inquiridos. A relativa desvalorização dos museus (nomeadamente do Museu dos Coches) é consistente com a curta temporalidade da experiência de visita a esta zona e a tendência para uma vivência de “vistas”, para um consumo distanciado de fachadas e paisagens que tende hoje a caracterizar a experiência turística<sup>256</sup>; um tipo de experiência que é amplamente oferecida nesta zona. Esta resposta dos inquiridos é consistente com os dados apresentados no anterior capítulo IV (secção 4.3): a tríade tradicionalmente mais oferecida e procurada pelo turismo de massas – o MJ, a TB e o MNC - tende hoje a ser substituída pela tríade MJ, TB e PD

256 - URRY, cit. 97.

(este último recebe mais visitantes estrangeiros do que o MNC desde 2011, **cf. Tabela 3**), sendo que a paragem “obrigatória” nos Pastéis de Belém que ainda não entra na descrição dos locais imperdíveis, na prática tem vindo a ganhar terreno face aos demais lugares icónicos de Belém.

Quando se pergunta quais os principais interesses dos visitantes que estão na origem da visita a Belém (Cf. Tabela 6), verifica-se que para além dos “Monumentos alusivos aos Descobrimentos” (mais referidos por ambos os grupos de visitantes) seguem-se os “Pastéis de Belém” (17%) logo os “Museus” (15%) e a “Paisagem portuária” (14%), no caso dos inquiridos estrangeiros. Ao passo que entre visitantes portugueses seguem-se aos “Monumentos”, os “Museus” (24%), quase a par dos “Pastéis de Belém” (22%), sendo a “Paisagem portuária” muito pouco valorizada (6%). Há aqui uma maior valorização do consumo da paisagem, pelos visitantes estrangeiros, que inclui a presença do rio Tejo e a sua zona ribeirinha, que não deve ser negligenciada na produção de programação para esta zona. Os jardins históricos são referidos por ambos os grupos em cerca de 12%/13% das indicações de resposta. *“O olhar do turista é direccionado para as características do panorama e da paisagem urbana, que o separa da experiência quotidiana”*<sup>257</sup>.

Tabela 6 – “Na visita à zona de Belém, quais os seus principais interesses?” (Nº e % de portugueses e estrangeiros inquiridos).

| 6)                                                | Respostas dos portugueses |      | Respostas dos estrangeiros |      | Total |      |
|---------------------------------------------------|---------------------------|------|----------------------------|------|-------|------|
|                                                   | Nº                        | %    | Nº                         | %    | Nº    | %    |
| Monumentos ligados aos Descobrimentos Portugueses | 43                        | 30%  | 97                         | 32%  | 140   | 32%  |
| Museus                                            | 34                        | 24%  | 45                         | 15%  | 79    | 18%  |
| Jardins históricos                                | 17                        | 12%  | 38                         | 13%  | 55    | 12%  |
| Residência oficial do Presidente da República     | 3                         | 2%   | 6                          | 2%   | 9     | 2%   |
| Paisagem portuária                                | 8                         | 6%   | 43                         | 14%  | 51    | 12%  |
| Pastéis de Belém                                  | 32                        | 22%  | 53                         | 17%  | 85    | 19%  |
| Restaurantes                                      | 1                         | 1%   | 16                         | 5%   | 17    | 4%   |
| Outra opção                                       | 1                         | 3%   | 5                          | 2%   | 6     | 1%   |
|                                                   | 139                       | 100% | 303                        | 100% | 442   | 100% |

<sup>257</sup> URRY, cit. 97, p. 3.

- **“DOS SEGUINTES MONUMENTOS, MUSEUS OU JARDINS HISTÓRICOS DA ZONA DE BELÉM. DE QUAIS JÁ TINHA OUVIDO FALAR?”**

**7.1. Dos seguintes Monumentos, Museus ou Jardins Históricos da zona de Belém. De quais já tinha ouvido falar?**

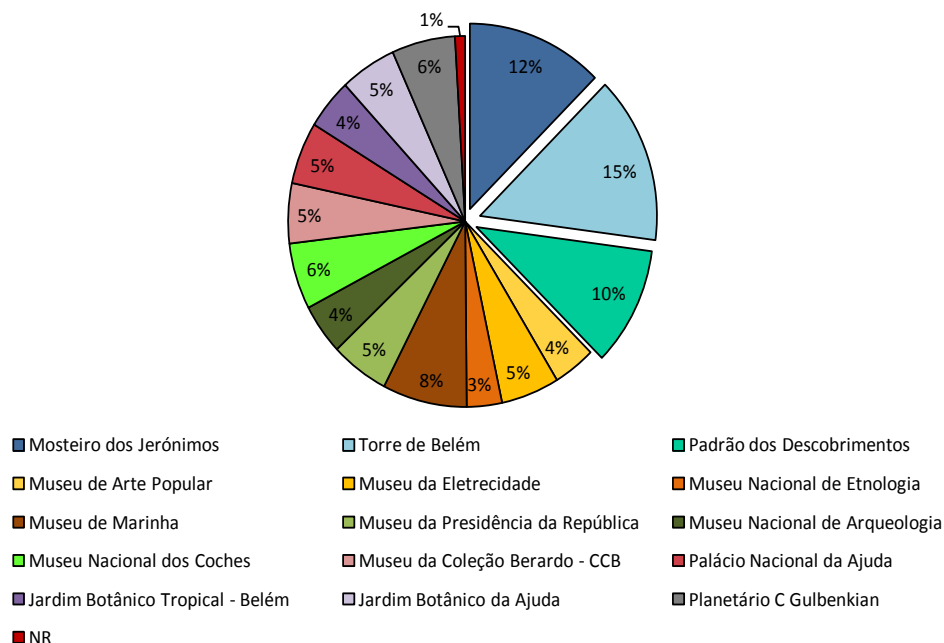


Figura 23 – “Dos seguintes Monumentos, Museus ou Jardins Históricos da zona de Belém. De quais já tinha ouvido falar?” (% de portugueses e estrangeiros inquiridos)

Dos quinze espaços culturais propostos no questionário é a Torre de Belém o mais conhecido dos inquiridos” (15%), logo o Mosteiro dos Jerónimos (12%) e o Padrão dos Descobrimentos (10%). Atrás desta tríade segue-se o “Museu de Marinha” (8%), e o “Museu Nacional dos Coches” e logo o “Planetário Calouste Gulbenkian”, ambos com os mesmos valores, curiosamente (6%). Há nestas respostas uma óbvia valorização do “monumento” face ao “museu”. Ou seja valorização, mais uma vez, do consumo “cénico” face ao “cognitivo”, sendo também privilegiados espaços públicos, exteriores por relação com espaços simbolicamente mais “privado”, “fechado” implicando a transposição de uma porta que separa da rua (o caso dos museus). Também reflete a valorização de um consumo mais imediato e superficial face àquele que exige uma maior dedicação e disponibilidade de tempo.

Como era de esperar, os inquiridos portugueses mostraram-se mais informados sobre a diversidade das ofertas culturais desta zona, indicando um maior número de opções.

O “Jardim Botânico Tropical” e o “Museu Nacional de Etnologia” são muito pouco referidos quer por inquiridos nacionais quer por estrangeiros. Pode-se por isso aventar que estes espaços, em particular, carecem de promoção turística que os tornem apelativos para este sector. Também os museus nacionais de Arqueologia e de Arte Popular são pouco referidos, conforme indicado na Tabela 7 (Cf. **Anexo 12**).

Tabela 7 - “Dos seguintes Monumentos, Museus ou Jardins Históricos da zona de Belém. De quais já tinha ouvido falar?”

| 7.1)                              | Respostas dos portugueses |      | Respostas dos estrangeiros |      | Total |      |
|-----------------------------------|---------------------------|------|----------------------------|------|-------|------|
|                                   | Nº                        | %    | Nº                         | %    | Nº    | %    |
| Mosteiro dos Jerónimos            | 42                        | 8%   | 94                         | 18%  | 136   | 12%  |
| Torre de Belém                    | 46                        | 8%   | 113                        | 21%  | 159   | 15%  |
| Padrão dos Descobrimentos         | 44                        | 8%   | 69                         | 13%  | 113   | 10%  |
| Museu de Arte Popular             | 29                        | 5%   | 13                         | 2%   | 42    | 4%   |
| Museu da Eletricidade             | 39                        | 7%   | 19                         | 4%   | 58    | 5%   |
| Museu Nacional de Etnologia       | 24                        | 4%   | 11                         | 2%   | 35    | 3%   |
| Museu da Marinha                  | 46                        | 8%   | 38                         | 7%   | 84    | 8%   |
| Museu da Presidência da República | 41                        | 7%   | 17                         | 3%   | 58    | 5%   |
| Museu Nacional de Arqueologia     | 26                        | 5%   | 22                         | 4%   | 48    | 4%   |
| Museu Nacional dos Coches         | 41                        | 7%   | 22                         | 4%   | 63    | 6%   |
| Museu da Coleção Berardo – CCB    | 42                        | 8%   | 15                         | 3%   | 57    | 5%   |
| Palácio Nacional da Ajuda         | 42                        | 8%   | 17                         | 3%   | 59    | 5%   |
| Jardim Botânico Tropical - Belém  | 22                        | 4%   | 26                         | 5%   | 48    | 4%   |
| Jardim Botânico da Ajuda          | 34                        | 6%   | 22                         | 4%   | 56    | 5%   |
| Planetário C Gulbenkian           | 38                        | 7%   | 25                         | 5%   | 63    | 6%   |
| NR                                | 0                         | 0%   | 10                         | 2%   | 10    | 1%   |
|                                   | 556                       | 100% | 533                        | 100% | 1089  | 100% |

▪ **“DOS SEGUINTES MONUMENTOS, MUSEUS OU JARDINS HISTÓRICOS DA ZONA DE BELÉM. QUAIS VISITOU?”**

Quando se pergunta aos inquiridos “Que Monumentos, Museus ou Jardins Históricos já visitou?”, mais uma vez, e reforçando o que dissemos antes, a grande maioria refere a tríade “Mosteiro dos Jerónimos, Torre de Belém e Padrão dos Descobrimentos” (21%, 18% e 14% respetivamente), os monumentos sobrepõem-se novamente aos museus. Os museus de Etnologia e de Arte Popular surgem como os menos visitados (ambos com 1%). Esta resposta é consistente com a resposta anterior.

**7.2. . Dos seguintes Monumentos, Museus ou Jardins Históricos da zona de Belém. Quais visitou?**

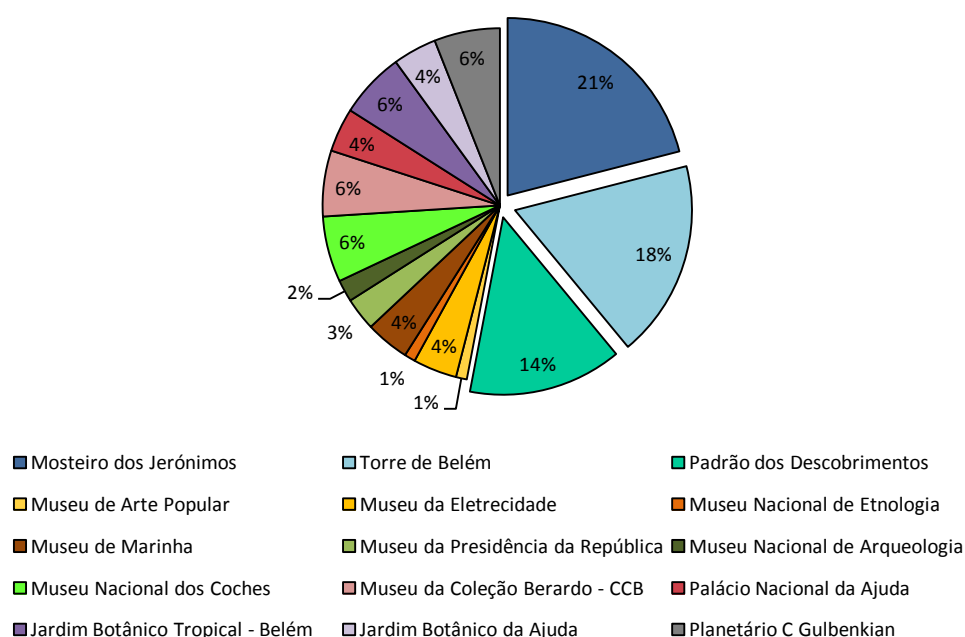


Figura 24 - 7.2. “Dos seguintes Monumentos, Museus ou Jardins Históricos da zona de Belém. Quais visitou?” (% de portugueses e estrangeiros inquiridos)

Nas respostas dos inquiridos portugueses a dispersão pelas diferentes ofertas culturais é consideravelmente maior, à exceção dos museus de Arte Popular e Etnologia que mantêm-se muito pouco referidos (1%).

Em relação aos estrangeiros, o volume de visitas realizadas aos Jerónimos, Torre de Belém e Padrão é bastante superior face às efetuadas pelos visitantes nacionais (67% vs. 39%) e constata-se um maior número de referências a outros espaços: os museus de

Arte Popular, Etnologia, Eletricidade, Presidência da República, Coleção Berardo – CCB e o Palácio Nacional da Ajuda (Cf. Anexo 13).

Tabela 8 – “Dos seguintes Monumentos, Museus ou Jardins Históricos da zona de Belém. Quais visitou?” (Nº e % de portugueses e estrangeiros inquiridos)

| 7.2)                              | Respostas dos portugueses |      | Respostas dos estrangeiros |      | Total |      |
|-----------------------------------|---------------------------|------|----------------------------|------|-------|------|
|                                   | Nº                        | %    | Nº                         | %    | Nº    | %    |
| Mosteiro dos Jerónimos            | 57                        | 15%  | 71                         | 32%  | 128   | 21%  |
| Torre de Belém                    | 46                        | 12%  | 62                         | 28%  | 108   | 18%  |
| Padrão dos Descobrimentos         | 45                        | 12%  | 39                         | 17%  | 84    | 14%  |
| Museu de Arte Popular             | 3                         | 1%   | 2                          | 1%   | 5     | 1%   |
| Museu da Eletricidade             | 24                        | 6%   | 2                          | 1%   | 26    | 4%   |
| Museu Nacional de Etnologia       | 3                         | 1%   | 1                          | 1%   | 4     | 1%   |
| Museu de Marinha                  | 20                        | 5%   | 7                          | 3%   | 27    | 4%   |
| Museu da Presidência da República | 13                        | 4%   | 2                          | 1%   | 15    | 3%   |
| Museu Nacional de Arqueologia     | 6                         | 2%   | 6                          | 3%   | 12    | 2%   |
| Museu Nacional dos Coches         | 30                        | 8%   | 5                          | 2%   | 35    | 6%   |
| Museu da Coleção Berardo - CCB    | 33                        | 9%   | 3                          | 1%   | 36    | 6%   |
| Palácio Nacional da Ajuda         | 23                        | 6%   | 3                          | 1%   | 26    | 4%   |
| Jardim Botânico Tropical - Belém  | 24                        | 6%   | 11                         | 5%   | 35    | 6%   |
| Jardim Botânico da Ajuda          | 20                        | 5%   | 5                          | 2%   | 25    | 4%   |
| Planetário C Gulbenkian           | 30                        | 8%   | 5                          | 2%   | 35    | 6%   |
|                                   | 337                       | 100% | 224                        | 100% | 601   | 100% |

▪ “SE APENAS PUDESSE VISITAR TRÊS ESPAÇOS, QUAIS ESCOLHERIA?”

7. 3. Se apenas pudesse visitar três espaços, quais escolheria?

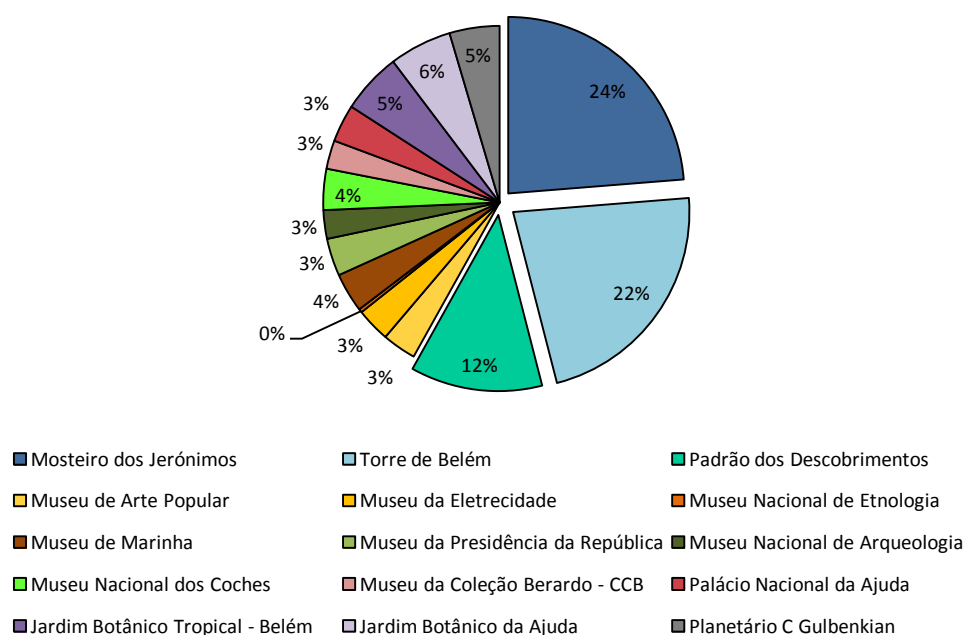


Figura 25 - “Se apenas pudesse visitar três espaços, quais escolheria?” (% de portugueses e estrangeiros inquiridos)

À questão “Se pudesse visitar três espaços, quais escolheria?”, a grande maioria dos inquiridos deu como resposta o “Mosteiro dos Jerónimos” (23%), a “Torre de Belém” (22%) e o “Padrão dos Descobrimentos” (12%). Situação que não é de estranhar devido a terem sido estes os mais conhecidos e visitados pelos inquiridos pelas razões de visita imediatista e consumo marcadamente cénico que já aventámos antes. Para além disso, estes lugares patrimoniais estão indubitavelmente associados aos Descobrimentos Portugueses, sendo os dois primeiros ex-libris do estilo Manuelino, construídos nos reinados de D. Manuel I e D. João III (século XVI) e recentemente eleitos Património Mundial da Humanidade (1983). Estas características aliadas a uma forte divulgação terão certamente influência nas escolhas dos visitantes.

Há um roteiro turístico ligado à narrativa dos descobrimentos e aos seus principais ícones, aos quais os visitantes pretendem regressar.

Tabela 9 – “Se apenas pudesse visitar três espaços, quais escolheria?” (Nº e % de portugueses e estrangeiros inquiridos)

| 7.3)                              | Respostas dos portugueses |      | Respostas dos estrangeiros |      | Total |      |
|-----------------------------------|---------------------------|------|----------------------------|------|-------|------|
|                                   | Nº                        | %    | Nº                         | %    | Nº    | %    |
| Mosteiro dos Jerónimos            | 40                        | 22%  | 105                        | 24%  | 145   | 23%  |
| Torre de Belém                    | 28                        | 15%  | 108                        | 25%  | 136   | 22%  |
| Padrão dos Descobrimentos         | 15                        | 8%   | 59                         | 14%  | 74    | 12%  |
| Museu de Arte Popular             | 8                         | 4%   | 11                         | 3%   | 19    | 3%   |
| Museu da Eletricidade             | 10                        | 5%   | 9                          | 2%   | 19    | 3%   |
| Museu Nacional de Etnologia       | 1                         | 1%   | 1                          | 0%   | 2     | 0%   |
| Museu da Marinha                  | 4                         | 2%   | 18                         | 4%   | 22    | 4%   |
| Museu da Presidência da República | 11                        | 6%   | 10                         | 2%   | 21    | 3%   |
| Museu Nacional de Arqueologia     | 6                         | 3%   | 10                         | 2%   | 16    | 3%   |
| Museu Nacional dos Coches         | 12                        | 7%   | 11                         | 3%   | 23    | 4%   |
| Museu da Coleção Berardo - CCB    | 11                        | 6%   | 5                          | 1%   | 16    | 3%   |
| Palácio Nacional da Ajuda         | 9                         | 5%   | 12                         | 3%   | 21    | 3%   |
| Jardim Botânico Tropical - Belém  | 2                         | 1%   | 32                         | 7%   | 34    | 5%   |
| Jardim Botânico da Ajuda          | 12                        | 7%   | 23                         | 5%   | 35    | 6%   |
| Planetário C Gulbenkian           | 13                        | 7%   | 15                         | 3%   | 28    | 5%   |
| NR                                | 1                         | 1%   | 7                          | 2%   | 8     | 1%   |
|                                   | 183                       | 100% | 436                        | 100% | 619   | 100% |

Entre os inquiridos a resposta é análoga destacando-se a tríade atrás identificada. Nos estrangeiros sobressai a “Torre de Belém” (25%), sendo o “Museu Nacional dos Coches”, muito menos referido (3%).

Uma vez mais os portugueses dispersaram-se mais pelas propostas culturais existentes, havendo mais referências ao “Museu dos Coches”, a par com o “Jardim Botânico da Ajuda” e o “Planetário Calouste Gulbenkian”, todos com 7% (**Cf. Anexo 14**).

- “COMO AVALIA A INTRODUÇÃO DAS SEGUINTE PROPOSTAS, PARA MELHORAR A ATRAÇÃO À ZONA DE BELÉM?”

#### 8. Como avalia a introdução das seguintes respostas, para melhorar a atração à zona de Belém? (visitantes de Belém)

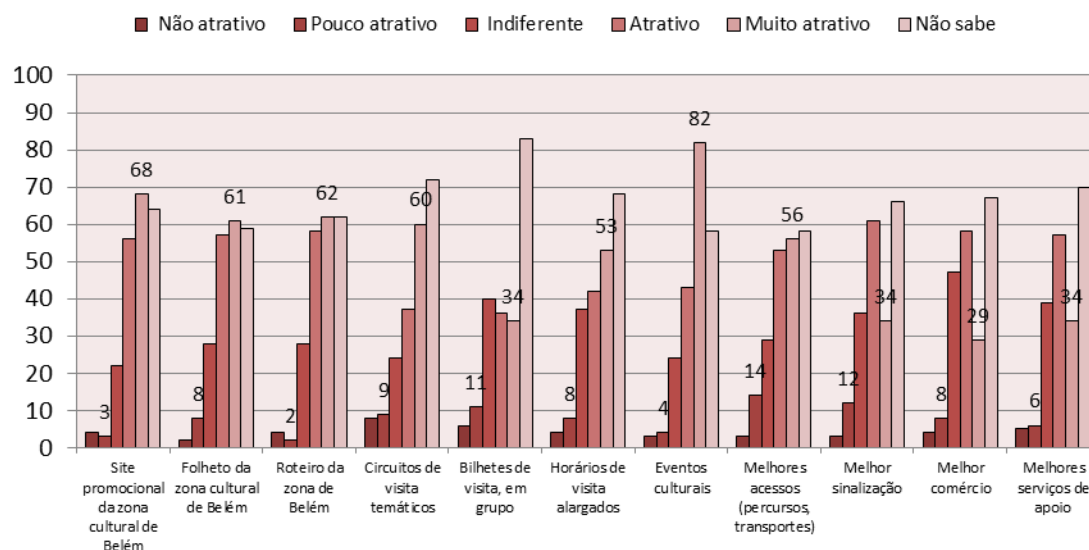


Figura 26 – “Como avalia a introdução das seguintes respostas, para melhorar a atracção à zona de Belém?” (Nº de visitantes nacionais e estrangeiros)

Os inquiridos pensam que a zona de Belém seria mais atrativa se sobretudo tivesse a oferecer mais “eventos culturais” (14%), um “site promocional” (12%) e um “folheto” e “roteiro da zona de Belém” (ambos com 11%).

Valorizam bem menos a “melhoria dos acessos” (17%) e da “sinalização” (14%).

Nesta pergunta, foi bastante expressiva a falta de opinião dos inquiridos face às propostas sugeridas para melhorar a atracção à zona cultural de Belém, com 72 respostas na opção “não sei” (Cf. Anexo 15).

As escolhas enquadram-se também no leque de preferências dos visitantes estrangeiros.

Tabela 10 - “Como avalia a introdução das seguintes propostas, para melhorar a atracção à zona de Belém?” (Nº e % dos portugueses e estrangeiros inquiridos. Opções: “pouco atrativo” e “muito atrativo”)

| Visitantes de Belém                        | Respostas dos portugueses |      |                |      | Respostas dos estrangeiros |      |                |      |
|--------------------------------------------|---------------------------|------|----------------|------|----------------------------|------|----------------|------|
|                                            | Pouco atrativo            |      | Muito atrativo |      | Pouco atrativo             |      | Muito atrativo |      |
|                                            | Nº                        | %    | Nº             | %    | Nº                         | %    | Nº             | %    |
| Site promocional da zona cultural de Belém | 1                         | 7%   | 25             | 9%   | 2                          | 3%   | 43             | 15%  |
| Folheto da zona cultural de Belém          | 2                         | 15%  | 22             | 8%   | 6                          | 8%   | 39             | 13%  |
| Roteiro da zona de Belém                   | 0                         | 0%   | 29             | 10%  | 2                          | 3%   | 33             | 11%  |
| Circuitos de visita temáticos              | 0                         | 0%   | 31             | 11%  | 9                          | 13%  | 29             | 10%  |
| Bilhetes de visita, em grupo               | 2                         | 14%  | 17             | 6%   | 9                          | 13%  | 17             | 6%   |
| Horários de visita alargados               | 1                         | 7%   | 35             | 13%  | 7                          | 10%  | 18             | 6%   |
| Eventos culturais                          | 0                         | 0%   | 40             | 14%  | 4                          | 5%   | 42             | 14%  |
| Melhores acessos (percursos, transportes)  | 2                         | 14%  | 29             | 10%  | 12                         | 17%  | 27             | 9%   |
| Melhor sinalização                         | 3                         | 22%  | 17             | 6%   | 9                          | 13%  | 17             | 6%   |
| Melhor comércio                            | 2                         | 14%  | 15             | 5%   | 6                          | 8%   | 14             | 5%   |
| Melhores serviços de apoio                 | 1                         | 7%   | 21             | 8%   | 5                          | 7%   | 13             | 5%   |
|                                            | 14                        | 100% | 256            | 100% | 71                         | 100% | 292            | 100% |

Os inquiridos portugueses valorizam sobretudo a existência de mais “eventos culturais” (14%) e o “alargamento dos horários da visita” (13%) para melhorar a atração turística desta zona, segue, para este grupo de inquiridos a importância atribuída à existência de “circuitos temáticos” (11%) e logo a existência de um “roteiro da zona de Belém” (10%) [Cf. **Anexo 16**] Coerente com a sua maior acessibilidade e proximidade a esta zona de Belém, a implementação de um “site promocional” tem um peso menor (9%) do que para os estrangeiros (15%) [Cf. **Anexo 17**].

A introdução de “melhor sinalização na zona” (22%) é uma opção mais considerada “pouco atrativa” para os portugueses inquiridos. No caso dos estrangeiros, consideram “pouco atrativa” sobretudo a possibilidade de se investir em “melhores acessos” (17%), daí se subentende que Belém não seja uma zona mal sinalizada e de difícil acesso para a generalidade dos visitantes.

- “QUE IMPORTÂNCIA ATRIBUI AOS SEGUINTE ELEMENTOS NA ATRAÇÃO DE VISITANTES À ZONA DE BELÉM?”

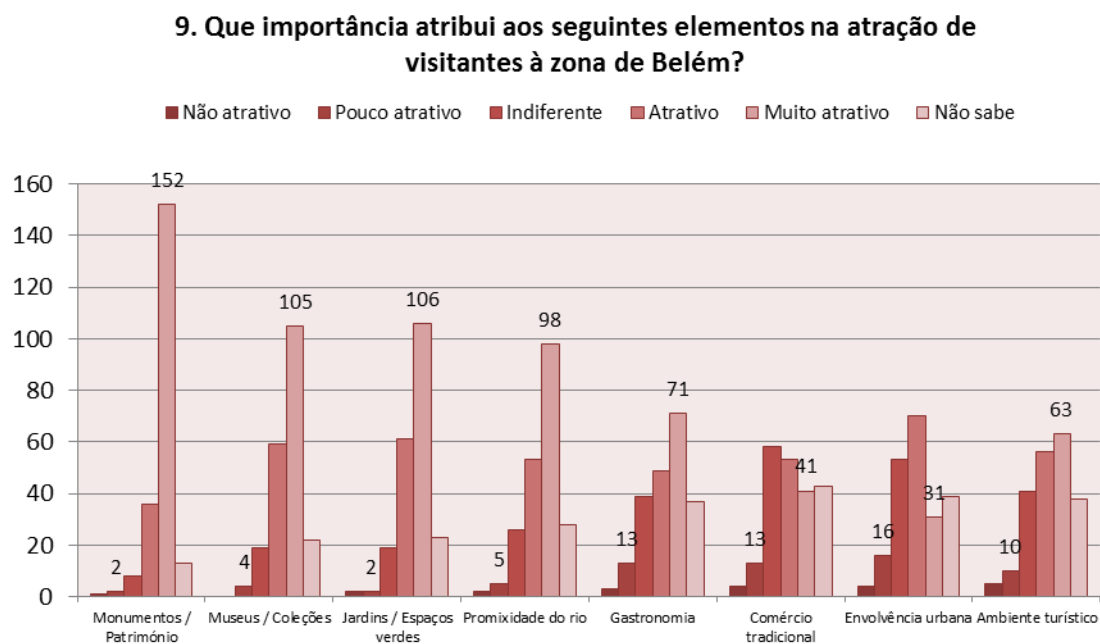


Figura 27 - “Que importância atribui aos seguintes elementos na atração de visitantes à zona de Belém?” (Nº de visitantes, nacionais e estrangeiros).

Na questão relativa à identificação dos elementos que mais contribuem para atraírem visitantes à zona de Belém, (pergunta nº 9), o maior número de inquiridos optou por considerar “muito atrativo” “monumentos /patrimônio”, seguindo-se com alguma distância os “jardins /espaços verdes” muita próxima de “museus /coleções”. Entre os elementos identificados como “menos atrativos” para captação de visitantes a Belém destaca-se a “envolvência urbana”, a “gastronomia” e o “comércio tradicional” assumindo claramente uma valorização dos símbolos patrimoniais da zona. (Neste caso, a gastronomia não dizia diretamente respeito aos Pastéis de Belém mas antes à restauração em geral) [Cf. Anexo 18].

Tabela 11 - “Que importância atribui aos seguintes elementos na atracão de visitantes à zona de Belém?” (Nº e % dos portugueses e estrangeiros inquiridos. Opções: “pouco atrativo” e “muito atrativo”)

| Visitantes de Belém      | Respostas dos portugueses |      |                |      | Respostas dos estrangeiros |      |                |      |
|--------------------------|---------------------------|------|----------------|------|----------------------------|------|----------------|------|
|                          | Pouco atrativo            |      | Muito atrativo |      | Pouco atrativo             |      | Muito atrativo |      |
|                          | Nº                        | %    | Nº             | %    | Nº                         | %    | Nº             | %    |
| Monumentos /Património   | 0                         | 0%   | 53             | 19%  | 2                          | 3%   | 99             | 26%  |
| Museus / Coleções        | 0                         | 0%   | 42             | 15%  | 4                          | 7%   | 63             | 16%  |
| Jardins / Espaços verdes | 0                         | 0%   | 46             | 16%  | 2                          | 3%   | 60             | 15%  |
| Proximidade do rio       | 0                         | 0%   | 45             | 16%  | 5                          | 9%   | 53             | 14%  |
| Gastronomia              | 2                         | 20%  | 34             | 12%  | 11                         | 18%  | 37             | 10%  |
| Comércio tradicional     | 1                         | 10%  | 20             | 7%   | 12                         | 20%  | 21             | 5%   |
| Envolvência urbana       | 1                         | 10%  | 16             | 6%   | 15                         | 25%  | 15             | 4%   |
| Ambiente turístico       | 1                         | 10%  | 24             | 9%   | 9                          | 15%  | 39             | 10%  |
|                          | 5                         | 100% | 280            | 100% | 60                         | 100% | 387            | 100% |

Comparando as escolhas de inquiridos nacionais e estrangeiros, os visitantes estrangeiros, consideram sobretudo “muito atrativos” os “monumentos e o património” (26%), como seria de esperar. Seguem-se com alguma distância os “museus e coleções” (16%), bem como os “jardins /espaços verdes” (15%) e a “proximidade do rio” (14%). Como “menos atrativa” destaca-se, em consistência com os inquiridos nacionais, a “envolvência urbana” (25%) e o “comércio tradicional” (20%) [Cf. **Anexo 19**]

Para os portugueses a escolha é idêntica: os “monumentos e o património”, assumem papel de destaque (19%), logo a pouca distância estão os “jardins / espaços verdes” e a “proximidade do rio” (ambos com 16%), seguidos dos “museus e coleções” (15%). Em relação aos aspetos “Menos atrativos” estes são muito pouco expressivos (Cf. **Anexo 20**).

▪ “ESCOLHA A AFIRMAÇÃO COM QUE MAIS SE IDENTIFICA”:

10. Escolha a afirmação com que mais se identifica

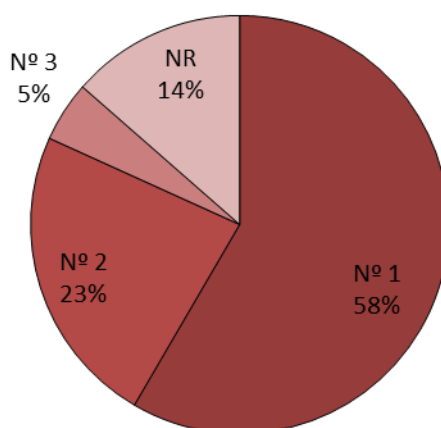


Figura 28 – “Escolha a afirmação com que mais se identifica” (% de respostas dos portugueses e estrangeiros inquiridos).

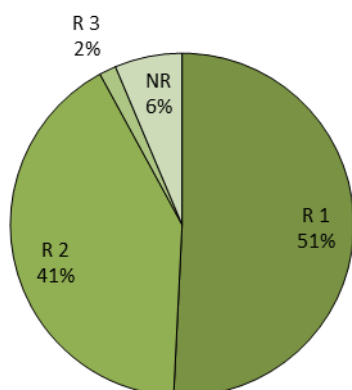
Tabela 12 – “Escolha a afirmação com que mais se identifica” (Nº de vezes que cada opção foi escolhida, por estrangeiros e portugueses)

|             |                                                                                                                                                          |      |                         |      |       |      |
|-------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|-------------------------|------|-------|------|
| Afirmção 1  | A Zona de Belém <u>está bem</u> utilizada: os turistas vêm o que é fundamental.                                                                          |      |                         |      |       |      |
| Afirmção 2  | A zona de Belém poderia ser <u>melhor</u> utilizada: os turistas poderiam ver mais lugares e de forma mais integrada.                                    |      |                         |      |       |      |
| Afirmção 3  | A zona de Belém necessita de ser <u>muito melhor</u> organizada: os turistas deveriam ter mais autonomia e estar informados sobre as ofertas existentes. |      |                         |      |       |      |
|             | Visitantes Portugueses                                                                                                                                   |      | Visitantes Estrangeiros |      | Ambos |      |
|             | Nº                                                                                                                                                       | %    | Nº                      | %    | Nº    | %    |
| Respostas 1 | 32                                                                                                                                                       | 51%  | 92                      | 62%  | 124   | 58%  |
| Respostas 2 | 26                                                                                                                                                       | 42%  | 24                      | 16%  | 50    | 23%  |
| Respostas 3 | 1                                                                                                                                                        | 2%   | 9                       | 6%   | 10    | 5%   |
| NR          | 4                                                                                                                                                        | 5%   | 25                      | 16%  | 29    | 14%  |
| Total       | 63                                                                                                                                                       | 100% | 150                     | 100% | 213   | 100% |

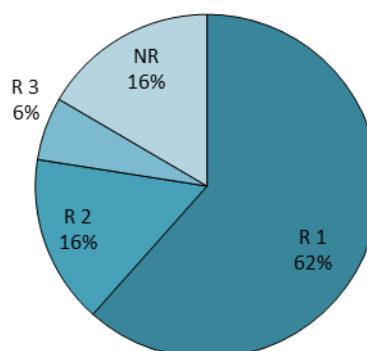
Relativamente à qualidade de utilização da zona de Belém, a maioria (58%) da totalidade dos inquiridos (portugueses e estrangeiros) considerou-a como sendo “bem utilizada” e 23% como “podendo ser melhor utilizada” em particular se for promovida de uma forma “mais integrada”. Apenas 5% afirmou que a zona de Belém necessita de

ser “muito melhor organizada” sobretudo com informações aos turistas sobre as ofertas existentes. Não escolheram qualquer das opções 14% dos inquiridos.

**10. Escolha a afirmação com que mais se identifica**  
(Portugueses inquiridos)



**10. Escolha a afirmação com que mais se identifica**  
(Estrangeiros inquiridos)



Figuras 29 e 30 – “Escolha a afirmação com que mais se identifica” (% de respostas dos portugueses inquiridos; % de respostas dos estrangeiros inquiridos)

Comparando os inquiridos portugueses com os estrangeiros, 51% dos portugueses estão satisfeitos com a utilização que é feita da zona de Belém, 41% são de opinião que esta zona poderia ser “melhor utilizada” e apenas 2% manifesta insatisfação quanto à utilização desta zona da cidade considerando que poderia ser “muito melhor utilizada”.

No que diz respeito aos estrangeiros, a percentagem dos “satisfeitos” é um pouco superior 62%, mas já os que acham que “poderia ser melhorada” são relativamente poucos 16%, e os mais adeptos à mudança situam-se nos 6%. Neste caso, se o número dos que exprimem uma opinião positiva é superior ao dos portugueses também é aqui se encontram as posições mais negativas. Temos pois um maior sentido crítico no caso dos portugueses, que são os repetentes e melhores conhecedores da zona, ainda que seja de sublinhar que o número de “não-respostas” é bastante superior no caso dos estrangeiros, como seria de esperar (16%), por estarem à partida menos familiarizados com a zona de Belém.

## 5.5. Conclusões dos Inquéritos

Estamos, pois perante uma amostra de inquiridos em que a maioria é do sexo feminino e relativamente jovem.

- São essencialmente pessoas com grau de instrução formal elevado, em particular os estrangeiros, pois mais de 1/3 tem bacharelato / licenciatura e quase 1/4 possuía habilitações de nível médio (ensino secundário). Sendo camadas mais jovens, o grau de escolaridade tem tendência a ser mais elevado;

- Os visitantes estrangeiros são de 28 nacionalidades, com largo destaque para franceses, brasileiros, alemães e espanhóis, que no conjunto representaram mais de metade dos inquiridos;

- A quase totalidade dos estrangeiros (c. 95%) estava a visitar Belém pela primeira vez;

- A maioria dos visitantes teve conhecimento desta zona principalmente por familiares e amigos (cerca de 1/3), por brochuras, roteiros turísticos e internet, por serem visitantes autónomos não incluídos em grupos organizados;

- Quase metade dos inquiridos preparou a visita a Belém por iniciativa própria e interesse pessoal. Os estrangeiros terão recorrido mais do que os portugueses a informação escrita sobretudo consultada na internet;

- Foram principalmente preocupações de natureza cultural e lúdica que motivaram a visita a Belém, sendo que no caso dos estrangeiros a motivação lúdica sobrepôs-se mesmo à motivação cultural;

- Mais de metade da totalidade dos inquiridos, nacionais e estrangeiros, visitaram Belém acompanhados da família ou de amigos, como se pode constatar pelos resultados dos inquéritos;

- Os “monumentos ligados aos descobrimentos portugueses” distinguiram-se, entre outras opções, como o principal centro de interesse da visita à zona de Belém. Como equipamentos culturais mais conhecidos distinguiram-se a tríade: Torre de Belém (15%), Mosteiro dos Jerónimos (12%) e Padrão dos Descobrimentos (10%), provavelmente por serem dos mais promovidos e dos que mais se identificam com a história do local e do país;

- Os museus parecem ser menos procurados que os Monumentos, sendo de supor que esse facto se deva à divulgação e aos circuitos propostos pela indústria do turismo;

- Os “Pasteis de Belém”, a zona portuária e os jardins históricos também contribuíram para acrescentar interesse à visita à zona de Belém, pela complementaridade de interesses que proporcionam;

- A maioria dos visitantes diz ter visitado a tríade “Mosteiro dos Jerónimos (21%), Torre de Belém (18%) e Padrão dos Descobrimentos (14%)”, embora não se saiba se entraram ou se desfrutaram apenas da envolvimento dos espaços, em particular da zona ribeirinha;

- No caso de apenas puderem visitar três equipamentos culturais (museus, monumentos ou jardins históricos), os visitantes elegeram, mais uma vez, o Mosteiro dos Jerónimos (23%), a Torre de Belém (22%) e o Padrão dos Descobrimentos (12%).

- Os visitantes em geral gostariam de ver introduzidos mais eventos culturais na zona, um site promocional, roteiros, circuitos de visita temáticos para maior fruição dos espaços e melhor informação sobre os mesmos;

- Também “monumentos / património” estão entre os elementos que consideram mais atrativos na zona de Belém, seguindo com alguma distância os “jardins / espaços verdes”, “museus/ coleções” e “proximidade do rio”. Tal deve-se aos primeiros constituírem uma oferta cultural mais específica e exclusiva do local de visita. Essa diferença é mais notada junto dos visitantes estrangeiros;

- A maior parte dos visitantes considerou a zona de Belém bem utilizada, podendo contudo sê-lo ainda mais, em particular, se for promovida de forma mais integrada.

## **VI. O Turismo na zona Belém (perspetiva do lado da oferta)**

Neste capítulo, iremos abordar algumas questões essenciais ligadas ao desenvolvimento do turismo na zona de Belém. Baseando-nos em entrevistas a catorze profissionais com responsabilidade direta nas áreas do turismo, do património e da museologia, procurámos perceber qual a sua visão desta zona enquanto produtores culturais.

### **6.1. Metodologia**

À exceção das entrevistas a operadores turísticos, enviadas por escrito (por motivos de agenda não conciliável), todas as outras foram recolhidas pessoalmente, gravadas mediante autorização, e depois transcritas. Ao todo foram realizadas catorze entrevistas, entre junho de 2012 e março de 2013. Cada entrevista tem cerca de vinte questões, organizadas em torno de cinco temáticas:

- 6.2 - Caracterização do turismo em Belém;
- 6.3 - Papel dos agentes entrevistados no desenvolvimento do turismo em Belém;
- 6.4 - Parcerias das instituições entrevistadas;
- 6.5 - Caracterização dos turistas segundo a experiência particular de cada entrevistado;
- 6.6 - Projetos e sugestões para o futuro da zona de Belém.

As questões foram algo adaptadas, quando necessário, às características dos entrevistados (**Cf. Anexo 21**):

De maneira geral, os intervenientes evidenciaram interesse e, até, entusiasmo por estas matérias, durante as entrevistas. No final, quase todos manifestaram disponibilidade para integrar um projeto em parceria, com o fim de melhorar a qualidade dos serviços ligados aos monumentos e equipamentos culturais da zona de Belém.

As entidades e personalidades, e os seus respetivos cargos e órgãos, foram os seguintes (Tabela 13):

| <b>Sigla usada<br/>Instituição</b> | <b>Instituição</b>                                                      | <b>Personalidades<br/>entrevistadas</b>                      | <b>Cargos / Função</b>                                       |
|------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------|
| TLx                                | Turismo de Lisboa<br>(Observatório do TLx)                              | André Barata Moura<br>Rita Almeida.                          | Coordenador;<br>Técnica                                      |
| EMARA                              | EMARA Travel, Lda                                                       | Eduardo Norberto                                             | Diretor de <i>Incoming</i>                                   |
| LUSANOVA                           | LUSANOVA - Travel<br>Group                                              | Luis Lourenço                                                | Diretor-Geral                                                |
| TQ                                 | Travel Quality - DMC                                                    | Jorge Rodrigues                                              | Diretor de <i>Incoming</i>                                   |
| Paula Picão<br>Caldeira            | Não está associada a<br>nenhuma                                         | Paula Picão Caldeira                                         | Guia intérprete free-<br>lancer                              |
| AGIC                               | Associação Portuguesa dos<br>Guias Interpretes e<br>Correios de Turismo | Paula Marques                                                | Responsável pela<br>AGIC e Guia-<br>Intérprete (free-lancer) |
| PTBelém                            | Posto de Turismo de<br>Belém (depende do TLx)                           | Cláudia Meirinha                                             | Tarefa                                                       |
| JFB                                | Junta de Freguesia de<br>Belém                                          | Fernando Ribeiro Rosa                                        | Presidente                                                   |
| Pbelém                             | Pastéis de Belém                                                        | Miguel Clarinha                                              | Gerente                                                      |
| MJ /TB                             | Mosteiro dos Jerónimos e<br>Torre de Belém                              | Isabel Cruz Almeida                                          | Diretora                                                     |
| MNA                                | Museu Nacional de<br>Arqueologia                                        | Luís Raposo <sup>258</sup>                                   | Diretor e Presidente<br>do ICOM                              |
| MNC                                | Museu Nacional dos<br>Coches                                            | Silvana Bessone                                              | Diretora                                                     |
| MM                                 | Museu de Marinha                                                        | Contra-Almirante<br>António Bossa<br>Dionísio <sup>259</sup> | Diretor                                                      |
| MB                                 | Museu Berardo                                                           | Pedro Lapa                                                   | Diretor                                                      |

No trabalho apresentam-se os excertos de maior interesse, selecionados das entrevistas transcritas (no total, 186 páginas).

<sup>258</sup> À data da conclusão deste trabalho, a referida personalidade já não exerce o cargo de Diretor do MNA.

<sup>259</sup> À data da conclusão deste trabalho, a referida personalidade, já não exerce o cargo de Diretor do Museu de Marinha (MM).

## 6.2. Caracterização do Turismo em Belém

### ▪ “COMO DEFINE O TURISMO NA ZONA DE BELÉM?”

Belém tem uma vocação própria para o turismo em virtude da presença de monumentos e equipamentos de enorme qualidade patrimonial ligados à temática dos Descobrimentos e de museus nacionais com coleções muito distintas. Qualquer turista que visite Lisboa acaba por vir a Belém, considerado um ponto de referência obrigatório, e integrado na maior parte dos circuitos pré-programados (*Lisbon Tours*, etc.). Para Silvana Bessone, Diretora do MNC, Belém *“é uma downtown sem ser uma downtown, sendo uma zona de monumentos, de Pastéis de Belém, de uma certa restauração, zonas verdes, jardins e museus e, portanto, um centro turístico por excelência”*.

Nas palavras de Luís Raposo, Presidente do ICOM<sup>260</sup> em Portugal e Diretor do MNA *“Belém será a zona mais visitada do nosso país. É um marco histórico que todos querem conhecer, sobretudo pelos Jerónimos, que assinala o ponto de partida dos Descobrimentos”*.

Para a maioria, o turismo de Belém é muito variado e acolhe visitantes de quase todas as nacionalidades, prevalecendo, de acordo com a perceção de Miguel Clarinha, gerente dos Pastéis de Belém, os europeus, sobretudo espanhóis, franceses e italianos, seguidos de gentes de outras paragens, principalmente brasileiros e asiáticos. Para a Diretora dos MJ /TB, Isabel Cruz Almeida, este turismo tem muito de sazonal quanto à origem do público. O turista oriental desloca-se sobretudo no inverno e *“esse turismo é mais exigente na qualidade de serviços, vê-se que vão muito mais às tais exposições explicativas ou interpretativas do monumento. Compram melhor, estão mais dispostos a objetos mais caros...”*.

A Diretora do MNC referiu que *“de há uns oito anos a esta parte começou a aparecer um tipo de turismo individual, de jovens – em correspondência com a fase do inter-rail. Muitos grupos de italianos jovens, que antes não vinham. Franceses também, essa franja de jovens casais e famílias. Porque o outro turismo de «massas» é mais o da terceira idade - pessoas reformadas que se inscrevem em viagens turísticas e, ultimamente, em cruzeiros (uma tendência recente, do tempo do então Presidente do Turismo de Lisboa (TLx), Luís Patrão, que facilitou a atracagem de navios ao Porto de*

---

<sup>260</sup> ICOM - Conselho Internacional de Museus.

*Lisboa)*”. Em relação ao turismo de terceira idade nacional, que acede normalmente à zona de Belém a expensas das câmaras municipais, decresceu muito devido a contingências orçamentais.

Para Paula Marques, responsável pela AGIC, existe cada vez mais um público jovem, maior de 18 anos, que está relacionado com o tipo de transportes que Lisboa recebe, como os voos das companhias *low cost*.

Todos os Diretores de museus, à exceção do de Marinha, utilizam a expressão “turismo de massas” para caracterizar o turismo de Belém. Esta expressão é igualmente usada por Paula Marques, mas apenas para os grupos de *visitantes não organizados* que, provavelmente não usufruem com tanto proveito daqueles espaços. Pedro Lapa, Diretor do MB, diz que se trata de um turismo de massas não especializado que vem procurar os ícones culturais de um país e que tanto buscam um aspeto relacionado com a arte antiga como com a arte moderna ou contemporânea.

Para Luís Raposo, os monumentos servem mais o turismo de massas do que os museus, salvo raras exceções, como é o caso do MNC, que encerra uma coleção deveras particular.

A Diretora dos MJ/ TB, reconhece que os museus e monumentos têm interferido pouco na organização do turismo de Belém, ou seja, *“a maior parte do turismo que vem a Belém, vem com os operadores a quem compram os seus pacotes... preferencialmente vão à Igreja do Jerónimos porque aí não pagam bilhete”*.

#### ▪ “COMO TEM EVOLUÍDO O TURISMO EM BELÉM?”

Para a maioria dos entrevistados o turismo de Belém tem evoluído de forma positiva, reflectindo, à semelhança do que tem acontecido com as entradas em Lisboa.

Para André Barata Moura, responsável pelo Observatório do TLx, *“o turismo está a crescer e as percentagens de visita a Belém não diminuíram. Contudo, o turismo tem crescido mais do que a frequência aos museus. O novo turista, parece não frequentar tanto os museus como antes acontecia”*.

Cláudia Meirinha, do PTBelém, observou, nos últimos anos o crescimento do número de brasileiros, franceses, italianos e russos e uma diminuição de espanhóis.

Isabel Cruz Almeida é de opinião que actualmente os visitantes parecem ter menor poder de compra. Verifica-se um menor consumo dos museus e um maior consumo dos espaços cénicos.

Também Cláudia Meirinha refere que as facilidades de transportes têm atraído populações jovens estimulando o turismo urbano, sobretudo na Europa. A grande maioria das pessoas que vêm a Lisboa visita monumentos e por vezes museus, pelo que acorrem necessariamente àquela zona.

Paula Marques, da AGIC, afirma que o turismo da zona de Belém não se tem diferenciado muito, de há trinta anos a esta parte, continuando a predominar o eixo – Igreja dos Jerónimos, Torre de Belém, Padrão dos Descobrimentos (PD).

A Directora do MNC, diz que perdeu turismo devido ao alargamento do passeio público, que impossibilitou o estacionamento de autocarros à porta do Museu. Os Coches eram óptimos para os guias intérpretes por servirem na perfeição o turismo cronometrado. Também perdeu turismo por os visitantes mais jovens não estarem tão disponíveis para pagarem entrada nem se interessarem tanto por *antiquidades*. Em contrapartida, muitos passaram a ir sobretudo à Igreja dos Jerónimos por aí entrarem livremente.

Para Paula Picão Caldeira, o turismo na zona de Belém tem evoluído bem embora com pequenas falhas a nível dos serviços de apoio. Eduardo Norberto, informa que o MJ mantém uma burocracia que não facilita a reserva de visitas ao Mosteiro.

Para a diretora do MJ, o grande número de turistas sem guia, origina extensas filas e desconforto na aquisição de bilhetes. Para o Diretor do MM, um dos fatores que ultimamente contribuiu para a subida do número de turistas em Belém foi o aumento de paquetes em Lisboa.

▪ **“QUAIS AS VANTAGENS E DESVANTAGENS DO TURISMO ORGANIZADO EM BELÉM?”**

Na opinião de André Barata Moura, coordenador do Observatório do TLX<sup>261</sup>, o turismo organizado tem a vantagem de facilitar a transmissão da mensagem e da imagem que se pretende transmitir para o exterior, para além das inerentes vantagens de natureza económica.

Para Paula Marques, da AGIC, com o turismo organizado, os grupos não se dispersam tanto e têm mais apoios na observação e compreensão dos locais visitados. Jorge Rodrigues da TQ diz que as viagens organizadas permitem apoiar um maior número de visitantes e potenciam a venda de serviços.

Para Miguel Clarinha, as vantagens refletem-se sobretudo no maior volume de vendas, clientela e divulgação do nome e da marca “Pasteis de Belém” pelos quatro cantos do Mundo. *“Lucramos nós, lucra o bairro, lucra Lisboa e Portugal”*.

Em termos de desvantagens, Luís Raposo destaca o prejuízo para conservação dos espaços e Cláudia Meirinha as dificuldades de gestão de materiais informativos no PT Belém. O Presidente da JFB, menciona o eventual congestionamento por excesso de veículos, que normalmente não permanecem todo o dia. De facto, grande parte desse turismo chega através de operadores que organizam circuitos iniciados no Castelo de S. Jorge, passando por Belém e seguindo para o Guincho, o que não beneficia o comércio e os restaurantes da zona, à exceção dos Pastéis de Belém, segundo Isabel Cruz Almeida.

▪ **“QUAIS OS CIRCUITOS TEMÁTICOS MAIS OFERECIDOS PELOS OPERADORES TURÍSTICOS E PELOS GUIAS-INTÉRPRETES NA ZONA DE BELÉM?”**

Esta questão foi colocada apenas aos agentes de turismo.

Para o TLx e o seu PTBelém – os circuitos mais oferecidos são os dos autocarros turísticos *Yellow Bus* (Carristur), os *Gray Line* e os *Sightseeing tours*, vulgarmente conhecidos por *hop on hop off*.

---

<sup>261</sup> O TLx (Turismo de Lisboa), de acordo com os seus estatutos (CAPÍTULO I - Princípios Gerais - Art.º. 1º - 3) “tem a natureza de associação de direito privado, sem fins lucrativos”, (...) CAPÍTULO II - Dos Associados - Art.º. 7º - 1. “Podem ser associados do Turismo de Lisboa todas as pessoas singulares ou coletivas que desenvolvam, direta ou indiretamente, atividades no sector do Turismo na área promocional de Lisboa e Vale do Tejo (...)”.

Para as guias intérpretes, a tríade Mosteiro dos Jerónimos, Torre de Belém e Padrão dos Descobrimentos é o percurso mais oferecido, por ser o mais alusivo aos Descobrimentos. Esta opinião é partilhada pelos operadores turísticos.

Atualmente a AGIC realiza em Belém um passeio temático literário sobre os *Lusíadas*, de Luís de Camões, e a “Mensagem”, de Fernando Pessoa.

▪ **“NA ZONA DE BELÉM, QUE OUTROS CIRCUITOS TEMÁTICOS PODIAM SER OFERECIDOS?”**

Esta questão foi dirigida apenas aos técnicos de turismo. Curiosamente os representantes da EMARA e da AGIC sugeriram como hipótese o “render da guarda” em frente ao Palácio de Belém e a visita ao Museu da Presidência da República”. Para a segunda, esta *“é uma cerimónia que os estrangeiros apanham por mero acaso e que ficam surpreendidos pelos trajes da GNR e os cavalos portugueses. Curiosamente não há nada que os faça dirigir para os jardins do Palácio de Belém nem para o Museu da Presidência da República e que ajudaria a dispersar os visitantes”*.

A possibilidade de serem organizados circuitos de história da arte ligados à arquitetura ou às artes decorativas portuguesas foi hipótese uma lançada por Paula Marques, da AGIC.

Para a guia Paula Picão Caldeira os jardins históricos podiam ser uma hipótese. O TLx considera que se devia potenciar a ligação ao rio.

### **6.3. Papel dos agentes entrevistados no desenvolvimento do Turismo em Belém**

▪ **“DESENVOLVEM PROGRAMAS ESPECÍFICOS PARA ATRAIR O TURISMO AO LOCAL?”**

Regra geral, os museus e monumentos tentam atrair o turismo através de informações escritas em línguas estrangeiras, pensando sobretudo nos visitantes que chegam sem guias.

Em 2002, o MJ realizou grandes “tábuas cronológicas” relacionando os 500 anos dos Jerónimos com acontecimentos mundiais ocorridos no mesmo período.

O MB é o único que dispõe de um departamento de marketing, que desenvolve estudos e programas para atrair os turistas. Em 2012, projetou um mapa local de Belém para fornecer gratuitamente informações sobre a zona.

Vários Museus, Monumentos e Jardins históricos de Belém, têm participado em efemérides como o “Dia Internacional dos Museus” (18 de maio), a “Noite dos Museus” (em maio, data móvel), o “Dia dos Monumentos e Sítios” (18 de abril), o “Festival dos Oceanos”<sup>262</sup>, as “5as à Noite nos Museus”<sup>263</sup>, o “Dia da Juventude” (12 de agosto), entre outras. Em relação a programas específicos salienta-se apenas o evento anual “Belém Art Fest”<sup>264</sup>, iniciado em setembro de 2012 e repetido em abril de 2013.

O MJ e o MNC organizam com periodicidade concertos com entrada livre que atraem principalmente residentes de Belém e pessoas de terceira idade.

O TLx tem seis agências de comunicação no estrangeiro que promovem Belém junto de jornalistas e de operadores turísticos.

Os operadores turísticos oferecem o destino / cidade, recomendando a zona de Belém. Alguns, porém só promovem a visita à Igreja dos Jerónimos, alegando falta de tempo para deslocação a outros locais.

---

<sup>262</sup> O “**Festival dos Oceanos**” (1999 e 2011), é uma iniciativa do Turismo de Portugal, que contou com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa, do Casino Lisboa e da Parque EXPO – Gestão Urbana do Parque das Nações. A partir de 2007, foi produzido pela empresa de marketing e eventos *Realizar*.

Tratou-se de um evento cultural de entrada livre, realizado anualmente, na primeira quinzena de Agosto, ao longo do Eixo Ribeirinho de Lisboa – Parque das Nações, Belém e Centro Histórico –, e que integrou iniciativas dirigidas a todos os públicos (conferências, exposições, peças de teatro, animação de rua e concertos). Integraram este evento os seguintes monumentos e museus da zona de Belém: Torre de Belém, Mosteiro dos Jerónimos, Museu Coleção Berardo, Museu de Arte Popular, Museu da Marinha, Museu Nacional de Arqueologia, Museu Nacional dos Coches, o Museu da Eletricidade, Planetário Calouste Gulbenkian e a Cordoaria Nacional.

O Festival dos Oceanos esteve em linha com o Plano Estratégico do Turismo de Lisboa, que recomenda a realização de iniciativas favorecedoras do aumento da notoriedade da capital portuguesa. Esteve também em sintonia com o Plano Estratégico Nacional do Turismo, quanto ao desenvolvimento e à inovação de conteúdos tradicionais portugueses, que constituem fatores de diferenciação turística.

<sup>263</sup> Entre junho e setembro, de 2008 e 2011, o Instituto dos Museus e da Conservação (IMC) organizou com o apoio do Turismo de Portugal o projeto “**5as Feiras à Noite nos Museus**”. Esta iniciativa contemplava a abertura noturna à quinta-feira de alguns Museus e Palácios do IMC, nomeadamente em Belém, proporcionando aos visitantes experiências culturais diferentes, numa atmosfera inovadora: visitas encenadas, espetáculos de música erudita e popular, dança e teatro, etc.

<sup>264</sup> O “**Belém Art Fest**”, é um festival anual produzido pela *Amazing Adventure*, que consiste na abertura noturna de museus de Belém com propostas culturais diferenciadas: concertos, workshops, exposições e teatro, na zona de Belém – Lisboa.

A primeira edição, a 22 e 23 de setembro de 2012, ocorreu nos Museus Nacionais de Arqueologia e dos Coches, e no Museu de Arte Popular, e contou com os apoios do Instituto dos Museus e da Conservação (IMC) e da Câmara Municipal de Lisboa.

A segunda edição, a 5 e 6 de abril de 2013, ocorreu no Museu Coleção Berardo, no Museu da Presidência da República e nos Museus Nacionais de Arqueologia e dos Coches, e contou com os apoios da Direção-Geral do Património Cultural, do Museu da Presidência da República e da Câmara Municipal de Lisboa.

Os guias-intérpretes apresentam alternativas que depois adequam ao interesse dos clientes. Paula Picão Caldeira diz que em Belém os guias param normalmente no PD fazendo logo aí uma introdução histórica ao MJ e à TB de Belém. Quando possível, esta guia visita o MNC, segundo ela *“um dos mais bonitos que existe na Europa”*.

A JFB organiza ações de natureza cultural, sobretudo dirigidas a jovens e seniores, em geral com a colaboração de outras entidades.

Na opinião da Diretora do MNC os programas específicos para atrair turistas a Belém têm sido esporádicos e casuísticos, por falta de coordenação e visão de conjunto.

Os “Pasteis de Belém” não realizam por norma ações de divulgação porque surgem com frequência em guias turísticos de Lisboa, por opção própria ou por publicidade gratuita. Os funcionários desta empresa têm conhecimentos de línguas estrangeiras. Em 2012, no âmbito do 175º aniversário dos Pastéis de Belém desenvolveu-se uma campanha direcionada para os turistas designada por “Belém, Bairro Cultural”, que consistiu na divulgação de embalagens ilustradas com seis pontos de referência de Belém - o PD, a TB, o CCB, o MNC, o MNA e o Palácio de Belém. Para além desta coleção, as embalagens tinham um *QR Code* que permitia o acesso *on-line* a um mapa georreferenciado com locais a visitar na zona.

▪ **“QUAIS SÃO OS MONUMENTOS OU EQUIPAMENTOS CULTURAIS MAIS PROCURADOS PELOS GUIAS-INTÉRPRETES, NA ZONA DE BELÉM? PORQUÊ?”**

Esta questão foi dirigida apenas aos técnicos da área de turismo.

Aqui a preferência recaiu no MJ (igreja), TB, PD, MNC e Pastéis de Belém. Segundo as guias interpretes, as visitas organizadas ao Padrão e à TB, são sobretudo panorâmicas, incluindo informações sobre a importância dos Descobrimentos. Por economia de tempo, os guias-intérpretes raramente entram com os grupos de turistas nestes dois monumentos, reservando-os para fotografias. Para Jorge Rodrigues a visita ao interior da TB tem pouca expressão nas programações porque o seu interior apresenta dificuldades de mobilidade.

Paula Picão Caldeira refere que atualmente alguns operadores visitam a Igreja dos Jerónimos e substituem o Mosteiro por outros espaços da zona.

- **“NA SUA OPINIÃO, NA ZONA DE BELÉM QUAIS SÃO OS MONUMENTOS OU EQUIPAMENTOS CULTURAIS MAIS APRECIADOS PELOS GUIAS-INTÉRPRETES. PORQUÊ?”**

Esta questão foi dirigida apenas aos técnicos da área de turismo.

Segundo Paula Marques cada guia-intérprete tem a sua preferência e a sua forma de lidar com o grupo que acompanha. Agradá-lhe particularmente visitar o MJ com um público culto e interessado, como frequentemente é o caso do público francês e, o Museu de Marinha com um público português pelas referências à identidade nacional: *“sobretudo há um nicho de visitante francês que se adequa rapidamente a este tipo de discurso e a igreja dos jerónimos em termos arquitetónicos é uma inovação, é uma experiência. (...) o público português por exemplo, o Museu de Marinha, porque se for um público com alguma idade que em tempos estudou a história de Portugal, os descobrimentos, visualizar tudo aquilo que aprenderam nos cadernos de história, lembrar velhas histórias (...), isso é geralmente muito tocante para determinado tipo de público português. É um museu que tem muito a ver com a nossa identidade”*.

Paula Picão Caldeira aprecia particularmente o MNC, hoje muito esquecido, o MM e o MJ.

Os restantes entrevistados inclinaram-se para o MJ (igreja), a TB, PD, o MNC e os Pastéis de Belém.

- **“NA SUA OPINIÃO E DE ACORDO COM A SUA EXPERIÊNCIA, QUAL É O MONUMENTO OU EQUIPAMENTO CULTURAL MAIS APRECIADO PELOS GRUPOS DE TURISTAS?”**

Esta questão foi dirigida apenas aos técnicos da área de turismo.

Entre estes, as opiniões divergiram, dividindo-se entre os Jerónimos (igreja), a TB, o PD, o MNC e os Pastéis de Belém. Para o TLx, os espaços mais apreciados continuam a ser a TB, o MJ e o PD. A resposta do TLx baseia-se em questionários a turistas e é consistente com os resultados do nosso próprio inquérito.

- **“POSSUI ALGUNS RECURSOS FACILITADORES DA VISITA TURÍSTICA?”**

Esta questão foi dirigida às entidades culturais da zona por se pretender conhecer os recursos de que dispõem.

A Diretora do MNC informou que este Museu foi o primeiro em Portugal a ter um catálogo em francês, por iniciativa da Rainha D. Amélia. Nas legendas, ao francês, seguiu-se o inglês e recentemente o espanhol. Está em projeto o alemão e,

eventualmente, o japonês. O MNA também disponibiliza textos bilíngues (português-inglês).

O MM tem um circuito tátil para cegos e um projeto de *QR Code* em algumas legendas<sup>265</sup>.

O MB promove atividades pedagógicas e educativas em permanência, apoiadas por 40 monitores especializados.

O MJ tem um sistema de rádio guias para a Igreja que permite mais tempo e silêncio nas visitas guiadas. As exposições temporárias do Mosteiro não têm grande afluência de grupos organizados por limitações de agenda e de tempo.

A JFB editou em 2013, em português e em inglês, um roteiro turístico sobre a história e os equipamentos culturais da zona. Tem melhorado a sinalização e as acessibilidades<sup>266</sup>, promovido a colocação de mapas em vitrinas (22) estrategicamente situadas<sup>267</sup>, editado Boletins e divulgado notícias no seu site e outros meios web.

#### ▪ “COMERCIALIZAM ALGUNS BENS EM RESPOSTA ÀS NECESSIDADES DO TURISMO?”

Esta questão não foi dirigida aos técnicos de turismo.

O Diretor do MNA referiu a existência de pequenos objetos *merchandising* e também de roteiros, guias e desdobráveis em vários idiomas mas, tal como a Diretora do MNC, informa que estas edições por vezes esgotam e, nem sempre é possível reeditá-las por falta de verba.

Curiosamente no MB, o *merchandising* é muito pequeno e de acordo com Isabel Silveira Godinho no MJ /TB existem objetos vários nas lojas, embora muitos deles não ligados aos próprios monumentos nem às preferências dos visitantes.

A JFB tem investido nesta área sobretudo através da venda de edições alusivas a Belém, na própria Junta.

No caso dos Pastéis de Belém, existem alguns produtos da casa, como chávenas, aventais e pouco mais. Não se tem apostado muito nesta área principalmente por falta de espaço. Há contudo a intenção de abrir um espaço contíguo que facilite a venda desse tipo de produtos, sem com isso agravar o tempo de espera dos clientes da confeitaria.

---

<sup>265</sup> O QR/ Code - (sigla do inglês *Quick Response*) é um código de barras bidimensional que é facilmente escaneado através da maioria dos telemóveis equipados com câmara.

<sup>266</sup> Tem melhorado a sinalização de locais como o Jardim Botânico Tropical e a Torre de Belém e a acessibilidade de zonas, nomeadamente através da introdução de calhas para ciclistas na passagem pedonal que atravessa a linha do comboio de Belém. Neste momento está a ser feito um elevador com o mesmo fim para pessoas com deficiência, situado junto ao CCB.

<sup>267</sup> Em relação aos mapas ilustrativos da Junta de Freguesia de Belém, estes apresentam-se degradados pelo que a identificação dos polos turísticos não é fácil de perceber.

#### 6.4. Parcerias das Instituições entrevistadas

- **“TÊM RELAÇÕES PRIVILEGIADAS COM OS OPERADORES TURÍSTICOS (AGÊNCIA DE VIAGENS E GUIAS-INTÉRPRETES)? SE SIM, QUAIS? QUEM CONTACTA QUEM?”**

Nesta questão apenas responderam que sim, o Presidente da JFB, o gerente dos Pastéis de Belém e a Diretora do MNC. Esta última informou que embora sem regularidade tem reunido com operadores turísticos para os ouvir sobre matérias de interesse comum.

Miguel Clarinha informou que existem agências que trabalham há muitos anos com os Pastéis de Belém e esta empresa funciona de igual forma com todas elas.

Em 2013, o MNC, o MNA e o MJ/ TB entraram pela primeira vez em contacto com os guias-intérpretes para auscultação de eventuais queixas ou sugestões.

- **“TÊM RELAÇÕES PRIVILEGIADAS COM OS MONUMENTOS E EQUIPAMENTOS CULTURAIS DA ZONA DE BELÉM? SE SIM, COM QUAIS? QUEM CONTACTA QUEM?”**

Quanto a relações privilegiadas nenhum dos operadores turísticos afirmou tê-las.

O TLx contacta com museus e outros espaços culturais de Lisboa para a realização de visitas guiadas a jornalistas, *fun trips*, etc. O PTBelém divulga iniciativas específicas dos monumentos e equipamentos culturais.

Para Paula Picão Caldeira a única obrigatoriedade que existe face aos espaços culturais de Belém é a reserva prévia da visita ao MJ.

Para os Diretores do MNA, do MM, do MNC e do MB, não existem propriamente relações privilegiadas com os monumentos e equipamentos culturais da zona, embora haja um bom relacionamento pessoal e institucional, facilitado pela proximidade.

Tanto a AGIC, como os Pastéis de Belém e o próprio Presidente da JFB afirmaram ter boas relações com os monumentos e equipamentos culturais de Belém. Para Miguel Clarinha, estes laços são uma forma de publicitar a marca e o produto.

- **“TÊM RELAÇÕES PRIVILEGIADAS COM ENTIDADES E/OU SERVIÇOS DA ZONA DE BELÉM? SE SIM, QUAIS? QUEM CONTACTA QUEM?”**

Nesta questão, a JFB, o Posto de Turismo e os Pastéis de Belém, foram os únicos que afirmaram ter relações privilegiadas com entidades e serviços da zona.

Relações privilegiadas com outras entidades foram referidas por Luís Raposo, com a Câmara Municipal de Lisboa a cujos apoios recorre frequentemente, e pela Diretora do MJ/TN, com a Igreja dos Jerónimos.

## **6.5. Caracterização dos turistas segundo a experiência particular de cada entrevistado**

### ▪ **“QUAL O PERFIL MAIS COMUM DOS TURISTAS QUE VOS PROCURAM?”**

A maioria dos inquiridos é da opinião que não existe apenas um, mas muitos perfis, dependendo da época do ano, das nacionalidades e dos períodos de férias, muito diferenciados entre hemisférios (norte, sul).

De abril a novembro, predominam os visitantes europeus nomeadamente portugueses; entre os estrangeiros sobressaem espanhóis (em queda), franceses e italianos (em alta), alemães, holandeses e nórdicos. De novembro a abril, visitam-nos muitos turistas asiáticos (japoneses e chineses), do hemisfério sul, principalmente brasileiros e outros sul-americanos, e ainda africanos. Para Luís Raposo e Bossa Dionísio, os visitantes de Belém *“são um pouco de todo o mundo, europeus na maior parte”*.

De acordo com os diretores entrevistados, nos últimos anos tem aumentado o turismo jovem (18 aos 40-45 anos), devido aos transportes *low cost* e aos alojamentos que utilizam (*hostels e apartments for rent*). É um turismo não organizado, principalmente de franceses e italianos, *“que vem em casal, em família e com grupos de amigos”*, como refere André Barata Moura.

Para Paula Marques *“é um público muito mais jovem do que nos grupos organizados, que em média continuam a ser maiores de 55 anos”*.

O Diretor do MB diz que as famílias nacionais visitam Belém nos fins-de-semana, quando *“o tempo não dá para ir à praia”*. O público estrangeiro, visita Belém de forma mais continuada; trata-se, regra geral, de um público não especializado, que nas palavras de Paula Picão Caldeira pouco conhece Portugal.

A Diretora do MJ/TB refere que o número de visitantes da Igreja dos Jerónimos é o dobro do número de visitantes do Mosteiro. Já Paula Picão Caldeira reconhece que os grupos organizados que visitam o MNC estão a sofrer alguma contenção devido ao aumento das tarifas. Por outro lado as visitas ao MM e ao claustro dos Jerónimos têm

vindo a aumentar, por via dos turistas que chegam nos cruzeiros, como diz Paula Marques.

▪ **“BELÉM / CADA MONUMENTO OU O EQUIPAMENTO CULTURAL ESPECÍFICO EM QUE ÉPOCAS DO ANO RECEBEM MAIS TURISTAS (NACIONAIS E ESTRANGEIROS)?”**

Face a esta questão, os entrevistados são unânimes em referir que em relação às suas instituições, o período mais forte para o turismo é de abril a novembro, com picos nos períodos de férias de verão e da Páscoa.

Paula Marques refere que os espanhóis vêm sobretudo *“em abril, na semana Santa, no 15 de agosto, na primeira quinzena de outubro e na primeira semana de dezembro”*. Outros grupos, sobretudo de alemães e franceses, de abril a junho e setembro, incluídos nas *“grandes viagens de catálogo”*, organizadas por operadores nacionais e estrangeiros.

Miguel Clarinha, diz haver um aumento de turismo do Brasil, em dezembro, janeiro e fevereiro, período de férias naquele país.

Isabel Cruz Almeida, acrescenta que o turismo de Belém tem muito de sazonal, porque o turista oriental faz turismo de Inverno.

Para os Diretores do MNC e do MB, os visitantes nacionais são uma constante ao longo do ano (grupos organizados durante a semana; outros, nos fins-de-semana).

Isabel Cruz Almeida recorda ainda os turistas religiosos, que ocorrem a Belém, sobretudo no verão, por ocasião dos *“ciclos de Fátima”* (de 11 a 14 e 15 de cada mês).

▪ **O QUE É QUE OS TURISTAS PROCURAM EM BELÉM OU EM CADA MONUMENTO / EQUIPAMENTO CULTURAL ESPECÍFICO?**

Para o TLx, o turista que visita a capital é sobretudo um turista de cidade e procura uma algo de novo, variado, que não encontre em outros locais.

Os três operadores turísticos referem os monumentos, nomeadamente o MJ e a TB, como os mais procurados. Seguem-se a Igreja dos Jerónimos e, depois, aleatoriamente, o MNC, os Pastéis de Belém, os jardins históricos e o rio, entre outros.

Para Paula Marques, a resposta é óbvia: *“Igreja dos Jerónimos e Torre de Belém”*. A escolha compreende-se por Lisboa ser muito promovida no estrangeiro através da imagem destes monumentos, principalmente da Torre de Belém.

Luís Raposo diz que os visitantes procuram as peças mais emblemáticas e que muitos já vêm orientados por guias turísticos. No caso do MNA, *“os estrangeiros são*

*muito atraídos pela Sala do Tesouro, porque vem referida nos guias tipo Michelin”, sendo tida como um importante acervo pré-histórico da Europa. Os estrangeiros não vêm ao MNA ver sarcófagos egípcios mas os portugueses sim.*

Segundo Paula Picão Caldeira alguns grupos, principalmente de nórdicos, prescindem de visitar os Jerónimos e o MNC para ficarem próximos da TB a desfrutar o rio.

Relativamente ao MNC, segundo a sua diretora, o público procura o impacto da sala de exposição e da grande coleção.

O Diretor do MB considera que os turistas internacionais procuram neste museu grandes referências da arte contemporânea, a única coleção em Portugal “*com um Picasso, um Wharol, um Francis Bacon, um Duchamp*”, entre outros.

▪ **“O QUE ACHA QUE OS TURISTAS MAIS GOSTARIAM DE ENCONTRAR EM BELÉM / NO MONUMENTO OU EQUIPAMENTO CULTURAL QUE DIRIGE?”**

Para o TLx, os turistas gostariam de dispor de mais informação, mesmo elementar, sobre os monumentos e os equipamentos culturais da zona.

Mais de 50% dos inquiridos refere a necessidade de mais equipamentos multimédia, produtos nas lojas relacionados com os espaços, zonas de lazer e melhores serviços de apoios (restaurantes, cafetarias, *toilettes*).

Para Isabel Cruz de Almeida, no MJ vender-se-iam muito bem artigos em papel ilustrados com a iconografia dos Jerónimos, assim como livros sobre Fernando Pessoa ou mesmo outros artigos ligados a este escritor, a Camões ou a grandes navegadores. A tradução dos *Lusíadas* em inglês também seria sucesso garantido.

## **6.6. Projetos e sugestões para o futuro da zona de Belém**

▪ **“O QUE GOSTARIA DE PODER FORNECER AOS TURISTAS? O QUE IMPEDE DE O FAZER?”**

Aqui as respostas vão um pouco ao encontro das obtidas na questão anterior.

Todos os entrevistados referiram ser necessário oferecer melhores serviços de apoio aos turistas, quer nos espaços interiores, quer nos envolventes.

Nos espaços interiores referiram: casas de banho, cafetarias, restaurantes, zonas de lazer, lojas com produtos alusivos, biografias e obras traduzidas de autores

portugueses; a oferta de recursos informativos como áudio-guias, QR/Code ou outros sistemas que facilitem a interpretação dos espaços. Nos espaços envolventes, destacaram aspetos relacionados com o saneamento básico<sup>268</sup>, a mobilidade, as acessibilidades, a sinalização e os transportes.

Alguns dos entrevistados particularizaram alguns desejos pessoais, concretamente:

A Diretora do MNC, referiu a vantagem de haver informações sobre Lisboa, para facilitar a vida ao turista; Paula Marques informou que *“há determinado tipo de público, como alemães e holandeses, que não almoça, mas que consome se tiver uma cafetaria no espaço que visita. E que a parte empresarial do turismo não deve ser descartada”*; Isabel Cruz Almeida gostaria de criar um centro de apoio junto à TB com bilheteiras e casas de banho; o TLx de ver melhorada a ligação entre a Praça do Império e o rio; para Jorge Rodrigues seria útil haver *“mais operadores com oferta diversificada no rio”*, Cláudia Meirinha insiste na necessidade de uma melhor sinalização dos espaços; A EMARA Travel propõe a permanência de guias oficiais para apoio dos turistas; e o presidente da JFB ambiciona instalar um coreto nos jardins, para oferecer animação e música aos visitantes.

Por sua vez, Miguel Clarinha dos Pastéis de Belém gostaria de colmatar a falta de espaço, sobretudo junto do balcão de vendas, que origina grandes filas de espera. Existe um projeto de abertura de novas salas exteriores.

▪ **“EXISTE ALGUM PROJETO PARA RELANÇAR A ZONA DE BELÉM, EM QUE PARTICIPE?”**

A maioria dos entrevistados respondeu não ter conhecimento. Apenas o TLx falou no “Plano Estratégico para o Turismo de Lisboa (2011-2014) - TLX14”, que irá ser desenvolvido também em Belém, apostando essencialmente na temática das Descobertas.

Em 2009, o ICOM lançou o projeto *Belém, Bairro Cultural* através reuniões de trabalho com instituições locais, com o objetivo de relançar e promover a zona de Belém, mas nas palavras das Diretoras do MJ/TB e do MNC, o projeto caiu porque não foi suficientemente apoiado, e para Miguel Clarinha sobretudo por falta de verbas. Segundo Luís Raposo, o MNA empenhou-se ao máximo para tentar implementar o

---

<sup>268</sup> A necessidade de mais casas de banho públicas é reiterada por todos os inquiridos.

referido projeto que englobava propostas tais como: portal de acesso para a área *Belém, Bairro Cultural*, um bilhete de ingresso comum, transportes e programação articulada. Para Luís Raposo, uma das ideias que daí resultou foi a da eventual criação da marca *“Museus de Belém ou Distrito dos Museus”*, atualmente favorecida *“uma vasta oferta de iniciativa privada em Lisboa e concretamente em Belém, que inclui diferentes autocarros para turistas, coches para passeio a cavalo, motas e sidecar, bicicletas, passeios de barco. A vida está mais facilitada. Pois, há cinco, seis anos atrás não havia empresas privadas disponíveis para parcerias. A hipótese de recuperar a ideia de exploração articulada da zona de Belém ganhou novas possibilidades”*.

O Diretor do MB diz que a dificuldade em lançar projetos integrados se deve à falta de meios de coordenação. Refere ainda ter perdido em 2012 os apoios financeiros que o TLx lhe atribuía.

▪ **“EXISTE ALGUM PROJETO PARA RELANÇAR A ZONA DE BELÉM, EM QUE GOSTARIA DE PARTICIPAR?”**

Os entrevistados<sup>269</sup>, referiram os projetos “TLx14”, do Turismo de Lisboa, e “Museus de Belém” (2009), promovido pelo ICOM. De acordo com Luís Raposo, a conceção do segundo terá contado com o especial empenho do MNA.

O Presidente da JFB pretende criar um Pólo Cultural na Calçada da Ajuda (Quartel dos Lanceiros) com mostras dos monumentos, museus e jardins históricos da zona.

▪ **“QUE MUDANÇAS PODEM SER OPERADAS NESTA ZONA DE LISBOA? PORQUE AS CONSIDERA IMPORTANTES?”**

O TLx considera importante: melhorar a ligação entre o centro de Belém e a zona ribeirinha, colmatar falhas de sinalização, dotar o espaço com infraestruturas para uma melhor fruição do mesmo, solucionar o problema das filas intermináveis na entrada do MJ, facultar aos hotéis mais informação sobre Belém e dotar a zona de melhores equipamentos de apoio para auxílio e concentração dos turistas.

O Travel Quality DMC refere: a introdução de novas atividades no Tejo e de projetos na área das novas tecnologias, para conferir a Belém mais modernidade.

---

<sup>269</sup> Responsáveis pelas seguintes instituições: Observatório do TLX, Museu Nacional de Arqueologia, Museu Nacional dos Coches, Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém, Museu Coleção Berardo, Museu de Marinha e Pastéis de Belém.

Paula Picão Caldeira refere: a necessidade de conseguir mais espaço para autocarros, principalmente junto à Torre de Belém, “*que é o nosso ex-libris!*” e de colmatar a falta de toiletes públicos.

Paula Marques refere ainda a necessidade de haver bilheteiras diferenciadas para grupos organizados e turistas individuais, a fim evitar incómodos nas filas e perdas de tempo.

Os jardins de Lisboa, em particular os de Belém e Ajuda poderiam ser melhor explorados em termos turísticos. O público austríaco, alemão, holandês e outros, estaria muito interessado na visita a esses espaços abertos.

Para o Presidente da JFB é desejável prestar mais apoio às populações desfavorecidas da zona, bem como assegurar uma manutenção sistemática do espaço público.

O Gerente dos Pastéis de Belém, destaca o grande interesse da existência do Metro para ligação rápida à cidade e ao aeroporto. Maior coordenação institucional, outros transportes (com circuitos integrados na zona) e casas de banho públicas, foram também referidos como aspetos essenciais.

A Diretora do MJ e TB refere que deveria haver mais coordenação de atividades e uma resposta turística mais integrada na zona cultural de Belém. Com esta finalidade julga vantajoso distribuir, ao longo do dia, o acolhimento aos visitantes, ao invés do que agora sucede, com períodos de concentração excessiva de manhã e bastante vazios de tardes. Para além disso, sugere a melhoria de acessos, sinalização, parqueamentos e controlo de visitantes, como forma de beneficiar a qualidade dos serviços, os turistas, preservar o património e rentabilizar a oferta.

A Diretora do MNC refere também a necessidade de uma coordenação dinâmica e de uma melhoria dos transportes públicos da zona, destacando a vantagem de uma linha de Metro com ligação ao aeroporto.

A criação de uma “linha de produtos Belém”, a renovação dos placards informativos e a valorização do tradicional elétrico, que é um “*must português*”, único na Europa, são ideias defendidas por Silvana Bessone.

O Diretor do MB refere ser necessário um *shuttle* com circuitos articulados entre os locais a visitar e uma sinalética ajustada à zona.

## 6.7. Outras respostas complementares

### ▪ “DEFINA NUMA PALAVRA OU FRASE CURTA A ZONA DE BELÉM”

As palavras que sobressaem para definir a zona de Belém resumem-se, por ordem de importância: histórica, cultural, monumental, museológica, majestosa e única.

E entre estas repetem-se de forma sistemática: Cultura, História e Monumentalidade. Curioso, não ter sido usado o termo Descobrimentos ou Descobertas.

### ▪ “GOSTARIA DE DIZER ALGUMA COISA QUE NÃO LHE PERGUNTEI?”

O TLx esclareceu que não lança produtos especialmente relativos a esta zona, fazendo antes uma promoção global em simultâneo com o resto da cidade.

O Presidente da JFB diz que o trabalho de apoio e promoção turística é altamente gratificante e muito envolvente.

O Gerente dos Pastéis de Belém informa que opta por não comercializar noutros locais devido às características perecíveis do produto e à questão da identidade.

A Diretora do MJ /TB faz um apelo à limpeza exterior da Torre, já que o assoreamento da mesma tem dado origem a inundações e à acumulação de detritos poluentes e desagradáveis<sup>270</sup>. *“E a Torre é a imagem deste país!”*

A Diretora do MNC diz que o Museu de Arte Popular tem um potencial enorme, uma coleção magnífica e dava para fazer ali um Centro Cultural do Artesanato Português. Porque não?

Diz também que o novo MNC há-de trazer uma mais-valia para ao turismo de arquitetura!

Refere ainda que o fecho dos museus para limpeza, em determinado dia da semana, deveria ser evitado, pelos prejuízos que acarreta a visitantes mal informados. Propõe como solução o encerramento temporário e sequencial de zonas em manutenção.

O Diretor do MB diz que Belém deveria ter uma promoção própria, de cariz prospetivo, em mercados externos, para trazer mais pessoas a esta zona.

---

<sup>270</sup> Na zona ribeirinha, o polo da Torre de Belém passou para a Câmara, mas deixaram ficar uma grande parte ainda dependente da APL (Administração do Porto de Lisboa). Segundo as palavras da Diretora do MJ /TB: *“A APL sempre, sempre limpou aquela zona do rio, como fazem quase tudo. Há uns anos, eles mandaram-me um parecer para o IPPAR (naquela altura era o IPPAR) dizendo que nunca mais faziam limpeza porque nos 50m envolventes a responsabilidade de limpar era nossa, consequentemente o assoreamento tornou-se cada vez maior. Nós nos últimos anos temos tido inundações em que entra tudo na Torre de Belém porque esse nível está muito mais alto. Enfim, depois a limpeza daquele espaço e tudo isso, é uma coisa que preocupa. Repare que a Torre é a imagem deste país. (...) Está a ver aquilo cheio de detritos, porcarias, porque conforme as marés. Está péssimo...”*

## 6.8. Conclusões das Entrevistas

De acordo com a interpretação dos agentes do turismo e dos promotores culturais desta zona, Belém tem uma vocação muito marcada para o turismo, devido à presença de *i)* monumentos e equipamentos de grande qualidade, ligados a uma temática muito forte – a dos Descobrimentos portugueses, e *ii)* de museus com coleções importantes e distintas.

Belém tem um turismo que, apesar de relativamente massificado, é variado, de tendência jovem, e visitado por muitas nacionalidades.

Os modernos sistemas de transporte (inter-rail e voos *low cost*) e de comunicação (internet), as dormidas (*hostels* e *apartments for rent*), as promoções de fim-de-semana pelos operadores turísticos, têm estimulado o aumento do número de visitantes em grupos não organizados e períodos de estadia mais reduzidos. No dizer dos responsáveis entrevistados, um turismo como o de Belém, não especializado e de passagem, terá a ganhar com um aumento de visitantes, assim se saiba organizar. O aumento do número de paquetes em Lisboa também tem contribuído para um aumento do número de turistas em Belém, mas neste caso em grupos organizados.

O turismo de Belém tem evoluído de forma favorável à semelhança do que tem sucedido com o turismo de Lisboa. Coincidindo com o resultado do inquérito aos visitantes, também os entrevistados referem que o novo turista de Belém parece não frequentar tanto os museus como antes acontecia, visitando mais a igreja dos Jerónimos. Particularmente afetado tem sido o Museu Nacional dos Coches.

Congestionamento frequente na aquisição de bilhetes provoca incómodo e desinteresse na visita ao Mosteiro dos Jerónimos. Mas, logísticas simples poderão melhorar esta situação.

Igualmente em coerência com os resultados do inquérito, para os agentes de turismo o circuito temático mais oferecido em Belém é a tríade MJ, TB e PD, por ser o mais alusivo aos descobrimentos e de fácil execução. De certa forma, ao afirmá-lo, estão a justificar a sua própria opção na organização dos circuitos naquela zona. Trata-se de uma tríade fácil de gerir em termos de tempo e espaço e com uma narrativa que a unifica. Os guias intérpretes de turismo dizem que os turistas visitam com maior frequência estes três monumentos acrescentando o MNC e os Pastéis de Belém. Estes são igualmente os que eles (os próprios guias) mais apreciam. Esta informação é corroborada pelos técnicos de turismo que dizem que os turistas apreciam

particularmente o MJ, o TB, PD, MNC e os Pastéis de Belém, com destaque para os três primeiros.

Quanto questionados sobre que outros circuitos temáticos podiam ser oferecidos na zona de Belém (ver questão 6.2. - V), o “render da guarda” frente ao Palácio de Belém, a visita ao jardim do Palácio e o Museu da Presidência da República, poderão ser incluídos num circuito temático alternativo. O mesmo poderá suceder a circuitos de história da arte, ligados à arquitetura, que integrem o edifício do CCB e do novo MNC, aos jardins históricos e à ligação ao rio.

À exceção do MB, os equipamentos culturais de Belém não dispõem de departamentos de marketing, que os apoiem. Recorrem a suportes informativos em línguas estrangeiras, a sistemas multimédia e, ocasionalmente, a eventos culturais programados. Por sua vez, o TLx tem agências de comunicação no estrangeiro, que promovem Belém.

Atividades pedagógicas e educativas, catálogos e roteiros (bilingues), site e meios web, sistemas de áudio e rádio guias, exposições temporárias, sinalização e acessibilidades (circuitos tácteis), são recursos a que as entidades culturais da zona recorrem para facilitar a visita turística em Belém.

Para satisfazer as necessidades do turismo as entidades culturais da zona comercializam pequenos objetos *merchandaising* nem sempre alusivos ao espaço a visitar, roteiros, guias e desdobráveis.

A JFB, o Posto de Turismo Belém e os Pastéis de Belém, informaram que têm relações privilegiadas com entidades ou serviços da zona.

Não existe apenas um mas muitos perfis de turistas na zona de Belém, dependentes da época do ano, do país de origem, dos períodos de férias, etc. De abril a novembro, predominam os europeus e de novembro a abril, os do hemisfério sul. Tem aumentado o turismo jovem, não organizado essencialmente franceses e italianos. As mulheres suplantam os homens

Ainda de acordo com os entrevistados, as famílias nacionais visitam Belém nos fins-de-semana e os estrangeiros, de forma mais continuada.

O período mais forte do turismo é de abril a novembro, com picos nos períodos de férias (verão e páscoa), em todos os equipamentos culturais de Belém.

Em Belém os turistas procuram algo de novo, embora frequentemente familiar, algo variado e que não encontram noutros locais, como a Igreja dos Jerónimos e a Torre de Belém, os símbolos de Belém.

Os operadores gostariam de poder fornecer aos turistas melhores serviços de apoio, quer nos espaços interiores, quer nos envolventes (cf. 6.6).

Quanto a projetos para relançar Belém, o TLx referiu o “Plano Estratégico para o Turismo de Lisboa 2011-2014” (TLx14). O projeto “Belém Bairro Cultural” (ICOM 2009) onde estiveram envolvidos o MNA, o MNC, os MJ/TB e os “Pastéis de Belém”, também foi referido, mas não avançou.

Entre os projetos para relançar Belém, a maioria referiu que gostaria de participar no “TLX 14” do Turismo de Lisboa; nos “Museus de Belém 2009” (do ICOM e IDUSCRIA – Plataforma para as Indústrias Criativas) e Pólo Cultural que a JFB pretende criar na Calçada da Ajuda.

Na zona de Belém devem ser operadas as seguintes mudanças: melhorar acessos, sinalização, divulgação e informações, infraestruturas e o problema das filas na entrada do MJ, entre outras. (cf. V.I. - IV).

A zona de Belém é definida de forma sintética e com recurso a palavras-chave, por quase todos os entrevistados, é: histórica, cultural, monumental, museológica, majestosa e única.

À questão “gostaria de dizer alguma coisa que não lhe tenha sido perguntada?” Belém devia ter uma promoção própria nos mercados externos; O MAP poderá funcionar como um centro cultural do artesanato português; O MNC virá a ser uma mais-valia no turismo de arquitetura; e será necessário assegurar a limpeza exterior da TB para que esta mantenha a sua dignidade.

## **VII – Considerações Finais**

Belém, ícone dos descobrimentos portugueses é uma zona com características muito próprias.

Com uma história de crescente densidade da malha urbana, de acontecimentos coletivos relevantes, de espaços culturais e patrimoniais, Belém tem vindo a tornar-se num eixo com grande potencial para um turismo que cada vez procura mais espaços de valor patrimonial reconhecidos internacionalmente.

Nas últimas décadas as questões patrimoniais têm ganho destaque, influenciado naturalmente a componente cultural do turismo, que tira o partido possível das características materiais e imateriais dos locais que promove para ir ao encontro de diferentes mercados. O turismo cultural é cada vez mais um produto gerador de “marca”, riqueza e emprego, que se for mantido e promovido de forma sustentada; é fator de identidade e atrai visitantes.

Procurou-se com este trabalho perceber a influência da indústria do turismo e dos seus meios de divulgação no acesso a diferentes equipamentos culturais da zona de Belém, por parte dos seus visitantes. O diálogo com os agentes e com os responsáveis institucionais pelo património e pelos espaços museológicos, facultou muita informação útil à análise do turismo neste local.

Também se procurou identificar quais os frequentadores desta zona da cidade de Lisboa, as suas perceções, expectativas e necessidades.

Do lado da oferta, verifica-se que os responsáveis pelas instituições culturais têm um conhecimento (dinâmico) dos seus públicos (que identificam como culturalmente diverso, tendencialmente jovem e sujeito a alterações sazonais), reconhecem a existência de algumas limitações na sua atuação (falta de recursos informativos, de acessibilidades, serviços de apoio e promoção, entre outras), que desejariam que fosse mais integrada, tendo por isso uma consciência da necessidade de cooperação. Apesar disso, o trabalho relativamente autónomo das diferentes instituições tem conseguido manter uma oferta turística de qualidade relevante. A existência de Planos Estratégicos para o Turismo, com incidência na zona de Belém, evidencia nos últimos tempos uma preocupação institucional.

Do lado da procura, verifica-se que são sobretudo preocupações de natureza cultural e lúdica que motivam a visita, surgindo os “monumentos ligados aos descobrimentos” como os mais divulgados e visitados. Eventos culturais, recursos informativos e circuitos temáticos, são algumas das propostas dos visitantes para melhorar a oferta desta zona. Decorre da análise de ambas as dimensões, a perceção de que a indústria do turismo tende a investir numa experiência mais visual que cognitiva, mais icónica e instantânea, em que a narrativa dos descobrimentos se impõe. As características naturais e patrimoniais de Belém, a qualidade intrínseca do edificado e a carga representativa de todo o conjunto parecem encaixar-se nesta realidade promissora.

Da tríade clássica dos circuitos turísticos: Mosteiro dos Jerónimos, Torre de Belém e Museu Nacional dos Coches, este último, tem vindo a ceder o seu lugar, em termos do número de visitantes estrangeiros que recebe, ao Padrão dos Descobrimentos, provavelmente por a mensagem do primeiro (MNC) exigir mais esforço de compreensão que a do segundo, que por sua vez será mais imediata, visual e simbólica, acabando por ir mais de encontro aos interesses dos múltiplos visitantes que acedem ao eixo cultural de Belém.

Deste modo, as novas características dos atuais visitantes tendem a favorecer os monumentos em desfavor dos museus. Teremos no futuro que lidar com esta situação, tentando encontrar novos apelos nos museus, para atenuar os referidos efeitos.

## BIBLIOGRAFIA

A freguesia : história [Em linha]. In Junta de Freguesia Santa Maria de Belém. [Lisboa] : JFSTB, [s. d.]. [cons. 9 junho 2012]. Disponível em: <[http://www.jf-belem.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=83&Itemid=61](http://www.jf-belem.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=83&Itemid=61)>

ABREU, Susana Matos. De Roma a Évora, com André de Resende : cidade e “património” na história da antiguidade da cidade de Évora [Em linha]. [S. l.] : APHA, 2004. Disponível em: <[http://www.apha.pt/boletim/boletim2/pdf/Ficha\\_Tecnica.pdf](http://www.apha.pt/boletim/boletim2/pdf/Ficha_Tecnica.pdf)>

ACCIAUOLI, Margarida. Exposições do Estado Novo. 1934-1940, Lisboa : Livros Horizonte (1ª edição), 1988.

AFONSO, A. Martins. História da civilização portuguesa. 9.ª ed. Porto : Porto Ed., 1974.

ALEXANDRINO, José de Melo. O conceito de bem cultural. In GOMES, Carla Amado e Ramos, José Luís Bonifácio. Direito da Cultura e do Património Cultural. Lisboa : AAFDL, 2011, p. 223-244.

ALHO, Carlos e CABRITA, António Reis. Cartas e Convenções internacionais sobre o património arquitectónico europeu. Sociedade e Território. Porto : Afrontamento. 1988, n.º 6, p. 131-135.

ALMEIDA, Renata Filipa Mendes de. Da patrimonialização à mercantilização da história : resgatar o passado para negociar o futuro. Dissertação de mestrado. Lisboa : Universidade Católica Portuguesa, 2007.

ALONSO FERNÁNDEZ, Luis. Introducción a la nueva museología. Madrid : Alianza Ed., 1999. (Arte y Música).

ALVES, José da Felicidade. O mosteiro dos Jerónimos : das origens à actualidade. 2.º vol. Lisboa : Horizonte, 1991.

AMARAL, Luís. Índices dos Registos Paroquiais de Lisboa : casamentos : vol. VII - 1831-1835. Lisboa : Guarda Mor, 2008.

ANTÓN CLAVÉ, S. Turismo y gestión municipal del patrimonio cultural y monumental. In Congreso de la AECIT, 3, Gijón, 1996.

Anuário das Estatísticas do Turismo 2011. In Turismo de Portugal, I. P. [em linha] Edição: Dezembro de 2012. [Consult. 2013-04-10].

Documento publicado no PROTOTURISMO em:

<<http://www.turismodeportugal.pt/portugu%C3%AAs/proturismo/Pages/Proturismo.aspx>>

ARAÚJO, Norberto de. Peregrinações em Lisboa. IX vol. Lisboa : Câmara Municipal, 1993.

ARAÚJO, Renata de. Lisboa : a cidade e o espectáculo na época dos Descobrimentos. Lisboa : Horizonte, 1990.

ASHWORTH, G. J. e LARKHAM, P. Building a new heritage : tourism, leisure and identity in the new Europe. London : Routledge, 1994.

ASHWORTH, G. J. From history to heritage, from heritage to identity : in search of concepts and models. In ASHWORTH, G. J. e LARKHAM, P. Building a new heritage : tourism, leisure and identity in the new Europe. London : Routledge, 1994, p. 13-30.

BALLARD, Josep. El patrimoni histórico y arqueológico : valor y uso. Barcelona : Ariel , 1997. (Patrimonio Histórico).

BALLART HERNÁNDEZ, Josep e TRESSERRAS, Jordi Juan i. Gestión del patrimonio cultural. Barcelona : Ariel, 2010

BARRETO, Margarida. Manual de iniciação do estudo do turismo. 17.<sup>a</sup> ed. Campinas : Papiros Ed., 2003.

BARRETTO, Margarita. Turismo y cultura : relaciones, contradicciones y expectativas [Em linha]. Pasos : revista de turismo y patrimonio cultural. 2007, n.º 1. [cons. 00 setembro 2013]. Disponível em:

<<http://www.pasosonline.org/Publicados/pasosoedita/PSEdita1.pdf>>

Belém, Rua de. In Espaço e tempo : revelar Lx. [Em linha]. [Lisboa] : Revelar Lx, 2005. [cons. 7 junho 2012]. Disponível em: <<http://revelarlx.cm-lisboa.pt/gca/?id=1147>>

Belenzada. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2013. [Consult. 2012-09-11]. Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$belenzada](http://www.infopedia.pt/$belenzada)>.

BENI, Mário Carlos. Análise estrutural do turismo. 5.ª ed. São Paulo : SENAC, 2001.

BESSONE, Silvana. De Picadeiro a Museu, de Museu a Picadeiro: catálogo. Lisboa : IMC. Museu Nacional dos Coches, 2005.

BESSONE, Silvana. Lisboa há 100 anos. Lisboa : IMC. Museu Nacional dos Coches, 2005.

BOHAN, Hugues de Varine. Los museos en el mundo. Barcelona : Salvat, 1979, p. 10.

BOYER, Marc. Comment étudier le tourisme?. Ethnologie Française. 2002/3, vol. 32, p. 393-404. [cons. 6 fevereiro 2013]. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-ethnologie-francaise-2002-3-page-393.htm>>

BOYER, Marc. Histoire du tourisme de masse. Paris : PUF, 1999.

BOYER, Marc. L'invention du tourisme. Paris : Gallimard, 1996. (Découvertes).

BRITO, Joaquim Pais. Patrimónios e identidades : a difícil construção do presente. In Patrimónios e identidades : ficções contemporâneas. Oeiras : Celta, 2006, p. 43-54.

CAIXINHAS, Lisete. História dos jardins botânicos em Portugal. In CAIXINHAS, L. Botânica. Vol. 2. Lisboa : Círculo de Leitores, 1991, p. 170-185.

CALADO, Luís Ferreira. Estudos Património. Lisboa : Instituto Português do Património Arquitectónico, 2001-2011.

CAMPELO, Álvaro. O autêntico e o banal : como descrever a experiência turística? Revista Antropológicas. 2009, n.º 4, p. 205-216.

CAMPILLO GARRIGÓS, Rosa. La gestión y el gestor del patrimonio cultural. Murcia : Editorial KR, 1998.

CANAVARRO, Pedro. Achegas documentais para o estudo e defesa do património. Braga : Pax, 1976, p. 34-41. Sep. Minia, 2.ª série, n.º 1.

CARNEIRO, Luís Miguel. Retrato de Lisboa. Lisboa : revista municipal. Lisboa : Câmara Municipal. 2013, n.º 04, p. 32-33.

Carta de intenções : Do aquarim ao aceanarim \_ um itinerário cultural para Lisboa [Em linha]. [S. l.] : Petição Pública, 2010. [cons. 15 novembro 2012]. Disponível em: <<http://peticaopublica.com/pview.aspx?pi=P2010N1564>>

Instituto Nacional de Estatística. Censos : resultados definitivos : região Lisboa 2011 [Em linha]. Lisboa : INE, 2012. [cons. 19 setembro 2012]. ISBN 978-989-25-0185-7. Disponível em: <[http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine\\_censos\\_publicacao\\_det&menuBOUI=13707294&contexto=pu&PUBLICACOESpub\\_boui=156651739&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1](http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&menuBOUI=13707294&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=156651739&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1)>

Charter of Cultural Tourism. [Em linha]. In ICOMOS : Conseil International des Monuments et des Sites. Paris : ICOMOS, 1996. [cons. 5 abril 2013]. Disponível em: <[http://www.icomos.org/tourism/tourism\\_charter.html](http://www.icomos.org/tourism/tourism_charter.html)>

CHASTEL, André. La notion de patrimoine. In NORRA, Pierre. Les lieux de mémoire. Tome II. Paris : Gallimard, 1985, p. 405-450.

CHOAY, Françoise. A alegoria do património. Lisboa : Ed. 70, 2000, p.11-154. (Artes & Comunicação ; 71).

COMISSÃO EUROPEIA. Grupo de Peritos sobre o Ambiente Urbano. Cidades europeias sustentáveis : relatório [Em linha]. Bruxelas : CE. GPAU, 1996. [cons. 2 julho 2013]. Disponível em: <<http://ec.europa.eu/environment/urban/pdf/rport-pt.pdf>>

Convenção 2003 [em linha]. In Matriz PCI : área unesco. . [Lisboa] : IMC, [s. d.]. [cons. 9 setembro 2012]. Disponível em:  
<<http://www.matrizpci.dgpc.pt/matrizpci.web/Unesco/UNESCOConvencao2003.aspx>>

COSTA, António Carvalho da. Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, gealogias das famílias nobres, fundações de conventos, catálogos dos bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edifícios, & outras curiosas observaçoens [Em linha]. Lisboa : Valentim da Costa Deslandes, 1706-1712. 3 vol. [cons. 5 julho 2012]. Disponível em:  
[http://www.archive.org/stream/mosteirodebelem00fonsgoog/mosteirodebelem00fonsgoog\\_djvu.txt](http://www.archive.org/stream/mosteirodebelem00fonsgoog/mosteirodebelem00fonsgoog_djvu.txt)

COSTA, Luiz Xavier da. As belas-artes plásticas em Portugal durante o século XVIII. [S. l.] : J. Rodrigues, 1934.

COUTINHO, Andreia Sofia Canetas. Património [in]tocável : reflexão crítica sobre os efeitos do turismo cultural nos centros históricos. Dissertação de mestrado. Coimbra : Universidade. Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2009.

CUNHA, Licínio. A definição e o âmbito do turismo : um aprofundamento necessário, 2010 [Em linha]. [S. l. : s. n., s. d.]. [cons. 17 março 2013]. Disponível em:  
<<http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/665>>

CUNHA, Licínio. Desenvolvimento do turismo em Portugal : os primórdios. Fluxos & Riscos : revista de estudos sociais. 2010, n.º 1, p. 127-149.

CUNHA, Licínio. Economia e política do turismo : nova versão. Lisboa : Verbo, 2006.

CUNHA, Licínio. Economia, política e turismo. Lisboa : McGraw-Hill, 1997.

CUNHA, Licínio. Introdução ao turismo. 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa ; S. Paulo : Ed. Verbo, 2003.

CUNHA, Mafalda Soares da e FONSECA Teresa. Os municípios no Portugal Moderno : dos forais manuelinos às reformas liberais. Lisboa : Colibri ; Évora : UE. CIDEHUS, 2005.

CUSTÓDIO, Jorge (coord.). 100 Anos de Património : Memória e Identidade : Portugal 1910-2010. 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa : IGESPAR, 2011.

CUSTÓDIO, Jorge. "Renascença" artística e práticas de conservação e restauro arquitectónico em Portugal, durante a 1.<sup>a</sup> República : fundamentos e antecedentes. Casal de Cambra : Caleidoscópio, 2011

DESVALLÉS, André. L'origine du mot patrimoine. In POULOT, Dominique. Patrimoine et modernité. Paris : L'Harmattan, 1998.

Diagnóstico sectorial [Em Linha]. [S. l. : s. n.], 2009. [cons. 7 agosto 2013]. Disponível em:<<http://consulta-protaml.inescporto.pt/plano-regional/relatorio-do-plano/relatorios-sectoriais-de-caracterizacao-e-diagnostico/Diagnostico%20Sectorial%20Turismo%20e%20Lazer%20e%20Anexos.pdf>>

DIAS, Inês Duque. Protecção legal do património cultural em Portugal. Magazine on-line[Em linha]. [S. l. : s. n.], 2009. [cons. 7 janeiro 2013].

Disponível em:

<[http://www.paralelo33.com/index.php?option=com\\_content&view=article&id=128%3Aproteccao-legal-do-patrimonio-cultural-em-portugal&Itemid=82](http://www.paralelo33.com/index.php?option=com_content&view=article&id=128%3Aproteccao-legal-do-patrimonio-cultural-em-portugal&Itemid=82)> (actualmente indisponível)."

DIAS, Marina Tavares. Lisboa desaparecida. Vol. 5. Lisboa : Quimera Ed., 1996.

DIAS, Susana José Gomes. Intervenções de reabilitação em património construído : projecto de beneficiação do castelo de Alter do Chão. Dissertação de mestrado. Lisboa : Universidade Técnica, 2008.

DICKS, Bella. Culture on display : the production of contemporary visitability. London : Open University Press, 2003.

Direito do Património Cultural, 1, Oeiras, 1995. Oeiras : Instituto Nacional de Administração, 1996.

El público y el museo [Em linha]. Revista de los Museos de Andalucía. 2008, n.º 10. [cons. 12 abril 2013]. Disponível em:  
<[http://www.juntadeandalucia.es/culturaydeporte/museos/media/docs/PORTAL\\_musa\\_10\\_ok.pdf](http://www.juntadeandalucia.es/culturaydeporte/museos/media/docs/PORTAL_musa_10_ok.pdf)>

ELIAS, Helena. A emergência de um espaço de representação : arte pública e transformações urbanas na zona ribeirinha de Belém. [Em linha] Lisboa. On the W@terfront. 2004, n.º 6, p. 43- 135. [cons. 2 agosto 2012]. Disponível em:  
<<http://www.raco.cat/index.php/Waterfront/article/view/216971/289615>>

Entrevista ao presidente da Junta de Freguesia de Santa Maria de Belém, dr. Fernando Ribeiro Rosa. Jornal da Região. Suplemento dedicado às juntas de freguesia. (2009-07-??).

ESPERANÇA, Eduardo J. (s.d.), O que se passou em Portugal, (alínea 6.1), Capítulo III - Modernidade e condições de emergência da experiência patrimonial, *in*  
[consul. 8 março 2012] Disponível em: <[http://evunix.uevora.pt/~eje/capitulo\\_iii.htm](http://evunix.uevora.pt/~eje/capitulo_iii.htm)>

ESPERANÇA, Eduardo Jorge. Património : política e práticas culturais : para uma abordagem comunicacional. Tese de doutoramento. Évora : Universidade, 1996.

Estatísticas do turismo 2011 [Em linha]. Lisboa : INE, 2012. [cons. 17 julho 2013].  
Disponível em: <[www.ine.pt/](http://www.ine.pt/)>

EUROSTAT. Tendências do turismo : dados de setembro de 2012 [em linha]. [S. l.] : EUROSTAT, 2013.  
[cons. 20 julho 2013]. Disponível em:  
<[http://epp.eurostat.ec.europa.eu/statistics\\_explained/index.php/Tourism\\_trends/pt](http://epp.eurostat.ec.europa.eu/statistics_explained/index.php/Tourism_trends/pt)>"

Exposição do Mundo Português [Em linha]. In Infopédia. Porto : Porto Ed., 2003-2013.  
[Cons. 28 abril 2012]. Disponível em:<[http://www.infopedia.pt/\\$exposicao-do-mundo-portugues](http://www.infopedia.pt/$exposicao-do-mundo-portugues)>

Exposições : Residência régia de veraneio [Em linha]. In Museu da Presidência da República. [Lisboa] : Museu da Presidência da República [s.d] [cons. 9 setembro 2012].  
Disponível em: <[http://www.museu.presidencia.pt/expo\\_detail.php?ID=122](http://www.museu.presidencia.pt/expo_detail.php?ID=122)>

FARIA, Margarida Lima de e ALMEIDA, Renata Mendes de. A problemática da «identidade» e o lugar do «património» num mundo crescentemente cosmopolita. Comunicação e Cultura [em linha]. 2006, n.º 1, 2006, p. 117-133. [consul. 14 nov. 2012] Disponível em: <[http://comunicacaoecultura.com.pt/wp-content/uploads/2010/07/01\\_06\\_M\\_Lima\\_Faria\\_Renata\\_Almeida.pdf](http://comunicacaoecultura.com.pt/wp-content/uploads/2010/07/01_06_M_Lima_Faria_Renata_Almeida.pdf)>

FARIA, Margarida Lima de. Etapas e limites da globalização da cultura institucional : os museus [Em linha]. In FORTUNA, Carlos e SANTOS, Augusto. Projecto e circunstância : culturas urbanas em Portugal. Porto : Afrontamento, 2002. ISBN 972-36-0575-9. [cons. 11 dezembro 2012]. Disponível em:  
<[http://www.aps.pt/cms/docs\\_prv/docs/DPR462df99db4b20\\_1.PDF](http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462df99db4b20_1.PDF)>

FERNÁNDEZ, Luis Alonso. Introducción a la nueva museología. Madrid : Alianza Ed., 1999. (Arte y Música).

FERRÃO, Bernardo. O conceito de património arquitectónico e urbano na cultura ambiental vimaranense [Em linha]. Porto : [s. n.], 1997, p. 1-5. [cons. 27 setembro 2012]. Disponível em: <<http://www.cm-guimaraes.pt/files/1/documentos/470413.pdf>>

FORTUNA, Carlos. Cidade, cultura e globalização : ensaios de sociologia [Em linha]. 2.<sup>a</sup> ed. Oeiras : Celta, 2001. [cons. 02 novembro 2012]. Disponível em: <[http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/169\\_CidadeCulturaGlob.pdf](http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/169_CidadeCulturaGlob.pdf)>

FORTUNA, Carlos. Identidades, percursos e paisagens culturais [Em linha]. Oeiras : Celta, 1999. [cons. 02 novembro 2012]. Disponível em: <[http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/169\\_Identidades.pdf](http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/169_Identidades.pdf)>

Francisco Adolfo de Varnhagen[em Linha]. In Wikipédia Enciclopédia livre [cons. em 12 novembro 2012). Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco\\_Adolfo\\_de\\_Varnhagen](http://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Adolfo_de_Varnhagen)>

FRANCO, Luiz Farinha... [et al.]. Jerónimos : memórias de cinco séculos : 1501-2001 : fragmentos literários. Lisboa : Instituto Português do Património Arquitectónico, 2001.

FREITAS, Eduardo, CALADO, Maria e FERREIRA, Vitor Matias. Lisboa : freguesia de Belém. Lisboa : Contexto, 1993, p. 56.

GARCÍA BLANCO, Ángela; PÉREZ SANTOS, Eloísa y ANDONEGUI, Maria de la O. Los visitantes de museos : un estudio de público en cuatro museos. Madrid : MEC, 1999.

GOMBRICH, E. H. A história da arte. 4.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro : Guanabara, 1988.

GONÇALVES, Alexandra Rodrigues. Museus e turismo : que experiências? Breve reflexão [Em linha]. ICOM.pt. 2009, série II, n.º 4, p. 3-10. [cons. 23 maio 2013] .Disponível em: <[http://www.icom-portugal.org/multimedia/info%20II-4\\_mar-maio09.pdf](http://www.icom-portugal.org/multimedia/info%20II-4_mar-maio09.pdf)>

GONÇALVES, Nuno Fradique. Públicos dos palácios nacionais do Instituto dos Museus e da Conservação : estudo preliminar. Lisboa : IMC, [s d.].

Grande enciclopédia portuguesa e brasileira. Vol. 34. Lisboa : Rio de Janeiro ; Ed. Enciclopédia, [s.d.].

GUERREIRO, Maria Manuela. O papel da cultura na gestão da marca das cidades. In CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 6, LISBOA, 2008 [Em linha]. Lisboa : UN. FCSH, 2008. [cons. 11 agosto 2013]. Disponível em: <<http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/191.pdf>>

HENRIQUES, Cláudia. Turismo, cidade e cultura : planeamento e gestão sustentável,. Lisboa : Sílabo, 2003.

HERBERT, David T. Heritage, tourism and society. New York : Mansell ; [UK] : Pinter, 1997.

HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, Francisca. El patrimonio cultural : la memoria recuperada. Gijón : Trea, 2002.

HERNÁNDEZ, F. Manual de museologia. Madrid : Síntesis, 1994.

HEWISON, Robert. The heritage industry : Britain in a climate of decline. London : Methuen, 1987.

História [em linha]. In Padrão dos Descobrimentos. [Lisboa] : EGEAC, [2010]. [cons. 9 setembro 2012]. Disponível em: <<http://www.padraodosdescobrimentos.egeac.pt/>>

DIRECÇÃO ICOM.PT. Mesa-redonda : museus de Belém : perspectivas de futuro [Em linha]. ICOM.pt. 2009, série II, n.º 5. [cons. 6 setembro 2012]. Disponível em: <[http://www.icom-portugal.org/multimedia/info%20II-5\\_jun-ago09.pdf](http://www.icom-portugal.org/multimedia/info%20II-5_jun-ago09.pdf)>

ICOM. Cultural tourism [em linha]. Icom 2010-2012 [cons. 22 junho 2013]. Disponível em: <[http://icom.museum/prop\\_tour.html](http://icom.museum/prop_tour.html)>

ICOMOS. Carta de turismo cultural : ICOMOS 1976 [Em linha]. [S. l. : s. n., s. d.].  
[cons. 14 junho 2013]. Disponível em:  
<<http://recil.grupolusofona.pt/jspui/handle/10437/3721>>

IGNARRA, Luiz Renato. Fundamentos do turismo. 2.<sup>a</sup> ed. São Paulo : Pioneira, 2003.

Início da construção do Mosteiro dos Jerónimos : 1502 [Em linha]. In Infopédia. Porto:  
Porto Ed., 2003-2013. [cons. 14 agosto 2012]. Disponível em:  
<[http://www.infopedia.pt/\\$mosteiro-dos-jeronimos](http://www.infopedia.pt/$mosteiro-dos-jeronimos)>

Inquérito ao grau de satisfação : região de Lisboa : relatório síntese : acumulado anual  
2010 [Em linha]. [Lisboa] : Observatório Turismo de Lisboa, [s. d.], p. 2-20. [cons. 00  
setembro 2013]. Disponível em: <[http://www.visitlisboa.com/getdoc/f6e7561c-27e4-4e5a-8a77-d71058391c7e/Inquerito-ao-Grau-Satisfacao\\_Sintese-2010.aspx](http://www.visitlisboa.com/getdoc/f6e7561c-27e4-4e5a-8a77-d71058391c7e/Inquerito-ao-Grau-Satisfacao_Sintese-2010.aspx)>

Inquérito às Atividades dos Turistas e Informação 2007, Observatório do Turismo de  
Lisboa, p. 258 – Já não Encontro!

INSTITUTO DOS MUSEUS E DA CONSERVAÇÃO. Plano estratégico para os  
museus : museus para o século XX [Em linha]. Lisboa : IMC, 2011 [cons. 9 janeiro  
2013].  
Disponível em: <[http://www.imc-ip.pt/pt-PT/iniciativas/actividades\\_imc/ContentDetail.aspx?id=2212](http://www.imc-ip.pt/pt-PT/iniciativas/actividades_imc/ContentDetail.aspx?id=2212)> "

Instituto Nacional de Estatística. Estatísticas do Turismo 2011. [Em linha]. Lisboa, INE,  
2012. 2011 [cons. 6 agosto 2013]. Disponível em.  
<[http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOE\\_Spub\\_boui=143016014&PUBLICACOEStema=55581&PUBLICACOESmodo=2](http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOE_Spub_boui=143016014&PUBLICACOEStema=55581&PUBLICACOESmodo=2)>

IPPAR. Torre de Belém : guia. Lisboa : IPPAR, 1999.

JANSON, H.W. História da Arte. 4.<sup>a</sup> ed. Lisboa : Fund. Calouste Gulbenkian, 1986.

JOKILEHTO, J. Definition of cultural heritage : references to documents in history [Em linha]. In ICCROM Working Group Heritage and Society. [S. l. : s. n.], 2005 . 47 p. [cons. 11 julho 2013]. Disponível em: <[http://cif.icomos.org/pdf\\_docs/Documents%20on%20line/Heritage%20definitions.pdf](http://cif.icomos.org/pdf_docs/Documents%20on%20line/Heritage%20definitions.pdf)>

JORGE, Virgolino Ferreira. Património e identidade nacional. Engenharia Civil. 2000, n.º 9, p. 5-12.

KOTLER, Neil and KOTLER, Philip. Museum strategy and marketing. San Francisco : Jossey-Bass, 1998.

LEITE, Ana Cristina. Os centros simbólicos : o centro do Império : Lisboa no século XVI. In PEREIRA, Paulo. História da arte portuguesa. Vol. II. Lisboa : Círculo de Leitores, 1995. (Grandes Temas da Nossa História).

LOPES, Flávio. Legislação Nacional. Lisboa : IPPAR, 1996. (Informar para Proteger).

LOPES, Flávio. Informar para proteger : património arquitectónico e arqueológico. Lisboa : Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, 1994.

LOPES, Flávio. O programa de incremento do turismo cultural : dos novos conceitos e motivações sobre o património cultural à criação de produtos turísticos de qualidade. [S. l. : s. n.], 2000.

LOWENTHAL, David. The past is a foreign country. Cambridge : Cambridge University Press, 1985.

MAIA, Maria Augusta. Critérios para futuras classificações. Lisboa : IPPAR, 1995. (Informar para Proteger).

Manuelino [Em linha]. In INFOPÉDIA. Porto : Porto Ed., 2003-2012. [Cons. 2 junho 2012]. Disponível em: <[http://www.infopedia.pt/\\$manuelino](http://www.infopedia.pt/$manuelino)>

MARQUES, João Martins da Silva. Descobrimentos portugueses : documentos para a sua história. Vol. I. Lisboa : Instituto para a Alta Cultura, 1994.

MARQUES, Luís. O paraíso no “fim do mundo” : o culto de Nossa Senhora do Cabo. Lisboa : Sexta Ed., 2007.

MARTINS, Ana Cristina N. Património histórico-cultural : a emergência das reformas (do Liberalismo ao Republicanismo) : 2.<sup>a</sup> e última parte. Estudos Património. 2004, n.º 6, p. 109-125.

MARTINS, Alice Campos e COELHO, Adriano Pinto. As instalações industriais como elementos polidores da cidade : o caso da fábrica de gás de Belém. In Atas do Colóquio Lisboa Ribeirinha, Lisboa, CML, 1999, p. 314-324.

MARTINS, F. A. Olisiponenses alfandegas et leges = As leis e as alfândegas de Lisboa : do séc. XII a XVI. Lisboa : Direcção-Geral das Alfândegas, 1984.

MATOS, Ana Cardoso de. A indústria do gás em Lisboa : uma área de confluência de várias abordagens temáticas. Penélope : revista de história e ciências sociais. 2003, n.º 29, p. 109-132.

MATOS, Jorge de. A heráldica autárquica do extinto município de Belém. Lisboa : Hugin, 1998.

MELO, Ana Homem de. Santa Maria de Belém e São Francisco Xavier. In Nova Proposta Administrativa para Lisboa. Lisboa : Gabinete de Estudos Olisiponenses, 2011.

MELO, Erik Silva Omena de. Aprofundando o olhar do turista : considerações acerca de suas determinantes sociais. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo. 2009, vol. 3, n.º 2, p. 71-94.

MENEZES, Fátima Pinto de. Uma visita guiada = A guided tour. Lisboa : Junta de Freguesia de Belém : By de Book, 2013.

MESQUITA, Alfredo. Alfacinhas. 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa : Vega, 1994.

MESQUITA, Alfredo. Lisboa : monografia. 3.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Arquimedes, 2006.

Monumento : história : séc. XVI [Em linha]. In Mosteiro dos Jerónimos. [Lisboa] : IGESPAR, [s. d.]. [cons. 9 setembro 2012]. Disponível em: <<http://www.mosteirojeronimos.pt/pt/index.php?s=white&pid=219&identificador=>>

Monumentos : personalidades : outros [Em linha]. In Mosteiro dos Jerónimos. [Lisboa] : IGESPAR [s. d.]. [cons. 9 setembro 2012]. Disponível em <<http://www.mosteirojeronimos.pt/pt/index.php?s=white&pid=227&identificador=>>

MOREIRA, Carla. O entendimento do património no contexto local. Oppidum : revista de história, arqueologia e património. 2006, n.º 1, p.127-140.

MOREIRA, Carlos Diogo. Prefácio. In PERALTA, Elsa e ANICO, Marta. Patrimónios e identidades : ficções contemporâneas. Oeiras : Celta, 2006.

MURPHY, Peter E. Tourism : a community approach. New York ; London, Methuen, 1985.

MUSEU NACIONAL DOS COCHES. O giro de N. Snra. do Cabo e as berlindas processionais. Coord. Silvana Bessone. Lisboa : IMC, 2007.

NACIONES UNIDAS. Recomendaciones internacionales para estadísticas de turismo 2008 [em linha]. Madrid ; Nueva Iorque; NU, 2010. [cons. 29 junho 2013]. Disponível em: <[http://unstats.un.org/unsd/publication/Seriesm/SeriesM\\_83rev1s.pdf](http://unstats.un.org/unsd/publication/Seriesm/SeriesM_83rev1s.pdf)>

NÉU, João B. M. Em volta da torre de Belém : do séc. XIV ao séc. XX. Vol. III. Lisboa : World Monuments Fund, 2006.

NEVES, José Soares e SANTOS, Jorge Alves dos. Estatísticas culturais do Ministério da Cultura. Lisboa : GPEARI ; OAC, 2010.

NOBRE, Pedro Alexandre de Barros Rito Nunes. Belém e a Exposição do Mundo Português : urbanidade e património urbano. Vol. I. Projecto de mestrado. Lisboa : UN.FCSH, 2010.

NOGUÉS PEDREGAL, Antonio Miguel. Genealogía de la difícil relación entre antropología social y turismo. PASOS : revista de turismo y patrimonio cultural. 2009, vol. 7, n.º 1, p. 43-56.

O turista e o viajante : contributos para a conceptualização do turismo alternativo e responsável [Em linha]. In Congresso Português de Sociologia, 4, Coimbra, 2000. [S. l. : s. n.], 2003. [cons. 12 abril 2013]. Disponível em: <<http://fama2.us.es:8080/turismo/turismonet1/economia%20del%20turismo/turismo%20y%20antropologia%20social/turista%20e%20o%20viajante.pdf>>

Oito séculos de história : inaugura-se hoje a Exposição do Mundo Português. Diário de Lisboa (1940-06-23).

OLIVEIRA, J. M. Paquete de. O público não existe : cria-se : novos media, novos públicos? In Públicos da Cultura: actas do encontro organizado pelo Observatório das Actividades Culturais no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Lisboa: OAC, 2004.

OLIVEIRA, Luísa. Porque Lisboa está na moda. Visão. Lisboa : Impresa. 2012, n.º 1015, p. 74-78.

OMT. Entender el turismo : glosario básico [Em linha]. [S. l.] : OMT, [s. d.]. [cons. 05 julho 2013]. Disponível em: <<http://media.unwto.org/es/content/entender-el-turismo-glosario-basico>>

OMT. Manuel technique n.º 1 : concepts, definitions et classifications pour les statistiques du tourisme [Em linha]. [S. l. : s. n.], 1995. [cons. 6 julho 2013].

Disponível em: <<http://www.e-unwto.org/content/u50017/fulltext?p=cea3f5277c644ebbb3f7264542215e28&pi=0#section=7388&page=1&locus=27>>"

ORTIGÃO, Ramalho. O culto da arte em Portugal [Em linha]. 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa : A. M. Pereira, 1896. [cons. 00 setembro 2013]. Disponível em: <[http://purl.pt/207/4/ba-16324-v\\_PDF/ba-16324-v\\_PDF\\_08-G-R0072/ba-16324-v\\_0000\\_anterrosto-176\\_t08-G-R0072.pdf](http://purl.pt/207/4/ba-16324-v_PDF/ba-16324-v_PDF_08-G-R0072/ba-16324-v_0000_anterrosto-176_t08-G-R0072.pdf)>

OSÓRIO, D. Jerónimo de. Da vida e feitos de El-Rei D. Manuel. Vol. I. Porto : Liv. Civilização, 1994.

Roteiro para o património : enquadramento 2ª jornada - Coordenadas - Identidade Nacional [em linha]. In Página oficial da Presidência da República Portuguesa. Património da beira baixa e douro litoral, 21 e 22 de Janeiro de 2008 [Cons. 7 fevereiro 2013]. Disponível em. <<http://www.presidencia.pt/?idc=24&idi=12475&idt=28>>

Exposição do Mundo Português [Em linha]. In Infopédia. Porto : Porto Ed., 2003-2013. [Cons. 28 abril 2012]. Disponível em:<[http://www.infopedia.pt/\\$exposicao-do-mundo-portugues](http://www.infopedia.pt/$exposicao-do-mundo-portugues)>

PATERSON, Mark. Consumption and everyday life : the new sociology. London : Sage, 1997, p. 1-12.

PATO, Heitor Baptista. O culto saloio à Senhora do Cabo. In 575 anos do giro saloio de Nossa Senhora do Cabo. [S. l.] : Comissão de Festas de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> do Cabo de S. Pedro de Almargem do Bispo, 2005, p. 26-67.

PEIXOTO, Paulo Jorge Marques. Imagens e usos do património urbano no contexto da globalização. Dissertação de mestrado. Coimbra : Fac. Economia, 1997.

PEIXOTO, Paulo. O património mundial como fundamento de uma comunidade humana e como recurso das indústrias culturais urbanas [Em linha]. Oficina do CES.

2000, n.º 155, p. 2-18. [cons. 00 setembro 2013]. Disponível em:  
<<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/155.pdf>>

PEIXOTO, Paulo. Os meios rurais e a descoberta do património [Em linha]. Oficina do CES. 2002, n.º 175. [cons. 5 dezembro 2012].  
Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/175.pdf>>"

PERALTA, Elsa e ANICO, Marta. Patrimónios e identidades : ficções contemporâneas. Oeiras : Celta, 2006.

PERALTA, Elsa. A sedução da história : construção e incorporação da "imagem de marca" Portugal. In PRATS, Llorenç e SANTANA, Agustín. Turismo y património : entramados narrativos. Pasos : revista de turismo y património cultural. 2011 [cons. 3 fevereiro 2013]. Disponível em:  
[http://issuu.com/pasosonline/docs/turismo\\_y\\_patrimonio\\_\\_entramados\\_narrativos](http://issuu.com/pasosonline/docs/turismo_y_patrimonio__entramados_narrativos)

PERALTA, Elsa. O mar como património : considerações acerca da identidade nacional portuguesa. In NUNES, F. O. Culturas Marítimas em Portugal. Lisboa : Âncora, 2008.

PERALTA, Elsa. Património e identidade : os desafios do turismo cultural [Em linha]. Lisboa : UT. ISCSP, 2000, p.217-224. [cons. 00 setembro 2013]. Disponível em:  
<<http://ufpbdigital.ufp.pt/dspace/bitstream/10284/1713/3/217-224.pdf> >

PEREIRA, José Costa. Dicionário enciclopédico da história de Portugal. Vol II. Lisboa : Alfa ; Selecções do Reader's Digest, imp. 1990, p. 84-86.

PEREIRA, Mário. Restauro, entre o existir e ser. Cadernos de Conservação e Restauro. 2011, n.º 2, p. 3-7.

PEREIRA, Paulo. Guia oficial do mosteiro dos Jerónimos. Lisboa : IPPAR ; London : Scala Publishers, 2006.

PEREIRA, Paulo. Intervenções no património 1995-2000 : nova política. Lisboa : Instituto Português do Património Architectónico, 1997.

PEREIRA, Paulo. O estaleiro de Santa Maria de Belém. In PEREIRA, Paulo. História da arte portuguesa. Vol. II. Lisboa : Círculo de Leitores, 1995, p. 60-66. (Grandes Temas da Nossa História).

PEREIRA, Paulo. Sob o Signo de Sísifo. Políticas do património edificado em Portugal, 1980-2020. In CUSTÓDIO, Jorge (coord.). 100 Anos de Património : Memória e Identidade : Portugal 1910-2010. 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa : IGESPAR, 2011.

PEREIRO PÉREZ, Xerardo. Património cultural : o casamento entre património e cultura [Em linha]. ADRA : revista dos sócios do Museu do Povo Galego. 2006, n.º 2, p. 23-41. [cons. 21 novembro 2012]. Disponível em:  
<[http://home.utad.pt/~xperez/ficheiros/publicacoes/patrimonio\\_cultural/Patrimonio\\_Cultural.pdf](http://home.utad.pt/~xperez/ficheiros/publicacoes/patrimonio_cultural/Patrimonio_Cultural.pdf)>

PEREIRO PÉREZ, Xerardo. Turismo cultural : leituras da antropologia [Em linha]. Notícias de Antropologia y Arqueología. [S. l. : s. n.], 2004. [cons. 00 setembro 2013]. Disponível em:<[http://www.naya.org.ar/turismo\\_cultural/htm/xerardo\\_pereiro\\_perez.htm](http://www.naya.org.ar/turismo_cultural/htm/xerardo_pereiro_perez.htm)>

PEREIRO PÉREZ, Xerardo. Turismo cultural : uma visão antropológica. Tenerife : Asociación Canaria de Antropología, 2009.

PÉREZ SANTOS, Eloísa. Estudios de público en museos : metodología y aplicaciones. Gijón : Trea, 2000.

PINA, Rui de, “Crónica de D. Dinis”. In Crónicas de Rui de Pina, Porto: Lello e Irmãos Editores, 1977.

PINHO, Elsa Garrett. Património cultural da nação : bens culturais móveis classificados, inventariados ou arrolados [Em linha]. Lisboa : IMC, 2011, p. 1-12. [cons. 17 novembro 2012].

Disponível em: <[http://www.imc-ip.pt/Data/Documents/D\\_P\\_Movel/Classificacao\\_Inventariacao/Historial\\_BMCI\\_2011.pdf](http://www.imc-ip.pt/Data/Documents/D_P_Movel/Classificacao_Inventariacao/Historial_BMCI_2011.pdf)>"

PINTO, Carla Alferes. Como estamos de património cultural. História. Julho 1995, n.º 10, p. 52-5.

PIRES, Eliane Cristine Raab. Inter-relações turismo, meio ambiente e cultura. Bragança : Instituto Politécnico, 2004.

POLICARPO, Isabel Ponce de Leão. Classificar : como, porquê e para quê? : o caso do mosteiro de Santa Maria de Seça. [S. l. : s. n., s.d]. [cons. 11 dezembro 2012].

Disponível em:

<[http://figueiradigital.ficheirospt.com/municipe/cultura/encontros/isabel\\_com.pdf](http://figueiradigital.ficheirospt.com/municipe/cultura/encontros/isabel_com.pdf)>

POMAR, Alexandre. MAP 1 : a Exposição de 1940, o MAP e a área de Belém [Em linha]. [S. l. : s. n., s. d.]. [cons. 22 junho 2012]. Disponível em:

<[http://alexandrepomar.typepad.com/alexandre\\_pomar/2009/09/map-1-.html](http://alexandrepomar.typepad.com/alexandre_pomar/2009/09/map-1-.html)>

POULOT, Dominique. Patrimoine et modernité. Paris : L'Harmattan, 1998.

PRATA, Jorge Manuel de Matos Pina Martins. A emergência da noção de património. Trabalho de pós-graduação. Lisboa : Faculdade de Direito da Universidade. Instituto de Ciências Jurídico-Políticas, 2010.

PRATS, L. Antropología y patrimonio. Barcelona : Ariel, 1997.

PRATS, Llorenç e SANTANA, Agustín. Turismo y patrimonio : entramados narrativos [Em linha]. Pasos : revista de turismo y patrimonio cultural. 2011, n.º 5. [cons. 7 de março 2013]. Disponível em:

<<http://www.pasosonline.org/Publicados/pasosoedita/PSEdita5.pdf>>

QUINTANA, Claudio e STAGNO, Ruben. Patrimonio y turismo : la activación turística patrimonial de Purificación (Paysandú, Uruguay) [Em linha]. Pasos : revista de turismo

y patrimonio cultural. 2009, vol. 7, n.º 2, p. 307-319. [cons. 19 julho 2013]. Disponível em: <[http://www.pasosonline.org/Publicados/7209/PS0209\\_12.pdf](http://www.pasosonline.org/Publicados/7209/PS0209_12.pdf)>

RAMOS, Paulo Oliveira. A torre de Belém e a Fábrica do Gás : contra o gasómetro, marchar, marchar. Pedra & Cal. 2004, n.º 21, p. 12-14.

RAMOS, Paulo Oliveira. Breve história do museu em Portugal. In TRINDADE, Maria Beatriz Rocha. Iniciação à museologia. Lisboa : Universidade Aberta, 1993.

RAMOS, Paulo Oliveira. Do porto do Restello, a-par-de-Lisboa ao Cais de Belém. In Centro Cultural de Belém : concurso para o projecto. Lisboa : IPPC, 1989, p. 117-122.

RIBEIRO, Mário de Sampaio. Do sítio do Restelo e das suas igrejas de Santa Maria de Belém. Lisboa : Academia Portuguesa de História, 1949.

RODRIGUES, João Bartolomeu. A educação na revista O Panorama [Em linha]. Tese de doutoramento. Vila Real : UTAD, 2008, p. 70. [cons. 4 abril 2013]. Disponível em: <[http://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/108/1/phd\\_jbrodrigues.pdf](http://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/108/1/phd_jbrodrigues.pdf)>

RODRIGUES, Paulo Simões. A construção da memória da cidade : do monumento ao lugar. Vol. 1. Évora : Casa do Sul ; Universidade. CHA, 2005.

RODRIGUES, Paulo Simões. O longo tempo do património : os antecedentes da república (1721-1910). In CUSTÓDIO, Jorge (coord.). 100 Anos de Património : Memória e Identidade : Portugal 1910-2010. 2.ª ed. Lisboa : IGESPAR, 2011.

ROJECK, Chris e URRY, John. Touring cultures, transformations of travel and theory. London : Routledge, 1997.

ROJECK, Chris. Ways of escape : modern transformations in leisure and travel. Basingstoke : Palgrave Macmillan, 1993.

ROSAS, Lúcia Maria Cardoso. Monumentos pátrios : a arquitectura religiosa medieval : património e restauro : 1835-1928. Tese de doutoramento. Porto : Faculdade de Letras da Universidade, 1995.

ROSENDO, Catarina e COELHO, Cristina. Cronologia : razão e invenção : elementos para um percurso do conhecimento da natureza [Em linha]. APHA : Almada, 2001. [cons. 2 abril 2013]. Disponível em:  
<<http://www.apha.pt/boletim/boletim3/pdf/CronoJardimBotanico.pdf>>

SANCHES, José Dias. Belém do passado e do presente. In Separata do jornal Ecos de Belém. [S. l. : s. n.], 1964.

SANCHES, José Dias. Belém e arredores através dos tempos. Lisboa : Liv. Universal, 1940.

SANCHO, Amparo. Introducción al turismo [Em linha]. Madrid : OMT, 1998. [cons. 9 maio 2013]. Disponível em:  
<<http://dspace.universia.net/bitstream/2024/1043/1/INTRODUCCION+AL+TURISMO+OMT.pdf>>

SANTANA, Agustin. Os olhos também comem : imagens do património para o turismo. In PERALTA, Elsa e ANICO, Marta. Patrimónios e identidades : ficções contemporâneas. Oeiras : Celta, 2006.

SANTANA, Francisco e SUCENA, Eduardo. Dicionário da História de Lisboa. Lisboa : [s n.], 1994.

SANTOS, Jorge Alves dos e NEVES, José Soares. Os museus municipais de Cascais : políticas culturais locais e património móvel. Lisboa : OAC, 2005.

SILVA, Raquel Henriques da. Inquérito aos museus em Portugal. Lisboa : Instituto Português de Museus, 2000.

SÃO MIGUEL, Jacinto de. Mosteiro de Belém : relação da insigne e real casa de Santa Maria de Belém. Lisboa : Typ. Academia Real das Ciências, 1901, p.34.

SARAIVA, José Hermano e CIDADE, Hernâni. Implantação do regime liberal : da revolução de 1820 à queda da monarquia. Vol. VII. Matosinhos : Quidnovi, 2004. (História de Portugal).

SEMEDO, Alice. Estratégias museológicas e consensos gerais. In HIDALGO CUÑARRO, José e BRITO, Mário. Museus de Portugal e do Norte da Galiza [Em linha]. Vigo : Eixo Atlântico, [s. d.], p. 5-31. ISBN 688-8179-1. [cons. 11 abril 2012]. Disponível em: <<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/22164/2/alicesemedoestrategias000090883.pdf>>

SENHA, João Manuel Issac. Equipamentos culturais : que relação com os públicos? : um estudo de caso aplicado ao castelo de São Jorge e ao Museu do Fado. Requisito parcial de mestrado. [Em linha]. Lisboa : ISCTE. IUL, 2012. [cons. 5 setembro 2012]. Disponível em: <https://repositorio-iul.iscte.pt/bitstream/10071/2615/1/Equipamentos%20Culturais.%20Jo%c3%a3o%20Senha.pdf>

SERRÃO, Joel. Dicionário de história de Portugal. 7 vol. Porto : Liv. Figueirinhas, 1992.

SILVA, Augusto Santos. As práticas e os gostos : uma sondagem do lado das procuras de cultura e lazer. In FORTUNA, Carlos e SILVA, Augusto Santos. Projecto e circunstância : culturas urbanas em Portugal. Porto : Afrontamento, 2002, p. 109-162.

SILVA, Augusto Santos. Cultura : das obrigações do Estado à participação civil. Sociologia, problemas e práticas. 1997, n.º 23, p. 37-48.

SILVA, Augusto Vieira da. As freguesias de Lisboa : estudo histórico. Lisboa : Câmara Municipal, 1943.

SILVA, Augusto Vieira da. Dispersos [Em linha]. Lisboa : Câmara Municipal, 1968. 2.<sup>a</sup> ed. Vol. I. Lisboa : Soc. Tipográfica, 1968. [cons. 11 fevereiro 2013]. Disponível em: <[http://geo.cm-lisboa.pt/fileadmin/GEO/Imagens/GEO/Livro\\_do\\_mes/Vieira\\_da\\_Silva/Dispersos/MON\\_69-P\\_PART\\_01.pdf](http://geo.cm-lisboa.pt/fileadmin/GEO/Imagens/GEO/Livro_do_mes/Vieira_da_Silva/Dispersos/MON_69-P_PART_01.pdf)>

SILVA, Isabel Corrêa da Silva e SEIXAS, Miguel Metelo de. Belém. Lisboa : Junta de Freguesia de Sta. Maria de Belém, 2000.

SILVEIRA, Luís Espinha da. A venda dos bens nacionais (1834-43) : uma primeira abordagem. Revista Análise Social. 1980. Vol. XVI (61-62), n.º 1.º-2.º, p. 87-110. [cons. 4 julho 2012]. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223994671R3eRE1el1Qp48KN7.pdf>>

SIPA Mosteiro de Santa Maria de Belém / Mosteiro dos Jerónimos / Igreja Paroquial de Belém / Igreja de Santa Maria. s.d. [cons. 10 agosto 2012]. Disponível em: <[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=6543](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6543)>

SOARES, Ana Luísa Brito dos Santos de Sousa e CHAMBEL, Teresa Maria Pires Fevereiro. Jardim Botânico da Ajuda : história, inventariação, proposta de recuperação do material vegetal. Vol. I. Relatório do trabalho final de curso. Lisboa : Universidade Técnica. Instituto Superior de Agronomia, 1995.

SOUSA, Antonieta Vera. A evolução do conceito de património e das normas legais [Em linha]. Alcobaca : ADEPA, 2007. [cons. 5 setembro 2012]. Disponível em:<<http://adepa-alcobaca.org/patrimonio.html>> (actualmente indisponível).

TEJERINA, Benjamín. Multiculturalismo, movilización social y procesos de construcción de la identidad en el contexto de la globalización [Em linha]. [S. l. : s. n.], 2003. [cons. 03 março 2013]. Disponível em: <<http://www.ces.fe.uc.pt/publicacoes/oficina/187/187.pdf>>

The World Tourism Organization (UNWTO). [em linha]. Madrid : OMT. [cons. 4 junho 2013]. Disponível em:

<<http://www2.unwto.org/en/content/who-we-are-0>>

SANCHO, Amparo. Introdução al turismo [Em linha]. Madrid : OMT, 1998. [cons. 9 maio 2013]. Disponível em:

<<http://dspace.universia.net/bitstream/2024/1043/1/INTRODUCCION+AL+TURISMO+OMT.pdf>>

Torre de São Vicente / Torre de Belém : cronologia [Em linha]. In SIPA [Forte de Sacavém] : Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, I.P. 2013. [cons. 9 setembro 2012]. Disponível em:

<[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=4065](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4065)>

TORRRES, Carlos Manito - A evolução das linhas portuguesas e o seu significado. In Gazeta dos caminhos-de-ferro, revista quinzenal, nº 1682, Lisboa, 1958.

<[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/GazetaCF/1958/N1682/N1682\\_master/GazetaCFN1682.pdf](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/GazetaCF/1958/N1682/N1682_master/GazetaCFN1682.pdf)>

TRINDADE, Maria Beatriz Rocha. Iniciação à Museologia. Lisboa : Universidade Aberta, 1993.

TURISMO DE LISBOA. Inquérito às actividades dos turistas e informação : região de Lisboa. Lisboa : Observatório Turismo de Lisboa, 2012. [cons. 03 agosto 2013].

Disponível em: <[http://www.visitlisboa.com/getdoc/78397a76-6db2-4a73-bbbb-e5c24a6aa456/INQUERITO-AS-ACTIVIDADES-DOS-TURISTAS-E-INFORM-\(1\).aspx](http://www.visitlisboa.com/getdoc/78397a76-6db2-4a73-bbbb-e5c24a6aa456/INQUERITO-AS-ACTIVIDADES-DOS-TURISTAS-E-INFORM-(1).aspx)>

TURISMO DE PORTUGAL. Plano estratégico nacional de turismo. Lisboa : TP, 2007, p. 1-9.

TURISMO DE PORTUGAL. Plano estratégico nacional do turismo : propostas para revisão no horizonte 2015 : versão 2.0 [Em linha]. Lisboa : TP, 2011. [cons. 03 agosto 2013]. Disponível em:

<<http://www.turismodeportugal.pt/Português/turismodeportugal/publicacoes/Documents/PENT%20Revisao%202011.pdf>>

TURISMO DE PORTUGAL. Plano estratégico para o turismo de Lisboa 2011-2014 : síntese [Em linha]. Lisboa : TP, 2011. [cons. 15 agosto 2013]. Disponível em: <<http://www.cafeportugal.net/resources/3/files/plano%20estrategico.pdf>>

TURISMO DE PORTUGAL. O turismo em 2011. [Em linha]. Lisboa : TP, 2012. [cons. 15 agosto 2013]. Disponível em: <<http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/ProTurismo/estat%C3%ADsticas/an%C3%A1lisesestat%C3%ADsticas/oturismoem/Pages/OTurismoem.aspx>>

TURISMO DE PORTUGAL, IP. O Turismo na Economia : Evolução do contributo do turismo para a economia portuguesa 2000-2010. [Em linha]. Editado pela Direcção de Estudos e Planeamento Estratégico/ Departamento de Informação Estatística, TP. 2011. Documento publicado em <[www.turismodeportugal.pt](http://www.turismodeportugal.pt)> Disponível em:

<<http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/ProTurismo/estat%C3%ADsticas/an%C3%A1lisesestat%C3%ADsticas/contasat%C3%A9litedoturismo/Anexos/Relat%C3%B3rio%20Conta%20Satelite%20Turismo%202000-2010%20base2006.pdf>>

TURNER, Victor e TUNER, Edith. Image and pilgrimage in christian culture. New York : Columbia Univ. Press, 1978.

UNESCO. Operational guidelines for the implementation of the World Heritage Convention [Em linha]. Paris : UNESCO, 2012. [cons. 16 janeiro 2013]. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/archive/opguide12-en.pdf>>

UNESCO. Historic Centre of Guimarães [Em linha]. Paris : UNESCO, 2012. [cons. 16 janeiro 2013]. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/list/1031>> [consultado em 28.07.2013].

UNESCO. Orientações técnicas para aplicação da Convenção do Património Mundial [Em linha]. Lisboa : Comissão Nacional da UNESCO, 2010. [cons. 16 janeiro 2013].

Disponível em:

<<http://www.igespar.pt/media/uploads/OrientacoesTecnicasPatrimonioMundialMaio2010revCNU30Junho.pdf>> "

UNESCO. Orientações técnicas para aplicação da convenção do património mundial. Lisboa : [s. n.], 2010.

URRY, John. The tourist gaze : leisure and travel in contemporary societies. London : Sage Publications, 1990.

VIEGAS, João da Cruz. O antigo porto de Belém na margem direita do rio Tejo. Revista Municipal. 1953, n.º 53, 2.º semestre, p. 5-16.

VILELA, José Stichini. Francisco de Holanda : vida, pensamento e obra. Lisboa : Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1982. (Biblioteca Breve. Artes Visuais ; 62).

VLACHOU, Maria e LOURENÇO, Marta. Editorial [Em linha]. Informação : ICOM.pt. 2009, série II, n.º 4, p. 1. [cons. 23 maio 2013]. Disponível em: <[http://www.icom-portugal.org/multimedia/info%20II-4\\_mar-maio09.pdf](http://www.icom-portugal.org/multimedia/info%20II-4_mar-maio09.pdf)>

## DECRETOS-LEI CONSULTADOS (listados cronologicamente):

- Extinção das Ordens Religiosas. Decreto /Relatório (1834-05-30), p. 130-133.
- Conselho dos Monumentos Nacionais. Decreto de 30 de dezembro. *DG*. N.º 153 (1902-07-02).
- Decreto de 10 de janeiro. *DG*. N.º 14 (1907-01-17).
- Decreto de 16 de junho. *DG*. N.º 136 (1910-06-23).
- Direção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes. **Decreto n.º 20 985**. *D.R. I Série*. (1932-03-07).
- Património Cultural – Decreto-Lei nº 2032 de 11/06/1949
- Criação da Comissão Nacional da UNESCO. Decreto-Lei n.º 218/79. *D. R. Série I*. N.º 163/79 (1979-07-17).
- Serviços dos museus da DGPC. Decreto-Lei n.º 45/80. *D.R. I Série*. N.º 67/80 (1980-03-20).
- Lei orgânica da DGEMN. Decreto-Lei n.º 204/80. *D.R. I Série*. N.º 147/80 (1980-06-28).
- Lei orgânica do IPPC. Decreto Regulamentar n.º 34/ 80. *D.R. I Série*. N.º 177/80 (1980-08-02).
- Património cultural português. Lei 13/85. *D. R. Série I*. N.º 153 (1985-07-06).
- Decreto-Lei n.º 205/88. *D.R. I Série*. N.º 137 (1988-06-16).
- Instituição da Fundação das Descobertas. Decreto-Lei n.º 361/91. *D.R. I Série - A*. N.º 228 (1991-10-03).
- Lei orgânica do IPPAR. Decreto-Lei n.º 120/97. *D.R. Série I-A*. N.º 113/97 (1997-05-16).
- Orgânica do IPM. Decreto-Lei n.º 161/97. *DR I Série A*. N.º 145/97 (1997-06-26).
- Regime de carreiras do Ministério da Cultura. Decreto-Lei n.º 55/2001. *DR Série I-A*. N.º 39 (2001-02-15).
- Lei de bases do património cultural. Decreto-Lei n.º 107/2001. *DR I Série*. N.º 209 (2001-09-08).
- Orgânica da Comissão Nacional da UNESCO. Decreto-Lei n.º 58/2003. *D. R. SÉRIE I-A*. N.º 77. (2003-04-01).

- Lei-quadro dos museus portugueses. Lei n.º 47/2004. *D. R. I Série-A*. N.º 195 (2004-08-19).
- Lei orgânica do Ministério da Cultura. Decreto-Lei n.º 215/2006. *D.R. I Série*. N.º 208 (2006-10-27).
- Orgânica do IGESPAR. Decreto-Lei n.º 96/2007. *D.R. I Série*. N.º 63 (2007-03-29).
- Orgânica do IMC. Decreto-Lei n.º 97/2007. *D.R. 1.ª Série*. N.º 63 (2007-03-29).
- Estatutos do IMC. Portaria n.º 377/2007. *D.R. I Série*. N.º 64 (2007-03-30).
- Estatutos do IGESPAR. Portaria n.º 376/2007. *D.R. I Série*. N.º 64 (2007-03-30).
- Criação do IPM. Decreto-Lei n.º 278/2009. *D.R. 1.ª série*. N.º 192 (2009-10-02).
- Criação do IPPAR. Decreto-Lei n.º 106-F/92. *DR I Série A*. N.º 126 (1992-06-01).
- Orgânica da nova DGPC. Decreto-Lei n.º 115/2012. *DR I Série*. N.º 102 (2012-05-25).
- Estrutura nuclear da DGPC. Portaria 223/2012. *D.R. I Série*. N.º 142 (2012-07-24).
- Missão da Presidência do Conselho de Ministros. Decreto-Lei n.º 126-A/2011. *D.R. I Série*. N.º 249 (2011-12-29).
- Revisão do Plano Estratégico Nacional do Turismo (PENT) para 2013-2015. Resolução do Conselho de Ministros n.º 24/2013. *D.R. Nº I Série. Nº 74* (2013-04-16)

## ANEXOS

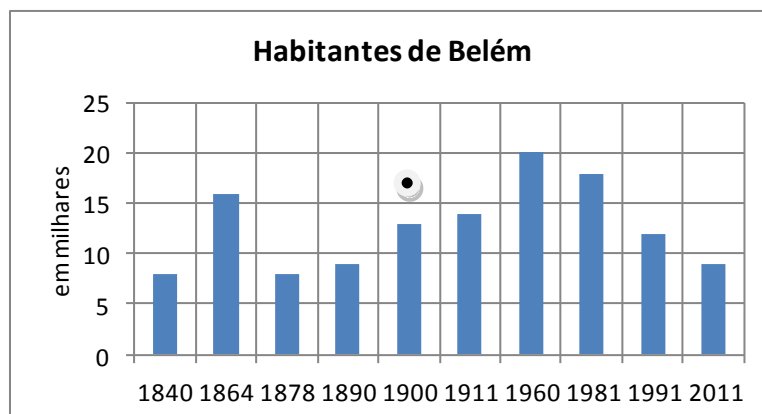
### Anexo 1

DL 10 de janeiro de 1907 (excerto)

Tendo sido satisfeitas as disposições do artigo 2.º e seu § 1.º das bases para classificação dos immoveis que devem ser considerados monumentos nacionaes, approvadas por decreto de 30 de dezembro de 1901: hei por bem determinar que o Mosteiro da Batalha, Convento dos Jeronimos, em Belem, Convento de Christo, em Thomar, Mosteiro de Alcobaça, Convento de Mafra, Sé Velha de Coimbra, Sé da Guarda, Sé de Lisboa, Sé de Evora, Igreja de Santa Cruz de Coimbra, Basilica do Coração de Jesus, em Lisboa, Torre de S. Vicente, em Belem, Ruínas do Templo Romano, em Evora e Ruínas da Igreja do Carmo, em Lisboa, sejam considerados monumentos nacionaes.

O Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Guerra e o Ministro e Secretario de Estado dos Negocios das Obras Publicas, Commercio e Industria assim o tenham entendido e façam executar. Paço, em 10 de janeiro de 1907.—REI.—*José Malheiro Reymão*—*Antonio Carlos Coelho de Vasconcellos Porto*.

Habitantes / Fogos da Freguesia de Belém  
(destaque transição séculos. XIX-XX)



| Ano         | Habitantes (em milhares) | Fogos        |
|-------------|--------------------------|--------------|
| 1840        | 7.7                      | 1.545        |
| 1864        | 16.2                     | 1.505        |
| 1878        | 7.5                      | 1.615        |
| 1890        | 8.9                      | 1.841        |
| <b>1900</b> | <b>12.9</b>              | <b>2.497</b> |
| 1911        | 14.4                     | 2.973        |
| 1960        | 20.4                     | ?            |
| 1981        | 17.5                     | ?            |
| 1991        | 12.2                     | ?            |
| 2011        | 8.5                      | 1.999        |

(FREITAS, Eduardo [*et al.*] - Lisboa : freguesia de Belém, 1993; Instituto Nacional de Estatística. Censos : resultados definitivos : região Lisboa 2011.

Inquéritos aos visitantes de Belém

Inquérito n.º: 206

**FCSH**  
FACULDADE DE CIÊNCIAS  
SOCIAIS E HUMANAS  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Data: 12/10/12  
Hora: 14h  
Local: Paragem

**Inquérito Universitário aos VISITANTES DE BELÉM**

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>1. Esta é a sua 1ª visita cultural à zona de Belém?</b></p> <p>1.1. Sim</p> <p><input checked="" type="radio"/> 1.2. Não</p> <p>1.2.1. Se não. Quantas vezes já visitou, sem incluir esta? <u>2</u>....</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                           | <p><b>4. Quais os principais motivos da sua visita à zona de Belém?</b></p> <p><input checked="" type="radio"/> 4.1. Diversão</p> <p>4.2. Trabalho</p> <p><input checked="" type="radio"/> 4.3. Cultura geral</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <p><b>2. Como tomou conhecimento da zona cultural de Belém?</b><br/>(pode assinalar várias opções)</p> <p><input checked="" type="radio"/> 2.1. Família / amigos</p> <p>2.2. Internet</p> <p>2.3. Brochuras / roteiros turísticos</p> <p>2.4. Jornais / revistas</p> <p>2.5. Televisão / rádio</p> <p>2.6. Agência de Viagens ou turismo</p> <p>2.7. Aeroporto</p> <p>2.8. Posto de Turismo em Lisboa</p> <p>2.9. Hotel</p> <p>2.10. Transportes</p> <p>2.11. Outras fontes de informação. Quais? .....</p> | <p><b>5. Como está a visitar a zona de Belém?</b></p> <p>5.1. Integrado numa visita turística</p> <p>5.1.1. Se sim, quantas vezes, já o tinha feito? .....</p> <p>5.2. Integrado numa visita escolar</p> <p>5.3. Integrado numa visita da Autarquia / Associação</p> <p>5.4. Em Família / com amigos</p> <p>5.5. Sozinho/a</p> <p>5.6. Outra situação. Qual? .....</p>                                                                                                                              |
| <p><b>3. Como planeou a sua visita à zona de Belém?</b><br/>(pode escolher várias opções)</p> <p><input checked="" type="radio"/> 3.1. Directamente por si próprio</p> <p>3.2. Agência ou posto de turismo</p> <p>3.3. Internet</p> <p>3.4. Brochuras / catálogos</p> <p>3.5. Amigos / família</p> <p>3.6. Outra opção. Qual? .....</p>                                                                                                                                                                     | <p><b>6. Na visita à zona de Belém, quais os seus principais interesses (indique até dois)</b></p> <p><input checked="" type="radio"/> 6.1. Monumentos ligados aos Descobrimentos portugueses</p> <p>6.2. Museus</p> <p>6.3. Jardins históricos</p> <p>6.4. Residência oficial do Presidente da República</p> <p><input checked="" type="radio"/> 6.5. Paisagem portuária</p> <p><input checked="" type="radio"/> 6.6. Pastéis de Belém</p> <p>6.7. Restaurantes</p> <p>6.8. Outra opção? .....</p> |

Universidade Nova de Lisboa FCSH – Mestrado em Museologia  
Maria Teresa Abreu

7. Dos seguintes Monumentos, Museus ou Jardins Históricos da zona cultural de Belém, assinale:

|                                      | 7.1- De quais já tinha ouvido falar | 7.2- Quais Visitou |
|--------------------------------------|-------------------------------------|--------------------|
| 1. Mosteiro dos Jerónimos            | X                                   | X                  |
| 2. Torre de Belém                    | X                                   | X                  |
| 3. Padrão dos Descobrimentos         | X                                   | X                  |
| 4. Museu de Arte Popular             |                                     |                    |
| 5. Museu da Electricidade            |                                     |                    |
| 6. Museu Nacional de Etnologia       |                                     |                    |
| 7. Museu da Marinha                  |                                     |                    |
| 8. Museu da Presidência da República |                                     |                    |
| 9. Museu Nacional de Arqueologia     |                                     |                    |
| 10. Museu Nacional dos Coches        |                                     |                    |
| 11. Museu da Coleção Berardo - CCB   |                                     |                    |
| 12. Palácio Nacional da Ajuda        | X                                   | X                  |
| 13. Jardim Colonial de Belém         |                                     |                    |
| 14. Jardim Botânico da Ajuda         | X                                   | X                  |
| 15. Planetário Calouste Gulbenkian   |                                     |                    |

7.3- Se apenas pudesse visitar três dos espaços acima indicados, quais escolheria?

- 7.3.1. Museu Nacional de Etnologia  
 7.3.2. Museu de Arte Popular  
 7.3.3. Museu Nacional de Arqueologia

10. Escolha a afirmação com que mais se identifica:

- (1) A zona de Belém está bem utilizada: os turistas vêem o que é fundamental.  
 2. A zona de Belém poderia ser melhor utilizada: os turistas poderiam ver mais lugares e de forma mais interligada.  
 3. A zona de Belém necessita de ser muito melhor organizada: os turistas deveriam ter mais autonomia e estar informados sobre as ofertas existentes.

#### 11. DADOS PESSOAIS

1. Sexo  
 1.1. - Masculino  
 (2) - Feminino  
 2. Idade 36 anos  
 3. - Nacionalidade portuguesa  
 4. - Lugar de residência Óbidos

8. Como avalia a introdução das seguintes propostas, para melhorar a atração à zona de Belém?

1= Não atrativo 2= Pouco atrativo 3= Indiferente  
 4= Atrativo 5= Muito atrativo 6= Não sabe

|                                                 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
|-------------------------------------------------|---|---|---|---|---|---|
| 1. Site promocional da zona cultural de Belém * |   |   |   |   |   | X |
| 2. Folheto da zona de cultural Belém *          |   |   |   |   | X |   |
| 3. Roteiro da zona de Belém *                   |   |   |   |   | X |   |
| 4. Circuitos de visita temáticos *              |   |   |   |   | X |   |
| 5. Bilhetes de visita, em grupo                 |   |   |   |   |   | X |
| 6. Horários de visita alargados                 |   |   |   |   | X |   |
| 7. Eventos culturais *                          |   |   |   |   | X |   |
| 8. Melhores acessos (percursos, transportes)    |   |   |   |   | X |   |
| 9. Melhor Sinalização                           |   |   |   |   | X |   |
| 10. Melhor comércio                             |   |   |   |   | X |   |
| 11. Melhores serviços de apoio                  |   |   |   |   | X |   |

Outros. Quais?.....

(\* em inglês e outra língua estrangeira)

9. Que importância atribui aos seguintes elementos na atração de visitantes à zona de Belém?

1= Não atrativo 2= Pouco atrativo 3= Indiferente  
 4= Atrativo 5= Muito atrativo 6= Não sabe

|                             | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
|-----------------------------|---|---|---|---|---|---|
| 1. Monumentos / Património  |   |   |   |   | X |   |
| 2. Museus / coleções        |   |   |   | X |   |   |
| 3. Jardins / Espaços verdes |   |   |   |   | X |   |
| 4. Proximidade do rio       |   |   |   |   | X |   |
| 5. Gastronomia              |   |   |   |   | X |   |
| 6. Comércio tradicional     |   |   |   |   | X |   |
| 7. Envolvência urbana       |   |   |   |   | X |   |
| 8. Ambiente turístico       |   |   |   |   | X |   |

Outros. Quais?.....

#### 5. Habilitações Literárias

1. - 1º Ciclo (Instrução Primária)  
 1.1. - 2º Ciclo (Ciclo Preparatório)  
 2. - 3º Ciclo (até ao 9º ano / antigo 5º ano)  
 (3) - Ensino Secundário (até ao 12º ano)  
 3.1. - Antigo curso industrial e comercial ou equivalente  
 4. - Bacharelato / Licenciatura  
 5. - Pós-graduação / Mestrado  
 6. - Doutoramento

Muito obrigado pela sua colaboração!

Enquiry No 1095

Date 02/10

Time 12h

Place Perchadão

**FCSH**  
FACULDADE DE CIÊNCIAS  
SOCIAIS E HUMANAS  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

### Academic Survey to BELÉM VISITORS

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>1. Is this your 1st visit to the cultural zone of Belém?</b></p> <p>1.1. Yes</p> <p>1.2. <u>No</u></p> <p>1.2.1. If not. How many times have you been here, not including this one? <u>3 or 4</u></p>                                                                                                                                                                                                                                                  | <p><b>4. What are the reasons for your visit in Belém's cultural area?</b></p> <p>4.1. <u>Fun</u></p> <p>4.2. Work</p> <p>4.3. General Knowledge</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <p><b>2. How did you hear about the cultural zone of Belém? (multiple options)</b></p> <p>2.1. Family / friends</p> <p>2.2. Internet</p> <p>2.3. <u>Brochures</u> / tourist guidebook</p> <p>2.4. Newspapers / magazines</p> <p>2.5. TV / radio</p> <p>2.6. Travel Agency or Tourism kiosk</p> <p>2.7. Airport</p> <p>2.8. Tourist Office in Lisbon</p> <p>2.9. Hotel</p> <p>2.10. Transportation</p> <p>2.11. Other sources of information. Which?-----</p> | <p><b>5. How are you visiting Belém?</b></p> <p>5.1. Within a guided tour?</p> <p>5.1.1. If, yes, how many times have you had already done this visit?-----</p> <p>5.2. Within a school visit?</p> <p>5.3. Within a visit promoted by a Local Authority / Association?</p> <p>5.4. With family and / or friends?</p> <p>5.5. Alone?</p> <p>5.6. Another situation? Please describe <u>On a Cruise</u></p>                                       |
| <p><b>3. How did you plan your visit to Belém? (you can choose several options)</b></p> <p>3.1. By yourself</p> <p>3.2. Agency / tourism office</p> <p>3.3. Internet</p> <p>3.4. <u>Brochures</u> / catalogues</p> <p>3.5. Friends / family</p> <p>3.6. Other options? -----</p>                                                                                                                                                                             | <p><b>6. During Your visit, which are your main interests? (enter up to two)</b></p> <p>6.1. <u>Monuments linked to the Portuguese Discoveries</u></p> <p>6.2. Museums</p> <p>6.3. Historical Gardens</p> <p>6.4. Official residence of the President of the Portuguese Republic</p> <p>6.5. <u>The river and the Port's Landscape</u></p> <p>6.6. The "Pastel de Belém"</p> <p>6.7. The local restaurants</p> <p>6.8. Other options? -----</p> |

Universidade Nova de Lisboa FCSH – Mestrado em Museologia  
Maria Teresa Abreu

7. Please sign down the Monuments, Museums and Historic Gardens of the Cultural Belém that you had heard and / or visited before:

|                                           | 7.1-<br>Which ever<br>heard? | 7.2-<br>Which<br>Visited? |
|-------------------------------------------|------------------------------|---------------------------|
| 1. The Jerónimos Monastery                |                              |                           |
| 2. The Belém Tower                        |                              | ✓                         |
| 3. The Discoveries monument               |                              | ✓                         |
| 4. The Folk Art Museum                    |                              |                           |
| 5. The Museum of Electricity              |                              |                           |
| 6. The National Museum of Ethnology       |                              |                           |
| 7. The Naval Museum                       |                              |                           |
| 8. The Museum of the Presidency           |                              |                           |
| 9. The National Museum of Archaeology     |                              |                           |
| 10. The "Coches" National Museum          |                              |                           |
| 11. The Berardo Collection Museum - CCB   |                              |                           |
| 12. The Ajuda National Palace             |                              |                           |
| 13. The Colonial Garden in Belém          |                              | ✓                         |
| 14. The Ajuda's Botanical Garden          |                              |                           |
| 15. The Calouste Gulbenkian's Planetarium |                              |                           |

7.3 - If you had the option to visit three of the places above which would you choose?

7.3.1. .... 2  
7.3.2. .... 3  
7.3.3. .... 13

10. Choose the statement that better suits your opinion:

1. The Belem area is well used: tourists see what is fundamental.
2. The area of Belém could be better used: tourists could see more places in closer way.
3. The Belem area needs to be much better organized: tourists should have more autonomy and be informed about all existing offers.

#### 11. PERSONAL DATA

1. Sex

- 1.1. - Male  
1.2. - Female

2. - Age 61

3. - Nationality

4. - Place of residence

8. How do you evaluate the following proposals in order to improve the attractiveness of the Belém Area?

1= Unattractive 2= Less attractive 3= Indifferent  
4= Attractive 5= Very attractive 6= Do not Know

|                                               | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
|-----------------------------------------------|---|---|---|---|---|---|
| 1. A promotional website                      |   |   |   |   | ✓ |   |
| 2. A cultural Brochure about the Belém area * |   |   |   | ✓ |   |   |
| 3. A guidebook of Belém*                      |   |   |   | ✓ |   |   |
| 4. Theme Circuit Tours *                      |   |   |   | ✓ |   |   |
| 5. Reduce fees for group visitors             |   |   |   | ✓ |   |   |
| 6. Extending visiting hours                   |   |   |   | ✓ |   |   |
| 7. Cultural Events *                          |   |   |   |   | ✓ |   |
| 8. Better accesses (paths, transport)         |   |   |   | ✓ |   |   |
| 9. Better Signage                             |   |   |   | ✓ |   |   |
| 10. Better trade                              |   |   |   | ✓ |   |   |
| 11. Better support services                   |   |   |   | ✓ |   |   |

Others. Witch? .....

(\*In English and other foreign langu)

9. How important would you evaluate the following elements when attracting visitors to the area of Belém?

1= Unattractive 2= Less attractive 3= Indifferent  
4= Attractive 5= Very attractive 6= Do not Know

|                          | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
|--------------------------|---|---|---|---|---|---|
| 1. Monuments / Heritage  |   |   |   |   | ✓ |   |
| 2. Museums / collections |   |   |   |   | ✓ |   |
| 3. Gardens /spaces       |   |   |   |   | ✓ |   |
| 4. Proximity to river    |   |   |   |   | ✓ |   |
| 5. Gastronomy            |   |   |   |   | ✓ |   |
| 6. Traditional trade     |   |   |   | ✓ |   |   |
| 7. Urban surroundings    |   |   |   | ✓ |   |   |
| 8. Environment tourist   |   |   |   |   | ✓ |   |

9. Other. What?.....

#### 5. Education Background

1. - Primary School  
2. - Secondary School  
3. - College Degree  
4. - University Degree  
5. - Masters  
6. - PhD

Thank you very much for your cooperation!

Enquêté n°: 177

Date: 03/10

Heure: 12.50h

Lieu: Belém  
5 Canada

**Enquête Universitaire aux VISITEURS DE BELÉM**

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>1. Est-ce votre première visite culturelle au quartier de Belém?</b></p> <p>1.1. <input checked="" type="radio"/> Si</p> <p>1.2. <input type="radio"/> Non</p> <p>1.2.1. Si non. Combien de visites, cette-ci exclue? .....</p> <p><b>2. Comment avez-vous pris connaissance du quartier culturel de Belém? (vous pouvez signaler plusieurs options)</b></p> <p>2.1. Famille / amis</p> <p>2.2. <input checked="" type="radio"/> Internet</p> <p>2.3. <input checked="" type="radio"/> Brochures / réseaux touristiques</p> <p>2.4. Journaux / magazines</p> <p>2.5. Télévision / radio</p> <p>2.6. Agence de voyages ou de tourisme</p> <p>2.7. Aéroport</p> <p>2.8. Bureau de Tourisme à Lisbonne</p> <p>2.9. Hôtel</p> <p>2.10. Transports</p> <p>2.11. Autres sources d'information. Lesquelles? .....</p> <p><b>3. Comment avez vous préparé votre visite au quartier de Belém? (vous pouvez choisir plusieurs options)</b></p> <p>3.1. <input checked="" type="radio"/> Pour moi même</p> <p>3.2. Agence / bureau de tourisme</p> <p>3.3. Internet</p> <p>3.4. <input checked="" type="radio"/> Brochures / catalogues</p> <p>3.5. Amies / famille</p> <p>3.6. Autre option. Laquelle? .....</p> | <p><b>4. Quelles sont les raisons principales de votre visite au quartier de Belém?</b></p> <p>4.1. Loisir</p> <p>4.2. Travail</p> <p>4.3. <input checked="" type="radio"/> Culture générale</p> <p><b>5. Comment visitez-vous le quartier de Belém?</b></p> <p>5.1. Intégré dans une visite touristique</p> <p>5.1.1. Si oui, combien de fois l'avez-vous fait? ----</p> <p>5.2. Intégré dans une visite scolaire</p> <p>5.3. Intégré dans une visite de la Mairie / Association</p> <p>5.4. En Famille / avec amis</p> <p>5.5. <input checked="" type="radio"/> Seul/e</p> <p>5.6. Autre situation. Laquelle? .....</p> <p><b>6. Pendant la visite au quartier de Belém, quels sont vos principaux intérêts (indiquez deux maximum)</b></p> <p>6.1. <input checked="" type="radio"/> Monuments liés aux Découverts Portugaises</p> <p>6.2. Musées</p> <p>6.3. Jardins historiques</p> <p>6.4. Résidence officielle du Président de la République</p> <p>6.5. <input checked="" type="radio"/> Paysage portuaire</p> <p>6.6. <input checked="" type="radio"/> Pastéis de Belém</p> <p>6.7. Restaurants</p> <p>6.8. Autre option? .....</p> |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Universidade Nova de Lisboa FCSH – Mestrado em Museologia  
Maria Teresa Abreu

7. Parmi les Monuments, Musées ou Jardins Historiques du quartier culturel de Belém, signalez:

|                                            | 7.1- Desquels avez-vous déjà entendu parler? | 7.2- Lesquels avez-vous visités?    |
|--------------------------------------------|----------------------------------------------|-------------------------------------|
| 1. Monastère des Jerónimos                 | <input checked="" type="checkbox"/>          | <input checked="" type="checkbox"/> |
| 2. Tour de Belém                           | <input checked="" type="checkbox"/>          | <input checked="" type="checkbox"/> |
| 3. Padron des Découvertes                  |                                              |                                     |
| 4. Musée d'Art Populaire                   |                                              |                                     |
| 5. Musée d'Electricité                     |                                              |                                     |
| 6. Musée National d'Ethnologie             |                                              |                                     |
| 7. Musée de la Marine                      | <input checked="" type="checkbox"/>          |                                     |
| 8. Musée de la Présidence de la République |                                              |                                     |
| 9. Musée National d'Archéologie            |                                              |                                     |
| 10. Musée National des Carrosses           |                                              |                                     |
| 11. Musée de la Collection Berardo - CCB   |                                              |                                     |
| 12. Palais National de Ajuda               | <input checked="" type="checkbox"/>          |                                     |
| 13. Jardin Colonial de Belém               |                                              |                                     |
| 14. Jardin Botanique de Ajuda              | <input checked="" type="checkbox"/>          |                                     |
| 15. Planetarium Calouste Gulbenkian        |                                              |                                     |

7.3- Si vous ne pouviez visiter que trois des espaces indiqués au-dessus, lesquels choisiriez-vous?

7.3.1. Tou 2  
 7.3.2. 1  
 7.3.3. 12

10. Choisissez l'affirmation avec laquelle vous vous identifiez le plus:

- ☒ 1. Le quartier de Belém est bien utilisé: les touristes voient ce qui est fondamental.
- ☐ 2. Le quartier de Belém pourrait être mieux utilisé: Les touristes pourraient voir plus de places et de façon plus intéressante.
- ☐ 3. La zone de Belém a besoin d'être beaucoup mieux organisée: les touristes devraient avoir plus d'autonomie et être plus informés sur les offres existantes.

#### 11. DONNÉES PERSONNELLES

1. Sexe

- ☒ 1.1. - Masculin  
☐ 1.2. - Féminin

2. - Age 52

3. - Nationalité CANADA

4. - Lieux de résidence QUEBEC

8. Comment évaluez-vous l'introduction des propositions suivantes, pour améliorer l'attraction des visiteurs au quartier de Belém?

1= Pas attractif 2= Peu attractif 3= Indifférent  
 4= Attractif 5= Très attractif 6= Ne sais pas

|                                                     | 1 | 2 | 3                                   | 4                                   | 5 | 6                                   |
|-----------------------------------------------------|---|---|-------------------------------------|-------------------------------------|---|-------------------------------------|
| 1. Site promotionnel du quartier culturel de Belém* |   |   |                                     | <input checked="" type="checkbox"/> |   |                                     |
| 2. Brochure du quartier culturel de Belém *         |   |   |                                     | <input checked="" type="checkbox"/> |   |                                     |
| 3. Carte du quartier de Belém *                     |   |   |                                     | <input checked="" type="checkbox"/> |   |                                     |
| 4. Circuits de visites thématiques *                |   |   |                                     |                                     |   | <input checked="" type="checkbox"/> |
| 5. Billets de visite en groupe                      |   |   |                                     |                                     |   | <input checked="" type="checkbox"/> |
| 6. Horaires de visite prolongés                     |   |   |                                     |                                     |   | <input checked="" type="checkbox"/> |
| 7. Événements culturels*                            |   |   |                                     |                                     |   | <input checked="" type="checkbox"/> |
| 8. Meilleurs accès (parcours, transports)           |   |   |                                     |                                     |   | <input checked="" type="checkbox"/> |
| 9. Meilleure signalisation                          |   |   | <input checked="" type="checkbox"/> |                                     |   |                                     |
| 10. Meilleur commerce                               |   |   |                                     | <input checked="" type="checkbox"/> |   |                                     |
| 11. Meilleurs services de soutien                   |   |   |                                     | <input checked="" type="checkbox"/> |   |                                     |

Autres. Quels?.....

(\* en anglais et outre langue étrangère)

9. Quelle importance donnez-vous aux éléments suivants pour l'attraction de visiteurs au quartier de Belém?

1= Pas attractif 2= Peu attractif 3= Indifférent  
 4= Attractif 5= Très attractif 6= Ne sais pas

|                              | 1 | 2 | 3                                   | 4                                   | 5                                   | 6 |
|------------------------------|---|---|-------------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|---|
| 1. Monuments / Patrimoine    |   |   |                                     |                                     | <input checked="" type="checkbox"/> |   |
| 2. Musées / collections      |   |   |                                     | <input checked="" type="checkbox"/> |                                     |   |
| 3. Jardins / Espaces verts   |   |   |                                     | <input checked="" type="checkbox"/> |                                     |   |
| 4. Proximité du fleuve       |   |   | <input checked="" type="checkbox"/> |                                     |                                     |   |
| 5. Gastronomie               |   |   |                                     | <input checked="" type="checkbox"/> |                                     |   |
| 6. Commerce traditionnel     |   |   |                                     | <input checked="" type="checkbox"/> |                                     |   |
| 7. Contexte urbain           |   |   |                                     | <input checked="" type="checkbox"/> |                                     |   |
| 8. Environnement touristique |   |   | <input checked="" type="checkbox"/> |                                     |                                     |   |

9. Autres. Quels?.....

#### 5. Formations

1. - 1<sup>o</sup> Cycle - instruction Primaire
- ☒ 2. - 2<sup>o</sup> Cycle - collège
3. - 3<sup>o</sup> Cycle - baccalauréat
4. - Cours Moyen - formations professionnelle
5. - BAC + 3
6. - BAC + 6 ou plus

Merci beaucoup de votre collaboration!

Encuesta nº:

52



Fecha ... 30/9/12

Hora: ... 12:00 h.

Local ... Lisboa

### Encuesta Académico a los TURISTAS DE BELÉM

1. Es su primera visita cultural à la zona de Belém?

1.1. ☒ Si

1.2. No

1.2.1. Si no. Cuántas veces há visitado, sin incluir esta? .....

2. Cómo se enteró de la zona de Belém? (puede elegir varias opciones)

2.1. Familia /amigos

2.2. Internet

2.3. ☒ Folletos /guión turístico

2.4. Periódicos / revistas

2.5. TV / radio

2.6. Agencia de viajes y turismo

2.7. Aeropuerto

2.8. Punto de información turística en Lisboa

2.9. Hotel

2.10. Transportes públicos

2.11. Otras fuentes de información. Cuáles? .....

3. Cómo organizó su visita a la zona de Belém? (puede elegir varias opciones)

3.1. ☒ Por sí mismo

3.2. Agencia de viajes / oficina de turismo

3.3. Internet

3.4. Folletos / Catálogos

3.5. Amigos /familia

3.6. Otra opción. Cuál? .....

4. Cuáles son los principales motivos de su visita la zona de Belém?

4.1. ☒ Diversión

4.2. Trabajo

4.3. Conocimiento general

5. Cómo está usted visitando la zona de Belém?

5.1. Integrado en una visita turística

5.1.1. En caso afirmativo, cuántas veces lo había hecho ya? .....

5.2. Integrado en una visita de la escuela

5.3. Integrado en una visita del Ayuntamiento /una Asociación

5.4. ☒ En Familia / com amigos

5.5. Solo/a

5.6. Otra situación. Cuál? .....

6. Durante su visita a la zona de Belém, cuáles son sus principales intereses (introducir un máximo de dos)

6.1. ☒ Monumentos vinculados a los Descubrimientos portugueses

6.2. Museos

6.3. Jardines históricos

6.4. Residencia oficial del Presidente da República

6.5. Paisaje portuaria

6.6. Pasteles de Belém

6.7. Restaurantes

6.8. Otra opción? .....

7. De los siguientes monumentos, museos y jardines históricos de la zona cultural de Belém, señale:

|                                    | 7.1-<br>Lo que Has<br>oído hablar? | 7.2-<br>Que<br>Visitó? |
|------------------------------------|------------------------------------|------------------------|
| 1. Monastério de los Jerónimos     | ✓                                  | ✓                      |
| 2. Torre de Belem                  | ✓                                  | ✓                      |
| 3. Padron de los Descubrimientos   | ✓                                  | ✓                      |
| 4. Museo de Arte Popular           |                                    |                        |
| 5. Museo de la Electricidad        |                                    |                        |
| 6. Museo Nacional de Etnología     |                                    |                        |
| 7. Museo de la Marina              |                                    |                        |
| 8. Museo de la Presidencia         |                                    |                        |
| 9. Museo Nacional de Arqueología   |                                    |                        |
| 10. Museo Nacional dos Coches      |                                    |                        |
| 11. Museo Colección Berardo - CCB  |                                    |                        |
| 12. Palácio Nacional de Ajuda      |                                    |                        |
| 13. Jardim Colonial de Belém       |                                    |                        |
| 14. Jardim Botânico da Ajuda       |                                    |                        |
| 15. Planetario Calouste Gulbenkian |                                    |                        |

7.3- Si pudieras visitar sólo tres de los espacios anteriormente, cuál elegiría?

7.3.1. Monastério Jerónimos  
7.3.2. Torre Belem  
7.3.3. Descubrimientos

10. Elige la frase que mejor se identifica con:

- Y. El área de Belém está bien utilizado: los turistas miran lo que es fundamental
2. El área de Belém podría ser mejor utilizado: los turistas podrían ver más lugares y más estrechamente
- 3 La zona de Belém tiene que ser mucho mejor organizada: los turistas deberían tener más autonomía y ser mejor informados acerca de las ofertas existentes

8. Como avalúa la introducción de las siguientes propuestas para mejorar la atracción de visitantes a la zona de Belém

1= No atractivo 2= Pouco atractivo 3= Indiferente  
4= Atrativo 5= Muy atrativo 6= Não sabe

|                                                         | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
|---------------------------------------------------------|---|---|---|---|---|---|
| 1. Sitio web de promoción de la zona cultural de Belém* |   |   |   |   | ✓ |   |
| 2. Folleto cultural de la zona de cultural Belém *      |   |   |   | ✓ |   |   |
| 3. Guían de la zona cultural de Belém*                  |   |   |   | ✓ |   |   |
| 4. Circuitos de visita temáticos *                      |   |   |   | ✓ |   |   |
| 5. Tickets de visita, en grupo                          |   |   |   | ✓ |   |   |
| 6. Ampliación de los horarios de visita                 |   |   |   | ✓ |   |   |
| 7. Eventos culturales *                                 |   |   |   | ✓ |   |   |
| 8. Mejores accesos (rotas, transportes)                 |   |   |   | ✓ |   |   |
| 9. Mejor señalización                                   |   |   |   | ✓ |   |   |
| 10. Mejor comércio                                      |   |   |   | ✓ |   |   |
| 11. Mejores servicios de apoyo                          |   |   |   | ✓ |   |   |

Otros. Qué?.....

(\* em inglês e y otra de visita extranjera)

9. Que importancia concede a las siguientes propuestas para mejorar la atracción de visitantes a la zona de Belém

1= No atractivo 2= Pouco atractivo 3= Indiferente  
4= Atrativo 5= Muy atrativo 6= Não sabe

|                               | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
|-------------------------------|---|---|---|---|---|---|
| 1. Monumentos / Património    |   |   |   |   | ✓ |   |
| 2. Museos / colecciones       |   |   |   | ✓ |   |   |
| 3. Jardines / Espacios verdes |   |   |   | ✓ |   |   |
| 4. Proximidad del río         |   |   |   | ✓ |   |   |
| 5. Gastronomía                |   |   |   | ✓ |   |   |
| 6. El comercio tradicional    |   |   |   | ✓ |   |   |
| 7. Entorno urbano             |   |   |   | ✓ |   |   |
| 8. Ambiente turístico         |   |   |   | ✓ |   |   |

9. Otros. Cuáles?.....

## 11. DATOS PERSONALES

1. Sexo

- 1.1. - Hombre  
1.2. - Mujer

2. - Edad ..... años

3. - Nacionalidad Español

4. - Lugar de residencia Valencia

## 5. Formación

1. - Enseñanza primaria  
2. - Enseñanza secundaria  
3. - Formación profesional  
4. - Diplomatura  
5. - Master  
6. - Doctorado

Muchas gracias por su colaboración!

**Anexo 4**

Tabela I - Idade dos inquiridos, portugueses e estrangeiros (Nº e %)

| Idades | Portugueses |      | Estrangeiros |      | Total de visitantes |      |
|--------|-------------|------|--------------|------|---------------------|------|
|        | Nº          | %    | Nº           | %    | Nº                  | %    |
| 15-25  | 28          | 44%  | 38           | 25%  | 66                  | 31%  |
| 26-35  | 13          | 21%  | 45           | 30%  | 58                  | 27%  |
| 36-45  | 12          | 19%  | 19           | 13%  | 31                  | 15%  |
| 46-55  | 7           | 11%  | 23           | 16%  | 30                  | 14%  |
| 56-65  | 1           | 2%   | 17           | 11%  | 18                  | 9%   |
| > 65   | 2           | 3%   | 5            | 3%   | 7                   | 3%   |
| NR     | 0           | 0%   | 3            | 2%   | 3                   | 1%   |
| Total  | 63          | 100% | 150          | 100% | 213                 | 100% |

**Anexo 5**

Tabela II – Habilitações dos inquiridos, portugueses e estrangeiros (Nº e %)

| Escolaridade                                       | Portugueses |      | Estrangeiros |      | Total de visitantes |      |
|----------------------------------------------------|-------------|------|--------------|------|---------------------|------|
|                                                    | Nº          | %    | Nº           | %    | Nº                  | %    |
| 1º Ciclo (instrução primária)                      | 1           | 1%   | 1            | 1%   | 2                   | 1%   |
| 2º Ciclo (ciclo preparatório)                      | 2           | 3%   | 18           | 12%  | 20                  | 9%   |
| 3º Ciclo (até ao 9º ano / antigo 5º ano)           | 5           | 8%   | 0            | 0%   | 5                   | 2%   |
| Ensino Secundário (até ao 12º ano)                 | 20          | 32%  | 30           | 20%  | 50                  | 24%  |
| Antigo Curso Industrial e Comercial ou equivalente | 0           | 0%   | 2            | 1%   | 2                   | 1%   |
| Bacharelato / Licenciatura                         | 25          | 40%  | 50           | 34%  | 75                  | 35%  |
| Pós-graduação / Mestrado                           | 10          | 16%  | 32           | 21%  | 42                  | 20%  |
| Doutoramento                                       | 0           | 0%   | 12           | 8%   | 12                  | 6%   |
| NR                                                 | 0           | 0%   | 5            | 3%   | 5                   | 2%   |
| Total                                              | 63          | 100% | 150          | 100% | 213                 | 100% |

Tabela III- Proveniência dos estrangeiros inquiridos

| Visitantes inquiridos em Belém |                |       |      |
|--------------------------------|----------------|-------|------|
| Continentes                    | Países         | Total |      |
|                                |                | Nº    | %    |
| EUROPA<br>(17 Países)          | Alemanha       | 21    | 14%  |
|                                | Áustria        | 1     | 1%   |
|                                | Bélgica        | 2     | 1%   |
|                                | Checoslováquia | 1     | 1%   |
|                                | Eslovénia      | 2     | 1%   |
|                                | Espanha        | 13    | 9%   |
|                                | França         | 24    | 16%  |
|                                | Holanda        | 8     | 5%   |
|                                | Inglaterra     | 8     | 5%   |
|                                | Irlanda        | 2     | 1%   |
|                                | Itália         | 6     | 4%   |
|                                | Lituânia       | 2     | 1%   |
|                                | Polónia        | 1     | 1%   |
|                                | Roménia        | 3     | 2%   |
|                                | Rússia         | 1     | 1%   |
|                                | Suécia         | 5     | 3%   |
|                                | Suíça          | 2     | 1%   |
| ÁFRICA<br>(1 País)             | África do sul  | 4     | 3%   |
| AMÉRICA<br>(4 Países)          | Brasil         | 22    | 15%  |
|                                | Canadá         | 5     | 3%   |
|                                | Colômbia       | 2     | 1%   |
|                                | USA            | 4     | 3%   |
| ÁSIA<br>(4 Países)             | China          | 3     | 2%   |
|                                | Indonésia      | 1     | 1%   |
|                                | Israel         | 2     | 1%   |
|                                | Japão          | 1     | 1%   |
| OCEÂNIA<br>(2 Países)          | Austrália      | 3     | 2%   |
|                                | N. Zelândia    | 1     | 1%   |
| <b>TOTAL</b>                   |                | 150   | 100% |

## Anexo 7

Tabela IV – Residência dos inquiridos portugueses (Nº e % por Distrito)

| Concelhos                                             | Distritos        | Nº | %    |
|-------------------------------------------------------|------------------|----|------|
| Coimbra                                               | Coimbra          | 3  | 5%   |
| Faro                                                  | Faro             | 2  | 3%   |
| Alcobaça, Fátima e Óbidos                             | Leiria           | 5  | 8%   |
| Lisboa, Cascais, Loures, Sintra e Vila Franca de Xira | Lisboa           | 38 | 60%  |
| Porto                                                 | Porto            | 3  | 5%   |
| Santarém, Almeirim, Benavente e Tomar                 | Santarém         | 7  | 11%  |
| Setúbal                                               | Setúbal          | 1  | 2%   |
| Viana do Castelo                                      | Viana do Castelo | 4  | 6%   |
| <b>Total</b>                                          | 8                | 63 | 100% |

## Anexo 8

Tabela V – Estrangeiros repetentes inquiridos (residentes em Portugal)

| Estrangeiros repetentes | Nº | %    | Nº residentes em Portugal | Localidade |
|-------------------------|----|------|---------------------------|------------|
| Alemanha                | 4  | 16%  | 1                         | Lisboa     |
| Áustria                 | 1  | 4%   |                           |            |
| Bélgica                 | 1  | 4%   |                           |            |
| França                  | 4  | 16%  |                           |            |
| Holanda                 | 1  | 4%   |                           |            |
| Inglaterra              | 1  | 4%   |                           |            |
| Irlanda                 | 1  | 4%   |                           |            |
| Itália                  | 1  | 4%   |                           |            |
| África do Sul           | 2  | 8%   |                           |            |
| Brasil                  | 7  | 28%  | 3                         | Lisboa     |
| Colômbia                | 1  | 4%   | 1                         | Lisboa     |
| Japão                   | 1  | 4%   |                           |            |
| <b>Total</b>            | 25 | 100% | 5                         | Lisboa     |

## Anexo 9

Tabela VI – “Como tomou Conhecimento da zona cultural de Belém?”

| Visitantes inquiridos em Belém  |             |             |              |             |            |             |
|---------------------------------|-------------|-------------|--------------|-------------|------------|-------------|
|                                 | Portugueses |             | Estrangeiros |             | Ambos      |             |
|                                 | Nº          | %           | Nº           | %           | Nº         | %           |
| Família / Amigos                | 52          | 42%         | 58           | 25%         | 110        | 31%         |
| Internet                        | 23          | 19%         | 44           | 19%         | 67         | 19%         |
| Brochuras / roteiros turísticos | 9           | 7%          | 69           | 30%         | 78         | 22%         |
| Jornais/revistas                | 9           | 7%          | 7            | 3%          | 16         | 4%          |
| Tv / rádio                      | 10          | 8%          | 3            | 1%          | 13         | 4%          |
| Agências de viagem ou turismo   | 2           | 2%          | 6            | 3%          | 8          | 2%          |
| Aeroporto                       | 0           | 0%          | 2            | 1%          | 2          | 1%          |
| Posto de Turismo em Lisboa      | 6           | 5%          | 3            | 1%          | 9          | 2%          |
| Hotel                           | 2           | 2%          | 7            | 3%          | 9          | 3%          |
| Transportes                     | 0           | 0%          | 11           | 5%          | 11         | 3%          |
| Outras fontes                   | 10          | 8%          | 21           | 9%          | 31         | 9%          |
| <b>Total</b>                    | <b>123</b>  | <b>100%</b> | <b>231</b>   | <b>100%</b> | <b>354</b> | <b>100%</b> |

## Anexo 10

Tabela VII – “Como planeou a sua visita à zona cultural de Belém?” (Nº e % de portugueses e estrangeiros inquiridos)

| Visitantes de Belém         |              |             |             |             |            |             |
|-----------------------------|--------------|-------------|-------------|-------------|------------|-------------|
| 3)                          | Estrangeiros |             | Portugueses |             | Ambos      |             |
|                             | Nº           | %           | Nº          | %           | Nº         | %           |
| Diretamente por si próprio  | 37           | 45%         | 92          | 50%         | 129        | 48%         |
| Agência ou posto de turismo | 8            | 10%         | 13          | 7%          | 21         | 8%          |
| Internet                    | 9            | 11%         | 19          | 10%         | 28         | 10%         |
| Brochuras /catálogos        | 1            | 1%          | 19          | 10%         | 20         | 8%          |
| Amigos / família            | 20           | 24%         | 27          | 15%         | 47         | 18%         |
| Outra opção                 | 7            | 9%          | 15          | 8%          | 22         | 8%          |
| <b>Total</b>                | <b>82</b>    | <b>100%</b> | <b>185</b>  | <b>100%</b> | <b>267</b> | <b>100%</b> |

## Anexo 11

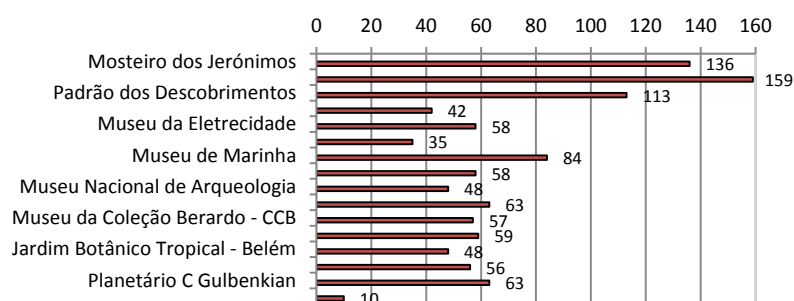
Tabela VIII – “Como está a visitar a zona de Belém?” (Nº e % de portugueses e estrangeiros, inquiridos)

| Visitantes de Belém                             |             |      |              |      |       |      |
|-------------------------------------------------|-------------|------|--------------|------|-------|------|
| 5)                                              | Portugueses |      | Estrangeiros |      | Total |      |
|                                                 | Nº          | %    | Nº           | %    | Nº    | %    |
| Integrado numa visita Turística                 | 4           | 6%   | 20           | 13%  | 24    | 11%  |
| Integrado numa visita escolar                   | 6           | 10%  | 9            | 6%   | 15    | 7%   |
| Integrado numa visita da Autarquia / Associação | 0           | 0%   | 0            | 0%   | 0     | 0%   |
| Em família / com amigos                         | 37          | 59%  | 85           | 57%  | 122   | 58%  |
| Sozinho /a                                      | 9           | 14%  | 29           | 19%  | 38    | 18%  |
| Outra situação                                  | 4           | 6%   | 7            | 5%   | 11    | 5%   |
| NR                                              | 3           | 5%   | 0            | 0%   | 3     | 1%   |
| Total respostas                                 | 63          | 100% | 150          | 100% | 213   | 100% |

## Anexo 12

Figura I – “Dos seguintes Monumentos, Museus ou Jardins Históricos da zona de Belém. De quais já tinha ouvido falar?” (Nº de portugueses e estrangeiros inquiridos)

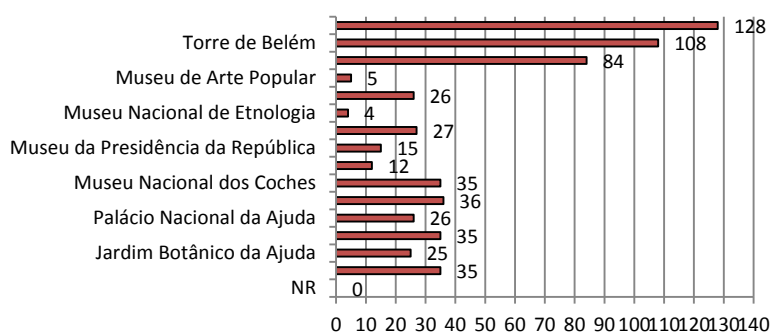
### 7. 1. Dos seguintes Monumentos, Museus ou Jardins Históricos da zona de Belém. De quais já tinha ouvido falar?



## Anexo 13

Figura II – “Dos seguintes Monumentos, Museus ou Jardins Históricos da zona de Belém. Quais visitou?” (Nº de portugueses e estrangeiros inquiridos)

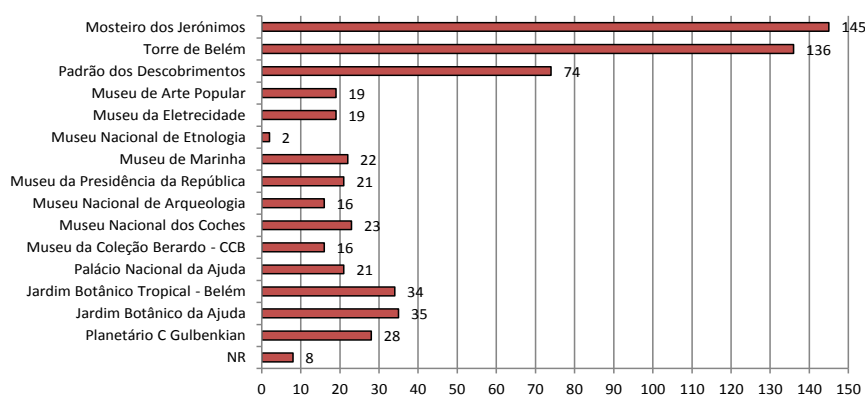
### 7. 2. Dos seguintes Monumentos, Museus ou Jardins Históricos da zona de Belém. Quais visitou?



## Anexo 14

Figura III – “Se apenas pudesse visitar três espaços, quais escolheria?” (Nº de portugueses e estrangeiros inquiridos)

### 7. 3. Se apenas pudesse visitar três espaços, quais escolheria?



## Anexo 15

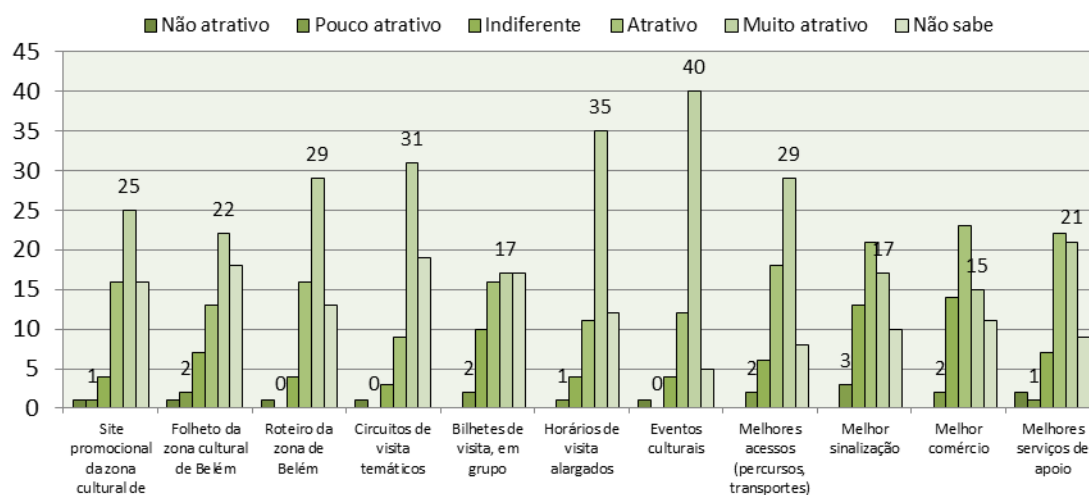
Tabela IX - “Como avalia a introdução das seguintes propostas, para melhorar a atração à zona de Belém?” (Nº de portugueses e estrangeiros inquiridos)

| Visitantes de Belém                        |              |                |             |          |                |          |
|--------------------------------------------|--------------|----------------|-------------|----------|----------------|----------|
| 7.3)                                       | Não atrativo | Pouco atrativo | Indiferente | Atrativo | Muito atrativo | Não sabe |
| Site promocional da zona cultural de Belém | 4            | 3              | 22          | 56       | 68             | 64       |
| Folheto da zona cultural de Belém          | 3            | 8              | 28          | 57       | 61             | 59       |
| Roteiro da zona de Belém                   | 4            | 2              | 28          | 58       | 62             | 62       |
| Circuitos de visita temáticos              | 8            | 9              | 24          | 37       | 60             | 72       |
| Bilhetes de visita, em grupo               | 6            | 11             | 40          | 36       | 34             | 83       |
| Horários de visita alargados               | 4            | 8              | 37          | 42       | 53             | 68       |
| Eventos culturais                          | 3            | 4              | 24          | 43       | 82             | 58       |
| Melhores acessos (percursos, transportes)  | 3            | 14             | 29          | 53       | 56             | 58       |
| Melhor sinalização                         | 3            | 12             | 36          | 61       | 34             | 66       |
| Melhor comércio                            | 3            | 8              | 47          | 58       | 29             | 67       |
| Melhores serviços de apoio                 | 5            | 6              | 39          | 57       | 34             | 70       |
| <b>Total</b>                               | 46           | 85             | 354         | 558      | 573            | 727      |

## Anexo 16

Figura IV – “Como avalia a introdução das seguintes propostas, para melhorar a atração à zona de Belém?” (Nº de portugueses inquiridos)

### 8. Como avalia a introdução das seguintes respostas, para melhorar a atração à zona de Belém? (visitantes portugueses)



## Anexo 17

Figura V - “Como avalia a introdução das seguintes propostas, para melhorar a atração à zona de Belém?” (Nº de estrangeiros inquiridos)

### 8. Como avalia a introdução das seguintes propostas, para melhorar a atração à zona de Belém? (Estrangeiros inquiridos)

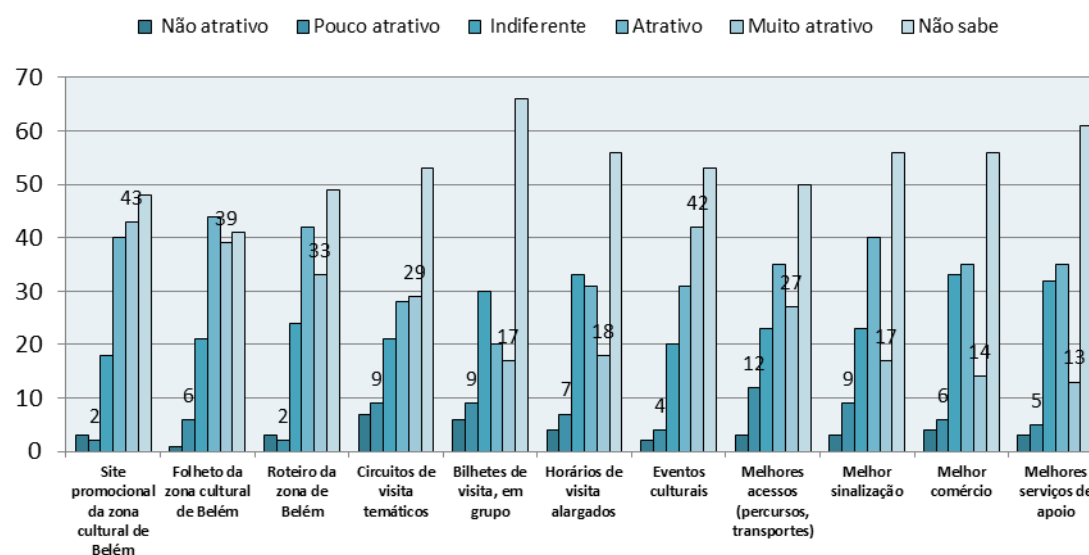


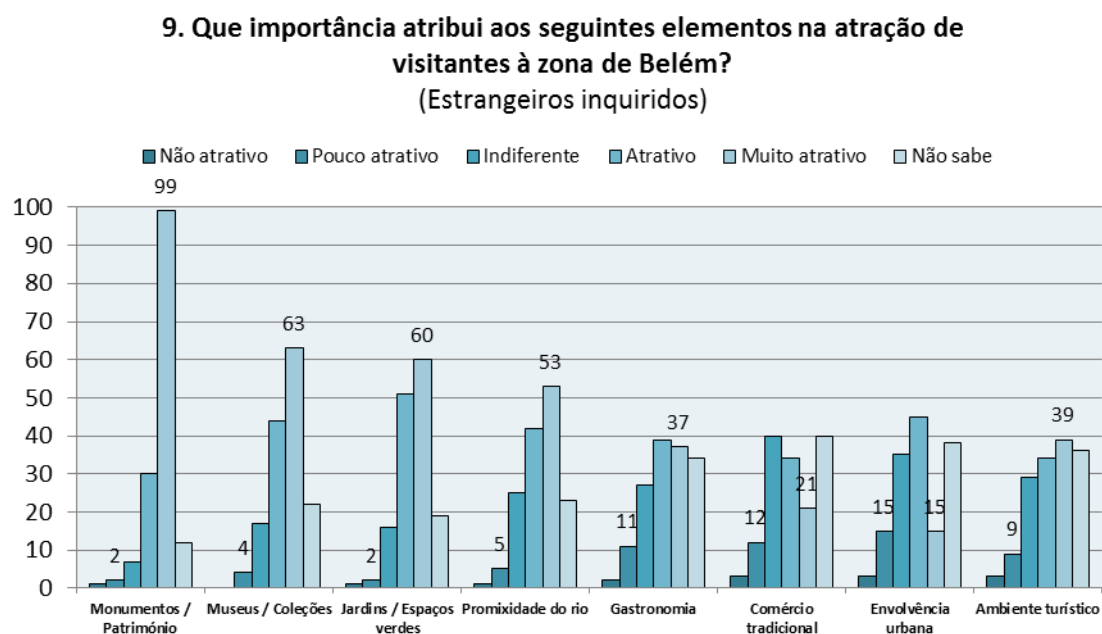
Tabela X - “Que importância atribui aos seguintes elementos na atração de visitantes à zona de Belém?” (Nº portugueses e estrangeiros inquiridos)

| Visitantes de Belém      | Não atrativo | Pouco atrativo | Indiferente | Atrativo | Muito atrativo | Não sabe |
|--------------------------|--------------|----------------|-------------|----------|----------------|----------|
| Monumentos / Património  | 1            | 2              | 8           | 36       | 152            | 13       |
| Museus / Coleções        | 0            | 4              | 19          | 59       | 105            | 22       |
| Jardins / Espaços verdes | 2            | 2              | 19          | 61       | 106            | 23       |
| Proximidade do rio       | 2            | 5              | 26          | 53       | 98             | 28       |
| Gastronomia              | 3            | 13             | 39          | 49       | 71             | 37       |
| Comércio tradicional     | 4            | 13             | 58          | 53       | 41             | 43       |
| Envolvência urbana       | 4            | 16             | 53          | 70       | 31             | 39       |
| Ambiente turístico       | 5            | 10             | 41          | 56       | 63             | 38       |
| Total                    | 21           | 65             | 263         | 437      | 667            | 243      |

Nota: Falta uma resposta, porque não constava no questionário

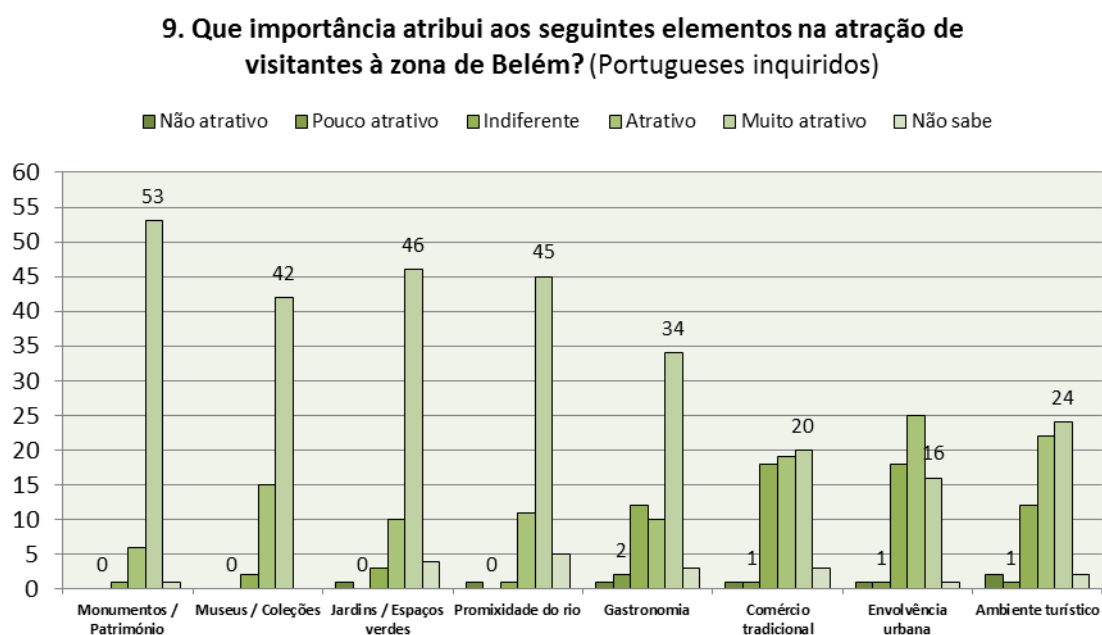
## Anexo 19

Figura VI - “Que importância atribui aos seguintes elementos na atração de visitantes à zona de Belém?” (Nº de estrangeiros inquiridos)



## Anexo 20

Figura VII - “Que importância atribui aos seguintes elementos na atração de visitantes à zona de Belém?” (Nº de portugueses inquiridos)



Nota. Uma pessoa não respondeu a esta questão.

**Guião das Entrevistas realizadas**

**Entrevista à Diretora do Mosteiro dos Jerónimos / Torre de Belém**

**Dra. Isabel Cruz Almeida (12/09/2012)**

**CARACTERIZAÇÃO DO TURISMO NA ZONA DE BELÉM**

- Como define o turismo na zona de Belém?
- Como tem evoluído, na sua perspetiva?
- Indique algumas vantagens e desvantagens do turismo organizado em Belém?

**O MOSTEIRO DOS JEÓNIMOS / TORRE BELÉM E O TURISMO LOCAL**

- O MJ /TB desenvolvem programas específicos para atrair o turismo?
- O MJ /TB possuem alguns recursos facilitadores da visita turística?
- O MJ /TB comercializam alguns bens em resposta às necessidades do Turismo?

**O MJ /TB E AS SUAS PARCERIAS**

- O MJ /TB têm relações privilegiadas com os operadores turísticos (agências de viagens e guias-intérpretes)? Quem contacta quem...?
- O MJ /TB têm relações privilegiadas com os outros monumentos, museus ou jardins históricos da zona? Se sim, de que forma?
- O MJ /TB têm relações privilegiadas com entidades e/ou serviços da zona? Se sim, de que forma?

### **OS TURISTAS DO MJ /TB**

- Qual o perfil mais comum dos turistas que procuram o MJ /TB?
- O MJ /TB Jerónimos recebem mais Turistas em que épocas do ano (nacionais e estrang.)?
- O que é que os turistas mais procuraram no MJ /TB? (No acervo? Nas atividades? Na loja? Ou noutras ofertas?)
- O que acha que os turistas mais gostariam de encontrar no MJ /TB?
- O que gostaria de poder fornecer aos turistas? O que a impede de o fazer?

### **O MJ / TB E A ZONA DE BELÉM**

- Existe algum projeto para relançar a zona de Belém em que participe?
- Em que gostaria de participar?
- Que mudanças podem ser operadas nesta zona de Lisboa?
- Porque as considera importantes?
- **Defina numa palavra ou frase a zona de Belém**

### **GOSTARIA DE DIZER ALGUMA COISA QUE NÃO LHE PERGUNTEI?**